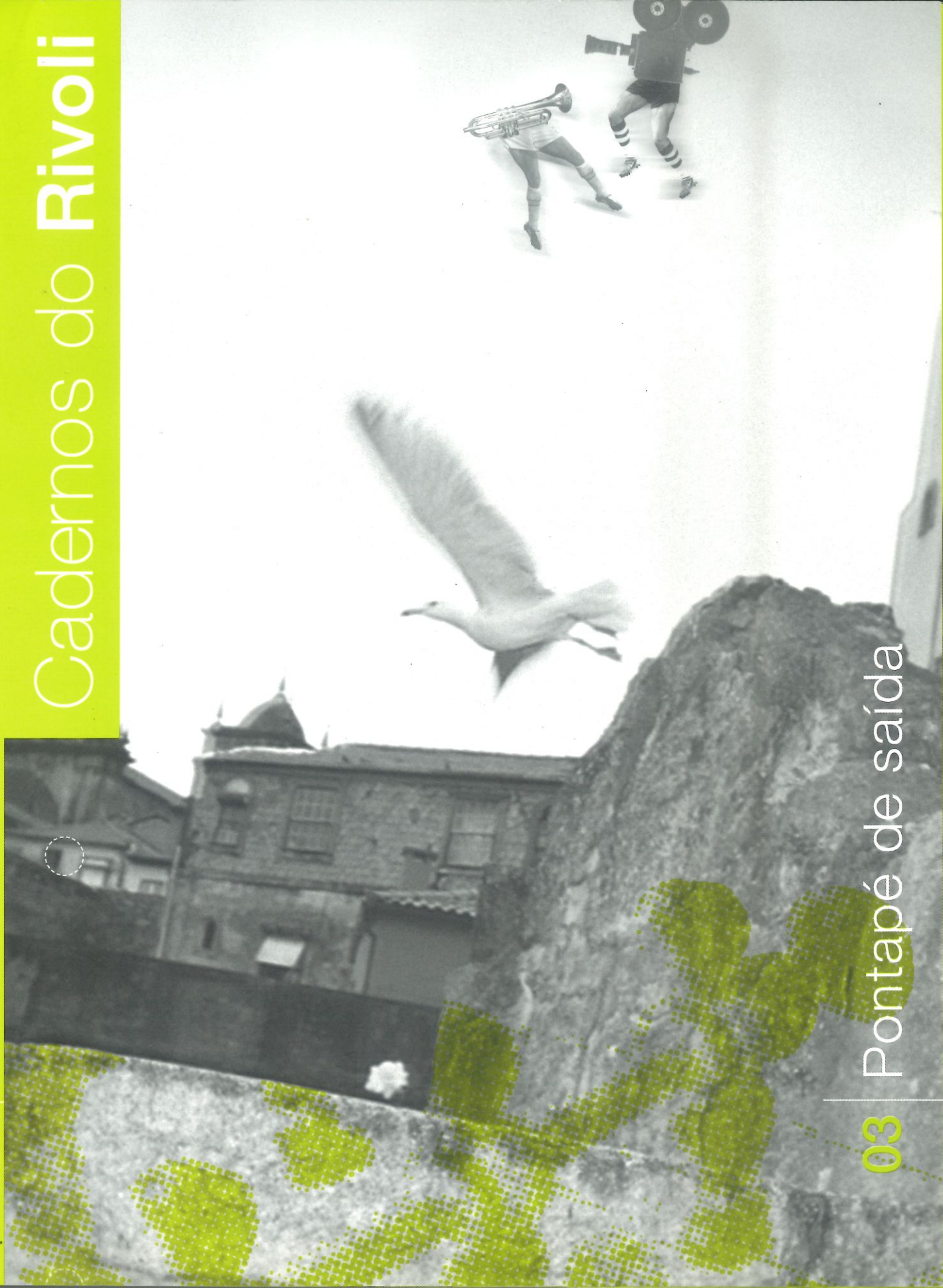
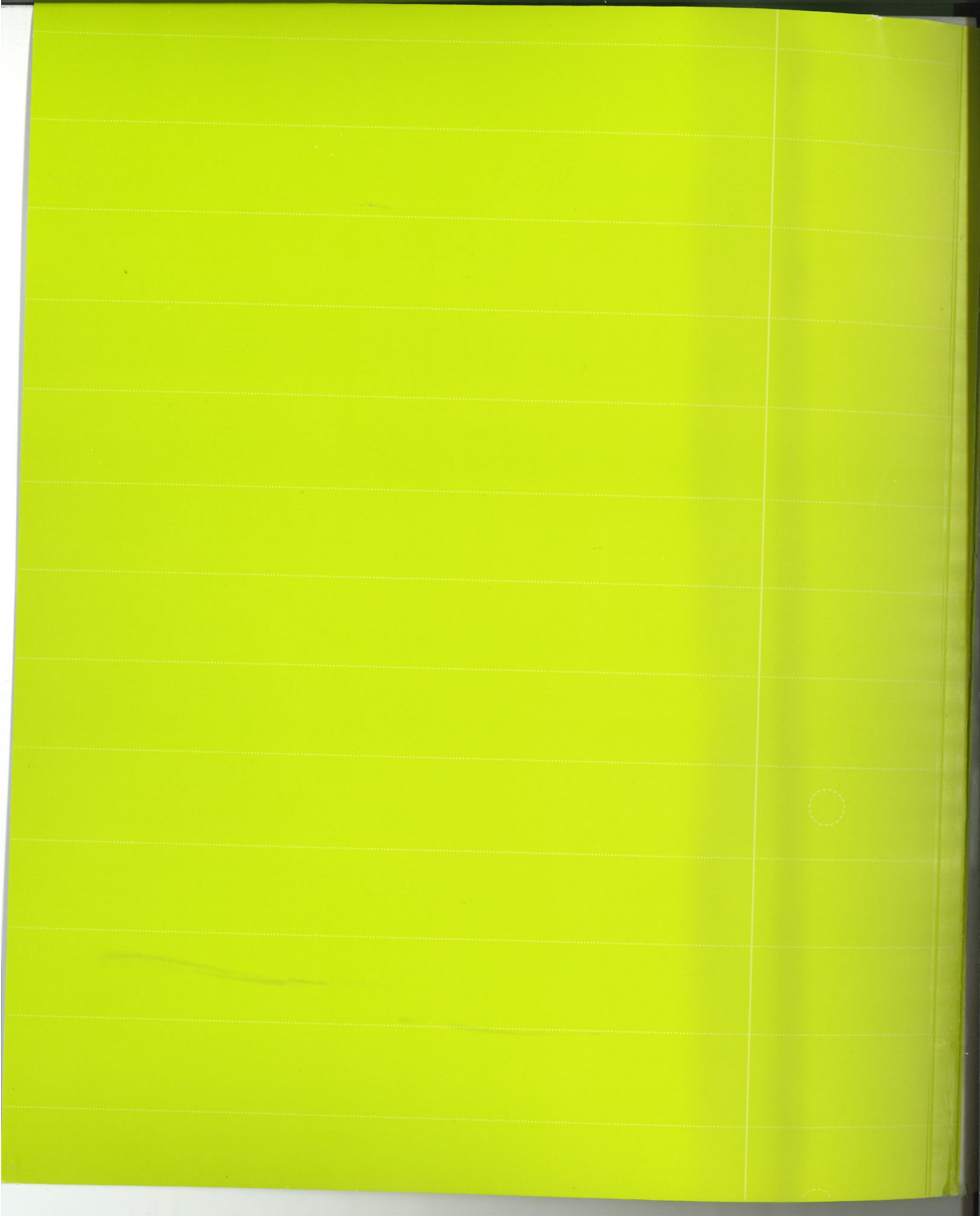


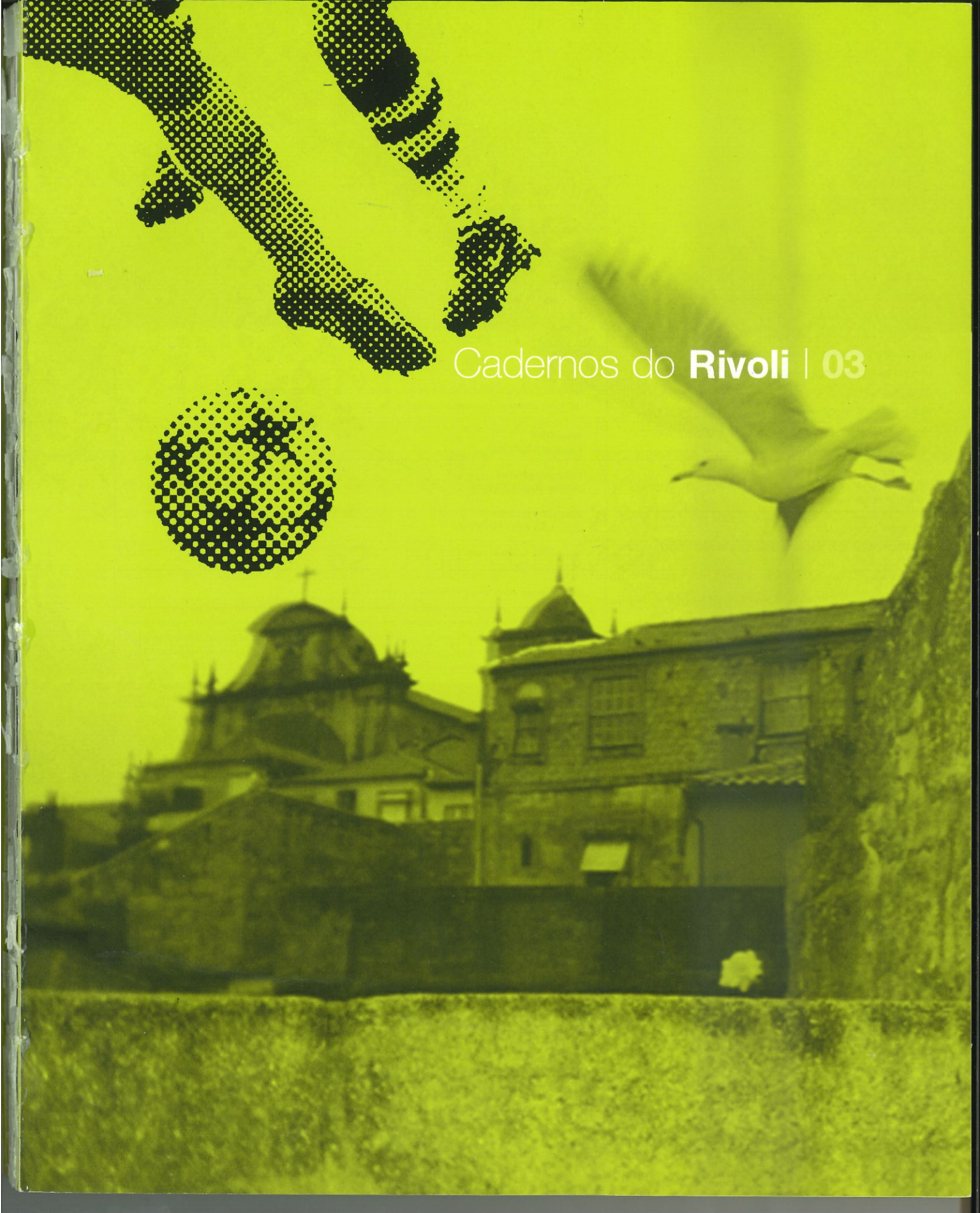
Cadernos do Rivoli

03 Pontapé de saída





Cadernos do **Rivoli** | 03



Matrrrrrrrrrrrrrrrr **70** | Colóquios **74** |

Bombos e Matraquilhos **154**

Apresentação MIGUEL DIAS 19 | Crianças lançam novo olhar sobre o Bairro da Vitória TIAGO REIS 24 | Um brasileiro comendo

uma francesinha RUY CASTRO 37 | Pontapé de saída: a afirmação de uma ideia VÍTOR REIS 39 | As claques, os clubes e a cidade

DANIEL ALVES SEABRA 40 | O adepto: anatomia de uma paixão ÁLVARO MAGALHÃES 50 | Ivo Intelecto Trapinha JACINTO

LUCAS PIRES 54 | A procura da voz autoral FERNANDO MOREIRA 57 | Um projecto de futebol e lomografia em partes 65 |

MARCELO MENDES PINTO
PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA
CULTURPORTO

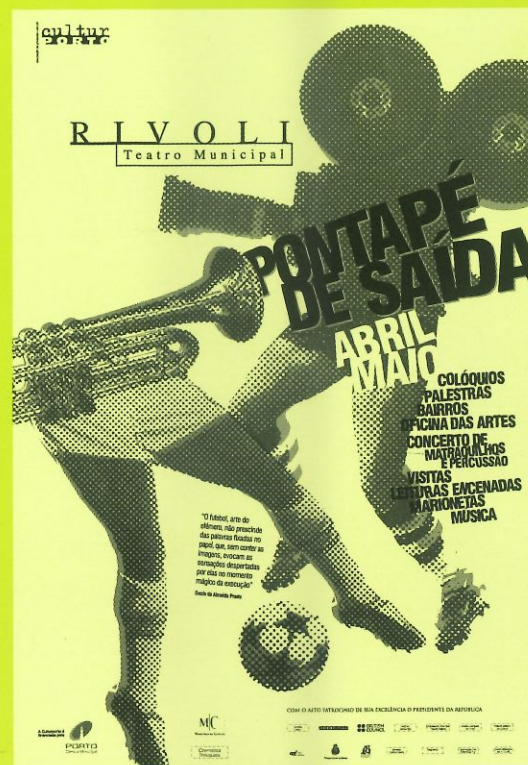
Escolher o futebol como tema, ainda que abordado transversalmente em múltiplas disciplinas da criação e pensamento, para um ciclo de programação do Rivoli poderá parecer, à primeira vista, uma opção no mínimo polémica.

Mas, de facto, com o Pontapé de Saída, que dá corpo a este caderno, pretendeu antes confirmar-se uma estratégia de criação de dinâmicas com a cidade e com os públicos – todos os públicos – deixando abertas as portas do teatro municipal para o exterior; explorando diferentes abordagens culturais no panorama contemporâneo de que esta revista dá, mais uma vez, conta. Quisemos, portanto, intervir de forma concreta

com a comunidade e com a matéria de que é feita a nossa realidade (sempre polivalente, nem sempre consensual, em que todas as vozes e opiniões podem, e devem, ter cabimento). ↗ Num momento em que o nosso país preparava as emoções do Euro 2004, pretendemos uma aproximação diferente ao fenómeno do futebol, como matéria de reflexão (séria, mas também passível de humor, de riso, do lado mais humano) – nas leituras, nas conversas, nos colóquios, nos espectáculos – sobre o mundo que nos rodeia e de que este desporto é, ao mesmo tempo, um espelho e um factor de mudança. ✨ Assim quisemos contribuir para um *tempo de*

Futebol
no teatro:
desafio à
cultura

debate que não esqueceu a animação desse tempo que também queria ser festa local (e nacional), cumprindo, aliás, da forma mais cabal os objectivos e a vocação norteadora da Culturporto, enquanto instituição responsável pela programação do Rivoli Teatro Municipal e pela Animação da Cidade. ↗ A aproximação que começamos juntou cúmplices, dentro e fora do teatro, numa lógica de prolongamento para o espaço comum, para a rua, para as diversas instituições que aceitaram partilhar este desafio, envolvendo assim públicos de todas as faixas etárias, actores, músicos, cineastas, estudiosos, analistas, jornalistas (e a comunicação social foi, efectivamente, veículo fundamental do impacto desta proposta, que soube acolher e ampliar nas suas repercussões, levando ao conhecimento de todos os filmes, as peças, as fotos, os workshops, os conteúdos teóricos e científicos que o futebol provocou neste ciclo). ↗ Procuramos, também, as imagens, as cenas, as palavras e os textos – criando até condições para a estreia de uma peça inédita de teatro, para a primeira apresentação de filmes, para o



lançamento de um livro de fotografias – registo de um trabalho que a freguesia da Vitória soube apoiar e acolher – para a composição de obras musicais. ↗ Um conjunto de obras a que se junta agora esta publicação, o terceiro número dos Cadernos do Rivoli, e que, tendo como centro o tema proposto, se constituem como produto cultural por direito próprio e individual. ✨ Algo de que o futuro poderá agora apropriar-se, aumentando o espólio que é comum, de cada um de nós. 🌍



I S A B E L A L V E S C O S T A
D I R E C T O R A A R T Í S T I C A D O
R I V O L I T E A T R O M U N I C I P A L

Na apresentação do número dos Cadernos Rivoli dedicado ao ciclo “Pontapé de Saída”, o que me parece importante é explicitar os objectivos que determinaram esta nossa opção de programação e levantar algumas interrogações e perplexidades que nos foram surgindo ao longo da sua concretização.

Enquanto Teatro Municipal situado numa das cidades anfitriãs do Euro 2004, pareceu-nos que esta seria uma ocasião única – tal como o tinha sido o ano de 2002 em relação ao ciclo CAPICUA – para questionar o universo do futebol do lado de cá, daquele onde nos encontramos, que é o das artes e do espectáculo. ↗ No entanto não foi sem algumas

resistências e dúvidas que avançámos para este projecto. Por mim, devo confessar que não sendo uma adepta do futebol e tendo um trajecto de vida muito marcado pelos 3 Fs (Fátima, Futebol e Fado), símbolos fortes de um longo período negro da nossa história recente, tive que fazer um enorme esforço de racionalização para me conseguir afastar de um dos mais tenazes estereótipos com que sempre olhei para este fenómeno: o futebol é o ópio do povo. ↗ Ultrapassada esta primeira barreira, dispus-me, por oposição, a estar o mais disponível possível ao “outro lado da coisa”, aberta efectiva e afectivamente à possibilidade de me deixar

Futebol se joga no estádio

Futebol se joga na praia,

futebol se joga na rua,

futebol se joga na alma.

Carlos Drummond de Andrade



surpreender por esse universo que me era quase completamente estranho. ↗ Quando o João Alpuim sugeriu o nome de Carlos Mendes para comissariar este Ciclo depressa nos apercebemos que tínhamos encontrado a pessoa certa para nos ajudar. De facto o seu olhar distanciava-se do habitual fanatismo clubístico, centrando-o sobretudo na beleza e na magia do futebol e nas suas múltiplas aproximações com a arte. ✨ Quando a nosso pedido, nos apresentou o primeiro esqueleto de programação, a nossa surpresa e adesão foram totais. O número de escritores, poetas, cineastas, dramaturgos, fotógrafos, investigadores e artistas que partiram do futebol para o escrever, fixar, ficcionar, pintar, cantar ou estudar ultrapassavam todas as nossas expectativas.

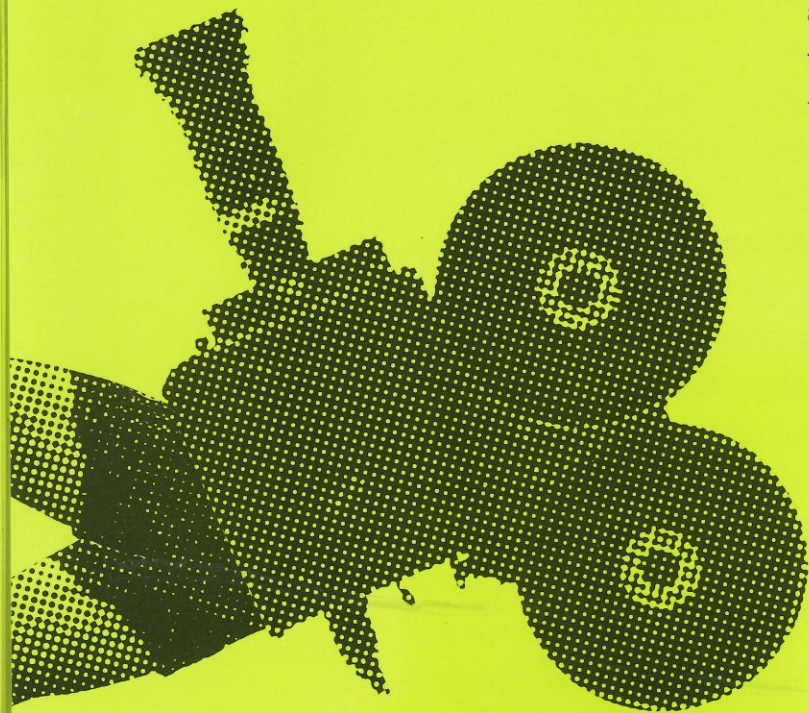
Partimos então os três, para a construção do puzzle da programação com um enorme entusiasmo e um forte sentido lúdico. É que afinal o Futebol podia ser APENAS UM JOGO! ↗ Fomos recebendo ao longo dos meses de preparação deste Ciclo elogios e incentivos por parte daqueles que nos apoiaram – e a lista é longa – e o resultado final da programação foi considerado por muitos (dentro e fora do país) como uma das mais abrangentes abordagens feitas ao Universo do Futebol. ✨ Neste programa, que quisemos concentrado no tempo, cruzámos muitos dos nossos objectivos: criámos cumplicidades com outras instituições (como foram os casos da Casa da Animação, do Centro



Acreditámos nesta programação com paixão, mas possivelmente também uma grande dose de ingenuidade (genuína porque determinada pelos afectos). ✦ É que, como escreve Teresa Vilaverde, “quando quero explicar aos meus amigos a magia do futebol, não consigo, mas não culpo o jogo. Culpo tudo o que hoje anda atrás do futebol, as campanhas publicitárias, os patrocinadores, os infinitos programas televisivos que falam e falam de uma coisa que era para ser vista e não falada. Os milhões que se gastam em estádios onde não há escolas, nem hospitais, nem teatros, nem cinemas. Os jogadores que vão falar aos programas mas como se fossem figurantes, como se não contassem. Como é que se seduz alguém nestas condições? ✦ E mais adiante afirma: “Adoro futebol, detesto tudo o que anda à volta” (*in* Egoísta). ✦ Quisemos justamente colocar o futebol ao centro, criando um espaço que permitisse aceitar o desafio da inquietação e que nos devolvesse a capacidade de olhar a beleza e a magia do jogo, sem no entanto afastar a possibilidade de se discutir “tudo o que anda à volta”. ✦ Mas a verdade é que não encontrámos tantos quanto esperávamos que se deixassem seduzir e desinquietar.

Será que o futebol – essa “epopeia possível” nos dias de hoje, como lhe chama Ruy Belo – só se pode viver dentro das quatro linhas do campo e não pode, ou não deve, ser vivida, recriada, reflectida e jogada dentro das paredes de um Teatro? ✦ João Nuno Coelho diz-nos que Portugal sempre teve dificuldades em fazer o que a maior parte dos estados europeus fizeram que é criar a ideia de cultura nacional baseada em aspectos da arte, da literatura, da escola e não quase exclusivamente através do futebol. ✦ Será que “tudo o que anda à volta” é, neste país, tão ofuscante que cria em nós a impossibilidade de nos deixarmos surpreender abrindo-nos ao outro, ao estranho, ao desconhecido? ✦ Será então que “tudo o que anda à volta” nos alienou a tal ponto que consideramos que

falar de futebol, mesmo nesta perspectiva alargada e multidisciplinar que foi a nossa, faz já parte daquele todo “que anda à volta”? ✦ Ivan Nunes acredita que o tabu em relação ao futebol se está a desfazer. Acreditamos sinceramente ter contribuído para que isso venha a acontecer. Mas sentimos que, infelizmente, é ainda apenas um Pontapé de Saída e que o fosso que separa o universo do futebol e o universo da arte, das artes, ainda está muito marcado, de



parte a parte, por enormes preconceitos que dificultam o esbatimento das fronteiras simbólicas que os separam, daí a importância de que se reveste a edição destes Cadernos.

Pela parte que me toca, aprendi imenso. Com as palavras que tive que ler, com as palavras ouvidas, com os conceitos que tive que compreender. Maravilhei-me e emocionei-me com alguns filmes, estive de acordo mas também em desacordo absoluto com coisas que foram ditas. Agora, só me falta mesmo é ir um dia a um estádio de futebol – de preferência ao de Braga porque prefiro Souto Moura a Tomás Taveira! – levar filhos e netos com bandeiras e cachecóis e, durante o jogo, gritar: *Gooooooooo!* 🌍

CARLOS MENDES
COMISSÁRIO DO CICLO
"PONTAPÉ DE SAÍDA"

A publicação deste número dos "Cadernos do Rivoli" permite restituir uma parte do ciclo "Pontapé de Saída" que, nos meses de Abril e Maio de 2004, constituiu uma proposta ambiciosa de reflexão sobre as representações artísticas, literárias e sociais do futebol.

Juntamente com o álbum fotográfico *Vitória: Verso e Reverso* de Julian Germain, Patrícia Azevedo e Murilo Godoy, realizado em colaboração com crianças do bairro da Vitória, e com o filme *Dias de jogo* de Catarina Mourão, esta edição visa compensar a efemeridade daquela programação, desejando alargar o debate sobre o tema do futebol como motivo artístico e literário para além dos limites físicos e temporais que enquadram a realização do ciclo. ↗ Na minha opinião, foi sobretudo estimulante a diversidade de temas suscitados por aquele tópico nas várias iniciativas programadas, podendo citar-se, enquanto ilustrações avulsas, os assuntos da encenação mediática da "realidade", da esteticização do corpo ou da construção da memória colectiva. Nas conferências realizadas durante o ciclo "Pontapé de Saída", cujas intervenções surgem transcritas nesta edição, foi igualmente rica a variedade de disciplinas representadas, havendo especialistas nas áreas do teatro, do cinema, da rádio, da arquitectura, das artes visuais, da literatura, das ciências do

A bola
do jogo



desporto, da musicologia, da antropologia e da sociologia. Nesta publicação poderá o leitor fazer a avaliação da justeza destas apreciações. ↗

De outra parte, há acontecimentos que não são reproduzidos nestes "Cadernos do Rivoli". A actuação muito feliz de Elza Soares (personagem de *Estrela Solitária*, a biografia de Garrincha escrita por Ruy Castro) no Grande Auditório do Rivoli Teatro Municipal, não podia, por razões óbvias, ser recuperada nas páginas de uma publicação impressa. E o mesmo se aplica ao inusitado concerto para bombos e matraquilhos que a Orquestra de Percussões Tocá Rufar compôs e interpretou, muito competentemente, em homenagem ao galego Alejandro Finisterre, inventor do *futbolín*, na Praça D. João I. Para aqueles que puderam assistir a estas acções performativas, os "Cadernos do Rivoli" serão, como a bola de um jogo importante para o seu possuidor, a evocação de uma experiência preciosa, ainda que incapaz de a restaurar plenamente. ↗

Por fim, quero agradecer ao Dr. Marcelo Mendes Pinto o entusiasmo e o empenho postos na realização do ciclo Pontapé de Saída. De António Medeiros recebi sugestões maravilhosas que também desejo agradecer. Ana Cristina Vicente e António Diegues Ramos foram interlocutores importantes, a quem agradeço. A Isabel Alves Costa e a João Alpuim Botelho não tenho, pura e simplesmente, como lhes agradecer. 🌍

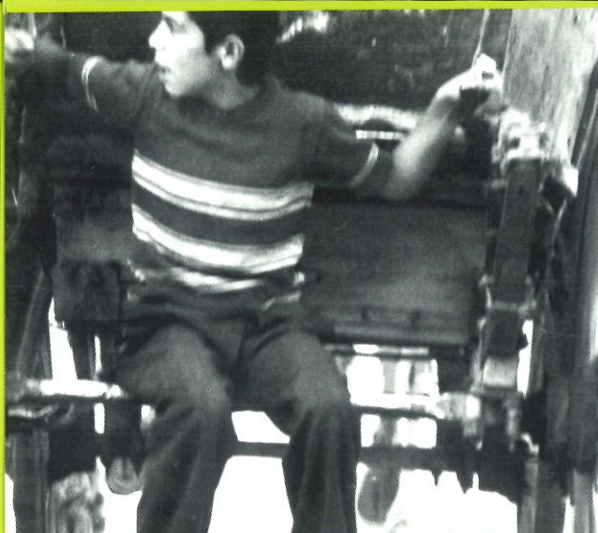
Olhares de cineastas

M I G U E L D I A S

P R O G R A M A D O R

▷ APESAR DE SER UM DOS GRANDES FENÓMENOS de massas do nosso tempo, o futebol não produziu uma filmografia vasta, sobretudo no que diz respeito a longas metragens de ficção, já que no documentário encontramos mais exemplos, sobretudo produzidos nos últimos anos, o que diz algo sobre o interesse crescente neste desporto. Além disso, na maior parte das vezes a qualidade cinematográfica não será a melhor. No entanto, o material existente foi suficiente para compilar um conjunto de filmes com algum interesse e, no nosso entender, equilibrado. Sem pretender constituir uma mostra definitiva e completa sobre o futebol como fonte de inspiração para a criação cinematográfica, tarefa completamente impossível de realizar neste contexto, a concepção da programação de cinema integrada no ciclo **Pontapé de Saída** seguiu alguns critérios que nos pareceram importantes. O primeiro foi, evidentemente, o seu interesse como objecto cinematográfico, procurando que todos os filmes incluídos no programa, além do seu interesse específico em relação ao tema do ciclo, possuam um olhar de cineasta. Que se afasta necessariamente daquele que nos é dado todos os dias nas imagens e na montagem das transmissões televisivas dos jogos de futebol, apesar destas se encontrarem cada vez mais perfeitas e, sobretudo, cada vez mais se tornarem num espectáculo em si próprias. Um olhar, ainda que breve porque os exemplos não são abundantes, sobre a história do cinema, foi dado por alguns clássicos – como *The Arsenal Stadium Mystery*, de 1939, um dos primeiros filmes em que o futebol está presente no argumento, ou *O Leão da Estrela*, um dos mais famosos exemplos da comédia à portuguesa. Além deste filme, a

Cinemateca Portuguesa propôs ainda uma excelente série de jornais de actualidades em que o futebol estava presente, e sem retirar as restantes notícias forneceu assim o contexto em que essas partidas de futebol tinha lugar. No seu conjunto, estes pequenos apontamentos fornecem um retrato muito sugestivo (e por vezes hilariante quando visto hoje, embora os seus propósitos iniciais fossem tudo menos humorísticos...) do Portugal do Estado Novo. A este nível, é impressionante, como objecto de propaganda, o pequeno documentário apresentado sobre a inauguração do Estádio Nacional. Ao mesmo tempo, pretendeu-se apresentar os filmes mais actuais, incluindo mesmo ante-estreias como *Dias de Futebol* e *És a Nossa Fé*. Destes, se o primeiro tem apenas o interesse sociológico de ter sido um êxito retumbante no seu país de origem (Espanha), pois que os seus méritos narrativos e cinematográficos deixam bastante a desejar, já o último filme de Edgar Pêra, na sequência dos trabalhos mais experimentais do realizador, foi um dos filmes mais originais e surpreendentes da programação, utilizando um estádio de futebol e as claques dos clubes como um pretexto para as mais variadas experiências em termos de montagem, cor e sobretudo som, onde este funciona sempre em contraponto à imagem, criando as associações mais inesperadas onde está também presente uma grande parte da história de Portugal do último século. Já que falamos de filmes experimentais, este não foi o único caso, pois outras obras de carácter não narrativo foram também incluídas, como *Wisla* ou *Pre Evolution Soccer One Minute Dance*.... Quanto à programação do documentário, que como já foi dito atrás é o género por excelência onde a →



Em cima: "The Traveller" de Abbas Kiarostami
Em baixo: "Es a nossa fé" de Edgar Pêra

→ filmografia é mais vasta nesta matéria, deteve-se por vezes sobre os grandes intérpretes do jogo – veja-se o filme de Ramon Gieling sobre Johan Crujff, um magnífico retrato do futebolista obtido a partir das mais variadas memórias sentimentais dos seus fãs na Catalunha, em que cada um elegia o seu “momento” associado a Crujff –, mas também sobre os mais anónimos, como no documentário *The Other Final*, que regista uma partida entre as duas piores equipas do ranking da FIFA, Butão e Monserrat... no mesmo dia da final do Mundial de 2002. Mas, à margem dos rankings oficiais, o futebol já há muito tempo deixou de ser um simples jogo e cada vez mais se encontra associado aos mais variados aspectos sociais e políticos. Alguns dos filmes apresentados utilizam o futebol como um pretexto para

tratar de temas sociais – *The Law of Favela* – ou através dele elaborar metáforas políticas – como *A Última Equipa de Futebol da Jugoslávia*, que é sobretudo um excelente filme sobre a desagregação da Jugoslávia, ou *The Forbidden Team*, que antes de ser um filme sobre futebol é um filme de apoio à causa Tibetana, que mostra também a importância do futebol na afirmação de um país ou de uma região. Como aliás também o fazem *The Game of Their Lives*, sobre a mais mítica equipa de futebol da Coreia do Norte – sim, aquela que quase surpreendeu Eusébio e companhia no Mundial de 1966 –, ou, a outro nível, *Forza Bastia 78*, uma obra de encomenda da região da Córsega por ocasião da chegada à final da Taça UEFA do seu clube mais emblemático, o Bastia. Para todos aqueles que julgavam estar perante uma obra menor na filmografia de Jacques Tati, talvez por se tratar de uma encomenda, tratou-se de uma grata surpresa, cheia de detalhes hilariantes que poucos poderiam imaginar numa partida de futebol, mesmo filtrada pelo olhar de Tati. Finalmente, há que referir que alguns filmes que pareceriam óbvios ao cinéfilo mais atento não puderam ser incluídos neste ciclo por impossibilidade de obtenção de direitos, sendo o mais evidente aquele que será talvez o mais famoso filme de futebol de todos os tempos – e com o mais impressionante elenco –, *Fuga Para a Vitória*, que apesar de tudo é um filme menor na filmografia vasta e recheada de grandes obras de John Huston. *A Angústia do Guarda Redes no Momento do Penalty* de Wim Wenders e o delirante *Shaolin Soccer* de Stephen Chow são outros exemplos. ●

De 4 a 20/4

JORNAIS DE ACTUALIDADES

do Arquivo da Cinemateca Portuguesa

4/04

O LEÃO DA ESTRELA

(Sessão de abertura com o apoio da Cinemateca Portuguesa e com a presença de João Bénard da Costa, Presidente da Cinemateca Portuguesa)
Artur Duarte, Portugal, 1947, 121'

5/04

FORZA BASTIA 78

Jacques Tati e Sophie Tatischeff, França, 1979, 28'

THE FORBIDDEN TEAM

(Com a presença de Arnold Krøigaard & Rasmus Dinesen)
Arnold Krøigaard & Rasmus Dinesen, Dinamarca, 2002, 54'

6/04

JOHAN CRUIJFF: EN UN MOMENTO DADO

(Com a presença de Ramon Gieling)
Ramon Gieling, Holanda, 2004

7/04

FINTAR O DESTINO

(Com a presença de Fernando Vendrell)
Fernando Vendrell, Portugal / Cabo-Verde, 1998, 77'

8/04

THE OTHER FINAL - BUTHAN AND MONSERRAT

Johan Kramer, Holanda, 2002, 53'

12/4

WISLA

Josef Dabernig, Áustria, 1996, 8'

THE ARSENAL STADIUM MISTERY

Thorold Dickinjon, Reino Unido, 1939, 90'

13/4

A Última Equipa de Futebol da Jugoslávia
Com a presença de Vuk Janic
Vuk Janic, Holanda, 2000, 85'

14/4

THE GAME OF THEIR LIVES

(Com a presença de Daniel Gordon)
Daniel Gordon, Reino Unido, 2002, 80'

15/4

SOLO THE LAW OF FAVELA

Jos de Putter, Holanda, 1994, 55'

BARBOSA

Jorge Furtado, Brasil, 1988, 13'
ACTORES Abel Borba, Ariel Nehring, Zé Vitor Castiel, Pedro Santos, Antonio Fagundes

16/4

O NOSSO FUTEBOL

(Com a presença de Ricardo Costa)
Ricardo Costa, Portugal, 1985, 111'

17/4

MOSSAFER (THE TRAVELLER)

Abbas Kiarostami, Irão, 1974, 75'

ARGUMENTO Abbas Kiarostami (baseado numa história de Hassan Refiei)

FOTOGRAFIA Firuz Malekzadeh

MONTAGEM Amir-hosseyyn Hami

MUSICA Kambiz Roshanravan

ACTORES Sahar & Massoud Zand-Bakleh, Hassan Darabi, Mostafa Tari

18/4

THE CUP (PHÖRPA)

Khyentse Norbu, Butão, 1999, 93'

FOTOGRAFIA Paul Warren

MUSICA Douglas Mills

MONTAGEM John Scott

ACTORES Orgyen Tobgyal, Neten Chockling, Jamyang Lodro

19/4

PRE EVOLUTION SOCCER'S ONE MINUTE DANCE AFTER A GOLDEN GOAL IN THE MASTER LEAGUE

Miguel Gomes, Portugal, 2004, 1'

DIAS DE FUTEBOL

(Ante-estreia nacional com o apoio de LNK Filmes)

David Serrano, Espanha, 2003, 118'

20/4

TU ÉS A NOSSA FÉ

(Ante-estreia nacional com o apoio de Atalanta Filmes e a presença de Edgar Pêra)
Edgar Pêra, Portugal, 2003, 47'

Bairros

Fora de jogo: Apito final

FILME DE Ana Monteiro, Bruna Moura, Catarina Teixeira, Esperança Santos, Laura Tavares, Ricardo Machado, Susana Braga, Vanessa Silva, Vera Teixeira

ORIENTAÇÃO Abi Feijó, Paulina Vieira, Tânia Duarte

EQUIPA DE MONITORES: (BAIRRO DE RAMALDE) Gabriela Longo, Joel Santos, Manuel Horta; **(BAIRRO DA PASTELEIRA)** Jorge Lacerda, Sandra Silva, Sara Cerqueira, Susana Fonseca

PRODUÇÃO Ricardo Leite, Vanessa Ventura

APOIOS MC / ICAM, Câmara Municipal do Porto, Instituto das Artes, Culturporto, ESAP, Equipolar

AGRADECIMENTOS José Silva, Programa Escolhas – Bairro de Ramalde, Centro Social da Paróquia de N.ª Sr.ª da Ajuda – Bairro da Pasteleira

© Casa da Animação / Culturporto Abril 2004

Oficina de artes

Oficina de fotografia

Livro “Vitória: verso e reverso”

COORDENADORES de Julian Germain, Murilo Godoy e Patrícia Azevedo

COLABORAÇÃO CSP N.ª S.ª da Vitória

EDIÇÃO Edições Afrontamento

Dias de jogo

UM FILME DE Catarina Mourão

Apito final

Ciclo de cinema de animação



À descoberta das técnicas de animação num animado trabalho de grupo

ABI FEIJÓ

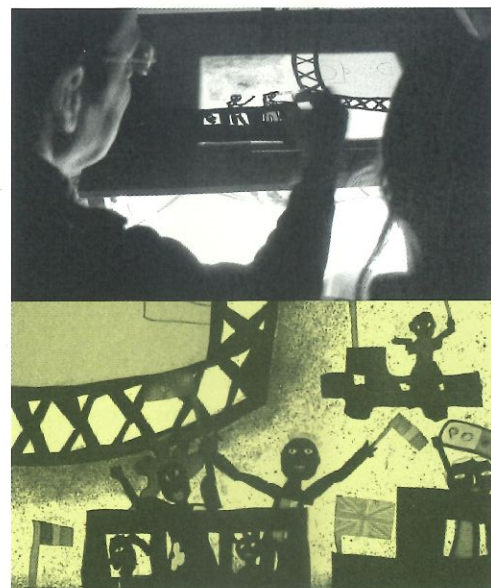
REALIZADOR DE CINEMA DE ANIMAÇÃO

NESTE FILME foi utilizada a técnica das silhuetas. As figuras foram recortadas em cartolina preta e para as cores foram usados papéis de seda e de celofane. Nas junções das diversas partes utilizou-se “blue tack” (uma pasta para fixar cartazes nas paredes, também conhecida por Bostick).

Os personagens e demais elementos dos cenários foram colocados sobre um acrílico leitoso e a luz foi colocada por baixo de modo a iluminar a cena à transparência. Nos espaços deixados em branco e como forma de equilibrar as zonas escuras e claras, bem como para resolver alguns problemas técnicos e estéticos, utilizou-se areia, o que conferiu ao trabalho as texturas.

Para a animação propriamente dita, trabalhámos em três grupos, cada um com uma câmara vídeo, um televisor e um “Lunch Box” (espécie de computador dedicado exclusivamente à animação).

As imagens eram colocadas nas suas atitudes específicas, filmadas 2 fotogramas, mexidas ligeiramente e voltadas a filmar. Este processo repetia-se sistematicamente 12 vezes para cada segundo de filme até à conclusão de cada cena. ●



Apito final

Integrado no evento Pontapé de Saída promovido pela Culturporto, a Casa da Animação organizou uma oficina de cinema de animação, orientada por Abi Feijó, Paulina Vieira e Tânia Duarte que contou com a participação de crianças do Bairro de Ramalde – Programa Escolhas e do Bairro da Pasteleira – Centro Social da Paróquia da Nossa Senhora da Ajuda, e teve como objectivo a realização de um pequeno filme em animação sobre o tema do futebol. Nesta iniciativa pretendeu-se envolver jovens dos bairros do Porto, de modo a estimular o desenvolvimento das suas capacidades artísticas e promover o contacto com novas formas de expressão. Na sequência deste período de experimentação e descoberta, surgiu o filme “Apito Final”:
Dois amigos, um adepto português e outro inglês, vão assistir a um jogo do Euro 2004 entre Portugal e Inglaterra. Beckham dá o pontapé de saída, para uma partida em que o público vai mostrar o verdadeiro espírito do desporto rei...

Crianças lançam novo olhar sobre o Bairro da Vitória

TIAGO REIS

JORNALISTA

▷ SÃO EM NÚMERO DE 27 e nunca antes tinham tocado numa máquina fotográfica. Contudo, após apenas oito dias com a câmara na mão, preparam-se para compor um livro feito de espontaneidade e inocência.

Para a maioria das pessoas, tirar uma fotografia não é mais do que agarrar numa câmara, definir o zoom, colocar o flash e carregar mecanicamente num botão, uma, duas, vinte vezes, sob o secreto desejo de ver acontecer esse fenómeno maravilhoso que é conseguir prender um pedaço de realidade em papel fotográfico. Fazemo-lo durante as férias, no aniversário do melhor amigo, durante cada minuto da existência de um bebé, mas sempre com o mesmo resultado – um daqueles álbuns pesados que se acumulam num armário lá de casa, aos quais se recorre nos momentos de maior nostalgia. Para muitos, e já não é pouco, resume-se a isso o valor de uma fotografia. Mas há aqueles que vão um pouco mais além...

É um pouco sobre isso que nos faz reflectir o trabalho feito por 27 crianças do bairro da Vitória, no Porto, num workshop de fotografia que começou no passado dia 16 e terminou anteontem, no âmbito de mais uma iniciativa do ciclo **Pontapé de Saida**, promovido pela Culturporto e pelo Rivoli Teatro Municipal com o objectivo de “pensar o futebol” pelos olhos da cultura e da arte. Na verdade, “inicialmente, a intenção era fazer um trabalho de oficinas de fotografia sobre futebol, mas, como isto é novo para eles, não há como controlá-los a fotografar outras coisas, pelo que decidimos deixá-los mais livres”, começou por referir ao PÚBLICO a fotógrafa brasileira Patrícia Azevedo que, com o

compatriota Murilo Godoy e o inglês Julian Germain, coordena o workshop.

A conversa ocorre em mais uma tarde de trabalho para os fotógrafos de palmo e meio que vão começando a chegar à pequena sala, transformada agora em atelier, situada na Casa Jovem do Centro Social e Paroquial da Vitória. No quadro da sala, as marcas dos números e das letras desaparecem à medida que os fotógrafos vão afixando o trabalho já feito, sendo desde logo notória a falta das bolas de futebol, substituídas por caras sorridentes, cães a voar, paredes escritas e outras realidades que acabaram por alterar a essência do trabalho. “Queremos estimulá-los a olharem para dentro deles, para a sua própria vida, para o bairro em que vivem, para que tentem produzir, de forma espontânea e livre, um retrato da sua vida”, refere a fotógrafa.

Um trabalho complicado, não só pela falta de experiência das crianças mas também pelo número de fotografias envolvidas, até porque cada uma foi munida com uma câmara fotográfica própria e cinco rolos de 36 fotografias, o que, fazendo as contas, dá um total de 4860 fotografias. Um número que não assusta Patrícia Azevedo, satisfeita com o “ótimo” trabalho realizado até agora por “crianças adoráveis, que não têm vergonha dos problemas que têm na família e que trazem fotografias do quarto, da comida, do cachorro, da mãe a dormir, ou do pai a olhar os carros na rua”. Uma opinião corroborada por Murilo Godoy, um outro vértice do trio de fotógrafos que vive no Porto a terceira experiência do género desde 1997, depois de ter trabalhado com meninos de rua numa favela brasileira e com filhos de imigrantes na Holanda. Murilo destaca “a espontaneidade e



→ a inocência destas crianças. Para elas é uma novidade muito grande, ficam encantadas e quando vêem as câmaras querem começar logo a fotografar, ver o resultado e aí, querem fotografar mais ainda”.

“FOTOGRAFEM OS VOSSOS SONHOS”

Foi isso mesmo que o PÚBLICO pôde testemunhar na visita à sala de trabalho dos pequenos artistas que, à hora certa, começam a acumular-se nas cadeiras azuis que rodeiam as três mesas de trabalho. Contá-los é difícil, tarefa ainda mais complicada à medida que se vão perdendo por detrás dos jogos e dos brinquedos que saem quase de forma mágica dos armários rumo às mesas, misturando-se com as máquinas e os rolos que, desesperadamente, Murilo e Julian tentam organizar. “As fotos estão muito boas!”, grita Patrícia, tentando acalmar as crianças. “Mas queremos que pensem muito antes de tirar as fotografias!”, avisa a fotógrafa, perante o olhar malandro de Avelino que, com o entusiasmo, já acabou os seus cinco rolos. “Faltam fotografias relacionadas com os vossos sonhos!”, atira Patrícia, para surpresa de todos. Mas afinal, como é que se fotografa um sonho? Muitos dizem que não têm sonhos, o que não é o caso do pequeno Hugo que, com sete anos, é o mais novo de um grupo cuja idade média está entre os nove e os 14 anos. Apesar de se lamentar por não saber “como fotografar um sonho”, Hugo sabe o que gostaria de retratar: “andar a trabalhar e ganhar dinheiro para comprar uma mota a gasolina e viajar por muitos lados”. Viagens que por agora, são feitas a deambular pelo bairro, numa aventura que levou o Mário a “captar toda a Torre dos Clérigos com o céu”, o Vasco a “fotografar coisas com muitas cores, divertidas e com alegria”, e que ganha sentido no olhar de crianças para quem o próprio céu ou um sorriso parecem ser uma novidade.

E é com este entusiasmo que as crianças saem rapidamente da sala, ansiosas por conseguir uma fotografia que possa figurar no placard da sala onde se vai construindo, assim, o objectivo do trabalho. “A ideia é fazer um livro,

como o que já fizemos na favela do Brasil, em que, além das fotos das crianças, estamos a reunir fotos antigas do bairro, para contrapor o presente e o passado”, refere Patrícia Azevedo. Um resultado final que não é novo para os fotógrafos mas que continua a motivá-los. “É uma experiência muito rica, em que conhecemos crianças de diferentes sítios e classes sociais que, com um olhar tão puro, conseguem resultados que já não conseguimos mais”, salienta Murilo Godoy, para quem “este trabalho já mudou alguma coisa na vida destas crianças ao obrigá-las a retratar o que as rodeia”. Palavras que vão sendo seguidas atentamente por Julian Germain, o menos “visível” dos três fotógrafos que estão a trabalhar com as crianças do Bairro da Vitória. Sem a espontaneidade natural dos amigos brasileiros, este inglês tenta comunicar como pode com as crianças através de um vocabulário de onde já fazem parte palavras como “cerveja” e “cinzeiro”, para além do “obrigado” da praxe. Dificuldades que não impedem Julian de olhar para cada fotografia com “carinho” e com um entusiasmo que ficaram bem patentes durante uma conversa com o PÚBLICO .

Um entusiasmo que se alarga também às pessoas que lidam diariamente com as crianças, como é o caso de Irene Moreira, funcionária do Centro Social e Paroquial da Vitória. “Esta oportunidade dá-lhes o ensejo de pensarem num projecto de vida e desperta as coisas boas que eles têm”, refere Irene, para quem essas coisas ficam, muitas vezes, na sombra de um bairro onde há uma “falta profunda de valores humanos”. Problemas que, pelo menos até hoje, são esquecidos na companhia de Julian, de Murilo, de Patrícia e de uma câmara que deixa que simples crianças procurem as cores e as coisas alegres que a vida tem para lhes oferecer. E tudo através do clicar mágico de uma máquina fotográfica... ●

[IN “PÚBLICO”, LOCAL, 26-04-2004 – TEXTO GENTILMENTE CEDIDO PELO JORNAL “PÚBLICO”]



Carlsberg
Part of the Game



Carlsberg
Part of the Game



DIAS DE JOGO

Bloco A é um dos cinco blocos do Bairro Rainha Dona Leonor no Porto, é também um dos blocos ou capítulos de um filme que, tendo como pano de fundo e ponto de partida o Euro 2004, mergulha no quotidiano de um bairro social em risco de desaparecer.

Este filme resulta de um convite dirigido pela Culturporto à realizadora Catarina Mourão (Produtora Trem Azul), no âmbito do programa Bairros / Pontapé de Saída. No registo evidenciam-se as relações das crianças com o universo do futebol, durante o Euro 2004.

CATARINA MOURÃO

REALIZADORA

Um dia no Bairro Rainha Dona Leonor durante o mês do Euro 2004. Hoje Portugal joga no Euro. O Balizas e o Fábio preparam as bandeiras e jogam à bola. As raparigas do Bloco A fazem pinos contra a parede, tomam banho no tanque da roupa e torram ao sol... A escola está quase a acabar e as férias como sempre vão ser no bairro...."não se faz nada aqui no bairro". O grupo dos rapazes mais velhos reúne-se nas escadas do bloco A e discute futebol, "e se Portugal ganhar o Euro, achas que vai mudar alguma coisa?"



Leituras/ conversas

Leituras

Rivoli Teatro Municipal / Livraria

15 e 22 Abril, 27 Maio | 18h00

O Caçador de cromos, de Rui Zink, e outros textos de Fernando Lopes, Ruy Belo, Umberto Eco, Nelson Rodrigues, Inês Pedrosa.

LEITURA Rosa Quiroga e Jorge Mota

Jogo Cruzado, e outros textos de Jacinto Lucas Pires

LEITURA Jacinto Lucas Pires e João Pedro Vaz

Quando é dia de futebol, de Carlos Drummond de Andrade, e outros

TEXTOS João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Ruben Fonseca, Jorge Valdano, Rosa Regàs, Osvaldo Soriano, Javier Marias, Mário Filho, Nelson Rodrigues, Luísa Costa Gomes, Teresa Vilaverde.

LEITURA Cláudia Lázaro e João Paulo Costa

Conversas

27 Abril, 6 Maio e 20 Maio | 18h00

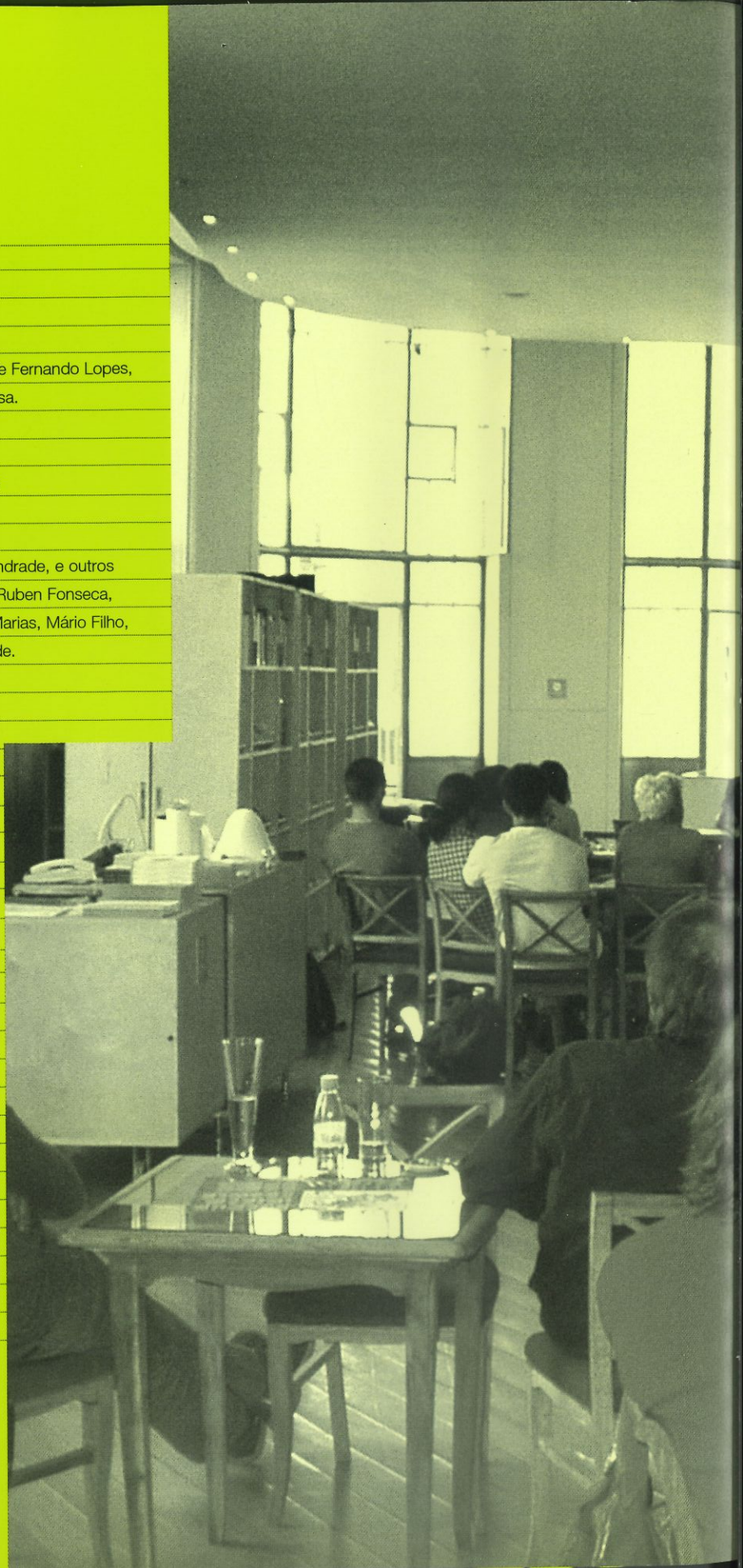
Ruy Castro: "Quem é a bola?"

António Pedro Vasconcelos: "Futebol: Guerra e Paz"

Daniel Seabra, antropólogo, e **Vítor Reis**, presidente da A.P.A.F.: "As claques, os clubes e a cidade".

Álvaro Magalhães, autor de

"Uma história natural do futebol"



PRIMEIRA LEITURA:
POR ROSA QUIROGA E
JORGE MOTA

QUANDO É DIA DE FUTEBOL

de **Carlos Drummond de Andrade**
(...) futebol se joga na rua, / futebol se
joga na alma.
(in Poesia errante)

A EPOPEIA POSSÍVEL

de **Ruy Belo**
(...) O que me interessa no presente artigo
é o espectáculo, sem paralelo no nosso
meio. É curioso como um jogo de estrutura
tão simples – vinte e dois homens, divididos
em dois grupos, durante hora e meia
empenhados em passar, mais vezes do
que o adversário, uma bola de futebol para
além de um espaço demarcado – tem o
condão de reunir multidões, de desencen-
dear o entusiasmo, o furor, a paixão, o
abatimento. (...)
(In *Obra Poética*, de Ruy Belo, volume 3,
Editorial Presença)

CAÇADOR DE CROMOS

de **Rui Zink**
(...) Senhor Doutor Juiz, é pelo acima ex-
posto que peço clemência para o meu
cliente. Recordo que foi um grande
desportista...
Nisso estamos de acordo, senhor advo-
gado. Um grande jogador. O que só
torna ainda mais hediondo o crime...
Estas mortes são produto e prova mesma
da degenerescência em que o meu consti-
tuinte caiu, Excelência. Ele acreditava que
lhe tinham roubado a alma. E estava
apenas a tentar recuperá-la...
Está a alegar legítima defesa, senhor
advogado?! O réu degolou pessoas que
nunca fizeram mal a ninguém em legítima
defesa?
Não eram inocentes, Senhor Doutor Juiz.
Não do ponto de vista dele.
Não eram inocentes?!? Então o que
eram?
Coleccionadores de cromos...
(in Egoísta)

COMO NÃO FALAR DE FUTEBOL

de **Umberto Eco**
Eu não tenho nada contra o futebol. Não
vou aos estádios pela mesma razão que

não iria dormir de noite nos subterrâneos
da Estação Central de Milão (ou passear
pelo Central Park, em Nova Iorque, de-
pois das seis da tarde), mas quando
calha vejo com prazer e interesse um bom
jogo na televisão, porque reconheço e
aprecio todos os méritos deste nobre
jogo. Eu não odeio o futebol. Eu odeio os
aficionados do futebol. (...)
(O Segundo Diário Mínimo, de Umberto
Eco)

MUDA AOS 5 E ACABA AOS 10

de **Fernando Lopes**
(...) A malta, "Belenenses" hipócritas e
"Benficas" convictos, fazia as pazes e, de
botas cardadas na mão, partíamos direitos
ao rio, para um mergulho de cabeça, onde,
num fatídico dia, após uma elegante pirue-
ta, havia de morrer o Fernando Zarolho.
Apareceu dois dias depois, a boiar, inchado
como um sapo cheio de limos e com o seu
único olho a fitar-nos, medonho, num
espanto esbugalhado.
Durante semanas, num pacto silencioso,
nunca mais fomos a banhos, dando tempo
a que a alma do esquerdino zarolho tivesse
tempo de desaguar, alegremente, no vasto
oceano da nossa saudade. A guerra, →

→ *entretanto, chegava ao fim. Nós, infalivelmente, continuávamos a ganhar ao “Benfica”, graças a alguns “penalties” inventados pelo terrível professor Roque, por 10-8 ou 10-9. E assim vivíamos numa felicidade descalça, até aos exames... (...)*
(in *Jornal de Letras*)

CAFÉ F.

de *Inês Pedrosa*

O senhor importa-se que eu lhe conte a história da minha vida? Há sempre um dia em que temos de contar tudo. Mesmo que depois acabemos arrependidos. Se bem que eu, não sei porquê, nunca fui muito de arrependimentos. As minhas amigas espantam-se: “não me digas que nunca te arrependeste de casar com o bronco do teu marido”. Mas diga-me lá: porque é que eu havia de me arrepender? Casei de penalty, é verdade, porque se não fosse assim tinha ficado toda a vida no meio campo, sabe como é. (...)
(in *Egoísta*, Junho 2002)

À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS

de *Nelson Rodrigues*

PIOR PARA OS FATOS

(...) *Exato. Mas vamos raciocinar. Houve*

lances, no Fla-Flu, que escapariam à vidência até de um Maomé, até de um Moisés de Cecil B. de Mille. Lembro-me de um momento em que Marcial estava batido irremediavelmente. O arco rubro-negro abria seus sete metros e quebrados. E que fez Escurinho? Enfiou a bola na caçapa? Consumou o gol de cambaxirra?

Simplesmente, Escurinho levantou para Marcial. Deu a bola na bandeja como se fosse a cabeça de São João Batista. E eu diria que nem Joana d’Arc, com suas visões lindas, ou Maomé, pendurado no seu camelo, ou o Moisés de Cecil B. de Mille, do alto de suas alpercatas, podia imaginar tamanha ingenuidade.

Escurinho teria de chutar rente à grama, ou alto, se quisesse, mas teria de chutar e nunca suspender a bola. E tem mais. Os profetas de ambos os sexos jamais poderiam contar com a trave. No segundo tempo, Escurinho mandou uma bomba. Nenhum gol foi tão merecido. Pois bem: vem a trave e salva. Além do mais, que Maomé, ou que Moisés podia calcular que o treinador Flávio Costa ia fazer jogo para empate?

(*O Globo*, 16/12/1963)

SEGUNDA LEITURA:

POR JACINTO LUCAS
PIRES E JOÃO PEDRO VAZ

COMÉDIA COM FINAL FELIZ

(...) *Ponho o fiozinho do apito à volta do pescoço, o cronómetro no pulso esquerdo, a esferográfica e os cartões no bolso do peito onde tenho cosidas à máquina as insígnias da UEFA, e experimento várias sinaléticas, primeiro dar a lei da vantagem, estico os dois braços na direcção de uma bola imaginária que avança, as palmas viradas para cima como um guia demasiado teatral a apontar um monumento. É essencial que os gestos sejam exactos e claros de modo a não criar equívocos de qualquer espécie. É preciso não descurar nada, não é por acaso que estou, segundo vários jornais desportivos mas também, o que é mais importante, segundo os rumores oficiais nos bastidores da arbitragem europeia, é assim que se diz, “bastidores da arbitragem europeia”, não é por acaso que estou entre os quatro melhores.(...)*

O PONTO DE VISTA DA BOLA

(...) "A selecção de todos nós joga com os pés e com o sonho – contra a Inglaterra, com os pés; contra a Roménia, com o sonho. Contra a Alemanha jogámos mas foi com tudo, sonho e pés e que alegria. Por agora, nos países baixos, a vida é boa. Está-se bem. A bola olha para estas três equipas, França, Holanda, Portugal (e principalmente Portugal, digo eu), e toda ela se arredonda"

A FINTA

(...) Uma das maiores belezas do jogo da bola – uma daquelas preciosidades que, se o futebol fosse museu, merecia montra de destaque com todas as luzes e cerimónias e atenções – é o troca-olhos, o bailinho, a finta. (...)

SIM/ NÃO/ ASSIM-ASSIM

"Em Bruxelas, no centro da Europa, o jogo que, tendo em conta as exhibições das duas equipas até então, se apresentava como uma final antecipada – com o drama, as estrelas, a incógnita, e todos os demais ingredientes de uma verdadeira final – revelou-se (acima/ abaixo/ amigo) das sempre justas ilusões dos fãs. Como uma fotografia, o Portugal-França revelou-se (a cores/ a preto e branco), com grandes intérpretes – e aqui a expressão "intérpretes" é um lugar-comum com sentido, já que o futebol deste gabarito

tem muito de música e teatro e mistério – e lances para todos os (gostos/ desgostos)"

PARA O MEU FILHO

(...) o futebol são também os filhos únicos que jogam à parede e treinam toques de calcanhar e éne malabarismos entre adversários simpáticos e invisíveis.

(Textos de Jacinto Lucas Pires, publicados n' O Jogo)

TERCEIRA LEITURA: POR CLÁUDIA LÁZARO E JOÃO PAULO COSTA

QUANDO É DIA DE FUTEBOL

de Carlos Drummond de Andrade
ENQUANTO OS MINEIROS JOGAVAM
(...) Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chuta dores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

QUANDO É DIA DE FUTEBOL

de Carlos Drummond de Andrade
FUTEBOL

Futebol se joga na praia,/ futebol se joga na rua,/ futebol se joga na alma./ A bola é a mesma: forma sacra/ para craques e pernas-de-pau.
(In Poesia errante)

À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS

de Nelson Rodrigues
O JUIZ LADRÃO

(...) Mas ponha-se um árbitro insubornável diante de um vigarista. E verificaremos isto: – falta ao virtuoso a feérica, a irisada, a multicolorida variedade do vigarista. O profissionalismo torna inexecúvel o juiz ladrão. E é pena. Porque seu desaparecimento é um desfalque lírico, um desfalque dramático para os jogos modernos. Vejam vocês que coisa melancólica e deprimente: – um jogo de futebol tem 22 homens. Com o juiz e os bandeirinhas, 25. Acrescentem-se os gandulas e já teremos um total de 29. Vinte e nove homens e nem um único e escasso canalha, nem um único e escasso vigarista! (...)
(in "Manchete Esportiva", 31/12/1955)

CREIO VELHOTA, QUE O TEU FILHO FEZ ASNEIRA

de Jorge Valdano

Juan Antonio Felpa tinha um carácter tranquilo, mas resolveu assegurar o sono →

→ da noite prévia ao dia do jogo com meio calmante porque estava inquieto, e não lhe faltavam razões para isso. O hábito acordou-o às sete da manhã e, instantaneamente, uma moinha no estômago de origem nervosa anunciou-lhe que era domingo, dia de futebol, e decidiu ficar um pouco mais na cama a pensar no jogo. Consumiu vários minutos defendendo penaltis em versões idênticas. Era o seu sonho favorito, a sua fantasia recorrente: 0-0 faltando um minuto e penalti contra; silêncio expectante, olhares de olhos grandes, intuição exacta e ele no ar abraçado à bola e outra vez no chão sentindo-se dono dos aplausos, responsável pela pequena catástrofe que centenas de adeptos sofriram; 0-0 final. (...) (in "El País", 1 de Abril de 1988/ in *Contos de Futebol*, colectânea organizada por Jorge Valdano)

CALCCIO

de **Luísa Costa Gomes**

Mas a água estava morna, uma velha americana atlética fazia vinte e cinco piscinas inalterável, em linha recta, à alemã, passando por cima de quem estivesse. Ela saiu para se deitar na cadeira ao sol, mas ansiosa, lançando de quando em vez o olho aos operários que agora fumavam em silêncio. Descansar depressa, dormir de dia. Saltam então dos buchos para a borda da piscina dois portentosos peludos pançudos do Leste e começam a jogar à bola. Acertam à primeira numa senhora que lhes acena diplomática de longe, compondo o

chapéu de palha. A alegria deles é indizível e perante a indiferença dos sentados nas cadeiras de repouso, chega ao rubro quando se lhes junta um terceiro gigante ruivo e cor-de-rosa, coberto de anéis e fios de ouro. Jogam na pedra escaldante, defronte duma tabuleta que expressamente proíbe um rol de actividades, entre elas, e prioritariamente, jogar à bola. (...)

(in "Egoísta", Junho 2002)

INGÉNUA

de **Teresa Villaverde**

Quando quero explicar aos meus amigos a magia do futebol, não consigo, mas não culpo o jogo. Culpo tudo o que hoje anda atrás do futebol (...)

(in "Egoísta")



Um brasileiro comendo uma francesinha

R U Y C A S T R O

ESCRITOR, BIÓGRAFO DE GARRINCHA ("ESTRELA SOLITÁRIA")

▷ "PAPAI, VOCÊ JÁ COMEU UMA FRANCESINHA?", perguntou minha filha Bianca, outro dia, à beira do Douro.

Olhei para os lados, hesitante.

"Bem, no passado, você sabe, no tempo em que os bichos falavam..."

Mas embатуquei. Isso é pergunta que se faça ao próprio pai e, principalmente, na frente de todo mundo, inclusive de Heloisa, a mulher dele?

Bianca, que tem um grande senso de humor, riu e me explicou:

"Calma, papai. Francesinha é um sanduíche típico do Porto, composto de vários embutidos, cobertos com queijo derretido e levando um molho por cima. A da Taberna do Manel é uma delícia. Você não pode voltar para o Rio sem comer uma."

E, assim, atravessamos a ponte e, do outro lado, em Vila Nova de Gaia, comi a primeira francesinha realmente inesquecível da minha vida. Foi o suficiente para não querer ir embora tão cedo. Talvez nunca mais ir embora da Taberna do Manel, nunca mais voltar para o Brasil.

Nos três dias que passei no Porto, em Abril último, para participar das Conversas na Livraria do Teatro Rivoli, fui regamente tratado a tripas, jaquinzinhos, pitingas, pipis, febras, bifanas, sandes de coirato, pezinhos de porco à coentrada, batatas ao murro e outros pitéus de que nunca tinha ouvido falar. Ainda não era a época dos caracóis e caracoletas, que só dão as caras no Verão. Mas o que a primavera nos reservara em matéria de petiscos nos restaurantes populares já era mais do que suficiente. E, ah, sim, foi emocionante conhecer a casa onde viveu o imortal

Gomes de Sá, no Muro dos Bacalhoeiros – ao recordar os incontáveis bacalhaus à Gomes de Sá que andei comendo nos últimos trinta e tantos anos, só faltei ajoelhar-me e lhe agradecer por ele ter existido.

Bianca está morando em Portugal há quatro anos. É arquiteta em Lisboa, onde por acaso nasceu em 1974, quando eu trabalhava lá. Sempre que pode – o que é frequente –, dá uma escapadela ao Porto e sai em busca das tascas da Ribeira, onde se comem certas coisas perigosamente deliciosas. Perigosamente porque, no que se começa a comê-las, não se quer mais parar, e, na opinião dos médicos ortodoxos (caretas, como se diz no Brasil), algumas dessas delícias são uma bomba para o colesterol. Bem, naquela fabulosa tarde-noite, a passeio com ela pelas tascas beira-Douro, minha taxa de colesterol deve ter chegado à Lua – mas não me arrependo de nada. Só se vive uma vez e, em matéria de comida, não me venham com discursos naturebas, vegetarianos ou macrobióticos. A grande comida é sempre *heavy metal*. Além disso, colesterol também é cultura.

Um carioca tem tudo para se sentir em casa no Porto, talvez mais do que em qualquer outra cidade de Portugal. Um dos motivos é a fala, de que felizmente herdamos muitos sons – a esmagadora maioria dos portugueses que se foram para o Rio a partir de meados do século XIX saiu do Porto, não de Lisboa. O outro motivo é a culinária.

Há cidades que se orgulham de sua culinária "internacional", servida em restaurantes metidos a besta, que fazem o cliente se sentir em Paris ou Nova York. Outras, mais sábias, se orgulham de suas tradições e mantêm endereços (ignorados pelos turistas comuns) onde os naturais se

→ refestelam com aquelas extravagâncias que os médicos desaconselham, mas que fazem a vida valer a pena. O Porto é assim e o Rio, também – em matéria de comida, serão cidades “internacionais” à hora que quiserem, mas têm o bom senso de manter vivas as preferências de seus avós e bisavós – os quais, não por acaso, são os mesmos.

É assim, por exemplo, que, no Rio, também temos os pregos no pão ou no prato (só que chamados de churrasquinho) e os pastéis de bacalhau (chamados de bolinhos, porque pastéis são outra coisa). Temos também os mesmos pratinhos de salada de polvo com azeite e cebola que se vêem no Porto, as mesmas saladas de feijão fradinho com atum e, claro, um grande repertório de caldinhos. No caso dos caldinhos, o que varia é o conteúdo, e uma de nossas contribuições é o caldinho de feijão, bem espesso, guarnecido por salsinha e torresmos. No Rio, como se sabe, as tascas são chamadas de botequins, mas a prova de que os nossos botequins são filhos legítimos das tascas lusas está no prato com os ovos cozidos (e coloridos) no balcão – não conheço outro lugar no mundo que os sirva.

Mas é quando se trata de sardinhas que o carioca presta homenagens diárias a seus antepassados do Porto – e em grande escala. Há um determinado cruzamento de ruas no Centro do Rio, com um ou mais botequins em cada esquina, no total de uns dez. Ao cair da tarde, no fim do expediente comercial, esses botequins derramam suas mesas nas calçadas – centenas, centenas de mesas – e o resultado é que, lá pelas seis ou sete da noite, literalmente milhares de pessoas se dedicam a mandar sardinhas para o bucho escoltadas por hectolitros de cerveja ou chope. Pelas mesas desses botequins (cujo aglomerado o carioca chama de Triângulo das Sardinhas), circulam os advogados, engenheiros e médicos que trabalham por ali, suas lindas secretárias ou assistentes (as feias também), os comerciantes, os funcionários públicos, gente de casaco e gravata, gente de bermuda e chinelo, transeuntes comuns, bêbados desclassificados e quem mais você pensar – uma chusma de homens e mulheres de todas as classes sociais e cores de

pele, numa mistura absolutamente democrática, típica do Rio. E, como é inevitável em se tratando do Rio, logo surgem grupos de samba ou de choro e fazem o indispensável acompanhamento sonoro àquelas horas de prazer e de delírio gastronômico. Pelas dez da noite, as reservas mundiais de sardinha já sofreram um desfalque tão considerável que não se sabe como ficará o abastecimento no dia seguinte. Mas, nesse dia seguinte, lá estão de novo milhares de pessoas, mais uma vez empanturrando-se de sardinha, bebendo chope, conversando fiado, rindo, cantando e, quem sabe, namorando. É uma festa – todos os dias.

Foi por isso que me senti tão em casa no Porto – ao ouvir os mesmos esses soando a xis, ao sentir os mesmo cheiros e sabores dos petiscos, ao perceber a mesma alegria franca na cara das pessoas.

E, como quem não quer nada, ainda comi uma fabulosa francesinha. ●

Pontapé de saída: a afirmação de uma ideia

V Í T O R R E I S

P R E S I D E N T E D A A P A F

▷ PORTUGAL É, SEGURAMENTE, UM PAÍS DE CONTRASTES. Em diversos domínios. Por exemplo, gostamos de parecer ricos em termos materiais, mas ao mesmo tempo não desenvolvemos tanto quanto seria necessário as nossas componentes culturais. Temos ainda um dos mais baixos índices literários da União Europeia, os nossos alunos têm alguma dificuldade na escrita do português, e tudo isto pode ser originado por deficiências estruturais de mentalidades claramente arraigadas no espírito lusitano.

Qualquer iniciativa cultural que nos leve a pensar, a discutir, a analisar nem que seja a coisa mais simples, deve e tem de merecer um forte aplauso. E se o futebol em si próprio tem alguma complexidade, porque à sua volta movem-se interesses muito diversos, temos de convir que este desporto é hoje em dia um fenómeno social tão significativo da sociedade moderna que não é possível isolá-lo, nem estudá-lo, sem deparar com múltiplas intersecções com outros níveis da estrutura social.

Ora, não posso deixar de dar os Parabéns à Culturporto pela feliz ideia de promover um ciclo sobre futebol, numa perspectiva de “ponte” entre vários aspectos de um quotidiano tão apaixonante e controverso, ou da tal intersecção entre tudo o que está relacionado com esta temática.

Aprecio quem demonstra uma sólida cultura desportiva, porque, para mim, a inteligência sobrepor-se-á sempre à indiferença. Mesmo em termos de arbitragem, é preciso interiorizar que o futebol aceita em si próprio mais violência, mais discussão, mais polémicas, mais conflitualidade, os níveis dessa violência vão crescendo, logo mais situações de risco e, conseqüentemente, mais casos para o árbitro

decidir. Com o aumento proporcional das decisões erradas. Naturalmente.

Constitui, por isso, de um inegável interesse artístico e literário este **Pontapé de Saída**, que poderá servir, usando aqui uma linguagem clara do futebol, para marcar um golo directo naquela nossa mentalidade de privilegiarmos o que é fácil em detrimento das ideias que nos obrigam a pensar. Nada se poderá impor recorrendo à ignorância e à falta de objectivos, porque temos de sentir o pulsar das ideias e acreditar nas qualidades humanas.

Estou certo, tenho a convicção absoluta de que este Ciclo vai fomentar o culto do conhecimento – é uma porta aberta para isso – ou, por outras palavras, o cerimonial do saber. Porque é um projecto ambicioso e desenvolvido com paixão, faço votos para que tudo corra conforme o previsto, com a certeza de que no final estará a organização feliz pelo sucesso alcançado. Esse será o melhor prémio que poderão almejar. Afinal, os que querem ter sucesso encontram os meios, os outros encontram desculpas. ●

As claques, os clubes e a cidade

DANIEL ALVES SEABRA

ANTROPÓLOGO

▮ O CAMPEONATO DA EUROPA DE FUTEBOL realizado em Portugal teve a participação de dezasseis selecções nacionais e constituiu mais uma manifestação de um fenómeno social que interfere na vida de muitas pessoas. Na verdade, foram poucos os acontecimentos na história da humanidade que atraíram tanto público como... alguns jogos de futebol. Uma das principais razões apontadas para a grande atracção das pessoas por este jogo reside na identificação com uma das equipas em compita, apresentando-se como apoiantes da mesma e desejando a sua vitória (cf. Murphy, Williams e Dunning, 1994: 12). Os espectadores de futebol poderão, evidentemente, assistir a um jogo de futebol pelo facto deste ser o espectáculo da sua preferência. Não se poderá negar a possibilidade do espectador alcançar uma certa satisfação estética quando presencia uma partida de futebol (cf. Murphy, Williams e Dunning, 1994: 7-9). Esta não parece constituir, contudo, a principal motivação da maioria dos espectadores. Sobre este aspecto, Bromberger (1993: 34) defende mesmo que “para o futebol ser interessante é preciso ser-se partidário, é preciso tomar-se partido, ter escolhido um campo.” Este autor acrescenta ainda: “Se não se toma partido é uma chatice, não há emoções, olha-se para o jogo como para um nú artístico.” Esta posição de Bromberger parece explicar a razão pela qual muitos espectadores de um jogo de futebol, não se identificando inicialmente com nenhuma das equipas, acabam, por motivos menores e pontuais, por preferir a vitória de uma das equipas. Este tipo de opção acaba por conferir um maior interesse ao jogo. Esta perspectiva é também defendida por Selosse (1989: 5), apresentando para tal o seguinte argumento:

A assistência a uma manifestação não é neutra. (...) Os adeptos procurarão reforçar a sua escolha ou convencer aqueles espectadores indecisos ou imparciais. (...) Assim, mesmo antes de entrarem no estádio, os espectadores já estão envolvidos, prontos a defender as suas opções, a difundi-las à sua volta, a influenciar os julgamentos e atitudes dos seus vizinhos.

Do exposto se depreende que a presença de espectadores nos estádios de futebol visa essencialmente incentivar uma das equipas. Este apoio é muitas vezes organizado colectivamente, configurando-se assim as denominadas claques. Uma claque pode ser definida como um conjunto de apoiantes de um clube que, através de uma participação activa, recorrem a meios para encorajar os jogadores do clubes que apoiam e prejudicar o desempenho dos jogadores do clube adversário (cf. Bromberger, 1995: 10). Esta definição engloba a generalidade dos adeptos que assistem aos jogos para apoiar a equipa da sua predilecção, afigurando-se estes como “uma colectividade de seres humanos reunidos fisicamente num espaço social determinado, sem que essa reunião crie laços sociais determinados ou resulte de laços sociais pré-existentes.” (Virton, 1979: 153). Assim sendo, tal definição não se coaduna com a noção de claque geralmente partilhada pelos diversos agentes relacionados com o contexto futebolístico e pelo público em geral, uma vez que esta refere-se aos grupos organizados de adeptos que se posicionam em determinadas zonas dos estádios para incentivar de forma efusiva os clubes predilectos, recorrendo para tal a um conjunto de signos veiculados verbalmente e corporalmente ou ainda por objectos e materiais que convergem para a

apresentação de coreografias e outras manifestações intensas de apoio ao clube. Justifica-se assim uma definição mais restritiva e ajustada à realidade observável nos estádios de futebol. Uma claque poderá então ser definida como um “grupo simpatizante de uma determinada equipa, com nome próprio, que se concentra na mesma zona do estádio incentivando os jogadores através de cânticos próprios, bandeiras e cartazes, palmas sincronizadas, ondas, claxons, tochas, potes de fumo, etc.” (Pereira, 2000:41)

Na sequência deste desempenho, bem como do emprego do tipo de materiais mencionados, as claques destacam-se nos estádios de futebol pelas manifestações de luz, cor e som que proporcionam em prol do clube e do próprio espectáculo futebolístico. Se alguns elogiam este aspecto, prevalecem, contudo, os discursos muito críticos acerca das claques, sendo estes consequência de alguns actos de violência e vandalismo provocados por alguns dos seus elementos.

A polémica em torno destas duas posições face às claques suscita, por vezes, bastantes discussões e não tanto debates que contemplam as diversas dimensões deste fenómeno de envolvimento futebolístico. O presente texto surge na sequência da apresentação de comunicação acerca deste tema, efectuada no âmbito da iniciativa denominada Conversas na Livraria ... inseridas no programa Pontapé de Saída levado a cabo pela Culturporto. Procura por isso expor as principais ideias e argumentos desenvolvidos ao longo da apresentação efectuada. A outra comunicação apresentada nesta iniciativa, bem como a posterior conversa entre os intervenientes e as diversas questões e comentários proferidos pelo público presente confirmaram, mais uma vez, que as condutas violentas perpetradas pelas claques e a forma como as mesmas têm sido noticiadas contribuem para uma opinião geral muito negativa sobre estes grupos.

Apesar de legítima e respeitável, tal opinião é formulada sobretudo a partir das informações propaladas pela comunicação social e não parece resultar de uma interacção directa e regular com estes grupos e seus respectivos membros. Não se pretende a defesa ou legitimação dos comporta-

mentos mencionados, nem sequer qualquer tentativa estulta de negação dos mesmos. O contacto directo e regular com as claques – fundamental para um conhecimento consistente acerca das mesmas – permite constatar o envolvimento de alguns dos seus membros em situações de violência, vandalismo e delinquência. Tais actos são graves, reprováveis e deverão ser motivo de denúncia e notícia.

Mas é fundamental sublinhar que, numa lógica perversa que confere aos acontecimentos negativos o estatuto de “boa” notícia, tais actos tornaram-se no desempenho mais noticiado pela comunicação social quando são, precisamente, os menos frequentes. O mesmo destaque não é porém conferido às diversas actividades das claques em prol do incentivo aos clubes e aos laços de sociabilidade que se estabelecem no seio destes grupos, apesar de serem estes os aspectos mais frequentes. Tal posicionamento por parte dos órgãos de comunicação social tem produzido e reproduzido, tal como foi já mencionado, uma representação social sobre as claques valorada de forma negativa, tendo esta ainda a capacidade de se sobrepor à heterogeneidade destes grupos criando uma imagem uniforme, estereotipada e consequentemente distorcida dos mesmos. Algumas notícias sensacionalistas acerca dos incidentes provocados por alguns elementos das claques têm ainda outras consequências nefastas. Para além de afastarem destes grupos alguns que os pretendiam integrar para apoiar os seus clubes de forma mais activa mas correcta, muitas notícias acabaram por constituir factor de atracção para alguns que percebem estes agrupamentos como um campo favorável à prática de actos de delinquência.

Mas apesar de uma opinião geral negativa, as claques continuam a marcar forte presença nos estádios de futebol dos mais diversos países. Portugal não constitui excepção e muitos são os clubes da Super Liga e da Liga de Honra que são apoiados por claques. Em Agosto de 2003 formou-se mesmo uma associação denominada Ultras 12 que congregou inicialmente 25 claques e, consequentemente, um número estimado em cerca de 15000 membros (cf. Anon., 2003: 48). Estes dados são →

→ ainda mais significativos se considerarmos a pouca propensão associativa dos jovens portugueses constatada por Fernandes (1998: 317) a partir dos dados que recolheu. Estes revelam ainda que, apesar da pouca vocação para o associativismo, os clubes desportivos são o tipo de organização a que os jovens mais aderem. O mesmo estudo demonstrou também que as claques continuam a congregar um número muito significativo de jovens, sobretudo entre os 15 e os 17 anos (cf. Fernandes, 1998: 318-319).

Este envolvimento dos jovens portugueses nas claques não é recente. O surgimento deste tipo de grupos nos estádios portugueses remonta já ao final da década de 70, quando alguns jovens colegas de escola que estudavam no Colégio S. João de Brito começaram a reunir-se com regularidade num mesmo local das bancadas do estádio José de Alvalade para apoiar o Sporting Clube de Portugal, entoando cânticos e recorrendo a bandeiras de maiores dimensões. Este grupo acabou por fundar a Juventude Leonina, tendo sido esta a primeira claque portuguesa (cf. Marques, Manuel e Maia, 1988: 12). A primeira claque de apoio ao Futebol Clube do Porto emergiu de forma semelhante. Um grupo de estudantes do Colégio Universal começou também a apoiar de forma efusiva o clube no estádio das Antas, acabando por dar origem aos Dragões Azuis. Estes grupos acabaram por se institucionalizar em definitivo nos primeiros anos da década de 80, sendo mesmo reconhecidos pelas direcções dos respectivos clubes. É durante esta década que se regista um grande crescimento do número de claques em Portugal. Estas atingiram o seu período áureo na época futebolística de 1984/1985.

Foi neste contexto que as equipas de futebol dos três principais clubes da cidade do Porto começaram a receber o apoio das suas claques. Na época de 1982/83 o Futebol Clube do Porto reconheceu e institucionalizou a claque Dragões Azuis, passando a receber o apoio desta. Divergências acerca da gestão e estratégias da claque, bem como algumas dúvidas acerca da dedicação ao projecto por parte da direcção estiveram na origem do abandono de muitos membros que fundaram, em 30 de Novembro de 1986, a segunda claque de apoio

ao clube. Esta denominou-se Super Dragões. Tal nome advém do dragão que encima o emblema do Futebol Clube do Porto e ainda da força acrescida e superior que a claque e os seus membros pretendem ser para o clube.

Em 1984 os jovens que se agrupavam espontaneamente atrás de uma baliza do estádio do Bessa para apoiar o Boavista Futebol Clube fundaram a claque Juventude Axadrezada, sendo este nome posteriormente substituído por Panteras Negras pelo facto de dois dos membros do grupo levarem para os estádios de futebol um grande boneco representativo da pantera cor de rosa com um cachecol do clube.

No ano seguinte, a 15 de Janeiro, é fundada a Alma Salgueirista. Formou-se então nesta data um grupo de jovens que começou a apoiar o Sport Comércio e Salgueiros num jogo contra o Belenenses disputado no estádio do Mar em Matosinhos. A claque toma assim como denominação uma expressão que “tem a ver com a forma corajosa e determinada como sempre, no passado, conseguimos superar as imensas dificuldades vividas.” (Carlos Abreu cit. in Dias, 1991: 5)

A claque mais recente no contexto do futebol português denomina-se Colectivo Ultras 95. Esta denominação é um forte indicador da coesão pretendida no grupo e ainda da grande ligação da claque a um aspecto fulcral que constitui a condição de existência deste tipo de grupos: a condição Ultra inerente ao Movimento Ultra. Trata-se de outra claque que apoia o Futebol Clube do Porto e que foi fundada no ano de 1995 por membros que abandonaram a claque Super Dragões insatisfeitos com o rumo defendido pela nova direcção e com uma certa permissividade desta para com o aumento das situações de violência e vandalismo perpetradas por elementos dos Super Dragões.

Mas para além do que já foi referido sobre este tipo de situações, nomeadamente quanto à sua frequência, é importante destacar que as mesmas devem ser perspectivadas como efeitos perversos das claques, sendo estes entendidos como consequências não desejadas e opostas aos objectivos e acções pretendidas por este tipo de grupos (cf. Lakatos, 1996: 311). Na verdade, o objectivo pretendido por estas

cliques e que configura a sua função manifesta é o apoio incondicional, muito activo e expressivo aos respectivos clubes, decorrendo este de acordo com o fundamento valorativo do denominado Movimento Ultra no qual as cliques referidas se enquadram.

Este movimento surgiu em Itália no contexto político e social conturbado do Maio de 68. A grande dedicação e militância por causas políticas e sociais defendidas por alguns partidos políticos de esquerda mais extremistas constituíram um modelo para o apoio aos clubes de futebol nas bancadas dos estádios italianos. Grupos de jovens passaram então a acompanhar os seus clubes com a mesma dedicação, apoio e militância com que defendiam os seus ideais políticos nos partidos. Apesar da posterior dissolução destes, manteve-se a mesma atitude de militância e apoio aos diversos clubes.

Inerente a este movimento surgiu também a condição Ultra. Esta deve ser assumida por todos os membros das cliques que apoiam clubes de futebol. Os elementos das cliques Super Dragões, Panteras Negras, Alma Salgueirista e Colectivo Ultras 95 deverão, por conseguinte, assumir tal condição. Definir um Ultra tem-se revelado difícil. Para a compreensão desta condição é fundamental uma descrição das atitudes e comportamentos que a caracterizam. Um Ultra terá que apoiar o seu clube predilecto através de actos e palavras. Para tal deverá assistir a todos os jogos do seu clube, independentemente do local onde os mesmos se disputam, de condições meteorológicas adversas ou ainda de eventuais ameaças físicas e insultos por parte dos adeptos dos clubes adversários. Sublinhe-se que este acompanhamento constante implica gastos muito avultados em bilhetes de jogo, viagens e alimentação.

No final de uma época futebolística as despesas efectuadas pelos membros das cliques mencionadas cifram-se sempre na ordem das várias centenas de euros. Destaque-se ainda que para alguns elementos das cliques Super Dragões e Colectivo Ultras 95 estes custos atingem valores na ordem dos milhares de euros em consequência do acompanhamento do Futebol Clube do Porto nas provas internacionais. Segundo Marques, Manuel e Maia (1998: 8), esta “exigência de assiduidade é efectivamente preenchida nas cliques de futebol.” Este acompanhamento e dedicação dos elementos das cliques é ainda susceptível de maior destaque quando os jogos em que estas marcam presença estão sujeitos a transmissão televisiva, sobretudo no caso do Futebol Clube do Porto e Boavista Futebol Clube. Seria certamente mais cómodo e barato para todos assistir por esta via aos jogos. Por sua vez, se considerarmos que o Sport Comércio e Salgueiros actua na Liga de Honra e os seus jogos não estão sujeitos a transmissão televisiva, os membros da clique Alma Salgueirista terão obrigatoriamente que seguir o seu clube sempre que pretendam assistir aos jogos. Esta clique não deixou por isso de marcar presença em praticamente todos os jogos disputados pelo clube na última época futebolística.

Mas a presença em todos os jogos disputados pelo clube, sendo fundamental, não é todavia suficiente para a assunção plena da condição Ultra. Os membros destas cliques deverão também marcar a diferença relativamente à generalidade dos adeptos pela forma mais activa e intensa como expressam o apoio ao seu clube, independentemente dos resultados negativos deste. Por conseguinte, e ao contrário dos adeptos que por vezes chegam mesmo a apupar os jogadores do clube, →

→ um bom Ultra incentivará sempre a equipa mesmo quando o resultado de jogo é adverso. Não há portanto lugar para o desânimo e para a crítica à equipa quando esta se encontra no relvado a defender as cores do clube.

Esta diferença de atitude e comportamento por parte dos elementos que compõem as claques no que se relaciona com o apoio ao clube é claramente expressa nos lemas assumidos pelas claques já mencionadas. Os Super Dragões, para além de afirmarem que estarão SEMPRE PRESENTES, inscrevem ainda no seu material o lema DO FUNDO DO CORAÇÃO O NOSSO GRITO. POR TI PORTO CAMPEÃO. Por sua vez, a claque Panteras Negras não deixa de destacar, numa clara alusão à superioridade em relação à generalidade dos adeptos do seu clubes, que SÓ OS MAIS FORTES RESISTEM e OS MAIS FRACOS DESISTEM. Estas palavras denotam a tenacidade e dedicação dos membros do grupo perante todas as adversidades. A claque Alma Salgueirista adoptou também um lema semelhante para realçar A FIDELIDADE DA MINORIA e A INVEJA DA MAIORIA. Esta claque expressa ainda a sua entrega e dedicação PELO SALGUEIROS, POR PARANHOS E PELA INVICTA.

Esta identificação com a cidade do Porto não é porém exclusiva deste grupo, uma vez que todas as claques apoiantes dos principais clubes portuenses exaltam a sua ligação a esta urbe. A claque Colectivo Ultras 95 assume mesmo o ÓRGULHO EM SER TRIPEIRO como o seu lema principal. Mas este é também um lema assumido pelos Super Dragões, Panteras Negras e Alma Salgueirista. A observação destas quatro claques nos estádios de futebol permite mesmo constatar, não apenas a grande identificação destes grupos com a cidade do

Porto e a forma como esta é expressa e emblematizada através de faixas, cânticos e ainda coreografias que apresentam signos de identificação com a cidade (barcos rabelos, Torre dos Clérigos ou a representação da ribeira), mas também a forma como os mesmos rivalizam pela primazia na defesa e identificação com a cidade do Porto.

O momento mais significativo desta competição ocorreu no início de um jogo entre o Boavista Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto disputado no estádio do Bessa. Na sua coreografia, os Super Dragões apresentaram uma faixa na qual se podia ler: HÁ MAIS DE UM SÉCULO PATRÕES DA INVICTA. Por sua vez, a claque Panteras Negras respondia: O VOSSO SÍMBOLO E DATA DE FUNDAÇÃO SÃO PURA ILUSÃO. No que diz respeito aos cânticos importa destacar que os Super Dragões, tal como a claque Panteras Negras, procuram afirmar-se como o Orgulho da Invicta cantando:

Somos nós

Somos nós

O orgulho da Invicta somos nós

Somos nós

Somos nós

A Invicta somos nós

Este cântico é também entoado pela Alma Salgueirista, sendo todavia de sublinhar a substituição do verso Somos nós por Salgueiros. Outro cântico de identificação com a cidade do Porto entoado por todas as claques referidas é o conhecido Quem bate palmas é tripeiro. Merece todavia um destaque especial o seguinte cântico entoado pelo Colectivo

Ultras 95, uma vez que o mesmo traduz a importância que tem para esta claque a identificação com a cidade:

*A História diz que ninguém conseguiu conquistar
A antiga, mui nobre e sempre leal
É o orgulho de Portugal
Invicta*

Para além dos vários signos de identificação destas claques com a cidade do Porto é importante considerar ainda que as mesmas constituem espaços sociais onde se reproduzem grupos de vizinhança adstritos a certas zonas residenciais da urbe portuense. Refiram-se como exemplos os núcleos de Francos, Aldoar, Aleixo, Paranhos e Viso. Estes e outros núcleos das diversas claques são fomentados pelas direcções das mesmas, uma vez que parecem oferecer algumas vantagens a nível organizativo, podendo ainda constituir redes de recrutamento de novos membros para o grupo. A existência de núcleos constitui assim outro elemento importante da estreita ligação e identificação entre as claques portuenses e a cidade. A cidade do Porto assume-se portanto como um valor fundamental para qualquer das claques consideradas, sendo este também incorporado na condição Ultra que os elementos dos Super Dragões, do Colectivo Ultras 95, os Panteras Negras e a Alma Salgueirista deverão assumir.

A grande identificação destas claques com a cidade do Porto não se deve apenas aos aspectos referidos. Para tal contribui decisivamente uma longa história de ligação entre as três agremiações desportivas e a sua urbe. O nome Futebol Clube do Porto pressupõe já, pela incorporação do nome da cidade no nome do clube, uma relação e representação da cidade. Outro elemento fulcral desta identificação manifesta-se no emblema do clube. Inicialmente constituído por uma bola de futebol na qual estavam inscritas as iniciais do nome do clube – F.C.P. – este emblema foi posteriormente complementado por Augusto Baptista Ferreira (jogador do clube e artista gráfico profissional mais conhecido por Símplicio), em 1922, com a sobreposição do brasão da cidade (cf. Magalhães

e Dias, 1995: 37). O emblema do clube tornou-se assim um signo fundamental da identificação do clube com a cidade do Porto. O Futebol Clube do Porto terá sido fundado no ano de 1893 por Nicolau de Almeida, mantendo contudo uma existência periclitante e irregular. Monteiro da Costa dará, em 1906, a consolidação e o impulso definitivo a um clube que sempre se afirmou, ao longo da sua história, vítima dos poderes e influências dos clubes de Lisboa e do centralismo político da capital do país que sempre impediram um sucesso merecido e um percurso mais vitorioso.

Por sua vez, o Boavista Futebol Clube foi fundado em 1903, procurando afirmar-se como um dos mais antigos clubes de futebol em Portugal. Contesta para isso a data de fundação do seu vizinho, com o qual sempre rivalizou na conquista de um espaço no desporto da cidade onde o Futebol Clube do Porto se tornou preponderante. As relações entre estes dois clubes nem sempre foi pacífica, dado que emergiram alguns conflitos, sendo um deles devido à oposição feita ao carácter profissional dos jogadores do Boavista Futebol Clube. Este clube, à semelhança do Futebol Clube do Porto, viu também o seu emblema alterado, passando o mesmo, em 1933, a ser encimado por uma coroa também proveniente do brasão da cidade como símbolo de honra para com a cidade do Porto (cf. Barros, 2000: 57-58).

Considere-se, por fim, o Sport Comércio e Salgueiros. Este clube surgiu em 1911, devendo o seu nome à fábrica textil de Salgueiros, na qual trabalhavam muitos operários que residiam na freguesia de Paranhos, à qual o clube ficou sempre associado. A história deste clube está recheada de dificuldades, não só para a aquisição do material necessário à prática do futebol, mas sobretudo para encontrar um campo para a prática desta modalidade. Um dos momentos emblemáticos da história deste clube é a realização no campo de Augusto Lessa, em 1949, de um comício de apoio ao general Norton de Matos, candidato às eleições presidenciais em período de vigência do Estado Novo. Na sequência deste acontecimento o clube foi perseguido pelo regime Salazarista, sendo-lhe sistematicamente recusado qualquer tipo de apoio.

Relativamente a estes três clubes importará ainda sublinhar que muitos lugares da cidade foram também lugares dos clubes. Os diversos campos que estes utilizaram para a prática do futebol, os diferentes lugares onde foram praticadas outras modalidades desportivas e ainda a localização das várias sedes constituem também importantes elementos de ligação dos clubes à cidade do Porto. Os elementos que compõem as claques consideradas, apesar de demonstrarem um conhecimento não muito rigoroso dos factos, não deixam de ter uma representação dos mesmos. Evocam por isso a história do clube com orgulho e a ligação do mesmo à cidade do Porto, sendo este um valor importante para os grupos. Não obstante alguma rivalidade decorrente da defesa de cada clube e da disputa por uma posição de relativa supremacia e questionamento da mesma por parte do adversário, os Super Dragões, o Colectivo Ultras 95, os Panteras Negras e a Alma Salgueirista unem-se na defesa da imagem e representação da cidade do Porto. Muitas vezes tal defesa é feita por uma oposição a Lisboa e aos seus clubes mais representativos. A generalidade dos adeptos do Sport Lisboa e Benfica são denominados Mouros e Lampiões, enquanto os adeptos do Sporting Clube de Portugal são conhecidos por lagartos. O epíteto Mouros é extensivo aos habitantes da cidade de Lisboa e zona sul do país, sendo que esta cidade é ainda considerada a *Mourolândia*, a *Aldeola* ou ainda *Marrocos*. O discurso depreciativo sobre estes dois clubes de Lisboa e ainda sobre esta cidade emerge mesmo como um valor em si, devendo por isso estar presente nas mais variadas manifestações destas claques.

A condição Ultra destas claques não se confina, porém, ao apoio à equipa nos estádios de futebol e à defesa dos valores mencionados. Um Ultra deverá participar nas diversas actividades necessárias à preparação do apoio ao clube. As coreografias que as claques apresentam por breves momentos nas bancadas dos estádios de futebol e que são apreciadas pela generalidade do público presente nos mesmos exigem o recurso a diversos materiais que, para além dos seus elevados custos, demoram vários dias a serem preparados. Desenhar e pintar estandartes e lençóis ou preparar rolos e cartolinas são

actividades que exigem a participação de vários elementos das claques por vários dias. A inscrição de sócios, o fabrico dos cachecóis, t-shirts e outros adereços relativos à claque ou ainda a organização de viagens são também actividades de cariz logístico que solicitam grande disponibilidade por parte de alguns elementos das claques. A assunção plena da condição de Ultra requer, como destaca Revilla (1996: 63), uma dedicação extrema por parte dos elementos da claque ao clube e mesmo ao próprio grupo em que se integram. Face ao exposto fica patente que as claques desempenham actividades que solicitam uma grande mobilização de recursos materiais e humanos. Estamos assim perante grupos identificáveis, contínuos e estruturados segundo interesses, normas e valores fundamentais para a prossecução dos objectivos propostos. Aos membros das claques são por vezes atribuídos papéis que, para além de pressuporem uma socialização muito peculiar para o seu desempenho, estruturam o seu quotidiano e estilo de vida (cf. Lago e Biasi, 1994: 78).

Face ao exposto fica patente que ser Ultra é uma condição fundamental que os elementos pertencentes às quatro claques que incentivam os clubes da cidade do Porto deverão assumir. Mas por mais paradoxal que possa parecer, sobretudo se tivermos em conta os incidentes que ocorrem e aos quais já foi feita menção no presente texto, o Movimento Ultra reprova e critica qualquer acto de violência ou vandalismo levado a cabo por qualquer membro de claque. Tal atitude é praticamente desconhecida por parte da opinião pública e mesmo da opinião publicada. Com efeito, a condição Ultra contempla apenas manifestações de apoio efusivo e dedicado aos clubes. Esta posição face à violência é profusamente expressa em várias publicações promovidas pelo Movimento Ultra. Esta posição foi expressamente defendida pela claque Super Dragões numa das suas publicações. Na mesma afirma-se o seguinte:

A nossa função é apoiar o nosso clube do coração – o F.C. Porto –, não prejudicá-lo. Neste momento começamos a pôr em dúvida certos elementos que se juntam à claque que mais pa-

recem querer prejudicar o clube do que apoiá-lo. Ser Ultra não é ser ladrão. Ser Ultra não é atirar tochas para o relvado, ser Ultra não é querer viajar sem pagar, ser Ultra não é ser violento... Ser Ultra é amar o clube e ajudá-lo a atingir a vitória de cada Domingo. Ser Ultra é condenar os que roubam, os que atiram tochas, os que usam de violência gratuita para se afirmarem perante os vizinhos do bairro. É urgente que todos os verdadeiros Ultras se unam e façam vingar a verdadeira mentalidade do Movimento. Os falsos Ultras que se ponham a andar ou então nada disto que andamos a fazer durante os 8 anos de existência valeu a pena e mais vale acabar com os Super Dragões e passamos todos a vir ao futebol de forma casual.

Palavras similares foram ainda publicadas na revista *Ultrà* (publicação sobre o Movimento Ultra português). As mesmas não deixam lugar a qualquer dúvida. Um Ultra não deverá provocar qualquer acto de violência ou vandalismo (cf. Anon. 1996: 5). Ao invés, “é necessário apenas apoiar e cantar, dar espectáculo, sem violência nem atitudes estúpidas.” (Nuno e Paulo, 1995: 5). Considerando o que foi referido anteriormente, torna-se evidente que estamos perante um princípio por vezes desrespeitado, o que reitera o carácter perverso da violência nas claques anteriormente aludido.

A excepção a tal princípio surge apenas em circunstâncias em que o emprego da violência constitui o último recurso de defesa pessoal e do grupo. Face a alguns ataques levados a cabo por adeptos adversários (muitas vezes não pertencentes a claques), admite-se o emprego da violência em legítima defesa. Estas situações conflituosas acabam por fazer emergir

a solidariedade como valor fundamental nas claques de apoio aos clubes de futebol, devendo esta estar presente como valor fulcral da condição Ultra. Perante qualquer tipo de ameaça que visa um ou vários membros da claque, os outros membros do grupo estão obrigados a prestar auxílio na legítima defesa do seu companheiro. O desrespeito pelo dever de entreajuda, geralmente verificado quando alguns membros optam pela fuga perante investidas agressivas por parte de adeptos hostis, é severamente criticado e pode mesmo ser conducente a alguma estigmatização no seio do grupo. É óbvio que estas considerações são pertinentes para as claques portuenses onde a solidariedade e a entreajuda deverão também imperar.

O dever de uma atitude solidária não se cumpre apenas nos contextos de tensão, uma vez que estes, como já foi sobejamente realçado, não são os mais frequentes apesar de mais noticiados. São várias as situações em que diversos membros das claques portuenses ajudam outros colegas, nomeadamente na cedência de convites para os jogos. Foram mesmo observadas situações em que vários elementos de uma das claques contribuíram com algum dinheiro para a aquisição de um bilhete, possibilitando assim que um dos seus colegas sem recursos para a compra do mesmo pudesse assistir ao jogo. É por isso fundamental considerar que as claques são também espaços geradores de sociabilidade. Nelas se geram relações perduráveis de amizade que se mantêm fora dos estádios de futebol. Exemplo disso são os diversos jantares de aniversário dos seus membros, para os quais são geralmente convidados outros membros do grupo que retribuem com a normal prenda de aniversário. →

→ São ainda vários os pretextos para a realização das mais diversas festas que reúnem também os elementos mais regulares do grupo. Não surpreende que para além das relações de amizade surjam também relações de namoro que acabam, algumas vezes, por resultar em casamentos que congregam também alguns elementos das claques. Importa ainda destacar que todos os anos são realizados jantares comemorativos dos aniversários destas claques. Estes são oportunidades de convívio e sociabilidade entre todos os membros do grupo fora do contexto futebolístico que chegam mesmo a juntar à mesma mesa alguns elementos das outras claques portuenses. Esta sociabilidade não deixa de constituir uma das funções latentes destes grupos, sendo estas entendidas como consequências não esperadas e muitas vezes desconhecidas (cf. Lakatos, 1996: 313), mas que decorrem da formação e existência das claques. Entre as claques portuenses consideradas no presente texto é também habitual encontrar a assistir aos jogos de futebol alguns elementos das outras claques que incentivam outro clube da cidade. Esta presença denota que os jovens, para além de gostarem dos seus clubes e dedicarem muito do seu tempo ao apoio activo dos mesmos, apreciam muito o futebol e sobretudo as claques como grupos que dão colorido e animação aos estádios de futebol e nos quais se podem estabelecer amizades para além das preferências clubistas. A assunção da condição Ultra leva os jovens a dedicarem a sua vida ao clube e à claque, vivendo para o futebol.

A Antropologia poderá dar o seu contributo na compreensão dos significados e funções latentes que esta participação nas claques poderá assumir para os actores sociais. Pertencer a

uma claque poderá ser a resposta para uma procura de identidade por parte dos jovens que compõem o grupo (ainda que por vezes esta seja negativa), uma vez que lhes proporciona a oportunidade de aderirem a padrões de comportamento e valores que os distinguem dos demais. Para muitos, frequentar a claque constitui uma ruptura e compensação para um quotidiano rotineiro, desinteressante e muitas vezes marcado por grandes dificuldades inerentes a uma sociedade que, apesar de elogiar os jovens, continua a dificultar a passagem dos mesmos a uma condição social de adulto geralmente concretizada através da assunção das responsabilidades familiares, parentais e profissionais satisfatórias. A ânsia de alguma visibilidade social é conducente à construção de uma sociedade alternativa que se concretiza na participação em grupos juvenis, sendo as claques de apoio a clubes de futebol um exemplo (cf. Revilla, 1996: 63-64). Os jovens que as compõem “parecem ver o estádio (...) como o seu próximo ‘relvado’” (cf. Dunning, 1992: 410).

Face ao exposto ao longo deste texto, as claques de apoio aos clubes de futebol configuram-se como subculturas, uma vez que das mesmas decorre um modo de vida particular associado ao Movimento Ultra e à respectiva condição, implicando ambos regras e condutas muito características que se esperam dos membros destes grupos. As claques são de facto uma forma minoritária de comportamento nos estádios de futebol e que por vezes entra em tensão com a cultura dominante do espectador de futebol. Para a compreensão da participação dos jovens nas claques de futebol é ainda fundamental considerar que estes, ao apoiarem o seu clube predilecto no sentido deste alcançar as vitórias preten-

didadas, pretendem também sentir que dão um importante contributo para as mesmas e reivindicam, por isso, a sua parte no sucesso. Os Ultra gostam sobretudo de sentir que as vitórias também lhes pertencem. Por conseguinte, sob o lema VENCE POR NÓS, eles estão sempre presentes e assumem a sua condição como um modo de vida. ●

Junho de 2004

[INVESTIGAÇÃO APOIADA PELA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA.]

BIBLIOGRAFIA:

- Anon., (1996), "Mais vale só que mal acompanhado.", *Ultrà*, n.º 6, p. 5.
- Anon., (2003), "Claques uniram-se para pedir bilhetes a preços acessíveis.", *O Jogo*, 23 de Agosto de 2003, p. 48.
- Barros, Amândio (2000), *Boavista Futebol Clube. Primeira História*, s.l., Lello Editores.
- Bromberger, Christian (1993), "Os espectadores de futebol não são idiotas culturais.", *Expresso*, 23 de Outubro, pp. 34-35
- Bromberger, Christian (1995), *Le match de Football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris, Editions de la Maison des Sciences de L'Homme.
- Dias, Manuel (1991), *Salgueiros. Renascer aos 80 anos*, Porto, Edições Asa.
- Dias, Manuel (2001), *O Futebol no Porto*, Porto, Campo das Letras.
- Dunning, Eric (1992), "O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações.", in Elias, Norbert, *A busca da excitação*, Lisboa, Difusão Editorial.
- Fernandes, Ana (1998), "Identidade nacional e cidadania europeia." in Cabral, Manuel Vilaverde e Pais, José Machado (coords.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora, pp. 307-357.
- Horton, Paul e Hunt, Chester (1981), *Sociologia*, Rio de Janeiro, McGraw-Hill.
- Lago, Alessandro dal e Biasi, Rocco (1994), "Italian Football Fans. Culture and organization" in Giulianotti, Richard, Bonney, Norman e Hepworth, Mike, *Football, Violence and Social Identity*, London, Routledge.
- Lakatos, Eva Maria (1996), *Sociologia Geral*, 6ª ed., São Paulo, Editora Atlas.
- Magalhães, Álvaro e Dias, Manuel (1995), *F.C. Porto. 100 anos de história 1893-1993*, Porto, Editora Asa.
- Marques, Margarida, Manuel, Fátima e Maia, Paula (1988), *O envolvimento juvenil nas claques de futebol. O caso Juve Leo*, Lisboa, Ministério da Educação – Direcção geral dos Desportos.
- Murphy, Patrick, Williams, John e Dunning, Eric (1994), *O futebol no banco dos réus*, Oeiras, Celta Editora.
- Nuno, M. e Paulo (1995), "O exemplo dado pelas claques.", *Ultrà*, n.º 2, p. 5.
- Pereira, Luís Miguel (2000), *Dicionário do futebol. Manual do adepto*, Lisboa, Booktree.
- Podaliri, Carlo e Balestri, Carlo (1998), "The Ultràs, Racism and Football Culture in Italy", in Brown, Adam, *Fanatics, Power Identity and Fandom in Football*, ed. Brown, London and New York, Routledge.
- Revilla, Tereza Adan (1996), *Ultras e Skinheads: La juventud visible. Imágenes, estilos y conflictos de las subculturas juveniles en España*, Oviedo, Ediciones Nobel.
- Texto, Gabinete de estudos e projectos (1995), *Dicionário Universal da Língua Portuguesa*, Lisboa, Texto Editora.
- Virton, Pol (1979), *Os dinamismos sociais. Iniciação à Sociologia*, Lisboa, Moraes Editores

O adepto: anatomia de uma paixão

ÁLVARO MAGALHÃES

ESCRITOR

- ▷ A IDEIA ACTUALMENTE MUITO REPISADA, até pelos próprios protagonistas e dirigentes, de que o futebol é um espectáculo provém da confusão entre espectador e adepto. O futebol, como a arte, visa despertar em quem assiste uma resposta emocional. Essa resposta é dada pelo adepto e é justamente ela o que o distingue do espectador, que é um ser racional, organizado, e que está indisponível para responder emocionalmente.

“O espectador consome o espectáculo-mercadoria, é um cliente, mas o adepto forma parte da cerimónia, acompanha o acontecimento: é um acólito. Para o espectador, a duração do jogo é uma opção com a qual pode “perder” ou “ganhar” o tempo. O espectador acaba quando acaba o jogo. O adepto, pelo contrário, é uma extensa rede projectando-se antes e depois do encontro. Ele não passa a tarde, precede-a, sucede-a, absorve-a, suporta-a”.⁽¹⁾ De facto, o futebol só é espectáculo para os espectadores, que se situam na zona acessória e irrelevante do acontecimento e, na verdade, são as suas excrescências. Cristina Peri Rossi⁽²⁾ ao descrever uma experiência pessoal de espectadora, definiu com alguma precisão essa categoria inoperante e fantasmática: “Em vez de ser uma adepta apaixonada, alienada, obcecada e que joga, quem sabe o quê com o triunfo ou a derrota de uma equipa, sou uma simples espectadora. Contemplo os jogos como uma exposição de quadros ou um bailado. Não perdi nada no estádio. Nem a cabeça, nem o sexo”.

Aí está. O espectador sai ileso enquanto o adepto é profundamente afectado por tudo o que acontece à sua equipa. Por isso, perde a cabeça (também o sexo, isto é, a sua virilidade adulta) e o resto. Ele assume essa porção de despesa, desperdício e gratuidade que é também consumação. Se apre-

ciássemos o futebol racionalmente, como qualquer outro espectáculo, e apenas nos congratulássemos como pretendem alguns com a sua estética, a maioria dos estádios estariam quase vazios. E de vez em quando alguém teria de patrocinar campanhas de sensibilização da população para que o “espectáculo” não estiolasse ou se extinguísse. Embora também se ofereça ao olhar e viva dependente de algumas das suas outras tendências, o futebol traz inscritos os caracteres que levam consigo a afeição irracional e redimensionam o acontecimento, atribuindo-lhe transcendência.

Assim e por oposição à categoria amorfa do espectador podemos definir o adepto como sendo “aquele que sente”. O espectador vê, ele sente (e, por isso, mal vê). Disse E.J.J. Buytendijk que para compreendermos a popularidade do futebol devemos interrogar-nos sobre o significado do fenómeno a que chamamos “uma sensação”.⁽³⁾ E o adepto dissolve-se no turbilhão dos sentidos, sobretudo em certos jogos de tensão insuportável. Desarmado (sem a defesa da racionalidade) e em estado puro, oscila entre a alegria e a tristeza extremas. Não falta quem pense que o futebol é uma fonte de prazer, e é, mas esquece-se quase sempre que ele é também motivo de desgosto e padecimento, o que obriga o adepto a oscilar permanentemente entre a agonia e o êxtase. Melhor seria dizer que ele é uma fonte inesgotável da mais intensa vida sensorial e afectiva.

Muito justamente acusado de ser um trãnsfuga da construção edificante, o adepto é um caçador de emoções que foge da existência ordinária à procura da intensidade sensitiva, ou seja, da verdadeira vida. E embora ele encontre frequentemente uma realidade sem grandes relâmpagos que se vai amon-

toando naturalmente, continua a ser evidente que para inúmeras pessoas a afeição por um clube de futebol é a sua mais poderosa forma de vida afectiva. “O futebol satisfaz a busca de excitação em sociedades inexcitantes resultantes de um processo civilizacional na direcção de um progressivo controlo emocional”, disse Norbert Elias ⁽⁴⁾, e, de facto, o futebol propicia uma renovação incessante desse alvoroço amoroso. O adepto ama desmedidamente porque todo o amor concede um acréscimo de vida e ao menos a ilusão de que por ele se salva o tempo. Ele oferece-se e entrega-se completamente, radicalmente: “Eu sou do Manchester, do Porto, do Real Madrid”, diz. “Nós por ti damos a vida”, repetem convictamente os cânticos das claques e não raramente isso acontece. Morre-se com arrepiante regularidade nos estádios ou suas imediações, seja através de actos de violência, acidentes ou desordens e confrontos. Porém, muitas vezes também de um excesso de emoção (um excesso de vida). O futebol acrescenta mais vida à vida e é por causa desse excesso de vida e desse excesso de amor que verdadeiramente o adepto morre. Os budistas japoneses dizem que pode experimentar-se a paixão amorosa através do *num*, que concede a paz e tranquilidade do dia a dia e do seu abraço redentor, ou através do *ten*, que permite o acesso à felicidade das emoções fortes e equivale a dez mil anos de vida.

Por sua vez, a intensidade das paixões que o futebol suscita está também na origem da desordem e violência que parece ser inerente ao jogo e é, de resto, uma marca das suas origens. É ela que desperta a imaturidade e a desordem, mais o animal interior do adepto, que aproveita para rugir tenebrosamente. Essa paixão que ruge do interior faz do adepto um ser organizado pelo instinto: agitado, inquieto, por vezes maldito ou infame. “Há uma fonte animal no amor, já que os seus constituintes precedem a sua própria constituição” ⁽⁵⁾ e os adeptos, sobretudo os mais jovens, não se cansam de criar cenários para a expressão dessa natureza instintiva.

Acrescente-se, enfim, que essas paixões têm também a marca da fidelidade e da constância, já que o adepto está incapacitado para mudar de clube depois de ter feito a sua vinculação profunda. Desiludido, pode apenas demitir-se ou afastar-

se temporariamente da sua qualidade de adepto, ou seja, do futebol. Trocar de deuses, é impossível para um adepto. Além disso, o seu afecto não é afectado pela duração. Enquanto os biólogos das paixões nos garantem que a duração do estado de enamoramento tem tempo certo de vida, a afeição futebolística encontra modos de renovar incessantemente o estado nascente e raramente se deteriora ou desgasta, embora naturalmente seja vivida de modos diferentes em diferentes idades.

Muitas vezes também é atribuída ao adepto a classificação de “doente”, tanto e tão veementemente ele exprime a sua “afecção” (tifoso é a sua designação em Itália). “É lá, no estádio, que se exprime a minha parte de imaturidade. Eu olho o relvado. Observo as tribunas. Digo aos meus amigos: “Nós somos cães doentes!” ⁽⁶⁾

O amor sempre foi considerado uma doença na sua forma excessiva e delirante, por vezes fruto de possessão diabólica, sujeito a exorcismo ou, mais prosaicamente, a tratamento médico. Mas o adepto é também “doente” por ver consideravelmente diminuídas as suas capacidades normais, já que essa afeição exacerbada surge associada a um obscurecimento da consciência. Se é certo que o instinto diminui essa consciência, o mesmo acontece com o afecto. Por isso, a visão do adepto, tal como o seu sentido crítico, experimenta um turvação, tal como sucede a todo o ser apaixonado. Ele é lúcido porque experimenta o que essa vertigem tem de vivificante, mas o excesso de imagens e a sua irredutível desordem desencoraja os arranjos da imaginação. Dito de um modo cru: é evidente que o futebol despreza o “neo-cortex”, zona especificamente humana do cérebro, e procede a uma reanimação do “arqueocortex”, relativamente elementar e primitivo, que domina a afectividade.

Assim, durante a vigência da sua segunda natureza, o adepto regressa claramente a um estado “menor”, sensitivo e afectivo, que se opõe claramente à ordem e à razão. Para Jean Giraudoux, “a bola é na vida a metáfora de tudo o que escapa à razão”. ⁽⁷⁾ E, na verdade, o adepto vive alvoroçadamente a sua porção saudável de desrazão. E não será um peso excessivo o modo permanentemente razoável como somos obrigados a viver? Cornelius Castoriadis disse: “O homem é esse →

→ animal louco cuja loucura inventou a razão”. Por sua vez, Edgar Morin questiona: “Ser racional não seria compreender os limites da racionalidade e da parte de mistério do mundo? A racionalidade é um utensílio maravilhoso, mas existem coisas que excedem o espírito humano. A vida é um misto de irracionalidade e de racionalidade. Seria preciso aprender, de algum modo, a jogar de forma lúdica com esta parte irracional das nossas vidas e saber aceitá-la. E depois, o que é uma vida razoável? Viver sãmente, não correr riscos, jamais ultrapassar a dose prescrita, é, verdadeiramente, viver? Não será a vida razoável uma vida demente?”⁽⁸⁾ Além disso, há ainda que ter em conta que somos indivíduos produzidos por processos que nos precederam, os quais são em nós tenebrosas raízes profundas que não podemos erradicar.

Avancemos. Esta desordem amorosa do adepto é também transfiguradora. Ela transforma seres vulgares em seres de fuga. Há quem diga que esse adepto, com a sua imaturidade alvoroçada, parecem crianças que fugiram de casa. É verdade: eles estão temporariamente em fuga da sua condição e experimentam também um acentuado declínio da maturidade que os devolve a um mundo menor, elementar, que se desenvolve longe da complexidade e dos constrangimentos da vida adulta. Aí, são possuídos por uma espécie de inocência primordial que podemos classificar como estado de infância já que é esse o estado mais próximo da sua nova condição, embora, na verdade, eles sejam apenas dotados de uma evidente naturalidade.

Essa possibilidade de infância que efectivamente se cumpre (“o futebol é a minha recuperação semanal da infância”⁽⁹⁾, disse o escritor Javier Marias) e que assegura uma vitória sobre a angústia e a complexidade, é um dos sentidos mais secretos e organizadores da estrutura do adepto. Ele recupera as sensações e os deslumbramentos das primeiras idades, torna-se um ser imaculado, já não corrompido pela usura do mundo. Há um evidente sentido de festa em redor dos jogos, um alarido peculiar feito de uma mescla de músicas arruinadas ou então cânticos rudimentares e inteligíveis que na sua toada repetitiva e primária lembram lenga-lengas infantis, enquanto o rufar sinco-

pado dos tambores das claques fornece ao ambiente o ritmo jâmbico do bater do coração materno no útero. E há guloseimas, chapéus, máscaras, pinturas, cornetas, bandeiras, apitos, e tudo isso concorre para introduzir o sentido regressivo dessa viagem.

Esse mundo elementar e menor que todo o jogo de futebol evoca é habitado de igual modo por jogadores e adeptos. Aqueles beijam-se e abraçam-se calorosamente no decurso dos jogos, sem qualquer espécie de constrangimento, o que não se repete fora desse âmbito, nem mesmo em situações de grande regozijo, como os festejos públicos de um título, por exemplo. A poeta açoriana Ivone Chinita escreveu um poema em que refere essa perplexidade:

*Não há nada que faça acariciar um
homem outro nos cabelos,
nem a morte do filho, a partida para a guerra.
É tão dura, rija e firme a educação
que a ternura nos homens dá sopapos,
pontapés, palmadas fortes nas costas.
Só no futebol, perante milhões,
os homens têm a coragem de afagar-se.*

Por sua vez, entre os adeptos esses contactos são também frequentes e, em momentos de êxtase, podem mesmo ocorrer entre desconhecidos que se sentem irmanados pela mesma crença. Um adepto brasileiro descreveu num jornal a seguinte experiência: “Eu estava sentado nas cadeiras azuis do Maracanã torcendo por um milagre: o meu Botafogo ganhar ao todo poderoso Flamengo... Helinho recebeu a bola e chutou devagar, muito devagar... Foram os piores segundos de minha vida mas... foi golo! 2-1! Olhei para o lado e vi, um pouco distante, os olhos do homem gordo, brilhando, brilhando. Voei sobre as cadeiras que nos separavam e ali, no espaço do corredor, nos abraçamos forte, forte, e pulámos como duas crianças felizes. Foi lindo. Nunca mais o vi... Mas esse abraço me deu forças para continuar lutando por coisas difíceis. Obrigado, gordão. Te adoro”.⁽¹⁰⁾

Para se estabelecer, esse mundo inocente e feliz, liberto

dos mais persistentes constrangimentos da maturidade, recusa de modo veemente as referências sexuais ou genitais, que são sempre consideradas como sendo grosseiramente intrusivas. Numa atmosfera assim não há lugar para a sexualidade ou a genitalidade e toda a malícia é severamente castigada. “No futebol, o sexo esteve sempre implícito ou camuflado. Os calções dos jogadores foram sempre de cores muito discretas; azul, negro ou branco. Só excepcionalmente se vestiram calções laranja, amarelos ou violeta. Contudo, o calção é sempre liso, nunca o contemplam as riscas ou quadrados da camisola como se aquela perda devesse encurtar e levar a genitalidade ao esquecimento. A atenção orienta-se para a camisola de que se fala como símbolo total: defenderam a camisola nacional, suaram a camisola e não suaram os calções e não suaram ou defenderam o calção nacional. O calção subtrai-se como significante do sexo (oculto)”.⁽¹¹⁾

Também os jogadores que tocam nos genitais ou baixam os calções para provocar o público sofrem sempre castigos severos. Num jogo entre Real Madrid-Valladolid, o defesa madrilenho Michel, durante a marcação de um canto, tocou na genitália do adversário Valderrama, que o fitava, estupefacto. A captação deste gesto por uma câmara de televisão deu origem a longa polémica. Gesto destinado a provocar uma reacção desabrida do adversário, efeito de desconcentração temporária, brincadeira, foram algumas das explicações avançadas. O juiz da Federação aplicou ao infractor a pesada multa de 3.500 euros (eis o valor de um gesto que não respeita o tabu) e uma grande reprimenda: “acto atentatório ao decoro e à dignidade desportiva...” A dignidade desportiva era o menos. O pior é sempre a maculação dessa aura de pureza inicial que envolve toda a cerimónia.

O adepto é, portanto, um ser em trânsito de uma realidade a outra. . Ou não fossem os estádios lugares de passagem de um estád(i)o a outro. Isto é, locais de fuga e transfiguração. “O grande erro, o único erro será crer que seguir uma linha de fuga consiste em fugir da vida. Fugir é, pelo contrário, produzir realidade, criar vida, encontrar uma arma”.⁽¹²⁾

NOTAS

- ¹ *El fútbol: mitos, ritos e símbolos*, Vicente Verdu, Alianza Editorial, Madrid, 1980
- ² Cristina Peri Rossi, poeta e novelista uruguaia nascida em 1941
- ³ *El fútbol. Estudio psicológico*. E.J.J. Buytendijk, Ediciones Studium, Madrid-Buenos Aires, 1955
- ⁴ Norbert Elias, citado em *A Paixão do Povo*, João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, Afrontamento, Porto, 2002
- ⁵ *Amor, Poesia, Sabedoria*, Edgar Morin, Instituto Piaget, Lisboa, 1999
- ⁶ Franck Venaille, em *L'Amourfoot – Une Passion planétaire*, Autrement Revue, Paris, 1986
- ⁷ Jean Giraudoux, prefácio a *La Gloire du football*, Editions Aubier-Montagne, Paris, 1933.
- ⁸ *Amor, Poesia, Sabedoria*, Edgar Morin, Instituto Piaget, Lisboa, 1999
- ⁹ *Selvagens e sentimentais – Histórias do futebol*, Javier Marias, Dom Quixote, Lisboa, 2002
- ¹⁰ Paulo Ricardo Vargas Pinto. Rio de Janeiro. JL.
- ¹¹ *El fútbol: mitos, ritos e símbolos*, Vicente Verdu, Alianza Editorial, Madrid, 1980
- ¹² *Dialogues*, Gilles Deleuze y Claire Pernet, Ed. Flammarion, Paris, 1977

Ivo Intelecto Trapinha

JACINTO LUCAS PIRES

ESCRITOR

□ O JOGO DA FINAL, EMPATADO A ZERO, está quase no fim e há um penalti a favor da equipa da casa. As pessoas alegram-se e aplaudem, mas logo recolhem num silêncio de expectativa. Ivo Trapinha, médio-centro e estrela da equipa, é chamado a marcar. Um momento de extrema responsabilidade, mãos suadas, boca seca, nervos de dia d. Na bancada os adeptos dizem coisas como “Deus queira que marque” e “tem de ser golo” e “eu é que não queria estar no lugar dele”. Trapinha avança para a bola, pega nela, dá-lhe uma volta nas mãos e pousa-a no círculo branco pintado na relva. O ritual conhecido. Num instante passam-lhe pela cabeça todas as hipóteses de remate, das mais loucas às mais vulgares, mil e uma variantes.

É muito rápido a pensar, não é à toa que lhe chamam “o cérebro da equipa” ou simplesmente “Intelecto”. Ivo Intelecto Trapinha. De toda a parafernália de remates possíveis, escolhe dois clássicos. Uma bomba ao ângulo superior esquerdo ou um tiro rasteiro, mais subtil, junto ao poste da direita. Está tudo a postos, à espera. O guarda-redes na linha de baliza olha-o com olhos de mau, a ver se o força a falhar por hipnotismo. Atrás das redes, lá longe, um apanha-bolas desfocado rói as unhas. O árbitro vira-se para Ivo e apita. Pronto, é agora, pensa Trapinha. É altura de rematar. Mas ainda não se decidiu entre um remate e outro, com força ou em jeito, para cima ou para baixo, direita ou esquerda.

O coração do médio-centro e estrela da equipa enerva-se com isto. O Intelecto não gosta de se ver assim forçado a decidir sem convicções formadas. Finge, então, ver algo de errado na bola, no modo como está pousada na relva, e pega nela de novo. O público mexe-se nas cadeiras. O guarda-

redes gesticula, chateado. O árbitro adverte-o, diz-lhe que mais uma gracinha daquelas e leva cartão. Trapinha faz que sim com a cabeça e encara outra vez a baliza. Parece muito mais pequena do que é normal. Pensa: estouro alto para a esquerda ou remate inteligente para a direita? Com força ou em jeito, para cima ou para baixo, direita ou esquerda?

Sob pressão, o coração acelerado a velocidades impossíveis, bum-bum-bum-bum-bum, Trapinha corre para a bola e decide “bojardo ali ao cantinho da esquerda”. Por um daqueles erros que só não comete quem não entra em campo, falha o remate. Acerta no esférico assim meio de lado, de pé torcido, todo obnóxiu.

O guarda-redes atira-se para a esquerda, bem esticadinho, em voo brilhante, e a bola, sofrendo reviravolta caprichosa, rodopia para o lado contrário, direita baixa. É golo. Golo! Gooooo! A equipa toda, treinador e massagista incluídos, junta-se a abraçar Trapinha, todos felicíssimos por ele ter concretizado naquele momento tão grave. O estádio inteiro grita e dá vivas e salta nas cadeiras. Cantam “Iiiivo! Inteleeeecto! Trapiiiinha!!!” E há até quem salte para o relvado para tocar no herói, sentir-lhe a presença real, suor e cheiro e tudo. Ivo levanta os braços em sinal de vitória e não regateia sorrisos a ninguém. Mas lá dentro, lá no fundo, não está feliz de verdade. Ele sabe que tudo é só azar ou sorte, sorte ou azar.



Leituras encenadas

Galafura, médio trinco

AUTORIA E ENCENAÇÃO Fernando Moreira

INTERPRETAÇÃO Ângela B. Marques, Alberto Magassela, Fernando Moreira, Fernando Landeira, Luís Araújo, Paulo Freixinho, Pedro Fiúza

PRODUÇÃO Panmixia – Associação Cultural

Leituras de Balneário

ITALIA BRASIL 3 a 2

AUTORIA Davide Enia

INTERPRETAÇÃO José Airosa

DIRECÇÃO Pedro Marques

TRADUÇÃO Alessandra Balsamo

PRODUÇÃO Artistas Unidos / A&M

O SENHOR ARMAND, DITO GARRINCHA

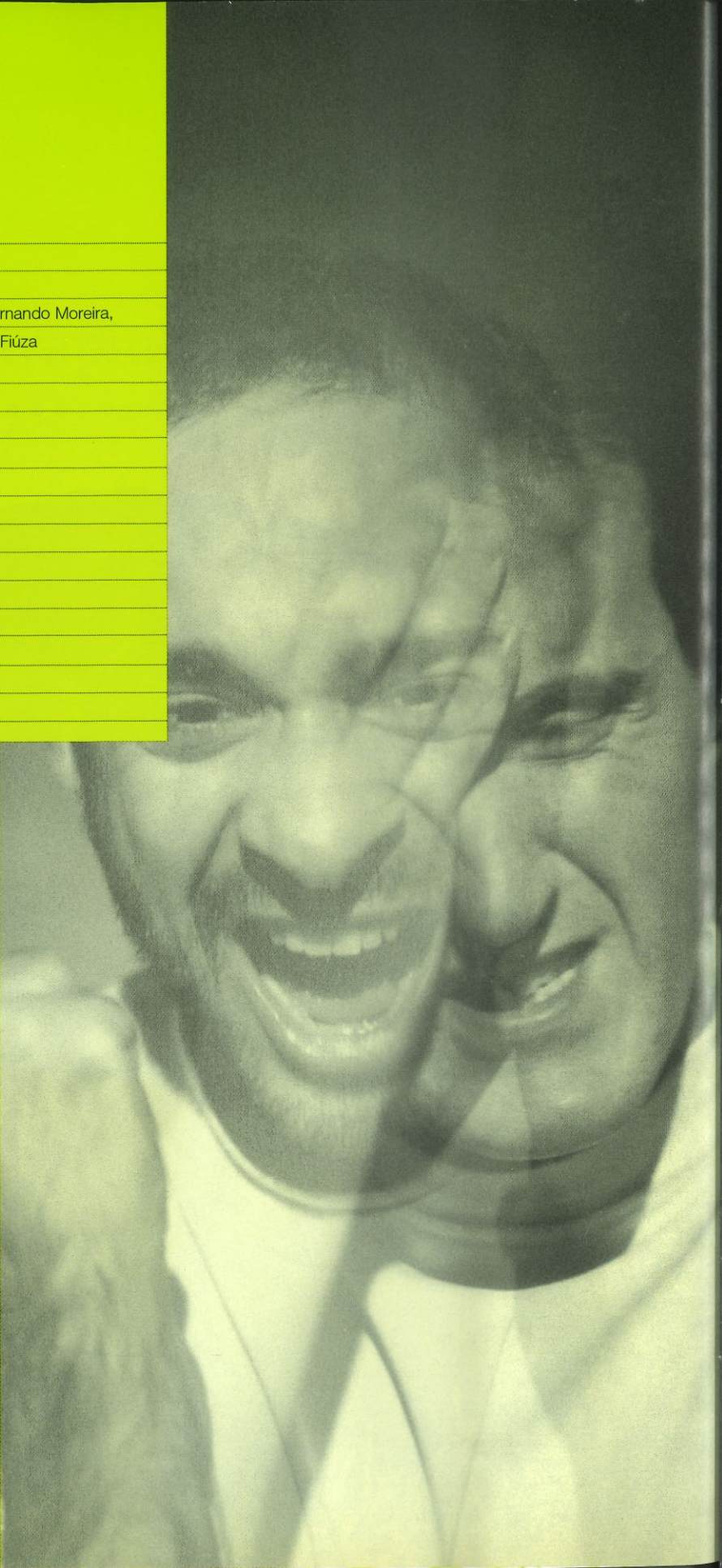
AUTORIA Serge Valetti

INTERPRETAÇÃO Dinarte Branco

DIRECÇÃO Pedro Carraca

TRADUÇÃO Ângela Leite Lopes (versão de Olinda Gil)

PRODUÇÃO Artistas Unidos / Ensaio



A procura da voz autoral

FERNANDO MOREIRA

▷ O PONTAPÉ DE SAÍDA PARA ESCREVER *Galafura* foi dado em 2000. Tinha acabado de fazer a 1ª oficina de dramaturgia organizada pelo Dramat, sob orientação de António Mercado, mestre e amigo que me marcou profundamente. Mercado dizia que o mais complicado para um dramaturgo era encontrar a sua voz autoral e só a partir daí se constrói a obra.

Teve a gentileza de me dizer que achava que eu já a tinha descoberto, mas por via das dúvidas, resolvi continuar à procura.

Em Agosto de 2000, debaixo de um calor tórrido, passeava com o amor em Trás-os-Montes. Chegámos à ermida de São Leonardo de Galafura, local onde Torga, tinha por hábito deslumbrar-se, tal como eu agora, com o Douro saído na rocha, senti que tão devastadora paisagem me dizia algo e queria falar daquilo.

Por essa altura, guardei uma notícia de jornal que me tocou muitíssimo. “O futebolista jugoslavo Ivica Krstic, internacional sub-21 e jogador do Radnicki Nis, clube da I Divisão da Jugoslávia, morreu anteontem ao ser atingido por um raio durante o treino da sua equipa, em Belgrado.”

Esta morte mexeu comigo, como outras no mundo do futebol viriam a mexer.

Lembro-me de ter ido a casa da minha mãe buscar livros e revistas antigas. Descobri na revista “O Chuto”, uma entrevista que o meu pai deu, enquanto dirigente desportivo, que rezava assim: “As pessoas quando gostam do futebol, como é o meu caso, vão mesmo para a frente. Muitas vezes pondo de lado a vida, privando a própria família, só para que a equipa possa contar com o nosso total apoio.” Estas palavras impulsionaram-me.

O meu amigo João Nuno Coelho teve a gentileza de me emprestar, ainda em fotocópias, a sua tese de mestrado, que mais tarde viria a ser editada com o título “Portugal, a equipa de todos nós”. Interiorizava cada vez mais a necessidade de pôr a paixão de um adepto no papel mas para ser teatro.

O primeiro esboço de sinopse saiu dos encontros semanais dramaturgicos que eu, o Pedro, o Jorge e a Ângela costumávamos fazer em 2001.

Comecei a escrever esta peça ainda antes de ser atribuída a Portugal a organização do Euro 2004.

Não tem nada a ver com o Europeu, mas depois de ter visto e lido tanto sobre futebol (coisas boas e muita porcaria) já não gosto de futebol como gostava. ●

Galafura, médio trinco

FERNANDO MOREIRA

Contexto

"(...) E depois, porque foi na Camacha que se jogou pela primeira vez futebol, segunda consta pelo muro erigido naquele local como o nome de todos os pioneiros, a maior parte dos ingleses, (dizem eles, aliados) os homens que deram pela primeira vez um pontapé na bola em Portugal. Além disso é histórico o contributo aliado na construção do Portugal moderno.

"Um pequeno muro, junto ao jardim infantil da Achada da Camacha, na Madeira, tinha uma legenda: "Aqui se praticou futebol pela primeira vez em Portugal". Seguia-lhes o nome dos assumidos pioneiros.

Harry Hilton, o cidadão Inglês que levou o futebol pela primeira vez à Madeira.

Portugal não tratava do corpo do seu povo nos fulgores do sport, (...) naturalmente por nacional comodismo. Mas também por estupidez dos deputados da nação que no último quartel do século XIX impediram a introdução da ginástica nas escolas femininas, por considerá-la imoral e atentória dos bons costumes.

O historiador Oliveira Martins colocara o dedo na ferida ao fazer o contraponto entre Inglaterra e Portugal. Dos ingleses elogiava o espírito moderno do culto do corpo. *"O sport salva-os do embrutecimento, remam, patinam, jogam o cricket, o football, montam, correm, caçam a raposa em casa, o tigre na Índia, o búfalo na América, o elefante no Cabo, a cavalo em avestruzes, à falta dos thorough bred's que galgam sebes, saltam rios, no steeple chase permanente, que é o programa da sua existência. Splendid Fellows!>(...)"*

"Glória e Vida de Três Gigantes", edição comemorativa dos 50 anos de, A Bola

1º FRAGMENTO 1º ACTO CENA II

PADUCHO: Meus senhores, é assim: não podemos ficar eternamente no choradinho. O presidente saiu porque quis. E saiu pelos seus próprios pés.

Para nós ele morreu. O futebol é assim mesmo.

Acabou. As pessoas passam, o futebol fica. Por isso, Teixeira, não vale a pena estarmos agora aqui a analisar, a dissecar as razões do abandono. Neste momento, temos é de pegar no barco e levá-lo para a frente. Tu só tens de treinar a equipa o melhor que sabes e podes.

E não há nada mais importante.

Estamos entendidos?

E agora a tua situação Mateus: disseste que querias jogar no estrangeiro.

Tudo bem. Arranjei-te um clube grego. Agora dizes-me que afinal preferes jogar no continente.

Tens que te decidir, pá!

MATEUS: Senhor Paducho, o que eu queria mesmo era jogar em Espanha, onde já tive oportunidade de mostrar o meu valor.

PADUCHO: O que achas disto, Germano?

GERMANO: Já sabes o que penso e ele também sabe. Pelo tipo de futebol que

prática, acho que seria bom que aprendesse a falar melhor castelhano.

PADUCHO: Vai fazer as malas, Mateus.

O Atlético de Madrid está à tua espera. E tu, Galafura, esta noite dormiste bem?

GALAFURA: Só consegue dormir bem quem não tem pesadelos.

PADUCHO: Porque é que reages sempre com esse mau feitio?

GALAFURA: É o preço da insularidade! Nós, madeirenses, vivemos em cima do vulcão.

TEIXEIRA: Ouve, Galafura, não te deixes levar por esse orgulho mesquinho e olha para mim como o empresário que veio do continente para salvar o clube.

Não procures justificações para tudo.

A única coisa de que podes estar certo, é que se hoje pensas que estás bem, amanhã podes estar mal.

GALAFURA: Assim é, de facto, mas se isso acontecer vai sobrar para mais alguém.

TEIXEIRA: Tens razões para levar tudo tão a peito?

GALAFURA: Se calhar tenho. Mas não pense que é por recusar-me a jogar a trinco ou por não querer o número seis, que estou a mostrar aquilo que realmente sinto.

O rancor que tenho cá dentro não tem medida. Ter ao peito este emblema ou outro qualquer, passou a ser igual.

PADUCHO: É legítimo que levantes as tuas suspeições Galafura, mas atrás de uma suspeição vem outra e assim nunca mais acabam as malditas suspeições no futebol português.

2º FRAGMENTO 3º ACTO CENA I

GALAFURA: Susana, na sala da direcção. Princesa, se fosses tu que mandasses prometia-te o céu e a terra, mais a taça intercontinental.

SUSANA: Tenho aqui este saco para te entregar. São as prendas que me deste. Devolvo-tas. Toma.

GALAFURA: Não, não! Não me podes devolver, eu nunca te dei nada.

SUSANA: Sabes bem o que me deste e com que objectivo. Como acho que já não existe nada entre nós, também não quero ficar com nada. Toma lá.

GALAFURA: Olha, que engraçada!

SUSANA: O quê?

GALAFURA: A piada que tu tens!

SUSANA: O que é que queres?

GALAFURA: Uma rapariga gira, simpática, sensível e além disso honesta. É obra! Nunca gostei de ti.

SUSANA: Fizeste-me acreditar o contrário.

GALAFURA: Não tivesses acreditado.

Nunca te amei.

SUSANA: És um estúpido! És o que tu és!

GALAFURA: Volta pró continente!

Gostava de te poder dizer: não acredites em nada do que te dizem, não acredites em mim – o problema é que existo, e como existo, compreendo o quanto sou invejoso, orgulhoso, vingativo, sou um verdadeiro filho da puta, sem tempo para pôr em prática todas as maldades que queria. Queres saber porque é que jogo aqui? Porque aqui não me sinto só. Somos todos hipócritas. Sentes-te sozinha?

SUSANA: Claro que sim!

GALAFURA: Dou-te, de bom grado, o número de apoio à vítima. O da linha da amizade é que vais ter de procurar na lista. Tchau!

SUSANA: Não estás bom da cabeça!

GALAFURA: Se ficares cá, fica com este voto: oxalá encontres chulo que te arranje lupanar. Se não arranjares proxeneta à altura, trabalha por conta própria, lá no monte. Bye, bye, baby!

Lá, terás sérios candidatos a casar e a foder.

SUSANA: Cala-te!

GALAFURA: Conheço bem os teus engodos. Tu andas sempre com os dedos molhados, os joelhos vermelhos cheios de crostas sem tempo para cicatrizar, essa boca aberta, arreganhada, que vive na estúpida indecisão: ou cuspo ou engulo. Chega, não participo mais neste concurso! Não quero ser milionário! Não passo a palavra! Estou farto! Digo-te que aqui não há espaço. Nem aqui, nem em lado nenhum. Volta pró continente, vá.



Leituras de balneário

JORGE SILVA MELO

Duas peças de teatro escritas por actores. Actores que são autores. Um siciliano, outro marselhês. Autores das terras pobres do mediterrâneo. Onde o futebol é um sonho, uma epopeia, uma gesta. E sobre ambos os textos, a sombra trágica de Garrincha, a alegria do povo. Teatro de actores, escrito por actores, produzido por actores em novas produtoras em que actores encontram o seu modo de viver. É também para isso que os Artistas Unidos servem: para apoiar novas produtoras em que artistas decidem pegar o touro pelos cornos e sabem rematar.

ITALIA BRASIL 3 A 2 DE DAVIDE ENIA

Uma telecrónica "epi-cómica" e pessoalíssima do desafio da Seleção Italiana no Mundial de 1982. Uma evocação delirante das personagens e factos, feita de acordo com a tradição do "conto" tradicional siciliano. Este tradicionalmente narrava um acontecimento importante, um acto heróico que assim era transmitido às gerações futuras. Na tradição do espectáculo italiano, o "cuntu" vem da "canção de gesta" francesa, e celebra em dialecto, a epopeia católica dos paladinos carolíngios contra os mouros. Paolo Rossi, Zoff, Conti, Pelé,

Falcão, não ficam atrás de Rolando ou Rinaldo, a sua "gesta" pertence à memória colectiva. E eles merecem um seu Olimpo menor, mítico e moderno.

Neste texto juntam-se tiques e estereótipos do bizarro ritual que regularmente se organiza em volta do acontecimento mediático: figurinhas dos jogadores usadas como santinhos e rodeadas de velinhas, amuletos, sinais da cruz... Enia ainda arranja tempo para digressões "sérias" como a triste história de "Garrincha", que morreu na miséria e esquecido de todos, ou do guarda-redes Tusevich assassinado no campo da *gioco* pelos nazis durante a segunda guerra mundial. "Itália Brasil 3 a 2" é um espectáculo de cabaré:

"E no nonagésimo minuto Eder prepara-se para dar o pontapé de canto pela equipa do Brasil. O jogador brasileiro ajeita a bola, depois desloca os painéis publicitários para ter mais espaço para correr e atirar com mais força, corre e chuta a bola com a parte exterior do pé esquerdo, a bola traça uma parábola a reentrar. Junto à marca da grande penalidade cria-se uma multidão, uma montanha de carne humana que salta contemporaneamente, e Dino Zoff, o guarda-redes da selecção italiana, nota desapontado que quem salta

mais alto de todos é o defensor do Brasil chamado Oscar, e é precisamente ele quem cabeceia a bola, e essa cabeçada brasileira é uma pedrada violenta, um tiro poderoso e seco que vai em direcção à trave longe. Lá onde ele, Dino Zoff, 40 anos de idade, não pode chegar nem à lei da bala. A bola voa para o golo, trocista e segura, e Zoff olha à sua volta, atónito e impotente. Na confusão geral cruza com o olhar de Paolo Rossi. É uma troca de olhares breve mas muito intensa.

"Dinozinho – vira-se Pablito – eu já meti três golos, o que é que fazemos? Não há tempo para fazer outro! O que é que fazes? Atiras-te e apanhas-me essa bola ou vais continuar a passear?". Mas Zoff, o quarentão, sente em cima de si todo o peso da velhice do seu corpo de guarda-redes, a artrite, a ciática e o reumático. Em todo o caso fecha os olhos, concentra-se e pensa: "Porra! O gajo tem razão!". E então atira-se felino para a bola que está quase a entrar na baliza. Aperta com força os dentes, e já não parece uma pessoa normal, mas um louco com um único objectivo na vida – apanhar a filha da mãe da bola, levantar-se e dizer ao mundo inteiro: "Filhos, nada feito: desta vez ganhamos nós!".

**O SENHOR ARMAND,
DITO GARRINCHA
DE SERGE VALETTI**

Esta é a história do senhor Armand, membro do Junior Olímpico de Marseille que, para não afrontar Garrincha, e sob pretexto de não querer arriscar a carreira do campeão, convence os promotores do desafio a anular o jogo.

Não se lembram do Garrincha? A estrela do Botafogo. O índio de Pau Grande? O terror de todos os guarda-redes? O maior avançado de centro de sempre? Um dia o actor Eric Elmosnino descobriu um artigo sobre Garrincha. Um parágrafo suscitou o seu interesse: mencionava-se aí uma camioneta na qual Garrincha tentou que um seu amigo o levasse ainda uma vez para jogar à bola, agora que estava moribundo. Jogar à bola uma vez só. Dar uns pontapés nessa bola que toda a vida lhe acompanhara a trajectória trágica.

Roído pelo álcool, o cigarro e os acidentes da vida, Garrincha morreria daí a poucas horas. Eric Elmosino leu este artigo e sonhou. Falou ao seu amigo Patrick Pineau de fazerem um espectáculo. Pediram a Serge Valletti que escrevesse um monólogo. E esta é uma peça sobre o tempo, esse vândalo, que destrói as almas e quebra as pernas dos artistas abençoados pelos Deuses. E aqui começa a história do senhor Armand. Um Francês. Também jogou futebol. Chamavam-lhe "Garrincha". Fala, conta, sonha.



Elza Soares

Concerto

27.04.2004, 21.30 horas (Grande Auditório)

voz Elza Soares

TECLADOS Reginaldo Francisco

BATERIA Eduardo Constant

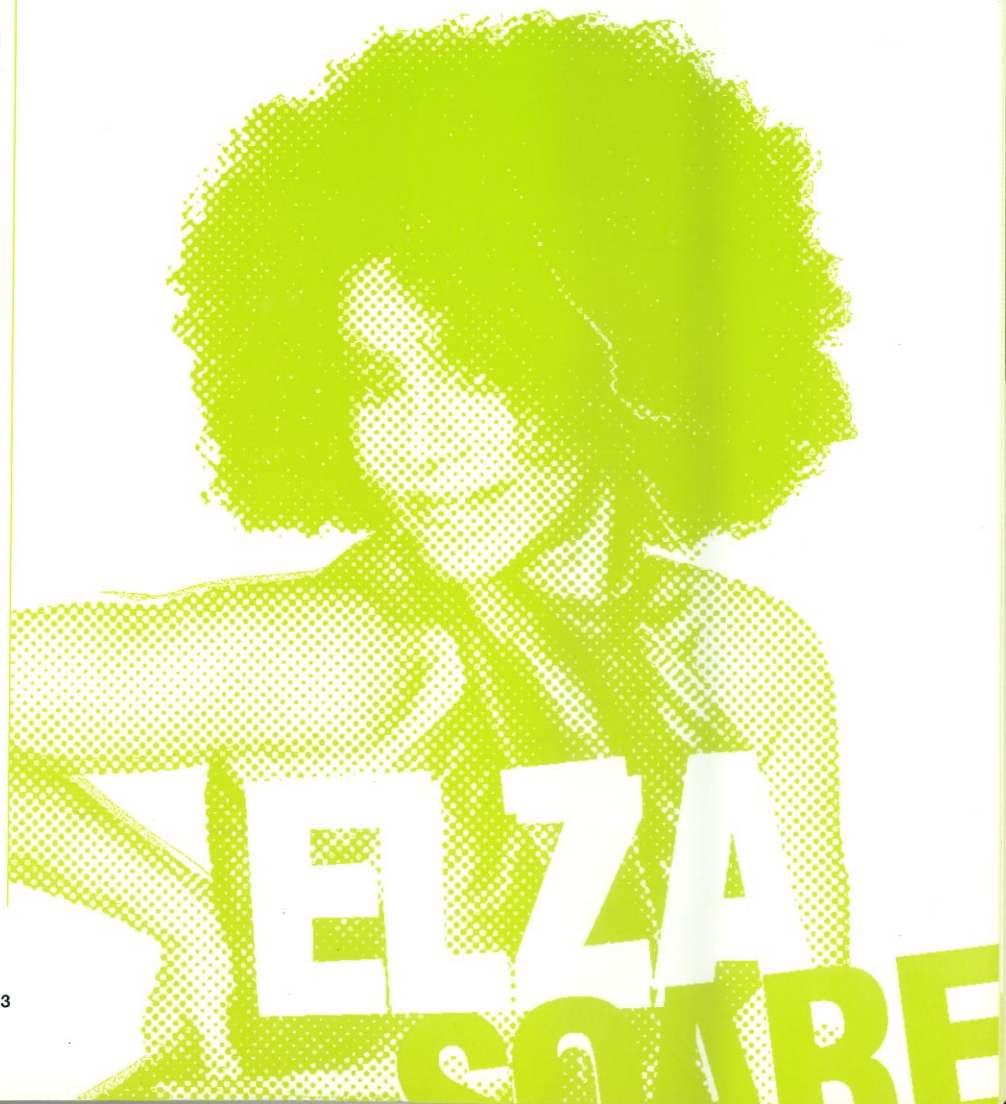
GUITARRA Francisco Chagas

PERCUSSÃO Givaldo Santos

BAIXO Pedro Gomes



Elza Soares é mais do que apenas uma cantora brasileira famosa; ela é um verdadeiro ícone do samba, uma voz que ultrapassou o tempo ao sabor de uma carreira tão longa como sempre nova, versada também no jazz, bossa nova e até rock. O timbre invulgar, rouco, rasgado, de grande extensão e tom quente, tem-lhe garantido, mesmo ao fim de décadas nos mais diversos palcos, a atenção, o carinho, o sucesso de fãs que a seguem, como num sucessivo cortejo festivo; trajectória que num determinado momento se juntou a Garrincha, famoso futebolista com quem Elza foi casada. Pretexto para o concerto inserido no ciclo Pontapé de Saída, que trouxe pela primeira vez ao Porto esta intérprete singular, que foi considerada, em 2000, como “a cantora do milénio”.



Fute.LOMO

Exposição de fotografia

Rivoli Teatro Municipal / Foyer

Artes em Partes

Fnac

ORGANIZAÇÃO Embaixada Lomográfica do Porto; Culturporto;

Artes em Partes; Lomographic Society International

RIVOLI Miguel Sales Lopes, Pedro Tudela, Renata Sancho, Rui Pinheiro e

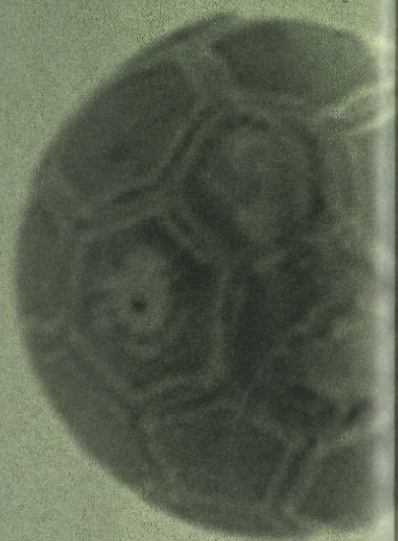
Paulo Catrica

FNAC Rui Pinheiro, Cesário Alves, Edgar Pera, Jaime Garcia, Paulo Catrica,

Miguel Sales Lopes, Olga Roriz, Pedro tudela, António Ferreira

ARTES EM PARTES todos, excepto Jaime Garcia, Miguel Sales Lopes e

António Ferreira



Um projecto de futebol e lomografia em partes

▷ A EMBAIXADA LOMOGRÁFICA DO PORTO convidou um conjunto de criadores ligados à imagem a desenvolver propostas fotográficas nas quais explorassem uma ideia tendo como ponto de partida o tema futebol. As imagens deveriam ser efectuadas através de máquinas fotográficas Lomo, marca de referência associada a um conceito *low budget* e original de fazer fotografia.

Os convidados manifestaram de uma forma decidida a sua vontade de participar no projecto, quer pela curiosidade de experimentar estas máquinas à volta das quais existe um enorme culto, quer pelo desafio de explorar um tema em relação ao qual a maioria dos artistas não se sentia identificado.

O projecto foi desenvolvido ao longo do mês de Março por Paulo Catrica (Arquitecto), António Ferreira (Cineasta), Edgar Pêra (Cineasta), Isabel Monteiro (Artista Plástica), Olga Roriz (Coreógrafa), Jaime Garcia (Arquitecto), André Cepeda (Fotógrafo), Renata Sancho (Cineasta), Catarina Crespo (Fotógrafo), Pedro Tudela (Artista Multidisciplinar), Miguel Sales Lopes (Fotógrafo), Rui Pinheiro (Fotógrafo), João Carrilho (Cineasta), Cláudia Tomaz (Cineasta), Luís Pedro (Fotógrafo), e Cesário Alves (Fotógrafo).

Por se tratarem de criadores de áreas distintas como a Dança, o Cinema, a Pintura ou a Fotografia, realizaram talvez por isso, um conjunto de trabalhos com alguns pontos de encontro e bastante diversidade. Ironia, memória, subtilidade, ou o fascínio pelo objecto comum a qualquer jogo de futebol, a bola, são alguns dos aspectos que podemos encontrar nos trabalhos realizados.

Este é o segundo grande projecto desenvolvido pela Embaixada Lomográfica do Porto, depois de em 2003 ter

realizado em parceria com o festival de Curtas Metragens de Vila do Conde o projecto Supersampler no qual participaram alguns cineastas de todo o mundo.

O projecto FUTE.LOMO, coordenado por Nuno Rodrigues e Dario Oliveira, surgiu do envolvimento com o programa **Pontapé de saída** e contou com o apoio da Culturporto/Rivoli Teatro Municipal, FNAC e dos espaços envolvidos no Edifício Artes em Partes. ●

Uma noite em Novembro

DE Marie Jones,

PELO Assédio – Associação de Ideias Obscuras

Estreia portuguesa: Rivoli Teatro Municipal

TRADUÇÃO Graça Margarido

DIRECÇÃO João Pedro Vaz

FIGURINOS Bernardo Monteiro

DESENHO DE LUZ Nuno Meira

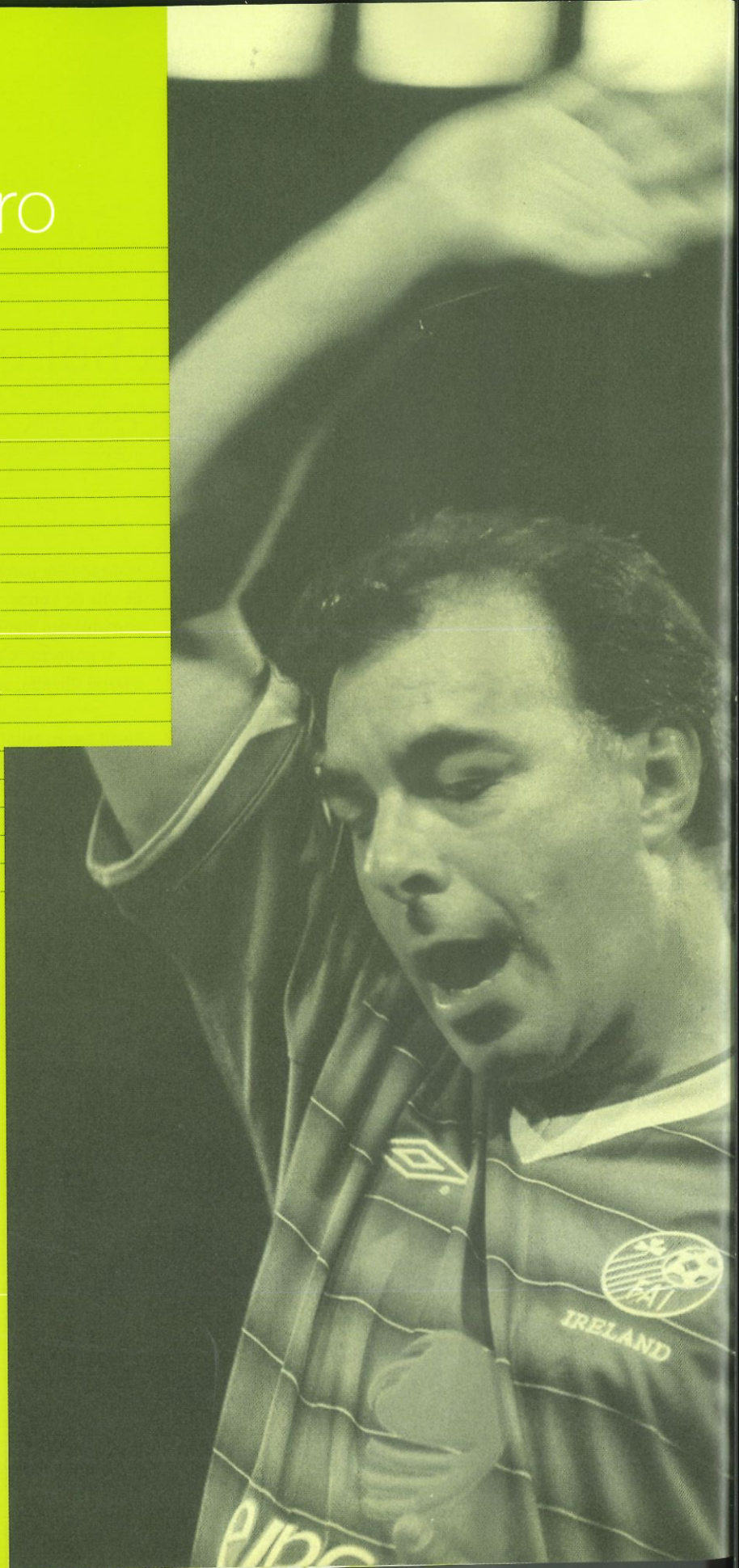
ASSISTÊNCIA DE ILUMINAÇÃO Luís Ternos

INTERPRETAÇÃO João Cardoso

FOTOGRAFIA DE CENA Ana Pereira

IMAGEM GRÁFICA (CARTAZ E PROGRAMA) Fuselog

PRODUÇÃO EXECUTIVA Alice Prata



Uma noite em Novembro

PAULO EDUARDO CARVALHO

INVESTIGADOR

▫ “UMA NOITE EM NOVEMBRO” – estreado a 8 de Agosto de 1994, em Belfast, numa produção da Dubblejoint Productions – é mais uma curiosa recuperação das possibilidades abertas pela forma monologada. Numa surpreendente combinação de humor e gravidade e através de uma virtuossística alternância de monólogos interiores e exteriores, a peça leva-nos de visita ao mundo masculino do futebol, às lealdades tribais, às crenças sectárias e aos preconceitos de classe da sociedade protestante da Irlanda do Norte.

Kenneth McCallister é um funcionário público protestante, de classe média, casado com uma mulher com ambições sociais, e com um sogro violentamente sectário e filhos irritantes. Quando assiste, em Belfast, a um jogo de qualificação para o Campeonato do Mundo de Futebol, no qual a República da Irlanda vence a Irlanda do Norte, assegurando a sua presença no campeonato a realizar nos Estados Unidos, Kenneth sente-se revoltado com a reacção violenta dos adeptos protestantes e com o seu próprio medo, que o leva a entoar canções sectárias, de modo a proteger-se daquela violência. Em reacção a este episódio, acabará por deslocar-se até Nova Iorque para apoiar a equipa da República da Irlanda.

Uma noite em Novembro é uma espécie de fábula que nos oferece um mundo de fantasia, no qual a completa transformação pessoal surge como modelo para a regeneração do tecido social, atingido por uma aparentemente insanável fractura identitária. Se é curioso o modo como a dramaturga explora a questão da identidade através do futebol, não menos positivo é o esforço de representação de uma faceta da cultura irlandesa poucas vezes retratada tanto no palco como no ecrã. Será possível denunciar, na

peça, uma visão excessivamente sentimental do nacionalismo, traduzida na representação romântica da identidade irlandesa e na representação negativa da identidade do protestante do Ulster, e concretizada em personagens que não escapam ao estereótipo (veja-se o contraste entre os protestantes ordeiros, convencionais, sem imaginação, e os católicos divertidos e despreocupados). O próprio final impõe-se mais como uma projecção imaginativa, justificada pela “fábula”, do que uma possibilidade dramaturgicamente motivada e convincentemente realista. Mas não se poderá deixar de reconhecer o extraordinário engenho da escrita de Marie Jones, capaz de uma rara rapidez de caracterização e de um imparável ritmo discursivo, proporcionando um jogo teatralmente estimulante e interpelador. ●



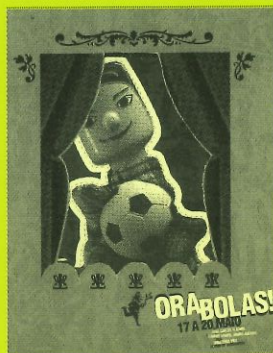
Ora bolas

Teatro de marionetas

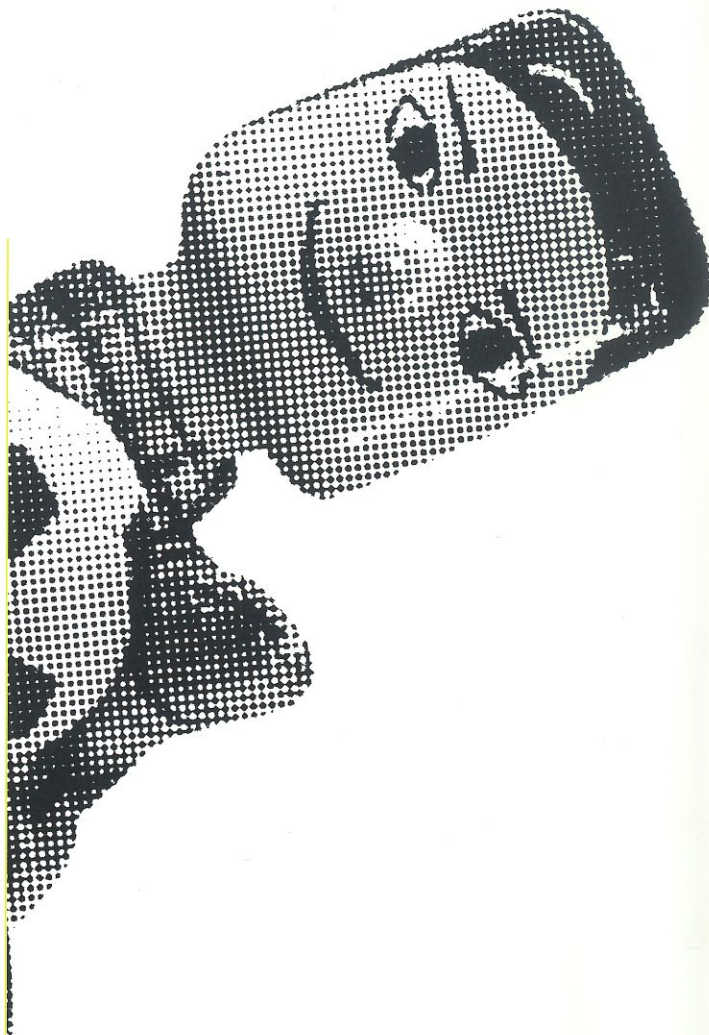
Estreia absoluta

DE José Carlos Alegria e Carlos Miguel Meira Alegria

PELO Era uma Vez, teatro de marionetas



O Malabarista do Casaco Amarelo apresenta o seu extraordinário número com bolas. Henrique, um roberto (boneco) atrevido pede-lhe uma das bolas emprestada e inventa um jogo interessantíssimo, um jogo cuja finalidade consiste em introduzir a dita bola numa caixa de rede. O jogo torna-se cada vez mais divertido agora que o Guarda da Caixa de Rede Teodoro também quer jogar e que um Senhor Vestido de Preto Com Um Apito lhes diz o que se pode e não se pode fazer. Tanta diversão depara-se com um problema, é que o Malabarista do Casaco Amarelo continua a ser o dono da bola...



Matrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr

Instalação

Estreia absoluta: 20.05.2004

CONCEPÇÃO Paula Azguime

MÚSICA Miguel Azguime

REALIZAÇÃO VÍDEO Perseu Mandillo

www.misoensemble.com



→ O trabalho de criação desenvolvido por Paula Azguime e por mim próprio no seio do Miso Ensemble, tem afirmado características muito próprias ao longo de quase 20 anos permitindo questionar a cada nova criação o próprio processo criativo. Ano após ano as nossas propostas têm-se sucedido num experimentalismo sempre renovado que desta vez procurou equacionar as relações entre som e imagem mas deixando a cada uma das áreas um máximo de autonomia e de liberdade.

Para a realização desta proposta sinestésica, e pela primeira vez, decidimos a Paula e eu, trabalhar num contexto criativo com um talentoso jovem, Perseu Mandillo. As particularidades de um processo criativo conjunto (desta vez a três) foram totalmente adequadas à criação que nos propúnhamos realizar e foi, dadas as ligações afectivas que nos unem, um processo muito complexo mas ao mesmo tempo muito rico e privilegiado e com toda a certeza muito promissor.

O discurso musical e o discurso videográfico desenvolveram-se de forma autónoma a partir dos reduzidos materiais de origem que em conjunto registámos no início do projecto, e tanto num caso como noutro essas foram as únicas fontes utilizadas para todo o processo criativo, seja composição de música seja realização de vídeo, num processo fundamentalmente abstracto que seguiu as necessidades de coerência próprias a cada um dos discursos.

Apenas na fase final de produção se sobrepueram as duas propostas (musical e videográfica) que então foram sujeitas a uma mesma organização temporal e por conseguinte formal, tendo-se criado “janelas de opinião” para comentar o futebol e a realização do Euro 2004 em Portugal.

Estas “janelas de opinião”, interrupções propositadamente abruptas do discurso videográfico foram obtidas a partir de um pedido via SMS de opiniões sobre o contexto e as condições de realização do Euro 2004 em Portugal e de entre as muitas respostas obtidas, seleccionámos aleatoriamente aquelas que partilhavam das nossas próprias opiniões e a sua ordem de aparecimento no interior da própria peça foi obtida de maneira igualmente aleatória de forma a reproduzir algo

de similar com o que se passa com os SMS que passam em rodapé nos programas de televisão nacionais.

Esta foi pois uma proposta de intervenção política directa no seio de um objecto artístico que por si só tem características profundamente abstractas.

Interessa ainda referir a narrativa subjacente que orientou o desenvolvimento formal da peça, e que condicionou o próprio discurso: a partir da apresentação do jogo dos matraquilhos e das suas sonoridades mais características, extrapolou-se em direcção a uma fixação do objecto “bola” e do seu objectivo primordial o “golo”, mas que aqui se transforma numa sirene anunciadora de um bombardeamento que conduz por sua vez a um cenário de destruição, ao qual todavia se segue, como uma coda, o canto de renascimento do fénix.

Este trabalho foi pensado para ser apresentado como uma instalação multimédia, com uma mesa de matraquilhos como centro de gravidade de um espaço delimitado acusticamente por 4 altifalantes e dominado pela tela de projecção com o vídeo.

Este espaço físico foi o “foyer” do pequeno auditório do Rivoli e nesta sala a mesa de matraquilhos ocupou pois uma posição central (estando o visitante autorizado a jogar enquanto a peça decorre), o que o coloca evidentemente nessa posição central donde pode então fruir da melhor forma tanto da parte vídeo como da parte musical que está distribuída pelos 4 altifalantes acima referidos, permitindo-lhe apreender todos os movimentos espaciais da música e a deslocação sonora de uma bola virtual, como se o próprio visitante estivesse dentro da mesa de matraquilhos.

E é a partir desta posição espacial central, antropocêntrica, que se realiza a função simbólica fundamental desta instalação, que pretende a partir de um simples jogo de matraquilhos amplificar essa mesma realidade transformando-a primeiro num jogo de futebol dentro dum campo de grandes dimensões, e a partir do futebol extrapolar ainda para a totalidade do contexto social deste mesmo jogo e para o seu sobredimensionamento em todos os aspectos, tal como

Colóquios

Conferência

(20.05.2004, 21h30)

Apenas um jogo por António Mega Ferreira

Ciclo de colóquios

O jogo (21.05.2004, 21h30)

com Carlos Tê, Fernando Matos de Oliveira, Isabel Alves Costa, Nuno Cardoso

TV e Media (22.05.2004, 11h00)

com Carlos Mendes, Eduardo Cintra Torres, Fernando Correia e Leonor Moreira

O corpo (22.05.2004, 15h00)

com Bragança de Miranda, Marta Wengorovius e Paulo Cunha e Silva

As artes do espectáculo (22.05.2004, 21h30)

com Axel Hesse, Christian Bomberger, Jean-Philippe Vassal, José Duarte e Mário Jorge Torres

Identidades (23.05.2004, 15h00)

com João Nuno Coelho, Les Back e Nina Clara Tiesler



CONFERÊNCIA

Apenas um jogo

ANTÓNIO MEGA FERREIRA

ESCRITOR

▷ COMEÇO COM UM HISTÓRIA REAL, que isto de falar de futebol não consente grandes invenções: em 1988, o meu clube de sempre, o Benfica, jogou a final da então chamada Taça dos Clubes Campeões Europeus. Era um regresso às finais europeias, depois da frustração que fora, cinco anos antes, a derrota com o Anderlecht na final da taça UEFA. Era, sobretudo, um acerto de contas com a história, porque, depois da década de ouro dos anos sessenta (cinco finais europeias em dez anos), nunca mais o Benfica chegara a uma final da Taça que conquistara duas vezes seguidas.

Vivi esses dias anteriores à grande final com um misto de ansiedade e de esperança. Como todos os bons amantes de futebol, em vésperas de um grande jogo, é como se o tempo parasse: tudo fica suspenso à nossa volta, tudo está preso do resultado daquele jogo decisivo. É uma espécie de sonolência que nos faz doer o corpo e respirar com dificuldade. Tive palpitações, acordei de noite com um sonho mau, o primeiro pensamento que me veio, mal rompeu a luz do dia, foi “é hoje, é hoje”. Imaginam o estado de excitação em que me encontrava quando, por volta das sete da tarde, me sentei em frente do televisor da sala.

Foi um jogo de empatas, esse de 1988. O PSV, que era então uma das grandes potências futebolísticas europeias, entrou em campo apavorado com o prestígio do Benfica; o Benfica não soube ler (como hoje se diz) a tremedeira do adversário. Andaram para ali a jogar para o prolongamento e, depois, o treinador do Benfica, cujo nome prefiro esquecer, mandou a equipa jogar para os *penalties*, coisa que não lembra ao Diabo.

É aqui que entra a minha história: porque, no momento exacto em que se ia começar a jogar a segunda série de

penalties (a primeira terminara empatada cinco a cinco), a minha mulher de então, por distração ou má-fé, veio colocar-se entre mim e o monitor da televisão, exactamente a meio, interceptando totalmente o meu ângulo de visão, com uma conversa qualquer sobre um convite para irmos passar fora o fim-de-semana, convite que – calcule-se! – ela exigia que fosse respondido naquele preciso momento. Eu acho que há nisto menos maldade do que ciúme, ciúme puro e simples, por qualquer coisa que, para mim, naquele momento, era mais importante do que tudo o que existisse no mundo. E mais, muito mais importante, do que ela. Foi isso que ela percebeu; foi isso que lhe ditou aquela intrusão verdadeiramente terrorista.

Soltei-me a custo desta agressão doméstica, a tempo, infelizmente, de ver o Veloso, que fora o melhor jogador em campo, falhar o *penalty* que deu ao PSV o título europeu. Não chegou a haver tempestade conjugal, porque fiquei arrasado com a injustiça do resultado; mas separei-me algum tempo depois.

Tenho contado esta história vezes sem conta. A razão por que ela me parece inesquecível e exemplar é simples; nela vejo os dois extremos que a paixão pelo futebol consegue atear. Em primeiro lugar, a concentração absoluta, irracional, excessiva, naquilo que se está a passar no campo de jogo. O mundo, enquanto dura um jogo de futebol, é uma espécie de lá-fora friorento, uma coisa que nos fica distante, porque não se rege pelas regras do *off-side* e do atraso ao guarda-redes. Quero com isto dizer que um jogo de futebol cria, no apaixonado, uma tal concentração, uma tal mobilização de esforços, que é como se toda a realidade coubesse →

→ naquele rectângulo mágico e tudo o resto fosse apenas uma espécie de penumbra vaga em que se afundam as coisas, todas elas sem importância nenhuma perante a importância transcendente de um jogo de futebol.

Mas, visto de fora, o fenómeno é absolutamente incompreensível. Quem não gosta de futebol não compreende o que se passa na cabeça de um fã. Como o mundo é tudo o que está fora do rectângulo, é como se o jogo fosse apenas uma anedota triste e incompreensível, perante a qual nem a inteligência, nem os nervos, nem a emoção de quem não gosta de futebol se conseguem animar. O nosso mundo está hoje claramente dividido entre estes dois campos – com a particularidade de que por ele não passam, exactamente, as divisões sociais tradicionais: ricos e pobres, homens e mulheres. E, com a mundialização do futebol, em larga medida ditada pela transformação do jogo em espectáculo televisivo, os dramas domésticos como o que quase esteve para redundar em tragédia naquele fim de tarde de 1988, multiplicam-se pelo mundo fora.

Voltemos um momento à minha história: admitamos que em mim havia, ainda que em potência, tendência para os comportamentos violentos, para a confrontação física, para a alteração verbal. O que foi um incidente tristemente inescusável podia ter-se transformado numa cena de violência doméstica, porventura de consequências irreparáveis. Não atribuíamos ao futebol uma essência maléfica que ele não tem: exactamente porque em mim essas tendências não existem (ou, se existem, dormitam naquele estado de vigília que define o homem civilizado), não se passou nada de grave. O sociólogo alemão Norbert Elias, pioneiro, nos anos

cinquenta, dos estudos da sociologia do desporto, fala de “descontrolo controlado das emoções” e descreve qualquer prática desportiva colectiva como “uma batalha controlada num cenário imaginário”. A ideia de controlo é crucial no pensamento do autor de *Desporto e Civilização*, livro que, na edição original inglesa, se chamava, muito sugestivamente, *A Procura da Excitação*: para ele, o máximo prazer que o jogo proporciona só pode existir se, no espírito do praticante como no do espectador, houver uma sábia dosagem de emoção e de contenção. É isso, esse equilíbrio, que pode tornar o desporto um factor de civilização, um complemento pacificador das tensões rotineiras da vida social.

Há que reconhecer que o futebol, porque se joga nos limites da razão, isto é, já dentro dos territórios onde a emoção é que comanda, pode fazer desencadear mecanismos violentos. Mas não culpemos o jogo pelo que é propriamente humano: a fronteira entre o que a razão nos dita e os comportamentos irracionais é muito ténue em nós. Às vezes, basta uma simples palavra dita pelo nosso companheiro de bancada para que se desencadeie uma tempestade de emoções, onde o insulto, a provocação, a atitude autoritária vêm à boca como se sempre tivessem estado alojados no nosso coração. Mas são pulsões humanas que nada têm a ver com o jogo. Norbert Elias vai mais longe: “*Que se passa quando a sociedade não é capaz de assegurar um controle suficiente de todas as fracções da população, de forma a conter a excitação? Que se passa quando a tensão na sociedade é de tal forma elevada que os controles individuais da violência se tornam ineficazes, e que essa tensão provoca, de facto, um movimento de des-civilização e incita uma parte da população a achar a violência agradável?*”

As perguntas de Elias ganham súbita pertinência à luz da recente vaga de violência dentro e fora dos estádios de futebol portugueses. As razões dessa violência devem encontrar-se predominantemente na organização do jogo? Ou, pelo contrário, é necessário voltarmos-nos para o que se está a passar à nossa volta, para compreendermos as verdadeiras causas desta espécie de barril de pólvora em que parece estarmos sentados? Se a temporada que agora terminou foi particularmente fértil em incidentes e confrontos entre adeptos, não será porque há um mal-estar social que torna incontrolláveis os escapes emocionais, na sua essência pacíficos, que o futebol normalmente proporciona?

É possível assistir a centenas de jogos de futebol, como comigo aconteceu, sem nunca se ver envolvido numa batalha campal, numa cena violenta, numa confrontação verbal. Só me lembro de, um dia, há já muitos anos, me ter incompatibilizado com um companheiro de bancada: foi aos cinco minutos de jogo, quando ele começou a assobiar a sua (minha) equipa. Mandei-o calar em tom exaltado: foi remédio santo. Não abriu mais a boca até ao fim do jogo.

É claro que há quem defenda que se deve assistir a um jogo de futebol com a mesma compostura com que se vai a um cinema ou a um espectáculo de teatro. Eu acho isto difícil, até porque nem sempre historicamente foi assim: no século XVIII, por exemplo, ia-se ao teatro como se vai hoje ao futebol, em grupo barulhento, com claques organizadas a favor ou contra o actor principal, com lanche aprontado e esquemas de intrigas políticas e vinganças pessoais para apurar, enquanto os actores, coitados, se esfalfavam para se fazer ouvir. Dentro do teatro, havia uma algazarra permanente, tudo estava em movimento, ouvia-se a voz de todos e não se percebia o discurso de nenhum. Ainda hoje, na China, os espectáculos da ópera de Pequim são uma espécie de reminiscência destes tempos de glória: os espectadores tiram fotografias, incitam os cantores, apupam os que não lhes caem no goto, entram e saem do seu lugar com o maior à-vontade, sustentam animadas conversas em voz alta com os amigos que estão sentados duas filas à frente.

O futebol é, nos nossos tempos, o herdeiro destas práticas sociais de convívio, em que a excitação provocada pelo efeito de multidão, o sentimento de partilha de gostos e inclinações, o desejo de vibrar colectivamente com as peripécias do espectáculo é mais forte que a compostura burguesa que o século XIX impôs aos frequentadores dos teatros. O futebol é a grande catarse de massas nas sociedades democráticas; alguns acham que isso é pernicioso, porque distrai as pessoas das coisas sérias da vida, a família, a educação dos filhos, a política, a cultura. Eu acho que, pelo contrário, o futebol permitiu-nos canalizar, por substituição, energias que, durante séculos e séculos, foram quase exclusivamente dirigidas para a guerra. Apesar de tudo, a Europa vive o mais longo período de paz da sua história: alguma coisa o futebol tem a ver com isso.

Mas, além disso, que gozo pode dar assistir em silêncio e completamente imóvel a um jogo de futebol? Se até a ver o Bochum com o Wolfsburg na televisão eu dou por mim a atirar pontapés no ar, para marcar o golo que o ponta-de-lança acabou de falhar... O futebol não tem em si mesmo razão suficiente: sabe-se bem qual é o objectivo, que é muito simplesmente marcar mais golos do que o adversário. Uma vez dentro do estádio, o futebol é para ser vivido com ruído, agitação, gestos largos, protestos e incitamentos, gritos de desespero e manifestações de júbilo. A verdade é que grande parte da emoção do espectáculo está na presença da multidão, naquela espécie de agitação ritmada que percorre as bancadas de um estádio, naquela floresta de gestos e de cores, que acompanham o rugido com que as massas saúdam os seus ídolos.

Porém, à medida que as nossas sociedades vão estando mais organizadas (e, portanto, mais exigentes), os problemas levantados por esta dinâmica imparável do futebol tornam-se mais complexos. Tragédias como a do Estádio de Heysel, em Bruxelas, em 1985, são hoje impensáveis, porque as condições de segurança e conforto dos estádios, de controlo de circulação e acessos, de vigilância policial, mudaram radicalmente. Hoje em dia, é completamente impossível verificar-se →

→ a histórica enchente de 1923, quando a final da Taça de Inglaterra teve que ser interrompida porque uma boa parte dos 250.000 espectadores (ouviram bem, 250.000!) transbordou para o relvado.

Aliás, este facto histórico prova bem que não foi nos últimos anos que o futebol se tornou um desporto de massas socialmente tão absorvente. Um dos maiores mistérios da perturbante paixão desatada pelo futebol reside mesmo no facto de muito cedo, poucos anos depois de se ter generalizado a sua prática, ele já ser o maior espectáculo desportivo do nosso planeta. O futebol, jogo absurdo em si mesmo, porque a bola é jogada da maneira mais difícil – com os pés, a cabeça e o resto do corpo, mas não com as mãos, que seria o mais natural – foi o rastilho que ateou a democratização do desporto e atraiu as atenções da indústria e dos agentes económicos, antes e mais profundamente do que qualquer outro jogo de destreza. O que tornou o futebol uma presença tão avassaladora no nosso quotidiano não foi uma qualquer perversão original do jogo, mas a sua apropriação pelos *media*; e aquilo a que estamos a assistir crescentemente é apenas a um dos aspectos da mediatização do espaço público, pelo que, para nos entendermos sobre o fenómeno, convém mais ler os filósofos da pós-modernidade do que confiar no sociologismo vulgar, que nos fala do futebol como uma fonte de alienação das massas. Na sociedade mediatizada, e no rigor dos termos, tudo é alienação, como já antecipava Herbert Marcuse, na sua crítica visionária da determinação do indivíduo nas sociedades industriais avançadas. Entre o indivíduo e a realidade, dizia Marcuse, existirá cada vez mais uma espécie de afastamento ou separação: o sujeito alienado do mundo será uma espécie de robot sem alma ao serviço dos impulsos e estímulos exteriores centralizados. Ainda não chegámos, felizmente, a esse extremo; e o primeiro passo para evitarmos essa integração e virtualização forçada da existência social é a consciência crítica dos mecanismos que a tornam teoricamente possível em relação à realidade do mundo. Não é o futebol que é intrinsecamente mau; é a sua mediatização que tem efeitos perversos.

Por isso, nas nossas sociedades, nunca mais haverá 250.000 pessoas que acorram a um estádio, quanto mais não seja porque os temas da segurança (outro aspecto da mediatização do espaço público) se tornaram quase mais importantes do que a qualidade da competição e do próprio jogo, e porque a televisão substituiu, para muitos, a experiência de confrontação directa com a realidade material e concreta (digamos, tridimensional) proporcionada por qualquer evento de massas. Nos estádios de hoje, aliás, já se pintam as cadeiras de diversas cores, para fingir que as bancadas estão cheias, mesmo quando só lá estão meia dúzia de gatos pingados. A encenação televisiva, no entanto, é muito reveladora. Por esta preocupação de fingir um estádio cheio se percebe que o sucesso do espectáculo depende em muito dos espectadores.

O desafio, hoje, está em equilibrar as exigências de conforto e segurança com a preservação da atmosfera festiva, não poucas vezes eufórica, que rodeia um campo de futebol. Em certos países, já se jogaram jogos de alto risco à porta fechada. Mas isto é uma negação completa do jogo, que precisa tanto dos espectadores como dos jogadores, tanto de segurança como de competição, tanto de conforto como de excitação.

Porque a verdade é esta: sem jogadores, não há futebol que se veja; mas sem espectadores no estádio, o futebol não merece ser visto. Há, no futebol, um fundo religioso, de comunhão e partilha, de investimento físico e de dispêndio emocional, que é o que lhe empresta o fulgor dos grandes rituais colectivos através dos quais as sociedades se confirmam e exorcizam o seu *mal-de-vivre*. É o retorno da noção de *dissipação* teorizada por Georges Bataille (*La notion de dépense*) e é possível que o futebol cumpra hoje a função de *part maudite*, um dispêndio improdutivo de energias, uma espécie de combustão de quimeras e de exercício de projecção virtual de expectativas, que é o que assegura o equilíbrio das sociedades na sua vertente produtiva e reprodutiva. O futebol, que é, de acordo com a classificação de Roger Caillois, no seu livro *Les Jeux et les hommes, âgon*, isto é, jogo com regras estritas e complexas, que exige a

qualificação, o esforço, a prática aplicada, torna-se, para o espectador, simplesmente *alea*, jogo de sorte e azar, aleatório, como se deduz da palavra grega: “é ele que dá ao jogador feliz muito mais do que uma vida de trabalho, de disciplina e de fadiga lhe podem dar”. É isto, sobretudo isto, que encontramos, nós, os espectadores, no futebol: somos jogadores por fora, reduzidos, pela nossa impotência de não-praticantes, à posição do praticante dos chamados jogos de azar. O que se passa no relvado é, na nossa vida, uma lotaria, em que apenas podemos participar com os nossos incitamentos ou a expressão do nosso desagrado. Mas o prazer que nos dá a vitória da nossa equipa não tem comparação com o que resulta do nosso esforço quotidiano de participação na economia social e cultural.

Na segunda-feira passada, pela primeira vez em muitos anos, sem ser por obrigação profissional, acordei às sete e meia da manhã, saí à rua para comprar os jornais desportivos, tomei o pequeno almoço ao balcão de um café que nunca frequentei, entre eufóricas discussões futebolísticas, e realizei, durante o dia, um conjunto de tarefas importantes para o meu futuro imediato. Resolvi pequenos problemas que trazia arrastados há muito tempo, lembrei-me que devia dinheiro ao meu dentista, mas também que já tinha pago 600 euros por conta do IRS, concluí um artigo para um livro sobre Lisboa, escolhi fotografias para o ilustrar, comecei a escrever esta exposição, li um texto muito interessante sobre um antigo culto que ainda se pratica no Montijo, dei informações telefónicas circunstanciadas a um casal meu amigo que estava em Roma, respondi a um inquérito do *JL*, coligi e enviei para Barcelona informações que me tinham

sido solicitadas pelo Fórum 2004, telefonei a amigos com quem já não falava há muito tempo, acabei de reler um livro de Jorge de Sena e jantei opiparamente com o meu maior amigo, numa atmosfera de bom humor e alegria. Há muito tempo que não vivia um dia tão produtivo e feliz. A razão é simples: na véspera à noite, o meu clube tinha acabado de ganhar a sua primeira competição nacional, após um jejum de oito anos.

É por estas e por outras que a minha previsão é que o futebol tenderá a ocupar um lugar cada vez maior na nossa vida colectiva.

E, no entanto, o futebol é apenas um jogo. Ora, “qualquer jogo é um sistema de regras”, como diz Roger Caillois, na introdução ao seu livro já citado. Essas regras, como as que regem o comportamento social, não são estáticas nem eternas: adaptam-se, plasticamente, às novas realidades sociais, tentam responder a novas necessidades ou aspirações sentidas ou manifestadas pelos seus praticantes e pelos espectadores. Tenho dúvidas de que o futebol tenha acompanhado essa evolução; e é por isso que a discussão sobre as leis que regem o futebol é um dos mais apaixonantes temas que hão-de marcar o futuro do jogo no século XXI. O futebol é o mais rígido dos jogos de campo, no que respeita à sua legislação e aplicação das regras. A sua evolução, desde as origens, foi muito reduzida, e, das alterações mais recentes, a única verdadeiramente significativa consistiu na proibição do guarda-redes agarrar com as mãos uma bola atrasada por um jogador da sua equipa. No resto, e apesar dos erros, falibilidades, dúvidas e incertezas, ninguém tocou a sério nas leis do *off-side*, ninguém encarou de frente a questão da falta cometida fora da área →

→ sobre o jogador que segue isolado: na minha opinião, já agora, o respectivo livre directo devia ser marcado no local onde a falta foi cometida, sem a formação de barreira. Porque não podemos continuar a culpar os árbitros sem nos perguntarmos se fizemos alguma coisa para os ajudarmos: por exemplo, a introdução dos dois árbitros de campo ou a verificação de imagens por um segundo árbitro com acesso à repetição vídeo, como já acontece no *rugby*.

A verdade é que, tendo o futebol uma vertente democrática acentuada, o seu sistema de poder é ainda largamente oligárquico. E não apenas, como é visível e evidente, na ordem interna. A única inovação que o International Board autorizou, a título experimental, durante o último Mundial de 2002, revelou-se francamente desastrosa: a repetição de jogadas no écran gigante dos estádios é uma catástrofe para a equipa de arbitragem, até porque, como se viu, alimenta os protestos dos jogadores, segundos após uma decisão controversa. O que é que pode ter movido os escrivães da puridade do futebol internacional, senão a criação de um simulacro de transparência, pelo qual, expondo ainda mais a equipa de arbitragem, pretenderam lavar as mãos da grande conjura que foi a protecção escandalosa de uma das selecções anfitriãs, a da Coreia do Sul?

Por tudo isto, o futebol é hoje, de todos os desportos, aquele em que a probabilidade de um encontro se completar sem que o objectivo do jogo – o golo – seja atingido uma única vez é maior. Já repararam no número impressionante de desafios que terminam empatados zero a zero? Esta anomalia é impossível nos jogos de rede nos quais, se não há ponto, não há jogo. E raríssima, para não dizer impossível,

no basquetebol ou no andebol. Mesmo o hóquei em patins, que se joga com uma baliza pequenina, raras vezes termina empatado sem golos.

Mas, nesta matéria, não há certezas: até pode ser que esta raridade relativa do golo seja o segredo que transformou o futebol no mais apaixonante de todos os desportos. É quase uma aplicação da teoria económica do valor: por ser raro, o golo é um bem precioso, uma explosão de energia e de emoções obrigatoriamente contidas pela sua ausência, durante a maior parte do tempo em que se joga uma partida de futebol. Ao longo de noventa minutos, toda a gente tem os olhos postos na baliza, cujas redes, supostamente, devem prolongar o efeito do remate certo. Porém, vistas as coisas assim, o futebol é quase um exercício frustrante, porque é, sobretudo, um jogo de ameaças, uma partida jogada à beira do quase. Nos dias que correm, ganhar por um a zero é uma proeza, mesmo que seja contra um adversário obviamente menos qualificado.

É claro que não é só isso: apesar de ter regras, o futebol tem-nas relativamente simplificadas. Qualquer criança o joga, em qualquer sítio onde seja possível plantar duas pedras que fazem as vezes de postes. Basta uma bola, um arremedo de esfera mágica, um pontapé ao acaso. Às vezes, com acasos desses constroem-se belas vitórias. E por muitos golos, porque nas partidas improvisadas da infância quase não há regras e não existe o *off-side*. É por ser simples e directo, de regras claras (embora de aplicação não poucas vezes obscura), e prática acessível, na rua, no pátio da escola, no jardim das traseiras, que o futebol se converteu numa paixão universal. E, como tal, gerou uma espécie de

“ciência popular”, como ainda recentemente lhe ouvi chamar, numa conferência do director técnico do Clube Atlético Paranaense, do Brasil, António Carlos Gomes. É uma “ciência” feita de intuições e emoção, mitos e crenças, de *bluff* e demagogia, de superstições e amuletos, de “esquemas” postos ao serviço dos interesses políticos e económicos: é fácil, é barato – e dá milhões.

O dirigente vindo do Paraná contou os esforços que vêm sendo feitos para trazer aquilo a que se chamou a “ciência académica” ao mundo do futebol. A resistência dos “cientistas populares” à intrusão das ciências (a biologia, a biomecânica, a sociologia, a psicologia) é enorme; a paciência dos “científicos” tem de ser de chinês. António Carlos Gomes, doutorado em Antropologia e Ciências do Treino, tem vindo a aplicar os métodos e disciplinas científicas à organização do “seu” Atlético Paranaense: em 2001, a equipa sagrou-se campeã do Brasil.

Há poucas semanas ainda, lendo um perfil do conceituado treinador português José Mourinho no jornal inglês *The Independent*, deparei com um sintoma dessa resistência: ali se dizia que Mourinho, convencido de que nunca seria um jogador de excepção (e ele só aceitava ser o melhor), deixou de ser praticante para se dedicar ao estudo do jogo. Ora, a palavra “estudo” aparece grafada entre comas, o que quer dizer que não se lhe atribui seriedade suficiente. Que em Inglaterra, nos dias de hoje, ainda se ache que o futebol de alta competição é coisa que dispensa o estudo, o planeamento e a gestão cientificamente fundamentada não deixa de pasmar. Mas também é verdade que o melhor futebol que hoje se pratica em Inglaterra é da lavra de treinadores franceses e de jogadores continentais. A ver vamos se não será também por causa de um treinador português...

Apesar disto, desta “cientificação” do futebol a que o jogo está destinado, por força da sua industrialização como espectáculo, talvez nada esteja mais perto da sua origem estritamente lúdica que esses confrontos jogados num terreno irregular, à beira de uma estrada, por jogadores de ocasião, nem sequer formalmente equipados, apenas entregues, para seu gozo exclusivo, ao prazer de ganhar e ao so-

frimento de perder. Porque há, no prazer que o futebol proporciona, uma parte gratificante de sofrimento, uma forma em negativo de viver a excitação do momento, a circunstância absolutamente excepcional que o jogo representa, em relação à normalidade da vida.

Em 1938, o historiador Johann Huizinga deu, dos jogos de competição, uma belíssima definição: “o jogo é uma acção livre, sentida como fictícia e situada fora da vida corrente, capaz, no entanto, de absorver totalmente o jogador; uma acção despida de qualquer interesse material e de utilidade; uma acção que se desenrola num tempo e num espaço expressamente circunscritos, de acordo com regras pré-estabelecidas, e que suscita, na vida social, relações de grupo deliberadamente envoltas num certo mistério ou acentuando, pelo disfarce, a sua estranheza em relação ao mundo habitual” (*Homo Ludens*).

Como não reconhecer, neste acumular muito racionalista de características, o retrato do jogo que nos ocupa hoje? Dir-se-á que, no futebol actual, se se mantém a sua inutilidade social originária, o mesmo já não acontece em relação ao interesse material. Mas isso seria confundir a natureza do jogo com a sua inscrição na organização social de mercado. De facto, quando se ganha um jogo, apenas se ganha a satisfação da vitória. Porque é a vitória – e, em princípio, apenas ela – que justifica uma qualquer compensação material dada aos jogadores. Joga-se para ganhar uma coroa de louros; e por isso sempre me pareceu tão despropositada aquela frase infeliz do barão Pierre de Coubertin: “o importante não é vencer, mas sim competir”. Jogar um jogo de futebol sem ter como objectivo a vitória é tão absurdo como jogar um jogo de azar a feijões. É da natureza dos jogos de azar que se atinja uma compensação material directa; é da essência dos jogos de competição que se procure o triunfo – mesmo que seja um objectivo que acaba por se revelar inatingível.

O jogo descrito por Huizinga é propriamente humano. O que nos distingue do gato que brinca com o novelo de lã ou do cão que persegue desesperado uma bola é o termos estabelecido, para o instinto lúdico que todos os animais possuem, uma disciplina e um objectivo. “Gato que brinca na rua/ como →

→ se fosse na cama/ invejo a sorte que é tua/ porque nem sorte se chama”, escreve Fernando Pessoa. O nosso direito de chamar sorte ao destino é que nos leva a simular um confronto cujo único sentido é produzir uma emoção e desencadear o prazer. Apenas um jogo, portanto. E, no entanto...

Uma última história: no Verão de 1919, o escritor russo Vladimir Nabokov chegou a Inglaterra. Vinha com a família – “um bando de Nabokovs”, diz ele – e, depois de uma passagem pelo Crimeia e pela Grécia, a fugir à Revolução, contavam estabelecer-se em Londres, enquanto durasse o dinheiro que poderiam obter com as sumptuosas jóias que a mãe arrebanhara, num repente, no dia em que deixaram Sampeetersburgo. Vladimir tinha vinte anos. Foi estudar para Cambridge, que devia ser o único sítio capaz de acolher meia dúzia de russos brancos fugidos a Lenine.

A história dos três anos que passou em Cambridge coincide com a dos seus “esforços para ser um escritor russo”. A política, primeiro, e a literatura, depois, ocuparam o melhor do seu tempo: detestava Lenine e os bolcheviques, tanto quanto adorava a prosa de Gógol e a poesia de Púchkin. Mas Vladimir dedicava-se a outras coisas: à entomologia, à prestidigitação e ao desporto. Vladimir jogava ténis e futebol. Ouçamos a sua voz inconfundível:

“Jogar a guarda-redes apaixonava-me. Na Rússia e nos países latinos é arte nobre, e nimhada, sempre, de um prestígio com singular sedução. Pelo papel à parte, singular e impassível, que desempenha, um guarda-redes de primeira é perseguido na rua por miúdos em êxtase. Como objectivo de encantada adulação, torna-se rival do toureiro ou do às da aviação. A camisola, o boné de pala, as joelheiras, as luvas que lhe saem dos bolsos dos calções, distinguem-no do resto da equipa. É águia solitária, o homem do mistério, o derradeiro defensor. Os fotógrafos flectem os joelhos, numa reverência, e surpreendem-no em voo espectacular ao longo da baliza para imprimir, com a ponta dos dedos, uma mudança de rumo ao remate baixo e fascinante; e o estádio dá um rugido de aprovação enquanto ele permanece esticado um momento, no sítio onde caiu, sem ter deixado que o adversário fizesse golo”.

Isto escreve o autor russo no seu volume autobiográfico *Na Outra Margem da Memória*.

Descrito assim, um dos principais protagonistas do futebol transforma-se numa espécie de herói homérico, referência incontornável do jogo e ápice dramático de toda a acção. Pela ponta dos seus dedos passa o poder mágico de desviar o destino, pelas suas mãos (as únicas autorizadas a tocar na bola) é investido de um privilégio sagrado, o de infringir a regra fatal do jogo dos mortais. Na sua pequena área rectangular é intocável; nada nem ninguém o podem perturbar; tem mais poder que qualquer dos outros jogadores; mas é o primeiro réu quando as coisas não correm como deve ser. Ele existe para contrariar o objectivo primeiro do jogo; é um paradoxo vivo, um infiltrado na casa do golo, um revolucionário de luvas de borracha, um desmancha prazeres; é um eleito dos deuses, que o protegem com a elasticidade dos movimentos e a beleza alada do seu bailado. E quando, em desespero de causa, nos momentos finais de um jogo decisivo, desce até à área adversária, é porque cede à nostalgia pelo jogo colectivo, do qual está arredado por definição. “Uma águia solitária”, chama-lhe Nabokov.

Pode ser que o futebol seja apenas um jogo. Mas quando é visto assim, torna-se um exercício grave e dramático, investido de cargas simbólicas que fazem dele um dos mais apaixonantes rituais a que o homem moderno se pode entregar. É, pelo período absorvente de uma hora e meia, um intervalo no discurso da vida, um absoluto *em-si*: para os praticantes, espectadores e adeptos, naquele espaço, e durante aquele tempo, o futebol torna-se a coisa mais séria do mundo. ●

O JOGO

Jogos florais

CARLOS TÊ

ESCRITOR

- ▷ **COMEÇO PELA EVOCAÇÃO DUM LUGAR-COMUM:** a vida é um jogo. O luxo dos lugares-comuns é oferecerem uma verdade tão condensada que o uso vai tornando abstracção, tal como o teor dos jogos florais. Nunca soube o que estava verdadeiramente em causa nos chamados jogos florais. Concurso do vestido de chita? Arranjos de flores? Croché? Culinária? A natureza inteira?

Durante muito tempo joguei à bola na rua, nos recreios, nos baldios. Nesses momentos, o tempo suspendia-se, o fluxo regular da vida estancava-se e dava lugar a um turbilhão dinâmico de músculos tensos e pensamentos instintivos. O jogo fornecia a avaliação permanente das possibilidades, das limitações. Cada partida era uma escalada dos degraus do crescimento e do auto-conhecimento, um diálogo de sombras no labirinto da identidade, um desejo cumprido, todos os dias renovado e saciado. Cada pontapé certo fazendo a bola passar por entre duas pedras a servir de baliza era um êxtase de afirmação, uma libertação das tibiezas do menino ainda há pouco iniciado na aventura de viver. Cada finta era a evocação dum ídolo plasmado na caderneta de cromos adquirida no quiosque. Cada golo de cabeça representava o triunfo do corpo inteligente sobre a soturna gravidade. Ah!

O tempo de salto, esse mistério absoluto que, tal como os rudimentos de certas artes, não se aprende nem se ensina, apenas se tem ou não tem! Um golo de cabeça, felina perfeição, misto de cálculo matemático de paralisação no espaço e projectil de arqueiro no olho da besta mítica.

O jogo era um aviso lúdico, um ensaio propedêutico para futuras competições, elo remanescente do caçador jogan-

do a sua sobrevivência atrás da presa. E a recompensa era o distante e distinto sorriso de alguém, uma secreta amada, a mãe, o pai, a avó, ou ficar apenas sentado no chão, extenuado, secando o suor na camisa, admirando a còdea de poeira solidificada na pele, com os demónios hormonais do corpo apaziguados.

Penso que até num simples jogo de sueca os jogadores piscam o olho à sua origem mais remota. O jogo é a leitura permanente do fluxo da natureza, a contagem dos ases, dos valetes, a acumulação dos pontos. Cada tacada do bilharista é um exercício geométrico, o esquadriñar empírico de cada centímetro de tabela. Cada passo de Naomi Campbell na *passerelle* é um ínfimo movimento do xadrez erótico que a cultura ocidental joga com o seu próprio olhar. Cada cântico das claques britânicas numa final de Wembley é uma reminiscência tribal de ferocidade gótica, um respiro do guerreiro dormente em cada um, que nunca desaparecerá, e que, ciclicamente, se manifesta para nos dizer que, ao primeiro afrouxamento da sociedade e da cultura, está disposto a acordar para se agrupar em hordas primordiais prontas a abraçar as peripécias da guerra, o estupro, o saque, a violência étnica, o caos.

Juguemos pois, porque o vício do jogo nos põe em frente àquele que somos de verdade. ●

Em torno do jogo: racionalidade, presença e mediatização

FERNANDO MATOS OLIVEIRA

INVESTIGADOR

1. JOGO

É SABIDO QUE O FUTEBOL é um grande gerador de comentário e de análise. Trata-se de um apelo compreensível, até por estarmos perante o jogo com maior expressão nas sociedades contemporâneas. Nos tempos que correm, a afluência da conversa vem fazendo do estádio o maior divã da nação lusitana. Uma brevíssima visita ao catálogo de uma grande biblioteca seria suficiente para registarmos a associação deste jogo a uma miríade de territórios, generosamente divididos entre as ciências sociais, as ciências exactas e as ciências ocultas. Por razões pragmáticas, gostaria de me centrar nalguns efeitos que o processo de racionalização e de mediatização teve no futebol, terminando com umas quantas interrogações relativamente à situação actual. Estarão em pauta as relações por vezes aporéticas entre elementos pré-culturais e pós-culturais no futebol, tomando-o como exemplo do ímpeto transformador que certos factos da contemporaneidade podem ter sobre os jogos em geral. Se o futebol moderno enfatiza a transição do ludismo mais genuíno para a comercialização mediatizada do lazer, participa também num processo geral de “produção de presença”, entendida esta como um evento físico e sensorial que tende a configurar um domínio não-hermenêutico da experiência (cf. Gumbrecht, 2004). Uma jogada extraordinária, por exemplo, é algo que se nos impõe aos sentidos como totalidade, como coisa imediata e omnipresente, nas margens da razão.

O futebol é, como sabemos, um jogo colectivo, territorial, de contacto físico moderado e com duração limitada. É ainda duplamente dominado pelo espírito competitivo (agôn) e pela persistência da sorte (alea). A síntese mais engenhosa da articulação entre o elemento temporal e ocasional foi em tempos

formulada por João Pinto, o venerando capitão do F.C. Porto. A expressão “Prognósticos, só no fim!” tornou-se entretanto um clássico. O tempo limitado e absoluto do jogo, na sua configuração mais genuína, distingue-o da temporalidade aberta do histórico e, no seu devir autêntico, adquire uma *durée* muito própria. O tempo branco do jogo emancipa o sujeito dos afazeres quotidianos, representando, por isso, um acto inteiro de liberdade, à margem das obrigações vitais. Ao suspender o quotidiano, o jogo cancela a referencialidade familiar e disponibiliza o jogador para a participação, logo, para uma *presença* inteira, durante a qual o tempo nos surge como uma totalidade acabada. Sendo auto-suficiente, gratuito e improdutivo, nos momentos autênticos, o jogo é contíguo à fruição desinteressada do estético. Em Huizinga, por exemplo, a ordem superior do jogo pode inclusive “aspirar” à categoria do belo:

“As expressões que podemos usar para designar os elementos do jogo pertencem em grande parte à esfera do estético e também servem para traduzirmos as impressões de beleza: tensão, equilíbrio, oscilação, alternância, contraste, variação, ligação e desfecho, solução. O jogo compromete e liberta. Ele absorve. Ele cativa, dito de outro modo, ele seduz.” (Huizinga, 1988:30)

2. ORIGENS

O arbítrio da cultura, sendo responsável pela restrição instintiva do jogo, foi contudo a instância que marcou decisivamente a posteridade lúdico-desportiva do futebol moderno. Neste âmbito poderíamos parafrasear uma conhecida afirmação de Almeida Garrett: tal como o conhecemos, o futebol também não prospera onde não há civilização. O desporto é

aliás uma criança de tenra idade. Enquanto forma institucionalizada do jogo, nasceu com a Revolução Industrial e com o Estado-nação. A generalização do desporto como *habitus* cultural ficou a dever-se a transformações sociais patrocinadas pela industrialização. Um pouco antes de ser o berço da indústria, já pelos idos do séc. XVIII, deu-se o caso de a Inglaterra possuir uma estruturação do poder que terá facilitado o aparecimento e a consolidação de passatempos com as características do desporto moderno. Como mostrou Norbert Elias, ao defender o jogo da caça à raposa como o antecedente filogenético do futebol, estas actividades praticadas pelas classes altas terão surgido com a pacificação progressiva da vida social e com o fim dos ciclos de violência desregrada (cf. Elias, 1992). Livre-associação, pacificação, ligação permanente da cidade ao campo, autonomia económica; tudo se conjugou para que as confrontações físicas de tipo não-violento pudessem sublimar a agressividade natural e compensar a repressão libidinal pedida pelo progresso da modernidade e da civilidade. Com a constituição de clubes e associações, acentua-se a codificação dos jogos e regulariza-se o seu padrão sensível. O desporto estava agora em condições de dar os primeiros passos nas Ilhas Britânicas, antes de partir para a missão redentora pelo mundo bárbaro do Sul.

O acréscimo da civilidade foi importante para a definição do desporto moderno, mas também para a organização e gestão da *res pública*, já que um sistema como a democracia participa de alguns dos seus traços dominantes, como sejam a concorrência honesta, a igualdade de direitos, a igualdade relativa de oportunidades e, por via da aceitação prévia das regras, a própria igualdade jurídica (cf. Caillois, 1990:130-131). É curioso notar como actualmente apenas as grandes organizações do desporto internacional (FIFA e UEFA) parecem não se ter deixado entranhar por tão bondosos propósitos. Contudo, é verdade que a vida colectiva reproduz alguns princípios extensíveis ao campo desportivo, nomeadamente quanto ao domínio da competição (agôn) e da sorte (alea). O mérito e a sorte são hoje valores apreciados, e a sociedade tem sabido instrumentalizar o desporto neste

sentido, defendendo as suas virtudes pedagógicas. Na opinião do autor de *Os Jogos e os Homens*, mesmo os jogos de estádio, como o futebol, “*oferecem o exemplo de uma rivalidade delimitada, regrada e especializada. Despojada de sentimentos de ódio e de rancores pessoais, esta nova espécie de emulação forja uma escola de lealdade e de generosidade*” (id. 130). Ao potenciar e reproduzir a civilidade, o desporto é visto, até institucionalmente, como um contributo para a integração de milhares de jovens, conferindo uma nova dimensão ao apelo cognitivo, perceptivo e emocional que desde sempre definiu o impulso lúdico.

Neste início do terceiro milénio, o sucesso na implementação do jogo de futebol na cultura portuguesa e nas culturas de origem latina é da ordem da evidência. Houve mesmo um sociólogo americano que aproveitou o facto de neste predominar o pé sobre a mão para defender o carácter terceiro-mundista do futebol e a superioridade americana dos jogos de mão (cf. Cascio, 1975). Não nos parece conclusão defensável, embora o jogo de futebol seja realmente um desporto de baixo investimento tecnológico e, num plano estritamente sociológico, um desporto marcado por estratégias de ascensão económica e de promoção social. O que me parece de facto merecer discussão é a hegemonia do futebol relativamente a outros tipos de jogos na nossa sociedade, a ponto de se poder falar nalguma *intolerância expressiva* entre as diversas práticas e os diversos praticantes. Esta situação resulta, desde logo, da reprodução hegemónica deste jogo a um nível institucional e mediático. O futebol começou por beneficiar da exposição e da legitimação proporcionada pela tríade “Fado, Fátima e Futebol”, mas o investimento identitário permanece como referência dominante no ensino, no espaço público e muito especialmente nas campanhas eleitorais, onde se vêem trocando cartões vermelhos e amarelos com grande frequência.

3. “ETHOS” AMADOR

A pressão administrativa sobre o jogo de futebol começou por orientar a celebração para o território do estádio, espaço de alucinação arregimentada. O estádio mantém uma derradeira →

→ vinculação tribal, já que possui o poder extraordinário de transformar a multidão anónima em irmandade. Na soberania momentânea da emoção, o grito liga directamente o adepto ao jogador, no qual delega, por transferência simbólica, a prática concreta do jogo. No limite, a violência desloca-se para a linguagem das claques, num movimento idêntico ao que levou o cavaleiro referido por N. Elias a pedir a mediação do cão na morte efectiva da raposa. A linguagem expressa virtualmente aquilo que no campo tem de respeitar um contrato. Este princípio parece adequar-se aos protocolos da sensibilidade contemporânea, a qual tende para a rejeição da agressão física. Apropriada pelo adepto de futebol, a linguagem dos novos caçadores opera ainda com transferências de índole emblemática, através de leões, águias, diabos e dragões.

A racionalização progressiva do universo do futebol fracturou o espaço do jogo entre amadores e profissionais. Houve um momento durante o qual o jogo se expandiu sem exacerbar aquela seriedade mortal que hoje contamina a ida ao estádio. Quem teve a felicidade de viver o *ethos* amador desse futebol das origens não deixa de o lembrar com melancolia. O dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues elevou este momento à escala do mito, imortalizando-o em sucessivas crónicas, primeiro na *Manchete Esportiva*, mais tarde, n' *O Globo*. Nessas páginas memoráveis, o jogo regressa ocasionalmente a casa. Ele é “pânico”, “trágico” ou “bestial”. A mão que escreve recorda o momento anterior à transição profissional, tempo de uma sensibilidade que o entusiasmo de Nelson faz deliberadamente regredir ao estado pré-histórico da “canelada”:

“Corria o ano de 1911. Vejam vocês (...) Ah, os jogadores! A bola tinha uma importância relativa ou nula. Quantas vezes o craque esquece a pelota e saía em frente, ceifando, dizimando, assassinando canelas, rins, tórax e braços adversários? Hoje, o homem está muito desvirilizado e já não aceita a ferocidade dos velhos tempos.” (1993:10)

A cronística desportiva de Nelson Rodrigues mostra-nos que a história do futebol acelerou a intermitência do lúdico

sob a forma de uma passagem do amadorismo ao profissionalismo contemporâneo. O relato desta transição é sistematicamente reactivado pelo autor brasileiro. Numa das crónicas, escreve sobre Garrincha, um craque que acompanhou o Brasil em 1958 e 1962, juntamente com Pelé e Didi. O texto é um hino ao instintivo, ao festivo e ao improvisado desse futebol. O título, “Garrincha não pensa”, supõe a racionalização do jogo na modernidade. Num duelo entre Botafogo e Fluminense, Garrincha “*apareceu em campo com uma disposição vital esmagadora [...] nunca precisou de pensar. Garrincha não pensa. Tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto. E, por isso mesmo, chega sempre antes, sempre na frente, porque jamais o raciocínio do adversário terá a velocidade genial do seu instinto*” (1993:63). Noutra ocasião escreve sobre as vantagens do campo pequeno em relação ao betão imenso do Maracanã. À nossa frente aparece a arena antiga: “Insisto amigos: a distância desumaniza os fatos, retira das criaturas todo o seu conteúdo poético e dramático. Já no campo pequeno, todos os caminhos estão abertos para a emoção directa e integral” (1994:9). Neste, o jogador revela-se em toda a sua ‘animalidade’:

“Descobrimos coisas do arco-da-velha. Por exemplo: vi, em dado momento, que um dos jogadores não suava como gente. Pendia-lhe do pescoço uma espécie de gosma, de visco, de espuma elástica como nos cavalos cansados. Nós sempre ouvimos falar em ‘molhar a camisa’, em ‘suar a camisa’. No Maracanã a transpiração mais abundante é algo de remoto, de platónico. Nas Laranjeiras [o estádio pequeno] é suor mesmo, grosso e irrefutável como óleo ou como apavorante espuma. Nós percebemos o esforço dos jogadores até pelo olfato” (ibid.:10).

4. MEDIAÇÕES

O futebol amador, como o amadorismo olímpico em geral, parece ter durado um instante. Os tempos heróicos de Nelson Rodrigues são uma referência já imemorializada. Contudo, as críticas à instrumentalização e à adulteração do espírito do jogo datam dos primeiros esforços para compreender a natureza e a função do instinto lúdico nas sociedades

antigas e modernas. No seu conjunto, estas observações acentuam sobretudo a crise da distinção entre o jogo e a realidade, seja pela passagem de um regime de evasão a um regime de obrigação profissionalizada, seja pela infracção sistemática das regras, pela indistinção entre a alucinação lúdica e os alucinogénios ou, finalmente, pela ansiedade dos participantes relativamente à chamada “sorte do jogo”. Com a comercialização do universo desportivo, este último ponto acaba por dramatizar a questão dos resultados. O preconceito, a crença e a superstição passaram assim a frequentar os bastidores dos estádios, mais ainda em culturas particularmente disponíveis para as ciências ocultas, como a portuguesa e a brasileira. Na abertura do último Mundial, o *Diário Pernambucano* publicava a seguinte observação:

“No jogo desta segunda-feira, às 6 horas, contra a Turquia, segundo o astrólogo Ivan Freitas, valerá mais do que nunca o equilíbrio dos atletas. Ele explica que o Brasil é naturalmente uma equipe emotiva, mas nessa partida, especificamente, estará ainda mais volúvel – isso porque o planeta Marte estará em conjunção com a Lua da equipe, aumentando ainda mais a sensibilidade dos brasileiros. Os atletas entrarão em campo com uma carga emocional muito grande”

A transformação do desporto numa actividade económica trouxe a competição do interior do jogo para a relação dos jogos entre si, em luta pelo patrocínio e pelos direitos de transmissão. A mediatização televisiva veio naturalmente conferir prioridade ao espectáculo sobre a competição. A repetição, a variação de perspectivas, o grande plano, a imagem

em movimento ou em câmara lenta reconfiguram a percepção do jogo e, mais importante do que isso, instituem um *habitus* perceptivo que se vem tornando algo totalitário. É este que explica realmente o número superior do chamado “adepto de sofá”, bem como a debilitação de inúmeros espaços conviviais do passado. A mediatização exprime a tendência para a ritualização dramática do desporto, mas ao fazer a simulação rivalizar com o *agôn* do jogo vivido tem como consequência uma indiferenciação do próprio jogo, pois todos são submetidos às operações técnicas e mediáticas do espectáculo globalizado.

A tirania contemporânea dos resultados é a outra face da indiferenciação do jogo e a segunda causa da sua restrição lúdica. Expressões entretanto vulgarizadas no futebol profissional, como “Comer a relva”, “Jogar fora do campo”, “Não brincar em serviço” ou “Todos os jogadores têm um preço” são estranhas ao território mais genuíno do jogo. De igual modo, a inflação táctica no campo de futebol consta de enunciados hoje tão glosados como o que privilegia acima de tudo “humildade e espírito de sacrifício”. A notação moralista deste tipo de programação compromete perversamente o jogo com a ética do trabalho, justamente, nos antípodas do jogo propriamente dito: “o *ethos dos desportos não era o género de ethos das classes médias operárias ao qual se aplicam termos como ‘moral’ ou ‘moralidade’*” (Elias, op. cit.:247).

O trajecto do jogo de futebol revela-se no destino ambíguo do *drible*, um ícone derradeiro do indivíduo total em jogo. O *drible* é a marca e a assinatura do sujeito em campo. A sua restrição vinha sendo anunciada há muito. Pelos anos de 1860-70, o *drible* era ainda um elemento fulcral do futebol e o “*equilíbrio de tensão dinâmico entre os interesses em* →

→ *jogo era ainda articulado a favor dos indivíduos*” (Elias, op. cit.:294). A eficácia contabilística do futebol moderno disciplinou o *drible*, tornando-o interdito em certos lugares do campo. O futuro deste movimento de génio, supremo e humilhante, passa pela guerra surda que decorre ainda entre o jogo latino e o jogo nórdico, digamos, entre o *drible* e a tática. O Brasil também já não joga exactamente como nos tempos do Garrincha imortalizado nas crónicas de Nelson Rodrigues. A plateia parece ainda apreciar o *drible*, mas esta popularidade já não é incondicional, depende cada vez mais estritamente do resultado.

O ascendente do treinador tem vindo, finalmente, a contribuir para a sujeição progressiva do improvisado à racionalidade técnica. Como extensão directa da máquina administrativa no futebol, o treinador é de todos o mais dependente dos resultados. A sobredosagem técnica exprime-se plenamente nos métodos actuais de treino. São incontáveis as sessões dedicadas a ensinar literalmente a “jogar sem bola”, coisa que estatisticamente sucede durante 98.2% do tempo de jogo. Ser treinador ou jogador é, por isso, uma actividade mais ascética do que nunca. A própria contratação de jogadores obedece a critérios de fiabilidade técnica, como ter uma vida estável, ser obediente, pontual, possuir vínculo nacional legítimo, não ter medo de andar de avião ou infringir as regras de descanso nocturno. Este jogador hiper-profissionalizado constitui uma encarnação particularmente violentada do espírito lúdico. Contudo, o facto de o futebol sobreviver publicamente como jogo constitui um aviso face à demonização indiferenciada das mediações contemporâneas do espírito lúdico dos primórdios. Se o

espectador real e o espectador virtual mantêm por estes dias um contrato a termo incerto, o futebol, apesar de tudo, persiste como experiência não totalmente conceptualizável. O jogo dos jogos resiste como mobilização corporal afim à compensação lúdica. ●

BIBLIOGRAFIA:

- Caillois, Roger
(1990) *Os Jogos e os Homens*, Lisboa, Cotovia.
- Cascio, C.
(1975) *Soccer. USA*, Washington, Luce.
- Elias, Norbert
(1992) *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel.
- Gary Alan Fine (ed.)
(1987) *Meaningful Play, Playful Meaning*, Human Kinetics Europe Ltd.
- Gumbrecht, Hans U.
(2004) *The Production of Presence. What Meaning Cannot Convey*, Stanford, California University Press.
- Huizinga, Johan
(1988) *Homo Ludens. Essai sur la fonction sociale du jeu*, Paris, Gallimard.
- Rodrigues, Nelson
(1993) *À Sombra das Chuteiras Imortais*, São Paulo, Companhia das Letras.
- (1994) *A Pátria em Chuteiras*, São Paulo, Companhia das Letras

A bola correu sobre o quadro eléctrico

CARLOS JORGE BRANCO MENDES

INVESTIGADOR

▷ A PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO de uma selecção portuguesa de futebol num certame internacional aconteceu em 1928, nos Jogos Olímpicos de Amesterdão. Naquela época, estava ainda em estudo a criação de um campeonato mundial, cuja primeira edição decorreu no Uruguai em 1930, pelo que o torneio olímpico de futebol era a principal competição entre nações na modalidade. Foi por isso muito celebrada a *performance* da representação portuguesa, vitoriosa em duas eliminatórias. Essa equipa chegou aos quartos-de-final da competição, classificação que era antevista como muito honrosa, dadas as limitadas possibilidades do seleccionado português.

No regresso a Portugal, a comitiva portuguesa foi recebida, à saída da estação de Entre-Campos, em Lisboa, por uma multidão que a vitoriou, quando já passava perto de uma semana sobre a última partida discutida em Amesterdão (cf. *Diário de Notícias*, 11 de Junho). O intenso noticiário publicado na imprensa periódica da época sobre a participação da equipa de futebol portuguesa nas Olimpíadas terá promovido a adesão popular, aparentemente entusiástica, àquele acontecimento desportivo. Acima de tudo, esta foi uma ocasião para o “consumo simultâneo” por parte de um largo número de leitores em diferentes lugares do país de informação diária sobre a participação – até então inédita – de uma representação nacional num torneio internacional de futebol, constituindo, no fundo, uma “cerimónia de massas”, seguindo os termos de um livro já clássico do historiador Benedict Anderson chamado *Imagined Communities* (1983).

Foi importante o investimento em meios humanos e técnicos realizado por um jornal de profusa circulação nacional, o *Diário de Notícias*, com o fito de acompanhar o torneio

olímpico de Amesterdão. Dois jornalistas deste periódico, António Ferro e Ricardo Ornelas, já então prestigiados, acompanharam a comitiva portuguesa desde a partida de Lisboa, regressando após o final do torneio. São particularmente estimulantes as crónicas expedidas por António Ferro, profundamente autoradas – sendo frequentes nelas a invocação de impressões de viagem ou a narrativização de episódios emblemáticos da sua experiência como visitante de uma cidade estrangeira –, por comparação com os textos redigidos por Ricardo Ornelas, estes com propósitos de análise sobretudo técnica das partidas de futebol disputadas durante a competição. Nesses textos de António Ferro, é notória a compreensão realizada das virtualidades do futebol, do desporto de competição, enquanto recurso de propaganda nacionalista, o que gostaria de ilustrar através da citação do passo seguinte, destacado da crónica do jogo inaugural do torneio (disputado entre as representações portuguesa e chilena), excerto que é já prenunciador da sua actividade política futura:

Tarde primavera, tarde azul, tarde portuguesa que os nossos jogadores trouxeram na bagagem juntamente com a nossa bandeira... No estádio há vinte mil pessoas, vinte mil almas – almas de todas as raças – que pensam em Portugal, que têm os olhos voltados para nós, que se lembram da nossa situação no mapa, que reconhecem a nossa independência na independência da nossa equipe... O desporto internacional é uma grande lição de geografia que os governos deviam compreender e estimular. O Estádio de Amesterdão, durante os Jogos Olímpicos, é um mapa animado e vivo, que entra pelos olhos, que se comunica à epiderme (Diário de Notícias, 2 de Junho). →

→ Nesses textos, António Ferro vislumbrou a oportunidade de efectuar pedagogia nacionalista. A reviravolta no jogo que opôs o seleccionado português ao chileno, obtida em inferioridade durante largo período da primeira parte, por força da ausência temporária do setubalense Armando Martins, lesionado, propiciou ao autor evocações variadas que encadeiam diferentes temporalidades:

E é então que se dá o milagre, o milagre eterno da nossa raça, o milagre de Aljubarrota, o milagre da Ilustre Casa de Ramires, o milagre da vitória que nasce da própria derrota, que nasce do amor próprio, do orgulho da nossa raça, que nasce da nossa alma, que pode sempre mais do que o nosso corpo! (Diário de Notícias, 2 de Junho)

De outra parte, a cobertura jornalística do torneio olímpico de futebol realizada pelo *Diário de Notícias* também se fez em diversos espaços públicos do país, envolvendo a participação de milhares de pessoas. Em Lisboa, no Porto e em Coimbra instalaram-se quadros eléctricos, acompanhados de alto-falantes, em lugares centrais que transmitiam aos populares concentrados nesses locais informações prontas sobre os jogos em que a selecção portuguesa participava. Este processo já havia sido usado quando da realização de outros encontros de futebol que, pela sua importância, se sabia despertarem maior interesse no público. Desta vez, a distância física relativamente a Amesterdão impôs dificuldades superiores, pelo que se empregaram nestas acções os melhores meios técnicos disponíveis, apoiados por articulações complexas entre a redacção do jornal, suas filiais, os enviados a Amesterdão e outros intermediários como a Companhia Marconi, os serviços telefónicos e de telégrafo.

O *Diário de Notícias* investiu bastante na publicitação destes esforços ambiciosos. Nas edições distribuídas nos dias 30 de Maio, 6 e 7 de Junho, estamparam-se fotografias ilustrativas dos ajuntamentos em redor dos quadros luminosos colocados nas três principais cidades do país. Calculava-se animadamente que a concentração no Porto, por

exemplo, por altura da partida entre Portugal e o Egipto, tivesse ultrapassado as 20 mil pessoas. Por outro lado, durante a competição, foi também intenso o noticiário sobre os supostos êxitos da informação prestada pelo *Diário de Notícias* nas restantes regiões do país, sendo muitas as localidades onde este jornal afixou “grandes cartazes” que divulgavam, com celeridade, as principais novidades sobre o desempenho da equipa portuguesa na Holanda.

Por junto, os quadros luminosos e os placards disseminados pelo país tinham por finalidade “assegurar um serviço especial de informação rápida e segura que levasse quasi simultaneamente a todos os pontos do país, o conhecimento exacto das proezas realizadas por portugueses em Amesterdão” (*Diário de Notícias*, 3 de Junho). Nas páginas daquele jornal, eram tão evidentes os propósitos de celebração da putativa superioridade do *Diário de Notícias* sobre os demais concorrentes quanto os de celebração das “proezas dos portugueses”. Podia ler-se, por exemplo, numa ilustração avulsa, que, em Santarém, após ter-se sabido pelo placard do *Diário de Notícias* da vitória portuguesa, obtida no último minuto do jogo, perante o seleccionado jugoslavo, ao “nosso correspondente foi oferecida uma girândola de foguetes para queimar em sinal de regozijo pela vitória da equipe portuguesa e em louvor do nosso jornal” (*Diário de Notícias*, 31 de Maio). Pode perceber-se facilmente pela consulta das edições deste periódico, saídas durante o período em que se disputou o torneio olímpico de futebol, que esse conjunto de notícias em que o jornal foi recipiente de informação sobre as suas próprias actividades rivalizou, em número, com aquelas respeitantes à competição propriamente dita.

Na edição de 5 de Junho, publicou-se ampla reportagem das acções de disponibilização de informações nos quadros eléctricos do *Diário de Notícias* sobre a partida em que participaram as representações portuguesa e egípcia. As novidades sobre os desenvolvimentos da disputa que acontecia no Estádio Olímpico de Amesterdão eram colocadas nos placards luminosos com um atraso médio de aproximadamente minuto e meio relativamente ao momento em que eram expedidas

A EQUIPE PORTUGUESA DE FOOTBALL SAI HOJE DA HOLANDA DE REGRESSO A PORTUGAL

NOS JOGOS OLIMPICOS INTERNACIONAIS

que não ter sido aceita o seu pedido baseado no "goal", que o arbitro lhe não contou no jogo de ante-onde

A LISBOA NA PROXIMA SEGUNDA-FEIRA

O "Piora de Noticias" e a causa de sua informaçao na provincia

AVIAÇÃO A SEGUNDA VITORIA DOS PORTUGUESES NO TORNEIO OLIMPICO DE FOOTBALL

AS GRANDES VIAGENS AEREAS

(CONTINUADA DA 1.ª PAGINA)



A MARCHA BRILHANTISSIMA DO "ONZE" DE PORTUGAL

foi ontem cortada pelo Egipto, que triumphou dos nossos por 2-1

A tecnica portuguesa foi superior à egipcia—Um p amado transformou numa derrota um empate mesmo—Foi lavrado o protesto e sub victoria dos

A ESPANHA SOFREU DA ITALIA

As noticias da segunda parte, ditas em...
 A tecnica portuguesa foi superior à egipcia...
 Um p amado transformou numa derrota um empate mesmo...
 Foi lavrado o protesto e sub victoria dos

...
 ...
 ...

COMO OS BRUGAIOS FENDERAM OS HOLANDESES

...
 ...
 ...

O REGIMENTO

...
 ...
 ...

Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS DIARIOS PORTUGUESES

DE REGRESSO DE AMSTERDAM

CHEGOU ONTEM A LISBOA A EQUIPE NACIONAL

Os jogadores saíram do comboio em Estre-Campo sendo efusivamente ovacionados por...



OS VINHOS DO PORTO

OS REPRESENTANTES DA EXPORTAÇÃO DOS VINHOS DO PORTO...
 em greve a favor da região vinícola portuguesa...

→ pelos enviados que assistiam *in loco* ao torneio. A citação de algumas observações avulsas do redactor do *Diário de Notícias* sobre a reprodução de notícias respeitantes àquele jogo no quadro eléctrico colocado no Parque Eduardo VII, em Lisboa, permite perceber, na exposição quase indistinta das convenções então usadas para a narração jornalística das partidas de futebol, que era sobretudo evidenciada a emulação capaz do jogo proporcionada por estes meios técnicos:

A bola começa a correr sobre o quadro.

As jogadas desenham-se com rapidez, levando a bola dum a outro campo com notável rapidez. Estamos a ver o jogo da escola inglesa, onde os egípcios aprenderam. Jogo seco, despido de fantasias, rápido, preciso, perigoso, traiçoeiro. [...] O jogo dos portugueses mostra uma técnica diferente, a nossa técnica – porque a temos! – menos eficiente, porventura, mas mais vibrante, mais portuguesa.

A bola marcha sempre, dum para outro lado, e o público segue interessado as suas evoluções.

Portugal, que no primeiro tempo deveria ter beneficiado dum “penalty”, marca agora um “goal” que o árbitro não valida.

O público manifesta-se com uma ingenuidade adorável, com uma sinceridade tocante:

– Fora o árbitro! Fora!

Penso que podem interpretar-se estes acontecimentos como sendo parte de um processo de “nacionalização das massas” que – se é certa a evocação da obra do historiador Rui Ramos (1991) – teve em Portugal antecedentes no final do século XIX, se intensificou com a implantação do regime

republicano e conheceu condições materiais e ideológicas para se impôr massificadamente com a ditadura instituída em 1926. Na primavera de 1928, durante a realização do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos, a informação publicada sobre essa competição pelo *Diário de Notícias*, em que eram abundantes considerações sintéticas sobre a singularidade dos “portugueses”, pôde ser consumida por um vasto conjunto de leitores em diversos lugares do país. Da mesma maneira, nos dias seguintes à realização dos jogos, este jornal relatou as celebrações colectivas ou as manifestações de desânimo vividas em múltiplas localidades do país – mesmo em algumas percebidas como muito periféricas –, sugerindo implicitamente comunhões entre indivíduos distantes fisicamente e de variada condição social.

BIBLIOGRAFIA:

Anderson, Benedict, 1991 (1983), *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, edição revista, Londres e Nova Iorque: Verso.

Ramos, Rui, 1991, *História de Portugal, VI: A Segunda Fundação*, Lisboa: Estampa.

O futebol que eu vejo na televisão

EDUARDO CINTRA TORRES

CRÍTICO DE TELEVISÃO

▷ QUASE TUDO O QUE SEI DO FUTEBOL de hoje sei pela televisão. Não jogo, não frequento os campos, não leio imprensa desportiva, não oiço rádio desportiva, o que vejo são alguns jogos na televisão, não sei conversar sobre o desporto, as jogadas, as tácticas e estratégias. O que sei é pelos noticiários televisivos que me obrigo a ver, pelos poucos jogos que gosto de ver, por pedaços de programas, pelo *zapping*.

Assim, o que vos posso transmitir é o que aprendo com a televisão sobre o futebol. E o que aprendo é isto:

1. **O futebol é economia:** paralela, paralela assimétrica... justa, injusta... estádios, passes, apitos dourados... fundações, patrocínios, eventos... jogadores com problemas por serem patrocinados por marcas diferentes das que patrocinam clubes ou selecções... fuga aos impostos... grandes somas envolvidas nos passes, na compra e venda de jogadores, na compra e venda de transmissões televisivas. Em resumo, pelo que vejo na televisão, no mundo contemporâneo o futebol é um negócio-rei.

2. A televisão também me diz que **o futebol é sociedade;** e, já agora, sociologia e antropologia. Ver como hoje o futebol se inscreve na televisão e a televisão no futebol é ver a aplicação ponto por ponto dos manuais sobre os fenómenos de manifestações de massas e de multidão, nomeadamente da obra magistral de Elias Canetti, *Massa e Poder*.

a. Uma das actividades pseudo-informativas actuais mais importantes da televisão é mostrar/acompanhar/promover a formação da multidão: seja ela a do casamento do príncipe espanhol (hoje mesmo) seja ela a de Fátima (há

uma semana) seja a do jogo do Porto (por estes dias) ou do Euro 2004. São exemplos as reportagens dias seguidos dos peregrinos a caminho de Fátima ou a formarem filas toda à noite à porta do Estádio do Dragão para comprarem bilhetes, as multidões a crescerem nos estádios, as filas de pessoas à porta, as bancadas que deixam de estar vazias. Esses momentos deixaram de *não* existir para a televisão. Elas confirmam que as multidões querem crescer até ao infinito, que só existem enquanto crescem.

b. O jogo é um momento de suspensão da multidão. Se a sua equipa perde, as pessoas saem antes do fim. A televisão não gosta disso. Ela quer mais multidão. Felizmente, se há um perdedor, há também um vencedor. Como não quer que as multidões acabem, a televisão fomenta as multidões nas ruas em casos de vitórias.

c. O jogo enquanto momento de suspensão é a “descarga” de que fala Canetti: trata-se do momento em que todos os que a compõem se desvinculam das suas diferenças e passam a sentir-se iguais. Enorme é o alívio que isso provoca, escreve Canetti. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é mais ou melhor que os outros, que os homens se transformam em multidão. O momento, acrescenta ainda, “padece de uma ilusão básica: embora se sintam subitamente iguais, os homens não o são de facto, nem o são para sempre.” Mas isso não é para se dizer na televisão.

d. A televisão também nos mostra a multidão transbordando, a ocupar as ruas (então a Avenida dos Aliados...), ocupando fontes públicas normalmente fechadas ao uso, tirando as roupas porque não cabe em si, porque precisa de sair de si. A televisão ouve as pessoas na rua sabendo que →

→ elas não sabem o que dizer: estão, apenas, fora de si. Diz Canetti: A erupção para além dos locais fechados significa que a multidão quer de volta o velho prazer que lhe proporciona o crescimento súbito, rápido e ilimitado. Erupção é a repentina transformação de uma multidão fechada em aberta. “A multidão jamais se sente saciada.”

e. O futebol permite uma catarse de quase todos os ódios (pessoais, de classe, sociais, religiosos, internacionais) e a sua deslocação para o adversário desportivo. Faça este o que fizer, diz Canetti, “tudo é interpretado como proveniente de uma inabalável malevolência, de uma disposição hostil à massa: um propósito já firmado de, aberta ou dissimuladamente, destruí-la.” Por que existem os clubes? Porque no desporto a multidão é “dupla”: “a mais segura e, frequentemente, a única possibilidade da massa se conservar reside na existência de uma segunda multidão com a qual ela se relacione. Seja porque se enfrentem e se meçam num jogo, seja porque ameacem seriamente uma à outra, o facto é que a visão ou a vigorosa concepção de uma segunda multidão não permite que a primeira se desintegre.” O “meu” clube jamais se desintegrará, aconteça o que acontecer.

f. A televisão mostra como o futebol permite a domesticação das multidões. Nem sempre, mas quase sempre. Como nas religiões universais, a da multidão desportiva compara-se ao rebanho obediente. A repetição dos rituais semana a semana substitui a premência de a multidão de hoje ter de crescer até ao infinito. Para a semana há mais. Diz ainda Canetti: “Em determinados espaços e em certos momentos, reúnem-se os fiéis e, por meio de actividades sempre idênticas, são colocados em um estado semelhante ao da massa, mas sob uma forma abrandada – um estado que os impressiona, sem contudo tornar-se perigoso, e ao qual eles se acostumam.”

g. Na televisão eu oiço o grito da multidão, que é “o seu espaço psíquico”. O grito das competições desportivas é “a voz da multidão”. É no grito espontâneo (não no ensaiado) que a massa se realiza: daí a necessidade do grito do golo, um grito de êxtase incomparavelmente mais poderoso e significativo do que todos os gritos organizados nos estádios.

h. A televisão também me mostra as claques: elas são os “cristais de multidão”, esses “grupos pequenos e rígidos de homens, muito bem delimitados e de grande durabilidade, que servem para desencadear as multidões.”

i. A arquitectura junta-se ao futebol e multidão. Eduardo Souto Moura contrariou um conceito da multidão no estádio do Braga. Ele negou a “multidão como anel” (e recordemos o famoso “terceiro anel” do Estádio do Benfica), negou o estádio como o estádio romano, a arena – e os romanos percebiam de multidões e de política. “Uma multidão duplamente fechada é o que temos diante de nós numa arena.” porque, num sentido político, “a descarga da multidão tem de se dar para dentro”, diz Canetti. Isto é Roma, é futebol e é muito mediático, muito visual, televisivo: “a multidão encontra-se sentada diante de si mesma. Cada um tem à sua frente milhares de pessoas e cabeças.” Excitam-se uns aos outros e uns e outros são vistos como todos iguais. “A multidão que assim se exhibe a si mesma não apresenta nenhuma interrupção”. “Essa multidão é fechada para o exterior e fechada em si – é, pois, duplamente fechada.”

3. Assim, a televisão mostra-me como **o futebol é religião**, uma nova religião, uma religião laica, com a sua ideologia, a sua fé, as suas massas, as suas cerimónias e ritos, as suas “catedrais” e clero, a sua economia. Não admira que a Conferência Episcopal portuguesa tenha alertado há meses, em invulgar comunicado, para o peso excessivo que o futebol vem assumindo no país: o futebol é, de facto, a única crença e instituição que pode tomar o lugar do catolicismo na sociedade portuguesa. Chegou a vez de ser o futebol a “apanhar a multidão” (Canetti). Numa versão mais branda, o futebol é a parte visível da nação enquanto religião.

4. A televisão mostra-me que **o futebol é sociabilidade**: ele está no quotidiano das pessoas e da televisão. Está sempre nas notícias. Na conversa. Em todo o lado. Até na intertextualidade dos cartazes políticos.

5. A televisão diz-me a toda a hora que o futebol é **emoção**, é paixão. Escreve Arnaud Mercier em *Le Journal Télévisé*: “O desporto representa um outro modo privilegiado para activar os registos emocionais. (...) O desporto responde perfeitamente aos cânones televisivos graças à sua ‘gloriosa incerteza’. (...) O desporto reflecte as qualidades que os profissionais da televisão reivindicam: emoção, suspense, sobressalto, prazer, convivialidade.”

6. **O futebol é espírito**: é o sonho de amanhã da multidão que perdeu. Ela quer voltar a reunir-se. As “multidões lentas e velozes” assim se definem em função da “natureza da sua meta”. As “multidões políticas, desportivas, bélicas, com que hoje deparamos diariamente”, “são todas elas multidões velozes”. Acabam. Mas renovam-se. Rapidamente. Querem ganhar. A culpa é do árbitro. O que prometem treinadores e dirigentes? Amanhãs que cantam. A multidão “pode nutrir a esperança de, no futuro, voltar a ter oportunidades semelhantes” (Canetti). A televisão precisa desses amanhã que cantam, porque a televisão também é negócio, audiências, multidões.

7. **O futebol é ideologia**, também me diz a televisão. Na reportagem da RTP “Vidas Ultra” (*A Dois*, 20.05), um membro duma claque disse: “a minha ideologia é o Sporting”. E, realmente, como poderiam sobreviver ideologias tão fracas como o liberalismo ou o marxismo em face de ideologias sólidas como o verde, o azul e o vermelho dos clubes? O futebol é uma ideologia tão forte que na televisão muito jornalismo livre e independente morre a seus pés.

8. **O futebol é política**: não me refiro à falada promiscuidade entre a política e o futebol. Pelo que vejo na televisão, vejo o futebol como uma actividade política, uma parte integrante da *Política*.

a. Do ponto de vista de política estratégica, o futebol significou para o poder o fim da guerra. Ele substituiu a guerra. Ora isto é muito positivo. O Euro 2004 é uma guerra que a nação poderá ganhar.

b. O futebol substituiu a guerra com vantagem, mesmo que temporariamente. O documentário *Carton Rouge pour la paix*, de Jean-Charles Deniau (França, 2004, ARTE, 08.06) mostra o trabalho de uma ONG francesa chamada Desporto Sem Fronteiras. Deniau foi ao Kosovo filmar a reconciliação entre albaneses e sérvios através do desporto. Filmou o êxito e logo o fracasso fora do estádio. O objectivo foi organizar um jogo de futebol entre crianças albanesas e sérvias. Teve de recorrer sistematicamente à protecção da KFOR, mas, quando o jogo começou, o objectivo resultou: as crianças divertiram-se em conjunto, os chefes das equipas e movimentos dos dois lados falaram-se. Sentia-se o ódio e o medo, mas parecia resultar. Mas uma certa manhã, quando está a terminar uma entrevista com um chefe sérvio que diz que houve progressos, ouvem-se gritos de mulheres na rua: “Desçam, venham ver, filmem, eles matam-nos!” Recomeçou a guerra. Oito mortos, 30 feridos. Ficou a lição: o futebol cristalizou o conflito e substituiu-o por um encontro desportivo, sem mortos nem feridos.

c. O futebol foi, ao que parece, inventado por uns “bifes” ingleses, uns “betinhos”, mas felizmente, para não nos envergonharmos, as massas populares apropriaram-se do →

→ futebol. E há nisso, também um sentido político: primeiro, porque, como defendo, depois de 1929, por causa da Grande Depressão, as massas desinteressaram-se da política e entregaram-se a formas colectivas de entretenimento, entre as quais o futebol; segundo, porque, em consequência disso, as organizações de esquerda, comunistas e anarquistas, nos anos 30, entraram nas organizações populares do futebol para estarem perto das massas.

d. Ao transformar-se num fenómeno de massas, o **futebol atraiu o poder**. Ao longo das décadas, o poder português ergueu uma relação com o futebol que começou tijolo a tijolo até chegar ao betão armado de dez estádios. Hoje, pelo que vejo na televisão, o poder, a política, está mais no futebol do que em qualquer outra actividade, seja desportiva ou cultural. (Recordo que tivemos uma secretária de Estado da *Cultura* que se demitiu por causa da pala de um estádio de futebol; e recordo o percurso de Pedro Santana Lopes: política-media-cultura-futebol-televisão-política).

e. O futebol é uma parte do poder político, mesmo que simule a separação de poderes. Em Portugal não tem simulado, pelo menos pelo que eu vejo na televisão: tratamento especial para o futebol nas questões fiscais; ao que me dizem, os jogadores, mesmo com merecidos vencimentos milionários, pagam menos percentagem de impostos do que os proletários que os aplaudem; investigações proteladas; integração dos membros do poder no topo da hierarquia do futebol, seja nas estruturas (clubes, SADs, Federações...), seja nos eventos (finais, meias-finais, tribunas, refeições... e vice-versa, integração do pessoal da bola na hierarquia da política...). Vi na televisão que a deputada do PSD Manuela

Aguiar quis dispensa para os deputados que forem ao jogo de um clube do distrito pelos quais foram eleitos deputados da nação: o que significa pedir dispensa? Que ela quer estar no evento desportivo numa situação acima dos outros espectadores pois é numa situação de representação política, não de aficcionada; na qualidade de política.

f. Até o calendário político nacional é adaptado em função do futebol: o primeiro-ministro alterou uma visita de Estado ao México para fazer uma “visita de estádio” no próximo jogo FC do Porto-Mónaco.

g. Cresce a identificação da actividade futebolística com a actividade política (todos os clubes). As relações de autarcas e deputados com os clubes e dos presidentes dos clubes com os políticos mostra o quanto a política pretende assumir as formas comunicativas do futebol para conquistar o favor dos eleitores. Quando a religião de Estado era o catolicismo, o primeiro-ministro podia ser um cardeal. Agora, os políticos são chefes de clubes. Palavras para quê? Gilberto Madail foi presidente de câmara com o PS, deputado do PSD e é presidente da Federação Portuguesa de Futebol com o “centrão” PS-PSD.

h. O futebol provoca alegrias e isso é bom para a política. A alegria torna-se um facto político, uma forma de acção política. Já o dizia Aristóteles, “a felicidade é uma espécie de acção.”

i. O futebol fornece à política a ideia de que todos são iguais. Não somos, mas é bom que o futebol nos iguale durante alguns momentos. A gente até se esquece de que há a tribuna.

j. O futebol une. A nação. Os pobres e ricos. Que há de mais político? Que há de mais nacional para a política usar?

A Selecção une mais a Nação que a Religião. O futebol como política: fenómeno de unificação. Por vezes é a única linguagem comum entre pessoas da mesma nação. O documentário *Le crampon de la discorde*, de Xavie-Marie Bonnot e Ursula Werly Fergui (França, 2004, ARTE, 08.06), mostra como nos arredores de Paris o futebol é o único laço entre brancos, negros e magrebinos. E uma tele-reportagem portuguesa mostra-me um preso do Linho sendo levado por uma claque, com autorização dos serviços prisionais, a assistir a um jogo importante: o futebol como integrador social (A Dois, 20.05).

k. O futebol serve para fazer política internacional. Salazar não queria Eusébio, símbolo da pátria com fronteiras em África, a jogar num clube estrangeiro. Quando a Alemanha se dividiu em duas... o futebol foi usado como instrumento de reconhecimento internacional durante décadas, como se conta no documentário *Football: RFA/RDA*, de Deborah Ford (França, 2004, 09.06).

l. A democracia e o desporto são experiências semelhantes de multidões duplas (uma contra a outra): *“Em vez da guerra, porém, podem-se colocar outros sistemas de multidões duplas. A experiência dos parlamentos comprova que é possível excluir a morte desse mecanismo das duas multidões. (...) Já em Roma o desporto, na qualidade de um fenómeno de multidão, substituiu em grande parte a guerra. Presentemente ele está em vias de alcançar a mesma importância, desta vez a nível mundial.”* (Canetti).

9. Não quero deixar ninguém triste neste dia em que se casa, na televisão e com a televisão, Filipe VI de Espanha e IV de Portugal. Porque dos vários tipos de multidões “segundo o afecto dominante”, também o futebol está entre as “massas festivas”. “Não existe uma meta... A própria festa é a meta ...” Canetti trouxe-me a esta conclusão: o futebol pode ser tudo isso que eu disse, mas ele vale por si e é apreciado em si mesmo. Isto para dizer que, pelo que vejo na televisão, **o futebol é uma grande festa e é também um grande desporto**. Quando o futebol é desporto e é bom, dá

muito gosto ver. Na televisão ou não. Em casa, na tasca, na associação, no clube, na rua, no estádio. Se não valesse o que vale enquanto jogo bom de jogar e de ver, não seria possível que o futebol tivesse chegado a ser todas essas coisas que eu mencionei. ●

Porto, Rivoli Teatro Municipal, 22 de Maio de 2004

A nova linguagem do futebol

FERNANDO CORREIA

REALIZADOR DE PROGRAMAS NA TSF

▫ É UM EXERCÍCIO QUE FAÇO COM MUITO GOSTO, este de falar sobre a criação de uma linguagem própria para o futebol, desde que os relatos radiofónicos e televisivos começaram a tomar conta dos nossos fins-de-semana. Pessoalmente vou um pouco mais atrás, à rádio sem televisão e aos primeiros tempos da televisão em Portugal.

Começo, portanto, por falar dos primórdios do relato radiofónico, que o mesmo é dizer vou até ao princípio da nova fraseologia, dos novos termos, da linguagem da ansiedade, claramente com cópia brasileira e africana.

Quando entrei para a rádio, Emissora Nacional, os relatos tinham acabado de viver as emoções de Ayala Boto, Alfredo Quádrilo Raposo e Domingos Lança Moreira, quando o esquema radiofónico ainda contemplava os relatos em diferido, com o resumo da primeira parte e relato da segunda. Iniciava-se, na altura, uma segunda época – a de Artur Agostinho, Nuno Brás e Amadeu José Freitas – os maiores culpados pela proliferação e aceitação do novo sistema, sendo eles os primeiros introduzidores de expressões como “bola baixa”, “à flor da relva”, “remate rasteiro”, “a bola saiu a rasar a trave”, “pontapé de bicicleta” e outras frases futeboleiras que tiveram quem as copiasse e as aumentasse, introduzindo elementos novos, a maior parte vindos do Brasil ou traduzidos do castelhano. Depois foi a fornada do Fernando Correia (sou eu), do Carlos Cruz, Romeu Correia, Fernando Garcia, Ribeiro Cristóvão, Costa Monteiro e, até, de uma relatora chamada Ida Maria. Depois do 25 de Abril surgiram Jorge Perestrelo, David Borges, Gabriel Alves, Carlos Dolbeth, Costa Martins, Carlos Daniel, Paulo Garcia e outros que têm lugar na história pelo trabalho que desenvolveram, já em competição directa com a imagem da televisão.

Foi, principalmente, depois da Revolução de Abril que os estrangeirismos começaram a aparecer mais na linguagem do futebol, principalmente por causa do Brasil e das ex-colónias portuguesas de África, tantos foram os provenientes desses territórios que se juntaram a nós em Portugal.

E então começou o espectáculo da língua, a invenção, a adaptação, exactamente para que cada um deles dissesse em cada relato palavras novas, a fim de despertar atenção e captar ouvintes. Foi aí que se descobriu o *véu da noiva*, para definir a baliza; o *goleiro* para substituir o *guarda-redes*; o *ripa na rapaqueca* para significar o pontapé na bola e mais uma série de vocábulos que a seguir vou apresentar e que não são mais do que a verificação inequívoca desta singular criatividade lusa, demonstrando que, se a língua está em permanente evolução e se o povo cria a sua própria linguagem, também não há dúvida que os do futebol são muito prolíferos e, por vezes, prolixos, como muito bem se entende. Daí que, ao mesmo tempo que repudio o mau português empregue, igualmente aplaudo a vontade de criar e o desejo de ser diferente. Donde, defenda que a linguagem do futebol não é, apenas, para fazer rir, mas também para acrescentar alguma coisa à língua portuguesa.

É óbvio que não aplaudo o “atrasa para trás”, nem o jogador que “chuta com o pé que tem mais à mão”. É evidente que não aplaudo isso, nem recomendo aos vindouros tal tipo de linguagem, porque esta já tem a ver com mau português ou com erros de construção de frases. Mas é perfeitamente admissível que um jogador faça um *passe de bandeja* e outro *fuzile* a baliza ou atire um *bilhete* certo.

Poder-se-á dizer que este tipo de linguagem adultera o significado das palavras. Eu digo antes que este tipo de linguagem

reflecte um apelo instantâneo à criatividade e à imaginação e, mais do que isso, traduz a realidade de uma nova língua que pode ser o futebol, não discuto, mas é usada pelos intérpretes do futebol. Há jogadores de futebol que definem um golo consentido de várias formas: *chouriçada, frango, peru, capoeira*. E à bola até podem chamar *esférico, redondinha, gorda, menina, ameixa, bichinha* ou *margarida* e, até, aplicar-lhe um superlativo de desespero quando ela própria nega o golo possível. Esse eu não reproduzo aqui.

Mas se um jogador tem pouco jeito para o futebol os adversários chamam-lhe *Amélia*. Mas também os há *carregadores de pianos* ou *bombeiros*, quando acorrem a todos os lances, quando suam mais do que os outros, talvez tendo menos habilidade. E dos *borrados*, quando cometem erros em série ou demonstram medo. Dos *brinca-na-areia* nem sequer merece a pena falar porque há poucos nesta altura.

Dos relatores usarei expressões que dariam para compilar um novo dicionário: passar à fase seguinte é *carimbar o passaporte*. *Cortar de carrinho* é a interpretação do desarme de perna estendida a deslizar na relva. Árbitro *caseiro* é o que favorece a equipa da casa. Rasteirar um jogador da equipa é *ceifar*, mas também pode ser *atropelar*. Quando o treinador é despedido chama-se *chicotada psicológica* que é das expressões mais espantosas que ouvi até hoje. Se a bola é atirada por alto na direcção da grande-área é um *chuveiro*, ou *chuveirinho*, ou mesmo *bombear*, em vez de bambear, talvez porque a bola cai tipo bomba. Quando a equipa troca a bola entre si chama-se *congelar*. E o melhor jogador é a *coqueluche*, em vez de ser uma interpretação possível de tosse convulsa. Quem joga mal *entera* a equipa. E o que parece lento mas não é chama-se *falso-lento*, claro. O túnel de acesso às cabinas é a *cueca* ou o buraco. E os balneários, as *catacumbas* do estádio. Quando uma equipa defende muito é porque joga em *ferrolho* e quando há muitos jogadores na área diz-se que parece uma *floresta de pernas*. Um guarda-redes de má qualidade é um *furo*, um *passador* ou um *frangueiro*. Outro que joga a bola a soco, imaginem, dá-lhe uma *sapatada*. Um jogador que agarra outro pelo pescoço faz-lhe uma *gravata* e outro que finta bem dá um *nó cego*. Quando um

jogo é bom é uma *jogatana* ou um *jogão*, o que me parece bem melhor como definição. Se um futebolista acerta noutra nos canchares dá-lhe nos *machinhos*. Mas se é violento é porque *dá pau*. Se uma equipa não tem pressa de jogar a bola é porque está a *queimar tempo*. E quando o árbitro se engana e prejudica uma equipa? Ah! Isso é um *roubo de Igreja*. Uma confusão dentro do campo é um *sururu* e o campo de futebol pode ser *tapete, relvado, quatro linhas, tabuleiro, cancha, recinto* e sei lá que mais. E o sistema em que a equipa joga? É, obviamente, o *xadrez*.

Não acabam aqui os exemplos. Eles prolongam-se na imaginação de cada um. O que pretendo é deixar uma imagem, ainda que breve, de alguma coisa que tem a ver com a realidade, com os factos, com a criação de novos sinónimos ou de novas palavras para se entrar no jogo da bola que os ingleses aperfeiçoaram na sua concepção e exportaram para todo o mundo com o êxito que se deve reconhecer. Mais do que um fenómeno de popularidade, o futebol é uma reconhecida fonte de emprego, de boa remuneração para alguns onde, dizem os eleitos, se ganha *muito papel*, uma forma de criatividade que conduz à suprema realidade de haver três jornais diários desportivos e uma possibilidade para relatores e comentadores darem largas à sua imaginação e à sua ansiedade constante, de serem mais emotivos do que o próprio espectáculo.

Um amigo brasileiro disse esta frase extraordinária numa conversa comigo na rádio, no decorrer do meu programa "Bancada Central": "Quando a redondinha entra no véu da noiva eu grito o golo como se tivesse um orgasmo."

Mas a propósito da redondinha deixem-me dizer que descobri, sem grande dificuldade, mais de 40 sinónimos de bola, em Portugal, no Brasil e em África. Claro que falo, apenas, na língua portuguesa: *bola, balão, criança, menina, boneca, gorduchinha, maricota, Leonor, pelota, Maria, redonda, nega, esfera, caroco, balão, ela, infiel, ameixa, couro, redondinha, nené, perseguida, verruga, margarida, esférico, castanha, esfera de couro, moça, Guiomar, mortadela, bichinha, caprichosa, enganadora, demónia, pneu, bexiga, número cinco, bola de couro, rapaqueca, chinha e trapeira*.

Bom dia e obrigado por me terem ouvido. ● →

Futebol, futebol

LEONOR MOREIRA

JORNALISTA DE "O JOGO"

OS JORNAIS SÃO UM PRODUTO INDUSTRIAL, o futebol é um desporto industrial e ambos têm nas sociedades um peso muito acima do que possam dizer os números de cada actividade. Ainda assim, alguns números ajudam a entender do que estamos a falar:

Em Portugal, o futebol representa 0,4 por cento do Produto Interno Bruto; em Espanha, por exemplo, representa 1,6 do PIB e 2,5 do PIB directamente ligado a serviços. O futebol é um sector empregador não dispiciendo, gera negócio e riqueza a montante e a juzante e os meios de informação não podem, sob risco de não cumprirem a sua missão, ignorá-lo como fenómeno, indústria, desporto, espectáculo mobilizador de vontades e paixões.

A programação do **Pontapé de Saída** é exemplo da grande transversalidade do futebol, de como o tema é suficientemente atractivo para mobilizar o trabalho, o esforço e a criatividade de tantos artistas – e de tão variadas áreas -, de tantos pensadores, de tão distintas géneses.

Não se trata sequer da máxima de que o futebol existe para que cada um de nós possa ser treinador de bancada. O Futebol tem uma função muito para lá da catarse que proporciona a partir das bancadas, não é mero espelho ou observatório de grandezas e misérias humanas, o que já seria bastante.

No nosso país, o futebol foi durante décadas e décadas o único momento de contacto da esmagadora maioria dos cidadãos com a educação física, o desporto, e o único circo acessível aos que tinham pouco pão.

Saltando muitos anos, são os ídolos do futebol que mais frequentemente são utilizados para transmitir mensagens

de boas regras de convivência, hábitos e estilos de vida, e não se pode esquecer, por exemplo, o recente reconhecimento do Comité das Regiões da Comissão Europeia da importância do desporto no combate ao racismo e à xenofobia: os campos da bola do país e da Europa estão cheios de mensagens nesse sentido e, mais do que isso, o futebol – o jogo – é quase sempre o primeiro instrumento a usar por aqueles que se preocupam com estes temas. Posso acrescentar algumas campanhas a que jogadores, clubes, federações, confederações ou associações mais basistas emprestam com gosto a grande visibilidade deste desporto: Sida, Cancro, Iliteracia... enfim.

Bom, e os Jornais?

Os jornais fazem e vivem de notícias. Mas... tal como o futebol com os golos... não só. E embarcam, mais, até abraçam e ampliam o lado "festivo" do fenómeno da comunicação global, da massificação dos meios de acesso à informação e... ao entretenimento. Por isso, os casamentos das estrelas do futebol são também notícia, como são notícia o número de camisolas que cada um vende para os seus clubes, porque essa vertente é também cada vez mais importante na actividade do futebol: no Real Madrid, o colosso em queda do futebol europeu, 45 por cento das receitas provêm do *Marketing* e dos Direitos Televisivos, uma tendência que se mantém, com as devidas proporções de mercado, nos grandes clubes portugueses.

Este fenómeno faz com que se multipliquem as ofertas, os concursos, os brindes, os livros, os dvd, faqueiros, medalhas... um arsenal muito mais poderoso do que os velhos cromos ou

caixinhas de fósforos que alguns se lembrarão de encontrar à venda na tabacaria do bairro, instrumentos que os jornais ditos de informação geral não ignoram.

O futebol está presente na Imprensa com força e grande visibilidade e os suplementos ou páginas desportivas são, em muitas publicações, o que sustenta e garante as tiragens. Sou jornalista há 22 anos, trabalhei em várias “secções” no Comércio do Porto, no Expresso, tive a honra de integrar a equipa que fundou o Público e a que relançou O JOGO e conheço o peso que a Informação desportiva, e dentro desta o futebol, teve e tem no sucesso desses títulos... como projectos editoriais e também como empresas.

Considero, no entanto, que nesta ciranda em que informação, espectáculo e negócio rodam juntos, é ainda a informação que prevalece e, no caso do meu jornal, O JOGO, orgulho-me de trabalhar com gente inteligente e socialmente responsável, actualizada e activa na defesa do sucesso empresarial e na vertente industrial do produto, mas acima de tudo o mais jornalistas.

E deixo um exemplo de como o futebol, as notícias do futebol – que tantas vezes utilizamos para vender faqueiros ou posters de estrelas e equilibrar contas de exploração – são para nós também um veículo de algo mais. Nas páginas de O JOGO, que segundo os dados do Bareme do primeiro trimestre do ano tem uma audiência média de 3,7 por cento (os concorrentes alcançam 7,7) os leitores habituaram-se a encontrar as notícias, as análises, a informação sobre os grandes momentos da humanidade: noticiámos com empenho e paixão a atribuição de prémios Nobel a Saramago ou a Ximenes Belo, a libertação de Timor, a guerra no Iraque, as eleições em Portugal ou a descoberta de um aparentemente novo planeta no nosso sistema solar.

Pertencemos e queremos agir neste nosso maravilhoso mundo global e o futebol – campo de notícias, palco de vidas – tem-se mostrado um poderoso aliado de cada vez que é preciso fazer avançar um pouquinho mais esta bola em que todos vivemos. ●

As perturbadas paisagens do corpo

JOSÉ A. BRAGANÇA DE MIRANDA

ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO

"But that's how it is to be a slave.

The future is sealed off, he

grovels, he waits".

Leon (in "Blade Runner")

▷ DE TODOS OS LADOS vão chegando indícios de uma inquietação com o corpo, sinal de que, por razões algo obscuras, se tornou problemático, palco de incerteza. A isso não será alheio o facto de estar assediado por intervenções de todo o género – flexibilização no trabalho, aperfeiçoamento genético, embelezamento cirúrgico, ameaça de doença e epidemias, como a Sida, pulverizado pelas imagens, transmitido à distância pela telemática, intensamente explorado pelas artes, etc. Explicar-se-ia, assim, a sensação difusa de que o “corpo” está em crise. Mas seria errado considerar que estamos a assistir ao assédio do corpo “físico” pela técnica e os poderes actuais. Esta visão pressupõe que o “corpo” esteve sempre aí, à disposição ou livre, domesticado ou espontâneo, mas sempre espaço de inscrição ou origem de expressões múltiplas, etc. Em suma, pronto para ser “redesenhado”.

Semelhante visão é demasiado moderna. O que entrou em crise foi justamente a concepção ou imagem de corpo “metafísico”, que se expressava juridicamente na primordialidade do “corpo próprio”, funcionando como garantia última da “identidade” do “sujeito”, ou da singularidade do “indivíduo”. A formação do “corpo” enquanto categoria da metafísica começara a esboçar-se no mínimo desde os gregos, caracterizando-se por uma divisão essencial: entre “corpo e alma”, antigamente, e entre corpo e “consciência”, nos modernos. Esta divisão cons-

titui sempre uma linha de combate, altamente dramática, e que toda a história sublinhou. É em torno desta divisão que se opera a crise do “corpo”. Que, afinal, mais não é do que a crise da forma moderna do corpo, que tem sobrevivido mal aos imanentismos científicos e outros. Para que a “alma” se tornasse num mero fenómeno neurofisiológico bastou um passo, dado alegremente por muita gente.¹ Desaparecida a “alma”, o corpo fica reduzido ao orgânico e às imagens em que se pluraliza.

Disse algures o coreógrafo e bailarino Bill T. Jones que “o corpo tem uma fome feroz, e quer agir, quer ser. Se formos capazes de escutar os seus impulsos de repente vemo-nos a mover os braços à volta, talvez a saltar ou a rolar, compreendendo-se assim algo acerca do corpo”. Prometido à dança e ao movimento, ao ritmo que o transporte, mas também corpo esfaimado, de uma fome incompreensível, que nenhum movimento consegue aplacar, nem mesmo a dança. Promessa de alegria e pavor de morte, tudo afecções da carne, eis o que se jogou em torno do corpo, onde a segunda alternativa se foi sempre impondo. Desde sempre foram os corpos mobilizados, caíndo um ou outro da máquina que os conduzia, esmagando-os. Talvez por impaciência com a história, tornou-se feroz. Neste processo sai lesado o humano. Como tem razão Antonin Artaud quando escreve:

*“Vi máquinas lutarem imenso
mas só lá muito ao longe no infinito
os homens que as conduziam”.²*

Como nas figuras desoladas de um Giacometti, meras sombras ao longe, em correspondência secreta com o esmagamento

mento pelas máquinas da primeira guerra mundial, tão bem descritas por Ernst Jünger num forte romance intitulado *Tempetades de Aço*.³ A pouca alma que restara esvaía-se perante as tempestades de balas, os bombardeamentos, os gazeamentos. Esses homens regressaram a casa, ou outros como eles, mas já tinham perdido confiança. O corpo de que Nietzsche fizera o *Leitpfaden* para inverter a metafísica, tornara-se algo invivível. Ah! Como isso ressalta das *performances* dos anos 60 de Carolee Schneeder mann, ou o exercido em crescendo por raiva de Barry le Va nas *Velocity pieces* (1970), cuja estranheza persiste ainda. As paredes contra as quais embate violentamente até cair exausto, coberto de sangue, são menos a prisão do “corpo” do que sinal de uma raiva e ferocidade que nenhuma imagem artística consegue dissipar. Talvez Le Va estivesse contagiado por uma certa *adiction to art*, culminando com isso uma dinâmica que vinha do século XIX. Mas nem basta dizer que a fome que desorbita o corpo terá a ver com um insaciável apetite pelas imagens, por ele atraídas como por um potente íman. Esse desejo de outrar-se pela imagem funda-se nessa ferocidade da carne que se volta contra o “corpo”.

De algum modo, esteve em curso um processo subterrâneo que foi destituindo o corpo dos seus poderes e das suas funções históricas. Insensivelmente foi ocorrendo uma incessante medicalização do corpo, finalmente “liberto” da “alma”. Não dirá Claude Bernard, provocatoriamente, em finais do século XIX, que já tinha aberto muitos cadáveres sem nunca ter encontrado a alma na ponta do bisturi? Mas estranhamente parecia difícil desembaraçar-se dela. Quase em compensação a “alma” transforma-se numa série de imagens, desmultiplicando-se em máscaras e em personagens, acarretando uma “salvação” estética do corpo no mesmo momento em que se positiva absolutamente. Boa parte dos artistas do século XX questionaram profundamente este acréscimo estético ao corpo físico que, em última instância, dissimulava o facto de, cada vez mais, estar a ser totalmente mobilizado, posto à disposição.

Este resultado que se irá agravando progressivamente, explica-se pelas aporias da concepção moderna de corpo. De

facto, para os modernos o corpo era o modelo de toda a propriedade. Os proprietários tinham as suas empresas ou terras, o proletário o seu “corpo”, mas todos eram proprietários. Por ilusória que fosse essa “propriedade” que a mais mínima doença desmentia, nessa construção jogava-se algo de essencial: impedir as intervenções directas sobre a carne, inevitáveis nos poderes antigos, com torturas, escarificações e marcações de todo o género, e que o “corpo próprio” estava encarregado de proteger. Paradoxalmente são os vagos “proprietários” que desejam ardentemente tais intervenções, torturando-o pela ginástica, as dietas, a cirurgia estética, o aperfeiçoamento genético ou a virtualização. As imagens com que se mascarava, seguindo um curso paralelo, regressam a ele como “clones”, “cyborgs” ou replicantes, consciências desincorporadas, fazendo-o implodir na prática. Perde sentido, este modo, o lamento de Walter Benjamin, para quem “o mais esquecido de tudo é o nosso corpo”. Ao invés, a memória daquilo que um dia foi, imortal por exemplo, origina um traumatismo irremediável.

O primeiro sintoma de crise do corpo moderno foi justamente a sua transformação numa categoria “cultural”, que foi, desde logo, acompanhada pela sua fragmentação numa multiplicidade de “corpos” – corpos sociológicos, ligados aos géneros, cosméticos, médicos, e agora, os *cyborgs*. É habitual definir tal profusão como caracterizando o “pós-moderno”, o que levou Jean-François Lyotard a sustentar que teria chegado a hora de pôr “luto pelo corpo”. Luto interminável, este. Forçoso é reconhecer que este é o melhor sintoma de que a “imagem” clássica do corpo parece incapaz de suportar todas as forças que o estão a deformar e que são basicamente determinadas pelas próteses técnicas que o invadem e, ao mesmo tempo, disseminam por todo o lado. Estamos simultaneamente confrontados com uma implosão do corpo, tudo atraindo para ele, mesmo o que lhe é antitético, e uma explosão, que o dissemina por todo o lado, fazendo dele uma categoria terminal, a que não é alheio o desaparecimento concomitante da noção de “mundo”.⁴

O corpo veio à frente. Isso torna em problema algo que

→ historicamente era a solução para a violência e fundamento da liberdade política. Se começa a ser evidente a fragilidade da visão “organicista”, enquanto corpo autónomo e fechado sobre si mesmo, que instabilizara profundamente a visão “espiritualista” que opunham corpo e alma, não é menos necessário criticar as concepções pós-modernas que propõem uma paradoxal “síntese” em que o corpo orgânico é a base de uma pluralidade de imagens em que se desdobra. Se o orgânico serve de “suporte” à pluralidade de imagens⁵, mas, em contragolpe as imagens estão a afectar o biológico, que se procura transformar profundamente, senão mesmo aniquilar⁶, repetindo-se bizarramente o velho desprezo teológico pelo corpo.

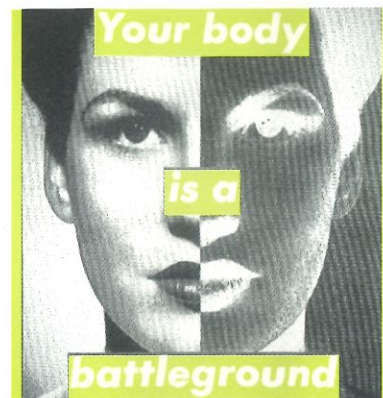
Neste momento quase terminal do corpo, em que os extropians seguidores de Moravec ou Kurzweil se querem desembaraçar, em que “eugenismos” de todo o género o afectam, é necessário retrair a sua genealogia, enquanto categoria que atravessa toda a experiência ocidental. Somente deste modo se pode voltar a dar curso a outras possibilidades que o “corpo” continha, e que tinham a ver com a sua divisão incorporeal, que se confundiu largo tempo com a “alma”. Todo o trabalho histórico sobre o corpo dependeu de tal divisão originária, que não visava de modo algum a produção de infinitos corpos, nem mesmo uma pluralização deste através de imagens várias. Estava basicamente em causa uma certa relação à carne, e a possibilidade de individuação, de fundamento político. Se a carne era da ordem do comum, apropriar-se privadamente ela torna-se em questão intensamente política. Trata-se de protegê-la, rodeá-la de véus e de indirectividades várias. Todo o desenvolvimento posterior lesou esta “incorporeidade”.

Daí que seja errado dizer que o “corpo” entrou em crise. A crise faz parte da natureza do próprio corpo, porque ele é a resposta à crise provocada pela demasiada exposição da carne. Daí que os modernos se agarrassem ao processo de individuação e à tomada de posse do corpo, que fica como pressuposto de todo o sistema político e metafísico. Para impedir ou desviar esta crise profunda que afecta todas as formas, por exemplo pela doença ou pelo crime, é que a

surge a noção de “corpo próprio”. O efeito inesperado é que assim se instaura um espaço de intervenção, menos directa que a antiga⁷, que a actual flexibilidade pós-moderna mais não faz do que incrementar, aparentando querer libertar-se do “corpo” moderno. Bem vistas as coisas, a actual abertura do corpo a todas as pluralizações, sendo basicamente cosmética, tem por horizonte último a própria categoria de corpo, ela própria fonte de perigo. Basta ver como o conceito de “corpo sem órgãos” de Deleuze, claramente inovador, não consegue deixar de lhe fazer referência e de ser abismado por ela.⁸ Por provisório, aberto e telescópico que o corpo actual possa parecer, está ainda dependente da maneira como o “corpo” veio à frente.

E com isso tornou-se numa obsessão, aparentando mesmo ser a derradeira categoria que resta da metafísica. Numa das obras de Barbara Kruger pode ler-se: “*Your body is a battleground*”, e nessa obra dá-se duas metades do rosto de uma mulher, em positivo em negativo. Tudo efeito de espelhismos, de trabalho sobre a imagem, de que a própria divisão entre corpo e alma, esse operador absoluto do corpo clássico, é um mero efeito, Trata-se de regimes de visibilidades distintos dentro de uma mesma imagem, Adivinha-se em Kruger a ambígua nostalgia futurista por um corpo inteiramente possuído e escolhido, indeciso sobre as suas próprias possibilidades. A batalha trava-se em torno das imagens do corpo, contra o “corpo próprio” dos modernos, que se torna em mais uma imagem, perdida entre a infinidade das imagens com que concorre. O corpo orgânico, deixado entregue à instância médica e genética, fica ao lado, ou atrás, aguardando uma mutabilidade perfeita. Puras metamorfoses como as dos deuses de Ovídio, mas sem deuses...

Em primeiro lugar, é o imaginário dos corpos que está a entrar em delírio. Palco das metamorfoses infinitas d’ *A Coisa* de John Carpenter, monstruoso e a fugir para o sentimental como no último *Alien*, dotados dos direitos do cidadão-cyborg defendido por Chris Hables Gray, *uploaded* para a rede e, assim, informação pura como em Hans Moravec, deixado para trás com em *Matrix*, geneticamente corrigido, antecipado



pelo super-computador de John Vinge etc., etc. As figurações do corpo vão proliferando, sem se saber muito bem nem as causas nem o destino disto tudo. Neste contexto escolher ou proibir a clonagem, preferir a desincorporação e a espiritualidade digital, projectá-lo telematicamente no espaço orbital ou extraterrestre – como decidir? Tudo se esgota na proliferação imaginária, que dissipa mesmo a pouca inteligibilidade que cada uma destas abordagens nos dá do corpo. Ora, de pouco vale procurar discutir cada uma destas possibilidades. Por exemplo, não é pertinente a pergunta sobre o que é um “cyborg”, se é desejável ou não, sendo primeiramente necessário apreender a lógica que presidiu ao seu aparecimento, a que não é alheia a sua concretização cinematográfica, literária, técnica, etc.

Todos estamos confrontados com uma intensa pressão sobre o corpo, bem distinta daquela morte suspensa que sobre ele pesou até agora. Agora a fronteira vida/morte que, em profundidade, suportava a divisão entre corpo e alma, está ela própria a ser trespassada, e a pressão é bem outra. Não já a de uma vida “eterna” para obviar a morte, mas a de uma reversão da morte, um permanente trabalho sobre a vida, suscitando-se assim a crescente penetração dos corpos pela técnica. Não é casual que a medicina e a genética tenham vindo a ganhar preponderância, convergindo com o digital no *Visible Human Project* ou no *Programa Genoma*. Processos que até aqui só tinham lugar na ficção científica ou do cinema estão na ordem do dia. Sendo certo que a clonagem, a replicação, a robótica ou o uploading estão a provocar uma crise profunda nas nossas visões sobre a “essência” do corpo, por si sós, a medicina e as diversas

tecnologias são insuficientes para se perceber esta pressão generalizada para transformar o “corpo”.

Semelhante pressão acarreta um trabalho permanente sobre a carne. Aquém e além do “corpo” esteve sempre a carne, simultaneamente promessa de alegria e superfície de inscrição de ameaças de todo o tipo, a derradeira das quais é a morte. As sereias, os deuses, os centauros, aflorações da alma antes dela existir, são figuras de corporeidade que acabaram por ser destruídas pela estratégia metafísica que se centrou numa divisão fatal: a de corpo e alma. De Platão até ao cristianismo, toda a nossa experiência foi regida por esta clivagem essencial, que está em preparação desde os tempos mais remotos. A crise que descrevemos, embora sumariamente, tendeu a afectar a constelação arcaica onde carne e psyché se reduplicavam como uma espécie de banda de Moebius e que hoje está a deslassar-se, e com isso o espaço erótico que regiam: o das ligações que constituem o humano. A vinda à frente do corpo significou o corte de todas as ligações que o envolviam, protegendo-o, aprisionando-o, etc. Percebe-se melhor, esperamo-lo, como a emergência do corpo como tal, absoluto, é a causa da enorme pressão que sobre ele incide. Isto apesar das expectativas dos modernos que, para romperem com as ligações servis do passado, com a escravatura e a servidão feudal, não podiam deixar de impor o “corpo” como base do “indivíduo”.

Ora, nas fronteiras do corpo indentitário moderno grassam um certo número de relações perigosas, que se voltam contra ele. A doença, a loucura, a sexualidade, o trabalho ou ao crime, tudo isso constitui uma ameaça permanente à bela liberdade dos modernos. O corpo dos modernos era básica- →

→ mente jurídico, mas para sustentá-lo era necessário evitar os perigos que o assediavam, e que redundavam sempre no retorno da carne, na sua fragilidade. O acidente na fábrica, o assassinato, as paixões extremas faziam emergir a carne na sua máxima desnudez. Pontualmente é certo, mas decididamente. Quase insensivelmente foram-se reduzindo estes perigos a patologias, tudo sendo visto à luz da doença. Como mostrou Michel Foucault¹⁰, trata-se de um processo inseparável do olhar médico com culmina a razão clínica moderna, a qual foi emergindo lentamente, passando de auxiliar a determinante. Pode-se então afirmar que as outras ordens acabaram subsumidas sob o clínico. Situação bem sintetizada por Donna Haraway: *“As questões políticas realmente importantes – quem vive, quem morre, e a que preço – estão incarnadas na tecnocultura”*.¹¹ E o “corpo” constitui a linha divisória onde em torno da qual se joga o destino do humano.

O problema está no facto de o “corpo”, como tal, ser sinal de um fracasso, surgindo isolado perante poderes que o transcendem. Por outro lado, tende a reduzir-se à dura materialidade do orgânico. É esse isolamento que o reduz ao *bios*, que faz dele uma espécie de ímã que tudo atrai, mesmo o que lhe é mais inóspito. É evidente, pelo menos para mim, que a clínica do “corpo” arranca de uma certa interpretação maquínica da carne, basicamente codificada por Descartes e a sua tese dos animais-máquina.¹² Mas o muito criticado dualismo de Descartes era, apesar de tudo, uma forma de suspender a pressão sobre a carne sobre a qual incide a razão clínica. Se a carne é da ordem da máquina, então ela poderá ser tratada tecnicamente, mas sobrava a “consciência”, a forma moderna da alma. Tudo o que é superintendido por ela suspendia a

aplicação da mecânica ao humano, e aos “corpos”. Esta concepção foi sendo demolida desde o século XIX,¹³ culminando com as teses de Damásio e outros sobre o “erro de Descartes”, abolindo o dualismo no qual ecoava ainda a divisão originária de protecção da carne.

No quadro aberto por Descartes toda a intervenção era particular, sem pôr em causa o “corpo” na sua totalidade.¹⁴ É nesta visão do particular, da intervenção parcelar sobre as falhas da “máquina” se origina a visão protésica moderna, que parece reger a medicina cartesiana, em que as próteses funcionam como suplemento de uma fraqueza ou da doença. Esta visão foi-se invertendo à medida que as máquinas se desenvolveram e ganharam potência, mas também ao compasso da luxúria das imagens do corpo cinematográfico e literário. Tratava-se de fazê-la transmigrar para os corpos, constituindo-se assim a primeira imagem do *cyborg*. Pode-se datar dos anos 60 a notícia desta viragem com as teses de John McHale sobre o “Man Plus”.¹⁵ Numa visão quase fetichista McHale ultrapassa ideia das próteses como suplemento de uma fraqueza para as tornar em complemento de uma força. Das máquinas como extensão do corpo humano passamos para o corpo como extensão do maquínico, que implicou a sua inserção numa matriz técnica que precisa de reduzi-lo a uma situação paradoxal de isolamento e de ligação forçada. McHale defende com entusiasmo a “integração de circuitos no corpo humano como partes permanentes”.¹⁶ Só que, levada ao extremo, é o próprio corpo que se torna em obstáculo ou que é a prótese de si mesmo. Cria-se não novos acrescentos, antes um novo corpo, um hiper-corpo, que já não cabe na própria imagem do “man plus”, em que as divisões entre

orgânico e não orgânico, máquina e bios, deveriam desaparecer. A isto mistura-se a ferocidade do corpo, baseada no luto interminável pela morte de Deus ou da “imortalidade”.

Seria demasiado banal dizer que o corpo se artificializa, porque nunca existiu algo como um corpo “natural”. Aliás, esta formulação é, de facto, um pleonasma, pois o corpo é necessariamente artificial, algo que fica para além da vida/morte e que surge para proteger esta relação última, sempre fonte de terror. Em suma, não há “corpo” natural. Faz-se sempre corpo com uma ideia, com uma imagem, etc. Nos nossos dias está-se a fazer corpo com o próprio “corpo”. A naturalização do corpo vai de par com a sua redução à fisicalidade de uma imagem “incarnada”, proveniente de um outro espaço e que a ele retorna.

Foi preciso a ocorrência de um processo de descolamento das imagens do corpo relativamente à sua matriz clássica, reelaborando a velha oposição entre corpo e alma. A invenção da fotografia e do cinema, mas também do gramofone,¹⁷ que tiveram lugar a partir de meados do século XIX, permitem datar o momento em que as imagens se separam dos “corpos” iniciam as suas derivas e errâncias. Só depois disso podia emergir o corpo dotado de uma nova plasticidade. Segundo uma dupla vertente: a que se centra na hibridez das imagens, capazes de permitirem combinações estranhas e sugestivas, em busca de corpos; e a do bios, crescentemente isolado e moldável, capaz de acolher potencialmente todas as imagens.¹⁸

O que está a desaparecer é a específica forma histórica de artificialização do natural, do biológico, que se consubstanciou na noção de “corpo” depois dos modernos, para os quais o “corpo” enquanto forma de individuação¹⁹ foi sempre um artifício, basicamente teológico e político. O artifício opera por efeitos de projecção, mas também de plasticidade. Arcaicamente a criação de Adão é feita a partir do “barro” que é moldado por Deus e depois lhe sopra a “alma”, animando-o. Estão em causas necessidades históricas de responder à carne, e nenhuma ontologia. Sobre este assunto, afirma Jean-Luc Nancy que “*se o corpo é o que, por excelência, é criado... [então] ele é a matéria plástica do espaçamento se,*

forma e sem ideia. O corpo é a própria plasticidade da expansão, da extensão na qual tas existências têm lugar... O corpo não é imagem de..., vindo à presença à maneira da imagem que surge no ecrã da televisão, do cinema, vinda de nenhum fundo do ecrã, sendo o espaçamento desse ecrã e existindo enquanto que extensão deste”.²⁰ Deixemos de lado, o facto de que no cinema o corpo é projectado, enquanto na televisão é formado pela síntese de pontos. Sucede que nunca se parte do corpo em grau zero, dado que historicamente já dispomos da sua “imagem”, das suas projecções.²¹ A história projecta-a sobre a comunalidade da carne, dando-lhe uma firmeza e rigidez que não possui. O corpo não é plástico em si, ao contrário, esteve sempre na base de uma “rigidez” política e jurídica que ainda sobrevive, embora em colapso acelerado. Recobrar a sua plasticidade só pode ocorrer na leveza das imagens ou no retorno da carne, na sua máxima materialidade. A plasticidade é hoje mais sinal de excessiva disponibilidade do que característica ontológica do “corpo”.

Se este era uma projecção proveniente do mito e da teologia, difractada pela óptica moderna, agora serve de ecrã para a projecção de imagens potentes, que o redesenham em profundidade. Trata-se, está bom de ver, de um ecrã paradoxal, que muda à medida que a imagem o toca penetrando-o em profundidade. A medicina e a genética são os operadores de tal mutação. Tudo isto se apreende mais nitidamente quando se reflecte sobre os corpos “artificiais”, designação bem ambígua, reconhecamo-lo. Mas é no imaginário do hiper-corpo que melhor se apreende o que está em causa. Numa frase lapidar dirá Donna Haraway: “*Mito, laboratório e clínica estão intimamente entrelaçados*”.²²

Desde a mitologia que existem registos de corpos artificiais ou “impossíveis”. Os centauros, Fénix, sereias, os deuses imortais metamorfoseados em animais ou plantas, etc., etc., dão conta da plasticidade das imagens. Toda a história procurou conjurar os perigos destas misturas, reduzindo as imagens a meras “imagens” ou a construções poéticas. Também o cinema com os *Frankenstein*, os *Robocops*, os andróides do *Terminator* parecia manter-se num domínio estético, ainda



→ aparentado com a antiga mitologia. As coisas alteraram-se. Vão surgindo notícias sobre clones, *robots*, *cyborgs*, engenharia genética, etc. Trata-se de desmesuras do corpo moderno, tudo parecendo orientado pelo desejo de um hiper-corpo. Este é ainda uma imagem do corpo, mas que vai além da sua forma moderna. O que se deve a uma diferença essencial – começa a ser possível realizá-los tecnicamente.

Para isso ser possível, dissemo-lo já, foi preciso que o corpo se transformasse no problema decisivo, que fosse isolado e separado da trama de relações em que se inseria. A crítica desta tendência é basicamente política. A sua possibilidade depende de sermos capazes de apreender o novo espaço em que se inscreve, captar a paisagem profunda onde ele evolui e que, simultaneamente o mobiliza. Seria preciso apreender o tipo de paisagem que propicia a absoluta plasticidade do humano. É certo que o corpo pode ele próprio tornar-se em paisagem, sem que isso impeça que o “corpo” se possa tornar ele na última das paisagens, como o dá a entender uma obra de Eric Emu intitulada *Comme des corps*.²³ Mas esta paisagem desolada de corpos isolados e à mercê de forças que o submergem e intensamente desejadas, já só pode ser definida como uma “cidade arruinada”, para lembrarmos

uma bela fórmula de Rezha Abdoh,²⁴ ou como as ruínas do humano. Pensa-se de imediato nas solitárias figuras humanas de um Chirico, perdida num cidade sonhada, mas vazia. Ora, a história das paisagens do corpo já seria outra história. ●

NOTAS

- ¹ O sucesso o livro de António Damásio de título *O Erro de Descartes* (1994), revela que se trata de um resultado largamente esperado. Mesmo uma filósofa como Catherine Malabou tem dificuldade em rebater o fisicalismo contemporâneo, procurando encontrar-lhe alternativas no próprio cérebro, que realmente se tornou num campo de batalha. Cf. Catherine Malabou (2004), *Que faire de notre cerveau?*, Paris, Bayard.
- ² Antonin Artaud (1948), *Para Acabar de uma Vez com o Juízo de Deus*, Lisboa, E&etc, p. 20.
- ³ Trata-se de um livro enormemente influente, que narra as experiências do jovem Jünger quando tenente do exército alemão na primeira Guerra Mundial. Cf. Ernst Jünger (1920), *The Storm of Steel* (trad. Inglesa), Londres, Constable, 1994. Se o autor alemão retira daí consequências várias, desde o conceito de “mobilização total” ao da necessidade de exercitação espiritual provocada pela guerra, já Walter Benjamin explorará o sentimento de desamparo provocado pela guerra de material. Assim, no texto sobre o “Narrador” afirma que “uma geração que ainda tinha ido para a escola em carro puxado a cavalos encontrou-se subitamente na intempérie, numa paisagem em que anda tinha ficado por mudar, com excepção das nuvens. No meio desta, rodeado por um campo de forças formado por correntes devastadoras e por explosões, encontrava-se o minúsculo e frágil corpo humano”. Cf. Walter Benjamin (1938), “Le Conteur” in *Oeuvres III*, Paris, Gallimard, 2000, p. 116.
- ⁴ Sobre a mudança do interesse pelo mundo em obsessão pelo corpo, cf. José Bragança de Miranda (2000), “Corpo Utópico” in *CADERNOS PAGU*, São Paulo, Unicamp, 2000, n.º 15, pp. 249-270.
- ⁵ Já Rimbaud dissera que “Il faut être absolument autre”, e depois dela este imperativo foi-se disseminando, avultando neste aspecto a crítica das feministas e dos *gay studies* à rigidez dos géneros considerados como mera construção cultural do falocentrismo ocidental. Também as experiências dos MUD(s) e dos MOO(s) na internet, com os seus diversos avatares, privilegiaram a multiplicidade das imagens que se articulam sobre o biótipo de cada um.
- ⁶ Se o biológico constitui para muitos o suporte de inúmeras imagens, em última instância dele vem uma resistência às possibilidades da imagem. Daí

a tendência crescente a transformar a base biológica, o “corpo”, por exemplo para libertar as mulheres do “útero” por meios técnicos. Valha como exemplo, o livro já clássico de Judith Halberstam & Ira Livingstone (eds) - *Posthuman Bodies*, Bloomington, Indiana University Press, 1995.

⁷ Deve-se a Michel Foucault a chamada de atenção para a necessidade de re-centrar a político sobre o corpo, tendo proposto a noção de “biopolítica” para apreender este tipo de relações. Este autor refere que as sociedades antigas eram baseadas na “tanatopolítica” e as modernas na “biopolítica”. Enquanto a primeira se baseia no “direito de fazer morrer ou de deixar viver”, a segunda caracteriza-se pela “gestão e regulamentação da vida”. Cf. Michel Foucault 81976), *La Volonté de Savoir*, Paris, Gallimard, respectivamente p. 178 e 180. Sobre esta questão vale a pena consultar o livro Michel Foucault, *Naissance de la Biopolitique*, Cours au Collège de France, 1978-1979, Paris, Gallimard, 2004. Diga-se, de passagem, que a actual tendência para investir a carne em profundidade a partir de imagens altamente plásticas corresponde a algo de novo, obrigaria a reformular a própria noção de biopolítica

⁸ Com a noção de “corpo sem órgãos” Deleuze pretende, entre outros objectivos, ir além do corpo orgânico como base de individuação do “sujeito”, sustentando “o Corpo sem Órgãos é um limite, não se chega a ele, não se pode chegar a ele, está-se a aceder a ele”. Cf. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) *Mille Plateaux*, Paris, Minuit, p.186. Está em causa um permanente retraçar de fronteiras instáveis e indecíveis que articula “corpos”, objectos e imagens, ligados através da produtividade do desejo. Contra a estabilidade do corpo enquanto organismo, Deleuze propõe um “corpo” frágil e em permanente devir. Apesar do inegável interesse desta concepção, é de suspeitar se o CSO não significará o extremar da noção de corpo metafísico, disseminando-o por todo lado.

⁹ Cf., por exemplo, Catherine Waldby (2000), *The Visible Human Project. Informatics, Bodies and Posthuman Medicine*, Routledge, Londres.

¹⁰ Em Michel Foucault (1963), *Naissance de la Clinique: Une Archéologie Du*

Regard Médical, Paris, PUF.

¹¹ Donna Haraway, entrevista a Hari Kunzru, “You Are Cyborg” in *WIRED*, N.º 5.02, fev de 1997.

¹² Descartes, um espírito prudente, teve alguma dificuldade em dar o passo dos animais-máquinas para a tese do corpo como máquina, que estava claramente implícita na sua teoria. Sobre estas questões, cf. Georges Canguilhem (1952), “Machine et organisme” in *La Connaissance de la Vie*, Hachette, Paris, pp. 124-159.

¹³ Mas o ataque ao “dualismo” de Descartes começou muito cedo, bastando recordar o influente livro de Julian Onfray de La Mettrie (1748), *L’Homme-Machine*. É certo que La Mettrie, ao tentar explicar a potência das visões teológicas da alma, irá apresentar uma solução muito original para a resolução do “dualismo” que, em muitos aspectos, vai bem mais longe que a dos fisicalistas actuais.

¹⁴ Politicamente coube a Thomas Hobbes delinear a contrapartida das teses de Descartes, nomeadamente no *Leviathan* (1660). Trata-se de garantir, numa estratégia que deve muito ao barroco, a desincorporação do cidadão moderno, juridicamente fundado. Não é o corpo, mas os seus efeitos que são visáveis economicamente ou mesmo vitalmente. Sobre a referida desincorporação, cf. Claude Lefort (1981), *L’Invention démocratique. Les Limites de la domination totalitaire*, Paris, Fayard.

¹⁵ Trata-se do capítulo central do livro de John McHale (1969), *The Future of the Future*, N.Y, Braziller.

¹⁶ John McHale, Op. Ult. cit., p. 159

¹⁷ O primeiro sintoma disso são os inúmeros vampiros e os fantasmas que campearam na literatura e, mais tarde no cinema, e que revelam o desassossego perante o trespassar da divisória vida-morte, inseparável de um novo estatuto da imagem depois da invenção da fotografia e do cinema. Sobre este assunto, cf. Peter Weibel: “The Industrial Revolution and Vampirism” in *Phantom Painting* →

→ (<http://thegalleriesatmoore.org/publications/vampirestudy/weiben12.shtml>).

¹⁸ Em *Johnny Mnemonic* William Gibson refere explicitamente esta possibilidade. Dada a permanente reversibilidade do corpo, que pode sobreimprimir qualquer imagem, trata-se de experimentar não com o belo. Mas com o monstruoso. Cf. William Gibson (1995, *Johnny Mnemonic: The Screenplay and the Story*, New York,.

¹⁹ Para além do que já referimos sobre a necessidade histórica do corpo como categoria, Georges Simondon chamou atenção para a natureza crucial dos processos de individuação. Cf. Gilbert Simondon (1989), *L'individuation psychique et collective*, Paris, Aubier-Montaigne.

²⁰ J.L. Nancy: *Corpus*, éd. Métailié, Paris, 2000. p.57.

²¹ Quase todas as tecnologias gregas do corpo estiveram ligadas ao desdobramento e à projecção, mantendo-se esta estrutura pelo menos até a Mettrie. Lado a lado com tecnologias de inscrição e de produção denunciadas por Foucault, na sequência da “genealogia da moral” nietzscheana. As artes contemporâneas têm trabalhado de maneira diversa as estruturas de projecção. Cf. Chrissie Iles, *Into de Light. The Projected Image in American Art 1964-1977*, Whitney Museum of American Art.

²² Donna Haraway (1989), “The Biopolitics of Postmodern Bodies: Constitutions of Self in Immune System Discourse” in *Primate Visions: Gender, Race and Nature in the world of Modern Science*, Londres, Routledge, 1990, p. 205.

²³ Cf. Eric Emo, *Comme des corps*, tirage sur papier baryté, 2002, 120 x 80 cm

²⁴ Sem qualquer desespero, Abdoh afirma: “Planeio ficar perto da cidade em ruínas durante o remanescente dos meus anos”. Cf. Abdoh, Reza (1993) – “Quotations From a Ruined City”, catálogo da peça, Los Angeles Festival, August 19 – September 20, 1993. p. 29.

O Corpo – presente

MARTA WENGORVIUS

ARTISTA PLÁSTICA

- ▷ ESTAMOS AQUI. Estamos sentados. Sabemos que estamos sentados mas se começarmos a percorrer o desenho volumétrico do nosso corpo tomamos outra consciência desse facto.

Começamos por mexer a articulação dos dedos dos pés. Em seguida tomamos consciência das articulações dos tornozelos. Sabemos que mais acima estão os joelhos. Se continuarmos chegamos à articulação da bacia. Apercebemo-nos que o peso do corpo assenta aí sobre o cóxis. Imaginamos um eixo que liga este ponto a um ponto infinito que cruza a nossa cabeça. Concretizamos cada vértebra colocando-as uma após a outra. Começamos a mexer os dedos das mãos. Utilizamos um movimento lento que nos ajude a apercebermo-nos das pequenas articulações. Rodamos as mãos no eixo dos pulsos. Seguimos caminho até aos cotovelos. E continuamos até encontrar as articulações dos ombros. Realizamos como todas as articulações estão inter-relacionadas e como comunicam entre si. Imaginamos um fio que percorre do centro da terra passando pelos pés, calcanhares, tornozelos, joelhos, cóxis, cada vértebra da coluna e saindo por um ponto no cimo do crâneo até ao céu.

QUEM É O CORPO QUE FAZ?

A ACÇÃO INVISÍVEL QUE PRECEDE O MOVIMENTO
Sempre gostei de ver o corpo de quem faz! Explico: num concerto de piano fico visualmente presa às mãos que tocam (aquele momento em que estas se erguem e ficam como que suspensas num plano paralelo ao piano).

Se olho para a figura de Giacometti a construir os seus caminhantes as suas mãos e a sua cara exprimem esse movimento dentro da imagem fixa que é a fotografia.

O movimento anterior ao bailado, o tempo em que o corpo está visualmente parado para quem observa e, no entanto, é esse momento que o bailarino está a intuir o movimento e espera por ele.

Ou o movimento dentro do corpo quando em pensamento, em oração, em preparação.

Eu quero, antes de tudo, falar do movimento que não se vê, tanto dos que enumerei como dos que estão aqui presentes, assim como do jogador antes de começar o jogo.

Fala-se de pensar e de agir. Distingue-se a imobilidade e o movimento. Mas poucas vezes se refere o que permite as suas passagens e existências.

Pede-se ao aluno que desenhe, ensinamos as ferramentas e não podemos esquecer de lhe dizer que espere pelo desenho. Esta espera faz parte de qualquer aprendizagem. A sua consciência é parte do que é cultura. Porque a espera de que falo é o momento da corporização da ideia. Da unidade. Inteiramo-nos do presente através do corpo e é esse ser inteiro que permite receber, passar, dar, trocar e apercebermo-nos do que gostamos, sentimos, queremos.

Vivemos numa cultura *do corpo mais que presente*. Mas numa consciência teórica, ou seja, nunca falámos tanto do corpo de uma forma tão abrangente e iluminada. Nunca tivemos tanto conhecimento sobre o corpo. Mas falamos do corpo e pouco conhecemos do corpo que fala.

Sabemos que na aprendizagem de um novo movimento é no momento de pausa que o corpo realiza essa consciência. Para uma consciência física do que dizemos teremos também que utilizar estas pausas. Estas pausas são esperas que ou iniciam o movimento ou interligam momentos. É nesta →

→ espera que nasce a intencionalidade, nasce o próprio corpo revelando a sua autonomia e linguagem.

A INTENÇÃO E O MOVIMENTO.

ASSERTIVIDADE

O nosso corpo, tanto no movimento interno como externo, precisa de um objectivo: assim como os órgãos mantêm uma relação de intenções entre eles qualquer movimento do corpo é sempre um movimento para...

A assertividade, no sentido de o corpo transmitir uma ideia clara, é aquilo que permite muitas vezes a beleza de um corpo em movimento. É assim o movimento das mãos de um maestro que nos fascina não só pelo movimento em si, mas pela execução física e precisa de uma ideia.

Como seria o movimento dos corpos dos jogadores se lhes retirássemos a bola? E sobretudo, como seria possível esse bailado colectivo? O que orienta aqueles corpos em 10.000 m² é uma ideia. A clareza dessa ideia permite a visão desse espectáculo de um ponto de vista quase coreográfico.

Essa dança, para um observador que lhe retire a sua primeira intenção – jogo de futebol -, tem um grande impacto visual, como a cauda de um peixe ainda vivo fora de água. Mas esse impacto vem-lhe da intenção do actor, ainda que desconhecida ou ignorada pelo observador. É assim a beleza do movimento do corpo de Glenn Gould quando todo o corpo acompanha as mãos no teclado.

Um outro movimento é o que encontramos numa fotografia. O que nos permite contemplar uma imagem parada é, na realidade, nada estar parado. Todas as nossas experiências e memórias dão movimento à imobilidade dessas imagens. Do mesmo modo que não há corpo vivo imóvel. Cada corpo tem a sua própria coreografia e essa fisicalidade vai-se tornando cada vez mais própria ao longo da vida. Como um jogador se reconhece à distância pelo seu corpo de jogar. ●

Porto, Maio de 2004



O Corpo – presente.

Desenho.



Uma "série" de Pichler "quasi hi est... rudiu deveniant formu"

Estamos aqui. Estamos sentados. Sabemos que estamos sentados mas se começarmos a perceber o desenho volumétrico do nosso corpo tomamos outra consciência desse facto.

Começamos por mexer a articulação dos dedos dos pés.

Em seguida tomamos consciência das articulações dos tornozelos. Sabemos que mais a cima estão os joelhos. Se continuarmos chegamos à articulação da bacia. Apercebemo-nos que o peso do corpo assenta ali sobre o cóxis. Imaginamos um eixo que liga este ponto a um ponto infinito que cruzar a nossa cabeça. Concretizamos cada vértebra colocando-as uma após a outra. Começamos a mexer os dedos das mãos. Utilizamos um movimento lento que nos ajude a apercebermo-nos das pequenas articulações. Rodamos as mãos no eixo dos pulsos. Seguimos caminho até aos cotovelos. E continuamos até encontrar as articulações dos ombros. Realizamos como todas as articulações estão inter-relacionadas e como comunicam entre si. Imaginamos um fio que percorre do centro da terra passando pelos pés, calcânteres, tornozelos, joelhos, cóxis, cada vértebra da coluna e saindo por um ponto no cimo do crânio até ao céu.

Quem é o corpo que faz?

A acção invisível que precede o movimento

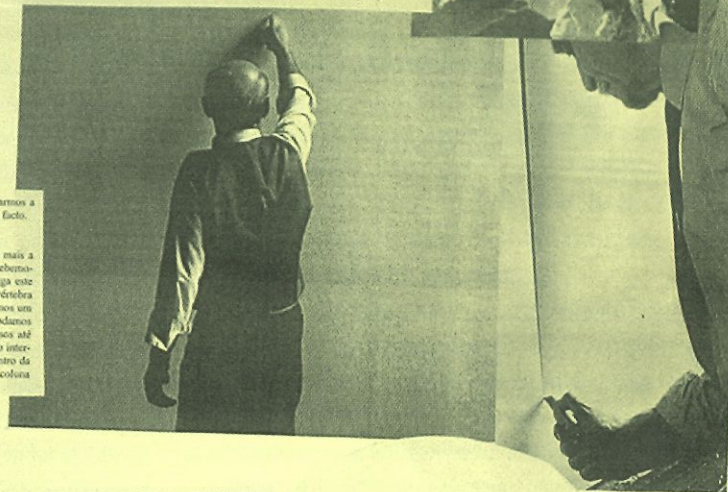


Eu quero, antes de tudo, falar do movimento que não se vê, tanto dos que esmorecem como dos que estão aqui presentes assim como do jogador antes de começar o jogo.

Fala-se de pensar e de agir. Distingue-se a imobilidade e do movimento. Mas poucas vezes se refere o que permite as suas passagens e existências. Pode-se ao longo que desloca, emitimos as ferramentas e não podemos esquecer de lhe dizer que *espore pelo desenho*. Esta espera faz parte de qualquer aprendizagem. A sua consciência é parte do que é cultura. Porque a espera de que fala é o momento da corporização da ideia. Da unidade. Isteiramo-nos do presente através do corpo e é esse ser intuído que permite receber, apercebermo-nos do que gostamos, seremos, queremos e passar, dar, treinar.



Vivemos numa cultura do corpo mais que presente. Mas numa consciência teórica, ou seja, nunca falamos tanto do corpo de uma forma tão abrangente e iluminada. Nunca tivemos tanto conhecimento sobre o corpo. Mas falamos do corpo e pouco conhecemos do corpo que fala.



Sempre pretendo de ver o corpo de quem faz? Explico: num concerto de piano fico visualmente preso às mãos que tocam (aquele momento em que estas se erguem e ficam sobre o teclado que suspensas num plano paralelo ao piano). Se olho para a figura de Giacometti a construir os seus caminharos as suas mãos e a sua cara exprimem esse movimento dentro da imagem fixa que é a fotografia. O movimento anterior ao bailado, o tempo em que o corpo está visualmente parado para quem observa e, no entanto, é esse momento que o bailarino está a deixar o movimento e espera por ele. Ou o movimento dentro do corpo quando em permanência, em oração, em preparação.



O nosso corpo, tanto no movimento interno como externo, precisa de um objectivo: assim como os órgãos marítimos uma relação de interações entre eles qualquer movimento do corpo é sempre um movimento para...

Policoralidad fútbolística y pesquisa

A X E L H E S S E

ETNOMUSICÓLOGO

- ▷ RECORDADOS PRESENTES y muy esperados leyentes, intervine en este fascinante coloquio multifocal sobre el fútbol en el Teatro Rivoli de Oporto con un arco iris de apuntes imaginables de debatir con el fin de evitarles la tediosa lectura de un texto que pueda excederse del tiempo o repetir lo ya dicho, además por ver, ver consentimiento o rechazo en sus gestos.

Pues, de gestos, de simpatías y de adversidades trata el tema de esta noche dedicada al fútbol como arte y espectáculo. Acabado el coloquio, regresado a Salamanca, resulta difícil recordar lo dicho y lo omitido. Además, escribiré en español cuando hablé en portugués. Con permiso. Entiendo que para un portugués es más fácil leer español que al revés, aunque personalmente, recordando unos viajes de conferencia por su país entre 1976 y 1979, prefiera la melodía de la lengua lusa.

Primero, una rectificación de la nota biográfica del programa. No hice apenas *"pesquisa... nas relações entre a utilização da música e o futebol"*.

Como etnomusicólogo me dediqué al trabajo de campo en América Latina y a la música folclórica tradicional y nueva alemana, la interétnica y la bilingüe, los *revivals* folclóricos, en fin, a aquello que no está notado pero conviene estudiar para tener una idea más redonda de lo que es y ha sido la música de las mayorías.

La idea de incluir la música fútbolística corresponde a un portugués que en 1983/85 rodó un documental sobre el trabajo etnomusicológico por encargo de la Escuela Superior de Cine y Televisão de la R. D. Alemana. Durante nuestros preparativos le relaté los debates enardecidos en el medio de la musicología académica y de algunos entusiastas del movi-

miento folclórico referente a la necesidad o insensatez de incluir los cantos fútbolísticos en la investigación de campo etnomusicológico.

Fue Manuel Jorge Veloso, director lisboeta, lamentablemente no en nosotros ya que a esta hora está cerca de Oporto haciendo un reportaje de jazz, él que me sugirió arrancar con el filme en el campo de fútbol. ¡Muy convincente metáfora!

Antes del título muestra la desconcertante entrevista con una anciana en la ventana de su casa sobre los cantos de su juventud, casi olvidados sino algunos fragmentos de melodías y textos.

Después, nos enseña en medio de la afición fútbolística – todos jóvenes – durante un encuentro entre el Berliner Fussballclub BFC y el Fussball-Club Carl Zeiss Jena. Apenas se ve al investigador con su micrófono entre tanta gente, tantas banderas. Del campo de fútbol muestra sólo una parte y del juego mismo nada. Una visión al revés de la que estamos acostumbrados por las transmisiones de la TV o de los documentos filmicos de antaño. Pero el público, quizás, hoy es el principal jugador, como fue en los circos romanos, como fue en la ópera con sus pugnas entre un u otro estilo, por ejemplo de piccinistas contra gluckistas, de wagnerianos contra verdianos.

Segundo, como algunos otros participantes no soy adepto del fútbol. Incluso, fui algo enemigo del fútbol hasta mis preparativos para este coloquio de Oporto. Compartía los prejuicios de muchos que no ven en el él sino los abusos de toda clase que sufre cualquier arte algo sofisticado. Mi propio rechazo resultó del rechazo que me hicieron mis compañeros de la adolescencia al seleccionar sus equipos para los juegos en las pausas del colegio o en sus encuentros por la tarde.

Vivía algo lejos y no tenía suficiente práctica. Me mandaron a la defensa, a la portería, pero fui demasiado lerdo. Y el rechazo en realidad fue el rencor del excluido. No diría que ahora sea un fervoroso neófito. Sin embargo, reconozco después de ver y escuchar atentamente el reciente encuentro Valencia con Marsella que este espectáculo tiene de todo lo que aspiraban los creadores de la ópera Peri y Caccini en Italia, o el semidiós decimonónico del templo operístico de Bayreuth Don Ricardo Wagner – él de crear un espectáculo integral.

Tercero, es que no concuerdo con la opinión de algunos participantes de este coloquio que el fútbol sea el mayor espectáculo de nuestros tiempos. Sí, es un espectáculo global que mueve muchísima gente, hasta alejadas del juego con sus tablas y quinielas. Igualmente es un espectáculo global la bolsa que mueve muchísimo dinero como se ve en las cintas rodantes de EuroNews. En todo caso, ambos alcanzan sólo sectores parciales de la población del planeta.

Existe un espectáculo máximo que conmueve a todos de alguna manera y se remonta a la antropogénesis y por muchos que hayan tratado que erradicarlo sigue el máximo, él que mueve a todos, espectáculo que sale a la luz del día, cuando se abren las puertas del Templo de Jano – la guerra. Hoy por la mañana hemos debatido sobre la mediatización del fútbol. ¡Que es en comparación con la explotación de un tema como los acontecimientos alrededor del rapto de la bella Helena! Vimos la última película sobre “Troya” y tenemos en nuestra biblioteca la primera edición completa de Homero, con que un impresor Bryling de Basilea de nombre hizo su dinerito. En el negocio de la guerra siempre hay héroes, víctimas y espectadores. Sin estos últimos no funcionaría. No quiero hacer un manifiesto pacifista en este año que celebra a mi paisano Immanuel Kant con sus ideas “Sobre la paz eterna”. En vano sería.

GUERRA O COMPETICIÓN

Quiero decir que sólo hay ópera y fútbol bueno cuando las puertas del Templo de Jano están cerradas. Sobre los aspectos sociopsicológicos me callaré, ya que hay mejores definiciones

de lo que pasa donde no pasa nada, por ejemplo en las palabras del Ciudadano Segundo en el paseo de Pascua Florida – que nos tradujo el valenciano Teodoro Llorente del “Fausto” de Goethe y publicó con su versión de la primera parte 1882 en Barcelona:

*Placer no encuentro en la tierra
como en las tardes de holganza
comentar, llena la panza,
las noticias de la guerra.
Batan el cobre en Turquía
el ruso y el otomano;
sentado yo, copa en la mano,
allá en la cervecería,
contemplo sin sinsabores
cruzar, entre ambas ribera,
embarcaciones ligeras
de diferentes colores;
y cuando en grato solaz
la tranquila tarde pasa,
vuelvo bendiciendo á casa
las delicias de la paz.*

Poco diferencia hay entre los comentarios a un partido de fútbol en un bar salmantino, que escucho sin entender hace años, agarrado a mi copa de vino, porque la TV barre la calle Compañía donde los días sin fútbol tocamos el arpa y el violín para los transeúntes nativos y turistas. De pronto unos gritos y tracas nos anuncian que ¡siga la música callejera! De algo se paga el vino. Es nuestro espectáculo actual en este teatro implacable de la vida. ¿Qué vendrá aún?

PRIMERA AUDICIÓN DE UN CANTO FUTBOLISTA

Repito que nunca investigué sistemática o exhaustivamente el campo sonoro del fútbol. Sin embargo, los casi 69 años de edad me acuerdo de un canto que mi hija Twin trajo en su infancia de un campamento de vacaciones como lo tenían todas las empresas de la R.D. Alemana, no recuerdo si fue de →

→ la Universidad Humboldt, donde yo trabajaba, o de la Agencia General de Noticias ADN, donde mi esposa traducía las semiverdades que el teletipo transmitió al mundo.

Los cantos de los niños en los campamentos de vacaciones – Betriebsferienlager – eran una bolsa no sólo de la verdad absoluta, sino también de verdades históricas con un repertorio remontándose hasta el siglo quince, sin intervención de educadores, sin censura y con un sentido de actualidad como corresponde a la adolescencia. Recuerdo el canto, porque unas veces lo reproduce a mis estudiantes de pedagogía musical, para hacerles escuchar la diferencia abismal entre los cantos compuestos para niños y aquellos propios de los niños de origen muy oscuro a veces. Los primeros pretendiendo inculcar los valores reinantes de la época, los segundos alisando sus preguntas abiertas de niños y adolescentes sobre los tabúes que el mundo adulto impone con su imperioso ¡Pero Niño, eso no se dice! ¡Qué canto más horroroso! Resulta que el texto del canto que les quiero cantar, porque no tengo la grabación y tiene sutilezas de cantando, hablando, gritando y gesticulando – bastante largo, incluye una serie de tabúes que dejan de datarlo como una creación a vuelta de la Primera Guerra Mundial con raíces de fin del siglo 19.

*Wir sind die Fussballspieler/ und kommen aus Bernau.
Wir schlagen unsern Gegnern/ die Fresse grün und blau.
(Somos los futbolistas/que vienen de Bernau.
A nuestro adversario /golpeamos azulao.)
Und wenn wir mal verlieren,/ dann ist det halb so schlimm;
denn müssen wir trainieren,/ denn wer ´n wir schon jewinn ´.
(Las veces que perdemos/decimos imenos mal!
Ya entrenaremos. La próxima a ganar.)
Und wenn wir dann gewinnen, dann is die Freude jross.
Denn jehn wir ins Kasino/ und saufen uns was los.
(Y si hemos vencidos/ nos alegramos más
Yendo al casino/ ¡Ala! A emborrachar.)
Herr Oba kam jerittn/ auf einen Ziegenbock;
da dachten die Franzosen,/ det wär der liebe Jott.
(Montó el camarero/ en cabra ol cabrón*

*Pensando los franceses:/ “Mon dieu, c’est dieu, le bon.”)
Sie füllten die Kanone/ mit Sauerkraut und Speck
und schossen den Herrn Oba/ die Unterhosen weg.
(Tiraron sus cañones/ con panza y chucrut
Rompiendo los calzones/del camarero y c’est tout.)
Da kamen Polizisten,/ die schrieben uns in Listen.
Die Listen ham een Loch,/ und saufen tun wa doch.
(Vinieron policías/notándonos en listas;
en listas de punzón/ y el bacanal siguió.)
Da kam een jrüna Wagen,/ der hat uns auffeladen
Und bringt uns zu den Richta;/ der plappert durch ´en Trichta.
Da jab ´s ne Keilerei,/ und wir warn wieda frei.
(Vino el “carro verde”,/ y a todos “suban, entren”.
Nos llevaban al juzgado./ Por embudo arengaron
Causando una revuelta/ y toda gente suelta.)
Herr Oba kommt nach Hause/ mitten in der Nacht.
Da hat er aus Versen/ die Stalltür uffjemacht.
(El camarero a su casa/ a medianoche se llegó,
Abriendo la pocilga/ la puerta no encontró.)
Er denkt er liecht im Bette/ bei seiner lieben Frau;
und küsste voll Vergnüjen/ den Arsch der dicken Sau.
(Pensóse en la cama/ con su chère mujer
Besando con deleite/la puerca al revés.)
Die Sau die musste pupen/ Herrn Oba ins Jesicht;
Herr Oba musste kotzen,/ und weita jehrt et nicht.
(La puerca tiró un pedo/ a la cara del señor
Que este vomitaba/ y la historia se acabó.)*

El texto recoge una serie de informaciones sobre la periferia de Berlín en los años de crecimiento urbanos, alusiones históricas como la presencia de los franceses – primero la comunidad hugonote como factor artesanal y cultural, lingüístico de las clases altas y bajas, rencor antigalo después de la francesada y la guerra franco-alemana de 1870/1, topográficas, sociológicas, psicológicas etc. que lo le hacen documento de un tiempo, pero también unas constantes que hasta hoy se mantienen en el ambiente futbolístico. Interesante la actuación de la orden público con su “Grüne Minna” (Guillermina

Verde), carro carcelario verde de tracción equina, más tarde motorizado. El enaltecimiento de Bernau, pequeña ciudad al norte de Berlín, la que derrotó a los hussitas que siempre supo mantener su identidad histórica en contra del expansionismo de la Gran Berlín. La referencia ridiculizadora a los franceses y sus costumbres de comer chucrut y tocino, realmente plato alsaciano, recuerda e triunfalismo de la guerra germano-francesa de 1870/71, que fue menguando en los años de la ocupación del Ruhr en los primeros años 1920. El personaje del "Ober" o sea Superior que sustituye en el alemán hasta el presente la titulación garçón para el camarero, a la que no corresponde ningún inferior, ya que cada camarero en Alemania es un Señor, un Herr Ober mientras que las camareras hasta muy entradas en edad se tiene que conformar con el título Fräulein o sea señorita, cosa que le pasaba también a las maestras de primaria hasta la Segunda Guerra Mundial.

Otras informaciones de interés histórico es el ambiente medio rural que recoge, la cabalgata sobre un macho cabrío, la existencia de una pocilga en casa y la insinuación de sodomía, tan frecuente en el campo, como iniciación de los chiquillos y consolación de viejos. Todo ha cambiado en un siglo de fútbol. Pero siguen tópicos muy constantes como la violencia que aparece con nombres diferentes, el abuso del alcohol, el uso de fecolalias, en fin, tabúes del mundo de los mayores que tanto interesan a los menores. El mismo canto podrá aparecer con otros topónimos, otros personajes ridiculizadas, en miles de variantes. Como nadie los recoge, no sabemos, ni cuantos ni lo que mueve a sus cantantes. En todo caso, son testimonios de una emancipación de los *peer group* adolescentes de la tutela de los mayores. Cómo alcanzaron a

sobrevivir dos Guerras Mundiales parece un milagro. Supongo, que siempre había transmisores en los campamentos de niños huérfanos, desplazados, evacuados durante las guerras o simplemente enviado por sus padres a pasar las vacaciones en el campo para que puedan seguir en su trabajo. Las vacaciones de verano son largas, y al regresar los hijos siempre regresan con personalidad cambiada, sorpresas gratas e ingratas para padres y maestros. El fútbol juega su papel en este reciclaje psicosomático.

¿Cual es el elemento esencial de estos cantos? En su núcleo siempre hay una estructura sonora a alrededor de la cual cristaliza lo que mueve a los jóvenes, sea una melodía sencilla, un esquema de rima, una serie de palabrotas que se revisten de arte menor. Son fenómenos elementales, pero muy hondamente arraigadas en el subconsciente individual. Pienso, que eso les garantiza la rápida transmisión y la larga conservación en la memoria colectiva. Me pregunto mi mismo ¿cómo me pude recordar un canto que escuché allá en Salamanca después de treinta años si recurrir a la cinta grabada que ni sé donde buscarla? Atavismos.

11 1/2 TAREAS DE INVESTIGACIÓN

Siendo la expresión oral alrededor del campo futbolístico una parte esencial, variable y sometida al cambio de tiempo y lugar, no cabe duda que musicología, fonología y otras disciplinas ahí tienen un campo vasto de investigar. El romance medieval europeo con sus conexiones extraeuropeas sólo en última hora pudo ser documentado, mayormente en sus textos, parcialmente en sus melodías, casi siempre de la memoria y poquísimos en audio y video. →

→ La ópera seria italiana que dominó las cortes europeas mayormente sigue archivado en su partituras con excepción de algunas obras de compositores que se hicieron famosos por su música instrumental, más fácil de recuperar. La gran ópera del siglo 19, formando un sistema con casas de producción abarcando un espacio circunscrito por las ciudades Petersburgo, Moscú, Dresde, Viena, Milán, El Cairo, Lisboa, Buenos Aires, Manaus, Nueva York, London, París, Bayreuth – línea de caracol en el mapa mundi – se salvó por la mejora del transporte marítimo y aéreo, por la invención de la grabación sonora y la transmisión audio y visual del siglo 20, por su comercialización en ediciones para el gran público, sean libretos, discos, partituras. Cada vez menos obras, menos cantantes y directores llegaron a satisfacer un público cada vez más exigente, que eleva los estándares a niveles económicamente insostenibles en el siglo 21.

Algo parecido pasó en los casi dos siglos de la historia del fútbol. La diferencia es, que en los más de cien millones de clubes de fútbol del globo, sólo una parte es profesional y asimismo pagado, mientras que el coro de los adeptos actúa gratis, hasta abona su sitio, sin contar con los telespectadores, lectores de revistas de deporte, que sostienen el gran espectáculo.

Se ha lamentado en este coloquio que el fútbol excluya el uso de las manos. Es realmente una limitación a la corporeidad integral del juego. Sin embargo, esta exclusión del miembro que al hombre hizo hombre – la mano – exige más a los miembros menos agilizadas por la vida sedentaria, las piernas y la cabeza. No hay juego sin tabúes. El tabú del uso de la mano es la gracia del fútbol. Las otras reglas son de menor

importancia. Ahora ocurre el fenómeno de la conversión del fútbol de un juego de masas con raíces ancestrales – no sólo en Inglaterra – en un espectáculo donde 23 personas hipnotizan hasta 200000 a su alrededor, que quedan inmovilizados en sus asientos. Sólo les queda un pequeño espacio encima de la cabeza, que permite levantarse, mover brazos, abanicar banderas, enarbolar pancarta, etc. El juego en el campo exige un máximo de seguimiento mental con sus procesos psicósomáticos, endocrinológicos programados genéticamente. Ahí, surge la expresión oral, sea grito, sea quejido, sea canto. Pulmón y cuerdas vocales, más no tiene el adepto para intervenir en el juego.

Las parafernalias visibles no se perciben por los jugadores. Me he preguntado, si en base de una grabación multicanal de los acontecimientos acústicos en las tribunas se podría reconstruir un encuentro cuyas imágenes se hayan perdido. Y he preguntado a adeptos del fútbol, lo que opinaban mayoritariamente que sí. Entonces, el adepto es actor y merece la consideración de la historiografía del género. La oralidad del fútbol, me limito a este término general para no provocar a mis colegas musicólogos, con prefijos de etno-, socio-, psico-, peda-. El musicólogo objetaría que este ruido de fondo no sea música. El etnomusicólogo objetaría que gran parte de los cantos se basearan en melodías “comerciales”, que no es su campo. El investigador de la música pop, denominaría el origen de algunas melodías, pero nunca incluiría el repertorio en sus investigaciones, ya por los muchos otros elementos que no sabe ubicar. Y el pedagogo musical oiría con indignación la tergiversación de algunos cantos infantiles que les enseñó a sus alumnos. Quedan los sociólogos y los psicólogos de la música. ¿Qué saben de orige-

nes y estructuras de los fenómenos orales, sean interjecciones o cantos de muchas estrofas? Ellos cuantificarían o adjudicarían funciones mentales y más nada. El diablo, sin embargo reside en el detalle sonoro, donde tanto el timbre, el ritmo, la duración, la fuerza, la melodía, ciertos intervalos, palabras, slogans etc. tienen un significado. Analizar estos miles de detalles presupone su documentación. Después llegaría su análisis e interpretación en el conjunto de otras disciplinas.

Las once y media tareas serían no menos complejas que las de Hércules, con la diferencia que los resolver no por un semidiós, sino por una muchedumbre de humanos interesados.

UNO

La documentación global de todas las expresiones sonoras en las tribunas hasta los límites de un campo trazados en un descampado, donde dos equipos rivalizan por marcar más goles a un adversario. Habiendo cien millones de equipos de fútbol esta tarea sólo puede resolverse por los mismos adeptos, los periodistas algunos científicos y técnicos de multimedia. A veces ya basta una cámara digital con función video para retener un momento significativo. Los resultados se coleccionarían como los trofeos, con la diferencia que conviene ponerles fecha, lugar, participantes y todo que pueda interesar en mil años.

DOS

La documentación memorial ya es más difícil. Entrevistando y grabando a los testigos ancianos de un encuentro del siglo pasado, difícilmente se acordarán de sus gritos, cantos y lamentos, pero sí de los encuentros más relevantes y de nombres. Contando de estos, se acordarán de uno u otro trozo de canto. Esto serán los fósiles sonoros, que nos guían y llenan de entusiasmo como a los arqueólogos de Atapuerca al encontrar un diente que completa la imagen de un cráneo de medio millón de años o un hueso que prueba el canibalismo en la península. Los más viejos son los informantes más interesantes, porque el cerebro retiene vivo las impresiones de la juventud. Ahí, hay que volver y volver a preguntar. A veces tarda años que se les vuelve a la memoria.

TRES

Documentación de todo tipo de imágenes del juego alrededor de la pelota, sean fotos antiguas, caricaturas, también objetos, indumentaria, placas, banderas, medallas etc. Sólo así sabemos que ya los antiguos chinos, los mayas, los griegos, los florentinos tenían esa afición – sin dejar grabaciones sonoras.

Cada interesado puede coleccionar estos objetos y poner sus hallazgos en internet para que otros lo comparen con los suyos, o se dejen inspirar a buscar en nuevas direcciones. Lo bien documentado y puesto al conocimiento de los interesados ya no puede perderse de todos aunque se quemase como la Biblioteca de Alejandría, que costó muchos manuscritos no copiados.

CUATRO

Bastante difícil es el estudio, el análisis de las reglas del fútbol en su contexto histórico y geográfico. Si pensamos que la transición del fútbol medieval como juego de la muchedumbre en Inglaterra hasta la introducción en los colegios burgueses fines del siglo 18 hasta la elaboración de las reglas modernas, que produjo debates muy largos y muy duros en los 1860, agregando las variaciones que puedan tener de un país a otro, de un patio a otro, según el conocimiento, la imaginación de los chiquillos que están jugando con una lata o una muñeca de trapo. Hay que combinar la vista rápida e imparcial de un buen árbitro con la pluma de un periodista que se los describe a los que no estuvieron presentes. Pocos tienen esta clase de inteligencia, a veces son aquellos que ni en el campo, ni en las tribunas se destacan – por torpe, por minusvalidez o reservas respecto al juego – pero que con un oído fino se percatan de lo que pasa. Digamos que tienen una mentalidad de letrado jurídico.

CINCO

Sólo el siglo 21 nos permite a través de la electrónica lo que la arqueología hace décadas resuelve por el radiocarbón, el análisis de las expresiones acústicas del campo por identificación de sonido. Las técnicas desarrolladas para la policía sir-

ven igual a otras investigaciones. Muy fácil es distinguir de oído un canto espontáneo de la afición de las masas incitadas por los megáfonos de la claqué. La prueba, sin embargo, sólo nos puede dar análisis espectral de un equipo electrónico capaz de procesar muchísimos datos, filtrar lo significativo, seleccionar detalles atípicos etc. Los ordenadores actuales ya tienen suficiente memoria. Los programas deberían escribir los que saben a la vez de informática, de sonido y de fútbol. Serán poquísimos, pero un buen programa es mejor que muchos mediocres e incompatibles. Imagínese, el “mismo” canto – digamos en base de la *Guantanamera* – cantado en diferentes continentes, en encuentros profesionales o aficionados, de niños o jóvenes, después cantos propios del mismo club y gritos en un estadio o en el campo abierto. Todo necesita una diferenciación sutilísima. ¿Y para qué sirve todo eso? Contestaría a la gallega ¿y para eso se juega fútbol?

SEIS

Teniendo una base de datos suficiente amplia, podemos constatar en que las expresiones orales de la afición en este globo se parecen y en qué se distinguen, como cambian, fusionan, se vuelven a diferenciar, desaparecen por tiempo como el río Guadiana y vuelven a sonar. Pero ¿es musicología eso? No. Es parte de ella también, encunanto puede aportar datos sobre estructuras musicales, sobre la genealogía de una melodía, el origen instrumental de una fórmula cantada. Lo mismo se podría citar a la fonología, a la foniatría, a la neumonología, a la endocrinología para colaborar. Limitémonos, por en cuanto, al fenómeno musical. Suficiente trabajo dará la tarea hacer un mapa histórico-geográfico de las melodías. Por una parte hay que comenzar. Felizmente, ya comenzó. Buscando en el internet por las palabras “canto” y “fútbol” nos dará una avalancha de datos aplastante, en inglés como 1.800.000, en alemán 166.000, en portugués 48.000, en español 41.000... y no me metí en ruso, chino. Agregando la palabra “investigación” ya se limita más. En japonés hasta encontré el nombre de un compañero de estudios de los años 1960, Yasui, sin saber si es

aquel Yasui que participaba en nuestros pequeños coloquios sobre lo que podría ser el campo de la moderna etnomusicología. Me alegraría que fuera él, porque sería que partimos de criterios cercanos.

SIETE

El diagnóstico de la oralidad del campo futbolístico, a mi modo de ver, es tan importante como el deciframiento del genoma humano. Es investigación de base que requiere especialistas altamente motivados y preparados y apoyados por más que los aficionados de fútbol. Me atrevo lanzar la hipótesis que las expresiones orales de los adolescentes hacen prever futuras evoluciones y peripecias de la humanidad, positivas como negativas, un aumento de concentración, rapidez de respuesta, pero también atavismos, embrutecimiento, degeneraciones de funciones esenciales de humano. Un ejemplo, para no entrar en visiones apocalípticas, es la contradicción que unos pocos futbolistas cada vez más calificados, explotados y finalmente ruinados (a pesar del muchísimo dinero que ganen) condenan a masas de adolescentes a un inmovilismo corporal, que no está compensado con el uso o abuso del aparato sonoro, y que le resta entrenamiento para su futuro individual como mayor, hasta que le quita ahorros que gasta en entradas y productos de la industria futbolística, le roba tiempo que para percibir el mundo como totalidad, don que sólo está dado a los menores de edad. Al revés, se podría esperar que los cantos de la afición con el tiempo se refinasen hasta llegar a las maravillas policorales de la catedral San Marco de Venecia en el tiempo de los Gabrieli o de las catedrales del Alto Perú en el siglo 18 cuando minería de plata generaba voces de plata, como documentan las partituras conservadas en Bolivia, Guatemala, México. Todo es posible.

OCHO

Se habló en este coloquio porteño de la mediatización. Vivimos en un tiempo de los multimedia. No soy tan pesimista como algunos, ya que las tergiversaciones que la explotación

comercial, política y personalista se contrarrestan paulatinamente por la contracorriente democrática de la accesibilidad a muchas fuentes de información. Al contrario, la especialización profesional del fútbol con sus escándalos financieros, de dopaje y el juego detrás de las tribunas, pueda tener consecuencias similares como ocurre actualmente en la ópera, que después de llegar al clímax, también con sus maniobras financieras, intrigas etc. la sociedad ya no puede costear un lujo, el estado se retira y las compañías van a mendigar por ayudas privadas de unos ricos melómanos. En Berlín hay tres casas y compañías de ópera, fenómeno singular en el mundo, que no se pueden cerrar por su valor artístico ni mantener por lo que cuesta cada asiento vacío por una noche. Pero un desempleado, por muy melómana que sea no se puede costear cincuenta euros por una entrada.

NUEVE

La industrialización del fútbol, considerado uno de los entretenimientos más baratos, en la Península Ibérica mueve un 0.35 % del PIB, o sea la mitad de lo que los países ricos prometieren a los más pobres, sin cumplir su promesa. Si consideramos el fútbol como fenómeno cultural de/para las masas debemos constatar que hasta en países que se beneficiaron durante medio milenio de las riquezas del llamado tercer mundo, no quedaron para su propios pueblos sino unas migajas en comparación con las opulentas tortas que se reparten los dueños de las fuentes energéticas, de la comunicación, de la construcción de infraestructuras y la fabricación de productos de primera necesidad. El gran fútbol, en fin, sólo se mantiene al flote gracias al dinero que genera

la publicidad. Surgió como un juego de chicos pobres, y sigue en la precariedad. ¡Imagínese el telón de la Ópera de Milano con publicidad de una marca de cerveza! Los patrocinadores del espectáculo de elites tienen que anunciarse en las páginas del folleto con el reparto y el argumento de la obra representada discretamente con perfumes, joyas y champán.

En las tribunas de los estadios no sólo cantan los entusiastas de un arte tan sofisticado como la gran ópera, ahí se escuchan también los gritos de lo que Orwell consideraba el "nuevo proletariado". Aquí, en Oporto, subiendo la calle desde la Praça da Liberdade a la Iglesia de S. Ildefonso en una tienda de discos ví CD con cantos de/para la afición del club de la ciudad que celebra la Copa de la UEFA, siempre con la simbología agresiva del *dragão* o de la triunfalista del *campeão*. Seguro, que no se harán grandes negocios con estas grabaciones de las tribunas y de la claqué. Son recursos de nuestro tiempo de difusión legítimos. Lo preocupante es que sean la vez documentos de un autoencarcelamiento cultural, de una limitación que excluye otras músicas porque al mismo tiempo no se puede oír varias como sucede en las algarabías de las bandas andinas, aún más peligroso para el individuo es, que le condena a una actitud pasiva, receptiva o consumista durante el tiempos que escuche en vez de cantar. Habrá que recoger todos estos productos en bibliotecas de investigación. En la red se anuncian libros, documentaciones sonoras y bolsas de intercambio de cantos. Cuanto antes se comienza el análisis científico, tanto más pronto se llegará a conclusiones sobre tendencias evolutivas en el campo y en las tribunas. Los árboles no crecen hasta el cielo. Pueda que estamos ya viviendo la época donde la

→ curva balística llegue a su apogéo, al non plus ultra. ¿Qué pasará cuando el público se satura por el exceso de lo bueno? En Cuba se dice: *lo bueno es lo bueno, pero no lo demasiado*. En esta situación se callan los coros y en los silencios se escuchan comentarios críticos, hasta despectivos. Se perdería el papel participativo de las tribunas y las masas se convertirían en observadores que someten los acontecimientos en el campo, en las reuniones de los dirigentes, propietarios, seleccionadores a un ostracismo que no admite sino el sí o no. Sería lo más temible que podía acontecer al juego de multitudes que movía jóvenes tanto en la Inglaterra como en la Florencia medieval en su proceso de socialización.

Como asunto de interés masivo, también es de interés sanitario, cívico y político. En sus orígenes, especialmente en la fase de la urbanización, el factor de socialización, de salud y recreo en los suburbios, alrededor de las grandes fábricas prevalecía, eran los campos de fútbol con sus barandas donde un público de pie apoyaba sus codos, donde en un casino de madera se guardaba indumentaria, trofeos y se celebraba con o sin alcohol. Ahí, las masas desarraigadas del campo se hicieron ciudadanos, distinguiéndose por los colores de sus camisas, años de fundación de su club, y diferenciándose entre jóvenes, mayores y señores o sea ancianos, que compartían el mismo campo a diferentes horas. Las cosas hoy se ven muy cambiadas. La homogeneización social por la acción compartida cada vez más toma aspectos de masificación indiferenciada bajo cualquier bandera. Los aspectos positivos no se notan tanto. Más a la vista saltan fenómenos preocupantes, pero inherentes al fenómeno desde inicios, la expresión de fuerza convertida en agresivi-

dad que con denominaciones como *hooligans* hacen fruncir las cejas, movilizar el orden público. Más preocupante, cuando se unen a tendencias políticas, mayormente de extremismo de derecha o sea xenófobo en el sentido más vasto. En la red tan sólo con las palabras alemanas *fussball*, *lieder* y la inglesa de *skin* se encontraron 1.600 entradas. Se ve que ahí hay algún problema que al cuantificarse pueda volverse difícil de controlar. La investigación aplicada podría contribuir no sólo a la prevención de conflictos, sino a la recuperación de los valores que dieron origen al fútbol.

¿Pero que es la xenofobia en realidad, dejando aparte su uso político? Siento no poder estar mañana en el coloquio sobre el tema de la identidad, la socialización y las evidentes transculturaciones que primero se dieron en las colonias europeas y ahora alcanzan a las madres patrias, hasta países que vivieron en coexistencia interétnica? En la era de la globalización de la fabricación y del mercado, el encuentro entre humanos de diferente origen parece más complicado. Se forman nuevas identidades, las tribus urbanas etc. ¿Qué es afición? La palabra viene de afecto. Expresa una carencia emocional, la búsqueda dramática de algo como amor o aceptación abandonadas el la masa, la recuperación del calor humano gregario, a veces con la fórmula de enemistades comunes, hasta ficticias. Hay que ser muy cuidadoso con este fenómeno que no es sólo cuestión del orden público, sin de civismo vivido por mayorías.

Es tiempo que el fútbol escriba su historia completa incluyendo los fenómenos musicales, recurriendo a informantes de la base y musicólogos con oído clínico. No hace falta un gran instituto, ni mucho personal. Hace falta

que un grupito haga un *brain storming* sobre lo que realmente haga falta, siempre con vista a un aumento cognitivo. En base de eso se puede entrar en cooperación productiva con humanidades, ciencias, economías, hasta con ciencias ocultistas que en algunos medios futbolísticos están supliendo la falta de clarividencia empírica. El fútbol es un juego con reglas codificadas, y con leyes naturales donde posiblemente se podrá mucho descubrir sobre el rumbo de la antropogénesis.

DIEZ

Todos elementos de la evolución del juego y espectáculo futbolístico deben estar codificado en las emisiones sonoras de los jugadores y de los espectadores. El análisis sonográfico con los recursos electrónicos que se inventó para la investigación policíaca sirve igual para diagnóstico de la cultura masiva en sus diferentes estratos generacionales, sociales, áreas geográficas y conllevaría – hecho con rigor científico – a unos mapas culturales que permiten diagnósticos igual que la tomografía computerizada en medicina. ¿Es tarea de la musicología – en una de sus especializaciones etno-, psico-, socio-, pedagógica, sistemática o histórica? Creo que no. La musicología puede aportar sus conocimiento sobre la genealogía de tal y cual elemento de estructura musical, sea una melodía, un ritmo, un intervalo de origen instrumental, participación de instrumentos percusivos, de viento etc. Pero y estaría en sus límites al analizar interjecciones, silbatos, ruidos de botellas tiradas o gritos de palabras, cuya semántica pertenece al ámbito lingüístico. Muchas disciplinas deberían entrar en el análisis, la fonología como la foniatria.

En Alemania en muchas universidades el canto futbolístico se establece como tema de pequeños trabajos de seminario de los estudiantes, hasta se ha creado una cátedra dedicada al canto futbolístico, dentro de una Escuela Superior de Música, según lo que pude sacar de la red, con una connotación psicosociológica. En la Universidad de Salamanca, durante un año de sustitución del titular de etnomusicología, mandé a recopilar a unos estudiantes al canto futbolístico de la zona. Las primeras cintas parecían

alentadoras e reveladoras sobre la conciencia musical de la afición. Después de traspasar el material, no supe más nunca de una. ¿No sería el primer paso la recopilación y adjudicación genealógica a tantísimas fuentes de que emana? Sólo así llegaríamos a caracterizar un nuevo género dentro del vasto espectro de funciones y formas musicales. Tampoco se comenzaría la historia de la ópera con un capítulo sobre el recitativo seco y el público, porque habría que tener muchos datos sobre el cotilleo en los palcos durante estas fases de estancamiento musical.

En fin, la historia de la música necesita su capítulo sobre el canto futbolístico en toda su extensión global. Este nunca podría sustituir una historia del fútbol en todas sus dimensiones culturales, sociales y psicosomáticas.

ONCE

La historia de la música, sin embargo, no se salva de su tarea de incluir finalmente aquello que es música en sus archivos y descripciones de lo que el ámbito sonoro del fútbol, en cuanto tenga realización musical. La tarea de los musicólogos de todas sus especialistas sería simplemente la redacción de un mapa histórico-geográfico de todo lo que es música en el campo de fútbol, buscar las genealogías, tipologías y funciones de cada trocito sonoro que parezca musical y ponerlo al servicio de unos estudios sobre el fenómeno fútbol que mueve más gente hoy día, por mucho más que la guerra, la bolsa, la droga, el sexo, el turismo, la política y la publicidad muevan dinero.

Me atrevo a la hipótesis que en el fútbol moderno la música y otros fenómenos sonoros llegan más a lo que Wagner llamaría *Gesamtkunstwerk* (obra de arte integral), mientras que los clubes de los suburbios y las fábricas en la fase de la industrialización tenían su himno de muchas estrofas en base de una melodía prestada, su campo rodeado de troncos de árboles jóvenes, capaces de sostener los codos de un público a pie, que seguía atentamente las pericuelas de sus amigos, vecinos, colegas y familiares que jugaban los fines de semana para su recreo, en equipos de juniors, mayores y seniors, o sean los padres fundadores. Estos →

→ clubes, unidos bajo los colores de sus camisetas, una o dos canciones comunes, una caseta de tablas gruesas para la indumentaria, los trofeos y para las bebidas alcohólicas y no alcohólicas para mujeres y menores, eran los crisoles donde se homogeneizan las masas desarraigadas por la crisis agraria y desplazadas a los centros urbanos. El fútbol hizo más que la escuela a darles una identidad, un sentido de unidad en el anonimato urbano. Ciertamente, este nuevo sentimiento gregario, muy pronto mostró las características de toda masificación: la imposición de actitudes doctrinarias, sean la defensa de unas banderas, el canto de ciertos himnos, *slogans* o enemistades a clubes vecinos.

La política, la economía, los medios, hasta la pedagogía y la teología pronto comenzaron a servirse de esta simbología para sus intereses. La persistencia de atavismos ancestrales como cierta agresividad de los adolescentes en su fase de socialización extra familiar, todo se presta a la manipulación. El llamado fenómeno de los *hooligans* (holgazanes) no es sino la continuación de las rivalidades de las juventudes aldeanas o de barrios. Pero puede adquirir matices ideológicos, políticos en un sentido muy elemental.

Ya dije que en buscando en la red las palabras alemanas *lieder*, *fussball* en combinación con el anglicismo *skin* surgieron 1.600 entradas, algunas con propias orquestas, producción de discos, orientación violenta, xenófoba, siempre con la negación de la identidad de un adversario. La búsqueda de una identidad colectiva en la juventud, continuación de las camaraderías rurales con su vasto repertorio de cantos, dichos y refranes, se articula en una autodefinición negativa, lo más visible en el corte raso de pelo que sustituye los atavíos artísticos distinguían las juventudes rurales antaño.

El fútbol, pues, requiere su propia investigación científica, no sólo la puntual orientada al rendimiento, sino como aportación a definir los nuevos rumbos de la antropogénesis en la edad sedentaria, intercomunicada, mediatizada, de escolaridad disputada entre los defensores de la personalidad integral y la demanda de mano de obra especializada para una economía también de cambios permanentes. Es nada más ni menos que

una investigación básica, que generalice las conclusiones de millones de informaciones acumuladas, que plantee temas de investigación urgentes. Porque algunos fenómenos son pasajeros, otros de larga trayectoria, de vigencia existencial para el individuo en formación. Sólo en base de datos recopilados con el rigor de unas tomografías computerizadas, en bases de una aportación cognitiva a humanidades, ciencias y economías, será posible la orientación sutil que requiere el fenómeno fútbol por pedagogos, políticos y artistas. Si, artistas, porque si es espectáculo, también es arte.

No se pueden grandes resultados de grandes proyectos ejecutados por grandes institutos. Basta, que siete a once personas con conocimientos básicos en varios campos se reúnan en un *brain storming* y publiquen sus conclusiones por la red. La ciencia hoy coge otros caminos que los trazados por universidades medievales o academias del tiempo de la ilustración. En ningún caso puede ser tarea solitaria de organismos de orden público o de educación, que introducirían de antemano sus experiencias negativas o voluntades benéficas, o sea invertirían el orden de investigación básica y aplicada. La primera siempre está vista como un juego cerebral inútil. Esperemos que se encuentren las cabezas que atan cabos. El primer premio Nobel sobre el fútbol, ojalá que toque a un equipo de analistas de sonido, o mismo de música. Tendrán muchas horas de escuchar, lo que no suena tan bonito como una sesión de jazz o un concierto filarmónico. Es necesario, el médico que trata a un enfermo tampoco será aficionado a la enfermedad sino al ser que le acude.

Digo eso todo con preocupación, porque veo como la crisis de la ópera hunde a mis colegas músicos en neurosis sobre su futuro profesional, en qué invirtieron todas las horas libres de su juventud, cuanto más grande sería un derrumbamiento de fútbol de elite por razones de llegar a su apogeo como una granada en su curva balística, o que conflictos internacionales impidan la competición libre hasta en la Guerra Fría ha funcionado a pesar de todas sus restricciones. Digo eso también con cierto escarnio como excluido de mi juventud, porque cada derrumbamiento de aparatos gigantescos, aplastadores de la

individualidad después de un tiempo de aturdimiento llevan a un resurgimiento de formas elementales y vitales de la expresión intelectual y corporal, como lo muestran los centenares teatros de traspatio en Berlín en plena crisis teatral, después de los recortes de las subvenciones estatales a los teatros de las dos Berlín en tiempo de la Guerra Fría. El ingenio humano siempre se las sabe arreglar. Y en los patios de los colegios, en los parques se seguirán jugando fútbol, chillando, cantando

ONCE Y MEDIA

Prometí once y media tarea como corresponde a un equipo que cuenta con un árbitro imparcial o parcial a la mitad. Esta mitad sería la atención de todo observador dentro y fuera del estadio, del admirador y del detractor del fútbol, de la opinión pública, de las mujeres aburridas, cuando su esposo está absorto por la TV, de los caricaturistas, hasta de los juristas que se tienen que dedicar a los trapos sucios de un juego que no siempre es fair play. Lo que importa, que el juego siga juego. Y el canto, por supuesto.

TRES ACTITUDES DELANTE LA CÁMERA

En 1983 Mario Viera de Carvalho, que en aquel tiempo hizo su doctorado sobre el "Teatro de S. Carlos" en la Universidad Humboldt de Berlín, me abordó por proporcionarle un tema etnomusicológico para un paisano que iba hacer un trabajo de grado en la Escuela Superior de Cine y Televisión. No me faltaban temas. Hablando con Manuel Jorge Veloso se barajaron media docena de temas urgentes, entre ellas la documentación de un pueblo sorabo condenado a desaparecer por las minas de lignito. Al cabo, salió la idea de un retrato

de un etnomusicólogo en acción y en su entorno familiar. Acepté con cierto temor. En fin, la burocracia de Educación Superior dió la autorización de rodar. Era un proyecto costoso por el material filmico en color en Holanda, que se requería para su uso en el televisión. Lo que no me dijeron los mandamás, es que esta película estaba prohibida antes de escribir el guión. Ya en el mismo año mi íntimo amigo de estudios y posterior director del departamento de musicología en esta fase vinculó su autorización a la condición que se garantizara "ninguna presentación pública" Así, se engañó a la Televisión de la R.D. Alemana, al director luso, y a todos participantes. Las filmaciones se hicieron en el año Orwelliano de 1984. El corte se terminó en 1985. Mi madre hasta pagó su vida esta aventura. Yo, como retratado, nunca recibí la copia oficial, sin embargo, una carta por un video malísimo de aficionado que hice en la sala durante la primera presentación para los participantes, no podía enseñar a nadie.

Felizmente, Manuel Jorge Veloso, guardó su copia VHS en Lisboa. Hace una semana dispongo de una copia DVD del documental de 28 minutos. Desde 1990 dispongo de la correspondencia oficial sobre la autorización limitada. Siempre suponía motivos políticos, porque se tocaron algunos tabúes que el director luso ni se percató, pero podría haberse presentado en el segundo canal por la tarde. No, como única razón del veto de mi íntimo queda, lo que la vergüenza no admite expresar en público. Basta, que aquí el Oporto, veinte años después de los lamentables y familiarmente trágicos hechos, se seleccionaron tres escenas breves, una sobre el canto futbolístico, de que se acordaba Mario Viera de Carvalho al hablar con Isabel Alves Costa sobre su inclusión en →

→ este coloquio.

Las tres escenas seleccionadas, brevísimas, no quieren documentar el canto futbolístico, sino el cambio generacional de los informantes etnomusicólogos delante la cámara.

LA MEMORIA INDIVIDUAL

Delante la ventana de la anciana Sra. Pelze, en Schmalkalden, Turingia, el intento fracasado del etnomusicólogo de documentar un romance medieval, que ella había cantado en su juventud.

E: Acérquese un poco más.

P: Pero qué es que quieren de mí.

E: Todavía quería cantar una cancioncita.

P: Sí, pero yo no tengo ninguna. Oi, ahí viene...

((gesto de susto y retirada)) Oi, ahí está otro más.

¿Qué quieren de mí todos, realmente? Os burláis de mí.

E: Noooo.

P: Tonterías, hacéis tonterías.

E: No, realmente, no. ¿Se aún de algo más? ¿La molinera?

P: Sí, la molinera. Ya la canté.

E: ¿La cantarías otra vez?

P: ¿Otra vez? Ay, no.

E: Cante otra vez la molinera.

Título del documental

NOCH SIEBEN JAHRE MUSS ICH WANDERN (AÚN SIETE AÑOS DEBO IR ANDANDO)

P: ¿Qué cosa es esa que hacéis, qué tenéis?

E: Una cámara.

P: ¿Entonces me queréis filmar?

E: Anjá. Había una vez...

P: Había una vez una molinera (hablado)

E: ¿Todavía lo sabe cantar? "Es war einmal ein Müllerin..." (canturreando) ¿Así? ¿O cómo lo canta?

P: Había una vez (hablado) No me ocurre la estrofa ahora.

COMENTARIO DEL OFF

N: La Sra. Pelze... necesita tiempo para recordar... a lo que es acostumbrado... Tiene muchos caminos..., como profesor a la universidad..., su especialidad la música de América Latina..., pero se compromete también con nuestra música... Nos dejamos llevar por él a los caminos del campo, y no siempre conducen al medio rural...

CANTO FUBOLÍSTICO LIVE – BERLIN 1984

La filmación (que lamentablemente omitió una divertida escena de control del equipo de grabación en la entrada) muestra el etnomusicólogo en medio de una afición que sigue el encuentro y donde el micrófono apenas es visible entre tantos brazos y banderas levantadas. El público de la tribuna grita y canta sus textos *ad hoc* sobre dos melodías conocidísimas – la *Guantanamera* y la canción de las tabernas de comienzo del siglo pasado *Gehen wir mal rüber* (*Vamos enfrente...*), sustituyendo sólo el destino de alterne "zum Schmidt" (al "Herrero", nombre de otra taberna) por el nombre de club preferido "zum B. F. C." (al Clube Futbolístico de Berlín). Viendo las caras de los jóvenes, se puede suponer que ninguno de ellos recuerda o mismo conoce las varias estrofas de la *Guantanamera*, ni del

antiguo canto de taberna. La melodía fácil de recordar y difícil de olvidar en su brevedad actúan como punto de cristalización de un canto que puede surgir al momento. La música tradicional siempre contó dos elementos, primero la reducción a lo esencial, segundo la adaptación a las circunstancias variables.

DECLARACIÓN DE PRINCIPIOS DE UN ETNOMUSICÓLO AL DRAMATURGO

E: Pues, eso también es música. ¿Qué otra cosa podría ser, quiérase escucharlo alguien o no? En fin, no es para la sala de concierto, sino de campo de fútbol. Una vez descubrí una definición de canto popular durante mi recopilación folclórica en la isla de Rügen. Un maestro de escuela con el nombre celebrado Martín Luther me contó. "¿Qué cantamos nosotros antaño? Cantos populares, lo que el pueblo canta y cualquiera sabe cantar." Y la Guantanamera este cualquiera la conoce.

Mejor definición de los aspectos sociales, funcionales y estructurales del folklore musical no escuché en décadas de debates sobre lo que era canto folclórico o popular o trivial etc. Traté de introducirla en el nuevo programa de educación musical de la R. D. Alemana, que proyectó a comienzos de los 1980. Fue tachado. Ya sé por quién. Únicamente, no me explico el porqué.

¡Cuántas buenas empresas fracasaron por unas nimiedades! Hay a quien le pica hasta una pequeña frase que ni reclamaba derechos de autor. Quizás, también molestó la vinculación con el nombre del primer portador del nombre Martin Luther, aunque en las celebraciones de su quinto centenario se invitaron tantas sectas luteranas de E. E. U. U. mirando de reojo a la genealogía del dólar en el talero alemán.

SEGUNDA VIDA DEL CANTO POPULAR Y AUTOESCENIFICACIÓN

En la teoría folclorística del habla alemana se nombra el traspaso de los cantos tradicionales a otro medio histórico y social *zweites Leben des Volkslieds* (segunda vida de la canción popular), lo que corresponde de alguna manera al término inglés

más moderno de *revival*. El documental de Manuel Jorge Veloso termina con una escena muy común para el medio musical masivo. Considerando que se rodó hace veinte años en un país considerado retrasado técnico y culturalmente sorprende varios factores. Siete años después de iniciar el movimiento folklórico en forma casi subversiva pasaba lo que las economías de mercado pasa con cada movimiento de protesta, se tergiversa comercializándolo. En los países del Este pasó algo similar. El estado lo integró en su programación cultural. Y la protesta quedó en la risa sin rendir efecto. Algunos protagonistas se perfilaron entre los casi doscientos grupos folklóricos. Se les ofreció hacer un festival. Este se documentó en la película como resultado de la recuperación de los valores populares. Si vemos los muchos micrófonos, los espectadores pasivos del baile popular coreografiado, entonces notamos que ahí pasó un delito. Los actores se apoderaron del artefacto popular dejando de la lo esencial, el rol activo de todos, si no acordamos de la definición de maestro de colegio Martin Luther, citado al principio. Unos pocos se hacen propietarios de una actividad de todos como fue con el juego de masas inglés al convertirse paulatinamente en una actividad representativa y económica de minorías.

El historia del canto popular alemán por lo menos había siete épocas de apropiación indebida: en el medioevo por los *minnesänger* cortesanos y conventos, en el renacimiento por el patriciado burgués y la reforma luterana, en el clasicismo y romanticismo por la burguesía nacionalista, en la fase de la urbanización descontrolada y violenta por toda una serie corrientes reformistas, después por las corrientes políticas de ultraderecha hasta ultraderecha, en el nazismo en una producción masiva de cantos pseudo populares para cada frente, cada soldado, cada novia desesperada, en estalinismo la (movimiento de cultura popular) y por último en el movimiento *folk*, protagonizado por estudiantes, intelectuales de todas carreras y algunos representantes de culturas regionales que supieron conservar su patrimonio poniéndolo al servicio de turismo interno y los centros vacacionales de los sindicatos. En fin, todo en mano más o menos ajena a la vida popular de base. →

→ **ALGUNAS CONCLUSIONES DEL ETNOMUSICÓLOGO
DADAS AL DRAMATURGO**

“Debe, crearse cantos para nuestro tiempo, partiendo de lo que dejó el pasado. Creo que el movimiento folklórico ahí ha hecho bastante. Consiguió que se vuelva a hallar placer al cantar. Era un despertar. Antes a menudo no conformamos con textos que impulsaban la reflexión. Está bien, que sea así. Todos debemos pensar. Sin embargo, una vez recuperado de la reflexión, falta que siga lo tercero. ¿No se dice que algo falta? Es eso la propia actuación. Entonces, tal día llegará. Calculo que a fines de los ochenta se haya formado una nueva relación con el cantar. Por las nuevas generaciones que crecen. Porque lo que se adquiere como joven cantando, es como un capital para una vejez placentera. En el fondo se paga la primera cuota de una ancianidad dorada con los cantos de la juventud. Se puede comprobarlo el trabajo de campo con los ancianos constantemente. Aquellos que han cantado mucho en sus años tempranos se mantuvieron juveniles.”

Vemos al grupo de baile con sus piernas comparables a unas buenas pantorrillas futbolísticas. Vemos una arboleda de micrófonos para reforzar un baile infantil decimonónico para que los niños en sus rondas de traspatio de la miseria urbana que no requería nada.. Las niñas pobres se alegran de la muerte de una de sus compañeras y del estado grave de otra, esperando de heredar algo: quizás una muñeca, un vestido, que les deja su compañera Carlota al pasar a la eternidad.

*Lott is tot, Lott is tot,/ Jule liegt im Sterben.
Lasse man, lasse man,/ da könn'wa noh was erben.
(Lott murió, Lott murió,/ Julia moribunda,
Da könn wa noch was erben.)*

En el Festival de Schmalkalden cambiaron un poco los nombres en Elsbeth y Lieschen y inculparon, que esta última quiere heredar odo. También refrán cambia:

Chica dame un beso, y cuatro te devuelvo.

Después viene la crítica social que, en realidad, no es sino la constatación de un hecho que constatamos en la hostelería a diario.

*Kneiper tot, Kneiper tot;:/ Kellner liegt im sterben.
Konsum kommt, Konsum kommt./ Der will alles erben.
Tabernero muerto, tabernero muerto;/ el camarero moribundo.
La Cooperativa de Consumo/ quiere heredarlo todo.*

En el contexto social e histórico muestra el proceso fomentado por el gobierno socialista de monopolizar la gastronomía, el descontento de algunos viejos y jóvenes de perder su rincón. Pero también la imposibilidad de que se mantengan los pequeños autónomos con su régimen de autoexplotación, que los ataba a sus tabernas día y noche, invierno y verano, sin los beneficios de vacaciones. Así, pocos hijos aspiraban a heredar por mucha tradición que algunos sitios tuviesen. La integración en el sistema cooperativista del Konsum aquí toma un matiz de rebeldía moderada porque así también se apodaba la policía secreta omnipresente y a veces complaciente para mantener el buen humor de la población.

Del antiguamente vigoroso, y realmente interesante baile rural alemán, quedan unos pasos. Pero en el centro está la autoescenificación de por pequeños elites de otro medio social, que no llegaron a artista profesional, ni se conforman con el baile social de discoteca. El grito de la coreógrafa “y ahora alrededor de la cámara, todos para la cámara” anticipa toda la tendencia hacia “El Gran Hermano”. En vez de las piernas el público mueve sus chancletas. El único ser vivo de reacción es un niño que pasea delante la multitud sentada. Símbolo de esperanza. ●

Deux projets enchantés

J E A N P H I L I P P E V A S S A L

A R Q U I T E C T O

IL Y A LES SUPPORTERS des équipes nationales et les supporters des clubs. Je fais partie des seconds, supporter de l'équipe de football des Girondins de Bordeaux..

Pour les supporters des clubs, la grande messe, c'est chaque journée du championnat.

Confrontations entre villes, animosités particulières, PSG (Paris) ou Marseille, ou alors derby, derby de l'Atlantique, Bordeaux-Nantes, derby de la Garonne, Bordeaux-Toulouse..

Cela se passe généralement le samedi soir, vers 20h30.

La grande pelouse verte, vide, éclairée par les énormes projecteurs, devient pratiquement phosphorescente, 35000 spectateurs dans les tribunes, 22 joueurs qui arrivent, qui occupent la pelouse.

Chaque fois, la même émotion, pour chaque match, le sentiment d'être déconnecté, pendant 1H30 de toute autre réalité que celle du match, et chaque fois l'angoisse que son club pourrait peut-être perdre. J'oublie tout.

Jacques Hondelatte, chez qui je travaillais à l'époque, était natif d'une région de rugby, il s'intéressait surtout à la corrida. Mais il était curieux de tout, entre autre de ces comportements étranges des supporters de football. Le lundi, on parlait longuement du match du samedi soir.

Pour l'aménagement de cette place dans un quartier d'une ville nouvelle de la banlieue parisienne, Jacques Hondelatte a imaginé ces deux projets, le jardin du foot et puis le jardin de l'amour.

Patrice Goulet parle de projets "enchantés".

LE JARDIN DU FOOT

Toute la surface est pelouse, la partie du terrain de foot

étant d'un vert différent, conséquence de l'utilisation de plusieurs sortes de fumures et d'engrais.

La grande circulation piétonne nord-sud est réalisée par de larges dalles de béton poli, couleur bronze.

Elle est bordée de clôtures évoquant celles des stades de villages: poteaux en béton et tubes métalliques.

Des dalles de 12 cm d'épaisseur sont posées sur un lit de sable, la pelouse passe entre leurs joints. Le tracé du terrain de foot est réalisé de façon similaire, mais avec du béton blanc; la largeur des lignes est de 55 cm pour permettre le passage des voitures d'enfant, les buts sont réalisés en acier galvanisé et laqué, ainsi que les drapeaux des angles. Les joueurs sont des arbres.

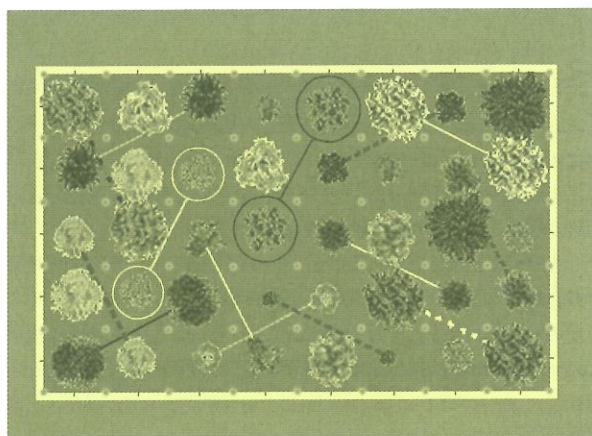
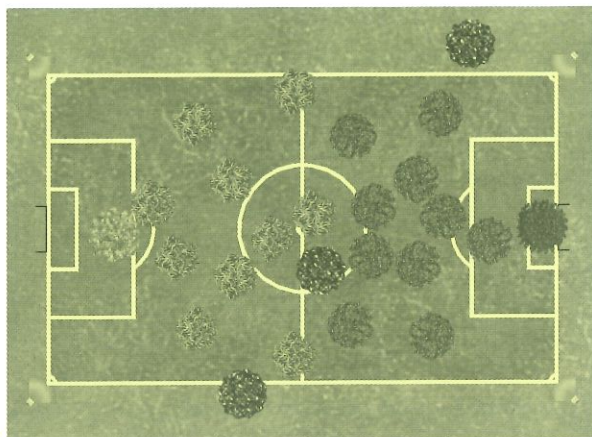
Dans l'équipe A, des bambous noirs en touffe de cinq à six troncs représentent les joueurs et un liquidambar, le goal.

Dans l'équipe B, les joueurs sont des bouleaux *verrucosae* de la même hauteur que les précédents et le goal, un ginkgo biloba. Les trois arbitres sont des magnolias pyramidaux.

Tous les arbres sont plantés adultes et mesurent environ 35 cm de diamètre et 10 m de haut. Leur disposition est celle des joueurs, une seconde après le coup d'envoi.

Les essences sont choisies pour faciliter l'identification tant par la silhouette, le feuillage ou la couleur des bois, que par la floraison et l'évolution des aspects au rythme des saisons. Les feuillages des bambous et des bouleaux bruissent doucement et attirent les oiseaux.

Chaque joueur est entouré d'un banc circulaire en fonte d'aluminium ajouré où est gravée une liste alphabétique mêlant noms d'oiseaux, de végétaux et de footballeurs: macareux, magnolia, maracuja-Maradona, pinson, platane-Platini, etc. →



1 Le jardin du foot
2 Le jardin de l'amour

→ Quatre grands poteaux en acier galvanisé portent des appareils d'éclairage qui illuminent chaque soir le terrain d'une couleur différente: lundi violet, mardi indigo, mercredi bleu, jeudi vert, vendredi jaune, samedi orangé, dimanche rouge. L'un des poteaux est équipé de haut-parleurs qui, deux à trois fois par jour, de manière absolument aléatoire, diffusent des coups de sifflet d'arbitre ou les clameurs brésiliennes accompagnent un but.

LE JARDIN DE L'AMOUR

Toute la surface est pelouse, la partie du terrain de foot étant d'un vert différent, conséquence de l'utilisation de plusieurs sortes de fumures et d'engrais.

La grande circulation piétonne nord-sud est réalisée par

de larges dalles de béton poli, couleur bronze.

Elle est bordée de clôtures évoquant celles des stades de villages: poteaux en béton et tubes métalliques.

Des dalles de 12 cm d'épaisseur sont posées sur un lit de sable, la pelouse passe entre leurs joints. Le contour rectangulaire du jardin est réalisé de façon similaire, mais avec du béton blanc de 100 cm de large.

L'emprise du jardin est de 80 m de long par 50 m de large. Elle est constituée de quarante carrés de 100m² chacun matérialisés en leurs angles par cinquante-quatre lampadaires en acier-inox qui diffusent chaque jour une lumière de couleur différente: lundi violet, mardi indigo, mercredi bleu, etc.

Le jardin dédié à l'amour est planté de vingt couples d'arbres d'essences dioïques: ginkgo biloba, araucarias, douglas verts, ifs, peupliers, houx, saules, kiwis, lauriers...

L'implantation de chaque couple est réglée par "la polygraphie du cavalier" appliquée au quadrillage du jardin-bal, chacun des couples indiquant un déplacement.

L'arbre mâle et l'arbre femelle des espèces participantes sont reliés par des procédures chaque fois différents, liens rudes ou tendres, unions officielles ou libres, alliances revendiquées ou secrètes, liaisons formelles ou passionnelles: bancs et tables de bois rectangulaires, bancs annulaires d'aluminium moulé, portiques métalliques laqués, marques au sol, alignements de rochers, de plots ou de piquets, liaisons sonores, tiges enterrées de divers métaux, etc.

Sur certaines de ces liaisons seront gravées les histoires étonnantes des espèces plantées, ou simplement des listes de mots d'amour.

L'étrangeté du thème développé conférera au lieu une poésie forte et inspirera autant la curiosité que l'attachement.

Les arbres sont plantés adultes, le choix des essences est conduit par une recherche d'identification aisée, tant par la silhouette, le feuillage ou la couleur des bois, que par la floraison et l'évolution des aspects au rythme des saisons. ●

Futebol – Jazz: nem 1 nem X mas 2

JOSÉ DUARTE

ESPECIALISTA EM MÚSICA JAZZ

▷ FUTEBOL – JAZZ NEM 1 NEM X MAS 2

É verdade, o Jazz foi ganhar a casa do Futebol!

Futebol – Jazz 2

Nem 1, vitória do Futebol,

Nem X para o empate.

Jazz ganhou mas foi difícil, embora justa, a vitória...

Proponho contar-vos a reportagem.

Não inventei nada, reuni factos, prognósticos e subjetividades.

Futebol conheci-o como “Football” – meu Pai levava-me para o peão de terra, em pé, e eu só via espectadores, metades de espectadores, da cintura para baixo, e ouvia meu Pai falar de “corner”, “back”, “off-side”, “keeper” e outros palavrões que mais tarde vim a saber serem ingleses.

Meu Pai não sabia falar inglês.

Meu Pai era um alienado, mas apenas de um dos três F, o do Futebol.

Aliás alienados, somos nós todos, em sentido filosófico, claro está.

Eu, certamente, pelo jazz, embora tenha mais alienações inconfessadas, porque inconfessáveis.

Assim:

Enquanto o futebol começou por ser um espectáculo, um desporto de brancos, no pré-jazz não havia tempo para desporto ou divertimento – os primeiros atletas do pré-jazz eram escravos negros, muitos dos quais transportados das costas da África ocidental pelos inventores do futebol.

Chegavam metade.

Dizem.

Dizem que os ingleses inventaram o espectáculo futebol.

Do transporte dos escravos há a certeza.

Portugal está longe disso.

Da invenção do futebol.

A improvisação é uma das essências do jazz e no futebol também.

Há os artistas da bola. Dominguez, Quaresma, Ronaldo.

E houve. Jorge Mendonça, Péricles.

Tal como no jazz houve Charles Parker.

Hoje o craque dos craques no jazz é Winton Marsalis à trompete, tanto tocando Blues como Haydn e favor lembrar que improvisar é criar no momento.

Ali.

Instantaneamente.

A outra essência do jazz – o *swing* – também pode existir no futebol mas é muito raro. Tal como os Jerónimos têm *swing* e a Torre de Belém o não tem, tal como cozido à portuguesa tem *swing* e a *cuisine française* não tem uma ponta de *swing*, tal como Armstrong tinha *swing* e até mesmo o inventou, Dave Brubeck sempre se esforçou, muito raramente o conseguiu ter.

Swing é uma maneira de estar na vida, mais do que uma maneira de estar no tempo, de utilizar o tempo.

No futebol há muitos praticantes e dirigentes manifesta e impunemente sem *swing*, outros porém *swingam* naturalmente como Pedro Barbosa ou Pauleta. →

→ Jorge Costa não tem nem sequer sabe o que *swing* é. Figo também não tem *swing*. Apenas joga muito bem à ou a bola.

Para terminar esta jogada, este solo, quero acrescentar apenas e só que não há músico de jazz sem *swing* porque, se o não tem, está a tocar outra Música.

Já no futebol o *swing* pode ter nada a ver com valor. Vide Sérgio Conceição, um jogador sem *swing* mas com valor em campo.

Refiro apenas futebol e Portugal, porque no basquetebol americano ou no futebol brasileiro todos os atletas improvisam e têm *swing* tanto como a voz de Billie Holiday dele era dona.

Vamos às tristezas que tantas alegrias dão. Por exemplo o *doping*, outro anglicismo, e que no jazz se chama droga, poderoso adversário dos músicos, de muitos e dos melhores. Sabe-se lá porquê.

O jazz também neste campo ganha porque muitos morrem cedo e muita falta fazem. Conheça-se as biografias de Billie Holiday, de Charles Parker, de John Coltrane. No jazz – e em todas as Músicas – à droga alia-se o álcool e a pergunta esteve, ficou e ficará no ar: um músico toca melhor, um futebolista joga melhor quando drogado? A resposta não pode ser moralista.

O treinador do jazz é o arranizador, quem escreve o que os naipes de instrumentos devem tocar, como combinam sonoridades. Enfim como devem jogar juntos. Tal como no futebol, no jazz há treinadores com merecido sucesso e estilo próprio, inovador. Um exemplo: a diagonal de Otto Glória. No jazz há mulheres que arranjam, se arranjam e orquestram: exemplo contemporâneo de hoje – a bela e frágil, com sucesso e estilo, Maria Schneider que escreve os arranjos para a sua orquestra constituída para mais de uma dúzia de homens e uma competente Ingrid Jensen que sopra trompete. Desconheço situação semelhante no espectáculo futebol.

Quando eu era pequenino, mas já tinha os olhos bem

abertos – anos 60 – na Rádio Renascença chamava concertos jazz ao que hoje se chama concertos jazz.

Nos anos 60 a censura fascista já permitia o uso da palavra *jazz*, agora *concerto* não, até ouvintes havia que não aceitavam um concerto ser de jazz. Escreviam-me: “*não tem vergonha?! Chamar concerto a um mero espectáculo...*” e depois vinham as acusações aos músicos jazz e a mim propagandista de batuques. Com futebol tal nunca se passou, futebol sempre foi espectáculo, dentro e fora do campo de futebol. Há no entanto ainda quem o confunda com desporto.

O jazz ganha estrondosamente ao futebol em árbitros e seu desempenho porque em jazz não são precisos árbitros para nada. Músicos de jazz nunca estão fora de jogo, antes pelo contrário, não fazem faltas e podem dar notas erradas. Enquanto na Música dita erudita ou séria ou clássica (adjectivos todos errados para o caso) prefiro seguir Leonard Bernstein e chamar-lhe precisa (não necessária...) – a nota tem que ser tocada como Beethoven a escreveu, no jazz uma nota nunca é uma nota errada, a seguinte talvez e pelo contrário, pode dar origem à inflexão do discurso e o solo seguir outra melodia como tal inventada.

O jazz – nunca o futebol como espectáculo – é uma linguagem musical que conseguiu uma coisa rara: harmonizar a disciplina colectiva com a liberdade individual, a orquestra com o solista. Não há pontas de lança, nem nunca se joga à defesa. Jazz é Música de ataque, é Música anti-poder.

Sabe-se de como em Portugal o futebol e o poder se dão bem.

Portanto outro golo do jazz em direcção à vitória final.

Mas o futebol e o jazz têm curiosas características que os aproximam.

Nem num nem noutra algo se aprende, só se melhora.

O chamado “jeito para jogar á bola” nasce com a pessoa, tal como o *swing* e a capacidade criativa para improvisar em jazz.

Depois é a escola e a prática, são os jogos e os concertos,

enfim os espectáculos que irão funcionar como instrumentos que eventualmente aperfeiçoarão técnicas e resultados.

Ao futebol e ao jazz aplica-se o certo ditado popular: “quem tem unhas é que toca viola”. Rematar de cabeça, cantar *scat*, que é cantar onomatopeias, ou não se sabe ou se melhora.

E as claques?

No jazz claques não existem, o que é uma grande pena, pois imaginem uma claque jazz a gritar palavrões e *Free Jazz! Free Jazz!* num concerto de jazz do estilo New Orleans.

E as palmas?

As palmas são diferentes no jazz e no futebol embora iguais.

Com uma mão na outra.

No jazz batem-se palmas no fim de cada solo e no fim de cada tema.

Também se assobia para provar o entendimento daquela passagem do solo e murmuram-se uns *yeah!* como quem entusiasma a dialéctica espectador/músico. No futebol batem-se palmas nos golos, grita-se *olé* quando se “dá baile” e, com os tempos, os palavrões são entoados em coro ou a solo. A solo o meu favorito é: *palhaço!*

O futebol e o jazz são espectáculos da mesma idade contando com a diferença.

São populares no século 20 e sobrevivem (com diferenças e traições) no 21.

A outra grande Arte do século 20, o cinema, serve os dois, e a televisão rouba público aos dois.

A gravação salva-os: é possível ver aquela grande jogada que precedeu o grande golo do Pélé ou aquele concerto com aquele histórico solo de Miles Davis.

O futebol e o jazz nunca se repetem. Até Garrincha jogou mal, até Lester Young tocou mal. Paga-se sem se saber a qualidade que nos espera. O preço da paixão.

Outras profundas diferenças caracterizam o futebol e o jazz. Futebol entusiasmo maiorias. Jazz fica-se pelas minorias.

Ambos sofreram crises de espectadores, mas futebol sempre moveu multidões e jazz – repito – minorias. O português é uma língua difícil. Disse minorias, nunca diria elites. No futebol lá estão as maiorias, as minorias e as elites. Tal como no jazz, pagam preços diferentes por lugares diferentes.

Sou do tempo da geral. Em pé. Com pirolitos e respectivo berlinde no intervalo.

Imaginaram alguma vez que um treinador de futebol, então jogador, se licenciasse em Cultura Negra Norte-Americana?! Conheço um que muito prezo, porque com ele o diálogo pode ser surreal:

“o trinco está fora de tom!”

ou

“não sei se é 3 por 4 ou 4-2-4” –

chama-se Artur Jorge.

Imaginaram alguma vez dois génios, um do jazz o outro do futebol serem amigos de coração e raça? E cada um a falar sua língua, um inglês-americano, o outro português-moçambicano! →

→ Um era norte-americano negro, o outro é português hoje, nascido em Moçambique.

John Birks Gillespie (1917-1993) foi um dos inventores do jazz moderno, bem, moderno na altura, meados dos anos 40, hoje portanto já clássico. Tinha uma alcunha. Todos merecemos, mas só alguns conseguem. “Dizzy”! Ficou na História da Música, para além das fronteiras jazz, como “Dizzy” Gillespie, um excepcional instrumentista. Tocava trompete com a boca do instrumento torta, levantada, como se avariada estivesse por ter caído ao chão ou entortada de propósito, nunca antes nem depois visto. Também nunca se soube ao certo porquê? “Dizzy”! Chegou a preparar a sua candidatura a Presidente dos EUAN! Para quê? “Dizzy”! Usou boina preta, basca. Porquê? “Dizzy”! Homem com excepcional sentido de humor e amor à minoria afro-americana nos USA à qual pertencia lutador e com orgulho.

Conheci-o em Varsóvia, em 1971, Novembro. Recebeu-me muito bem, com graças às respectivas barrigas e testou os meus conhecimentos com conversa disfarçada. Depois disse-me: *“em Portugal quero comprar um casaco de cabedal e conhecer “The Black Panther”! Eusébio! Arranjas maneira de nos encontrarmos?”*

“Dizzy” viria tocar a Cascais, no histórico 1º Festival Internacional de Jazz de Cascais dias depois.

Não foi fácil, mas foi conseguido.

Simpático, Eusébio conhecia já então o jazz de “Dizzy”! Ambos ficámos pois excitados pelo encontro e Eusébio convidou-nos para na semana seguinte irmos ao estádio da Luz assistir a um Portugal-Bélgica.

“Dizzy” quando chegou e ao saber ficou mais “Dizzy” ainda e vimos o jogo sentados na relva.

Eusébio jogou mal, “Dizzy” não deu por isso a Bélgica empatou com Portugal, “Dizzy” nada se ralou.

Mais tarde, em casa de Eusébio, é que o espectáculo foi grande. Eu de intérprete e os três a ouvirmos gravações jazz e “Dizzy” tão contente porque Eusébio gostava de jazz e dele tinha LPs!

O tempo passa. ‘Dizzy’ tocou mais vezes em Lisboa, Eusébio jogou nos EU, seu inglês fez progressos e os encontros a três repetiram-se com “Dizzy” ainda mais “Dizzy” pois já falavam sobre os conhecimentos que Eusébio tinha de futebol americano.

Percebi então que quem estava a mais era eu, branco assimilado, branco mero coleccionador de discos, mas que já sabia de cor golos de Eusébio e solos de “Dizzy”, meus amigos.

Aceito os 2 amarelos e vou-me embora.

Muito obrigado. ●

Teatro Rivoli / Porto

22 Maio 2004

Ondulando a bandeira: futebol e identidade nacional

JOÃO NUNO COELHO

SOCIÓLOGO

*"A comunidade imaginada de milhões parece mais real
enquanto equipa de onze jogadores conhecidos"*

Eric Hobsbawn

▷ PORTUGAL, DE HÁ MUITO UM PAÍS DE FUTEBOL, vive nos dias que correm essa condição de forma extrema, devido à realização do Campeonato da Europa da modalidade. Aquilo a que poderemos chamar o processo de "futebolização" da sociedade portuguesa parece aprofundar-se preocupantemente, também a propósito da forma como este jogo propicia a (re)produção da identidade nacional.

FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

O estudo do futebol como fenómeno social pode ajudar-nos de forma substantiva a compreender a forma como se constrói a permanente (re)imaginação da comunidade nacional e quais são os elementos e processos que a suportam.

Durante todo o século XX, os jogos de futebol internacionais foram momentos privilegiados para sentir a existência da identidade nacional, para viver emoções em conjunto com os outros concidadãos, mesmo que não conheçamos a esmagadora maioria deles, para celebrar vitórias ou chorar derrotas nacionais, enfim, para produzir unidade e imaginar em conjunto a tal comunidade ficcional (Balibar e Wallerstein, 1991). Até porque um jogo de futebol internacional envolve um conjunto de actividades e significações profundamente ligadas às emoções e sentimentos relacionados com a pertença nacional. Podemos afirmar que se a nação suscita a forma de identificação social mais desenvolvida da Modernidade, o futebol é o seu desporto principal.

Não precisamos de recordar os exemplos mais extremos como a chamada "Guerra do Futebol", entre a Guatemala e as Honduras nos anos sessenta, ou o aproveitamento do futebol pela propaganda das ditaduras italiana, brasileira, argentina ou portuguesa, para defender este argumento. Basta-nos saber que cada um de nós é um pouco (mais) nacionalista quando a nossa selecção de futebol se encontra em competição. Isto porque o futebol permite cumprir os objectivos do nacionalismo: a afirmação e celebração da unidade nacional e a diferença perante as outras identidades. Tal situação conduz a que os encontros de futebol internacional constituam ocasião única para o inevitável "ondular" da bandeira, seguindo o senso comum dominante de que é o prestígio do país e o orgulho pátrio dos seus habitantes que está em jogo. Não é por acaso que os estádios são os únicos locais onde encontramos regularmente milhares de pessoas a cantar o hino nacional em uníssono, a plenos pulmões.

De tal forma é assim que nenhum acontecimento televisado, de qualquer tipo, atingiu até hoje as audiências mundiais de um Campeonato Mundial de Futebol. E entre os dez eventos televisados com maiores audiências a nível planetário, mais de metade deles constituem competições de futebol internacional, envolvendo representações nacionais, nomeadamente as finais do Campeonato do Mundo.

Não é novidade para ninguém que os estados promovem sem pudor a identificação com as suas representação futebolísticas – dificilmente poderia ser de forma diferente: a popularidade e centralidade social do próprio futebol assim o exigem. A propósito deste jogo, expressa-se e celebra-se de forma poderosa, aberta e clara, a identidade, funcionando →

→ como elemento e emblema típico da cultura da Modernidade. Daí que o futebol internacional possa ser facilmente visto como política – e porque não mesmo guerra? – por outros meios. Assim pensava também George Orwell: “Ao nível internacional, este desporto (o futebol) não é mais do que um simulacro da guerra. O problema não é tanto a atitude dos jogadores mas a dos espectadores e, através deles, dos países que se inflamam por esses também absurdos combates e imaginam – pelo menos durante um certo período de tempo – que correr, saltar e chutar uma bola são verdadeiros testes de virtude nacional”. (in Reuzeau e Vidal, 2002: p.118)

Curiosamente, o futebol de selecções consegue muitas vezes unir aquilo que parece à partida impossível: por exemplo as diferentes “nacionalidades” de países como a Bélgica ou a Espanha, onde o forte apoio à selecção faz esquecer por momentos as reivindicações que muitas vezes são corporizadas em clubes (veja-se o caso paradigmático do FC Barcelona)

AS REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE NACIONAL NO FUTEBOL

Stuart Hall (1996) considera que a construção da identidade existe sobretudo nas representações e está relacionada com a forma como as pessoas usam diferentes recursos discursivos e narrativas históricas. Assim, considera que, para compreender este processo de (re)imaginação da comunidade, é necessário prestar atenção às representações da identidade, aquilo que denomina com a narrativização do *self*, defendendo ainda que o carácter simbólico e ficcional deste processo não afecta de forma alguma a sua efectividade política e ideológica. Ora, se as identidades são produzidas nos discursos temos que tentar analisar esta produção nos diferentes contextos históricos e sociais, fugindo de explicações e conceitos essencialistas como os de ser ou psicologia colectiva.

Obviamente, estas narrativas, imagens, metáforas constituem-se como discursos dominantes acerca da forma como um grupo se representa a si próprio e se apresenta aos outros e justificam a forte sensação e sentimento de

partilha e comunhão que encontramos numa nação. E mais importante ainda, estas representações possuem uma poderosa capacidade para estruturar aquilo que dizem.

Naturalmente, no tal mundo de nações uma forma de cultura global que promove a competição entre nações, como o futebol, é motivo e palco privilegiado para construção de identidade nacional através da produção e re produção das tais imagens, discursos e narrativas nacionais e nacionalistas, envolvendo quase sempre ideias de vitória, glória, bravura, heroísmo, sacrifício, superioridade e unidade.

Por acreditar que a análise das principais representações (re)produzidas a propósito do futebol em Portugal podia contribuir para desenvolver o conhecimento sobre o processo geral da construção da identidade nacional, levei a cabo a investigação que daria origem ao livro *Portugal, a equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e os media* (Coelho, 2001). Neste trabalho, pretendi detectar e estudar algumas das retóricas dominantes presentes nas formações discursivas veiculadas pelos jornais desportivos ao longo das últimas décadas acerca da nação. Para tal desenvolvi uma “arqueologia”/análise de discursos dos media – mais especificamente dos três jornais desportivos diários portugueses e particularmente de “A Bola” (o mais lido jornal português), dedicando especial atenção à cobertura jornalística da actividade da selecção nacional de futebol – o símbolo máximo da nação neste desporto/espectáculo/instituição social.

A investigação tornou possível compreender que é através da linguagem e das práticas discursivas (a sintaxe, a organização da informação, a apresentação de símbolos e signos nacionais, etc.) e de um conjunto de discursos que se agrupam em narrativas de unidade e supremo interesse nacional, envolvendo a (re)produção do carácter e personalidade nacional, de mitos históricos fundadores, dos valores masculinos e marciais, dos estilos e estereótipos geo-culturais-políticos, que se (re)imagina, quotidiana e banalmente, a nação e a identidade nacional, nos jornais desportivos.

Além de detectar e analisar algumas destas

representações dominantes de identidade, dediquei ainda especial atenção ao papel das elites culturais/intelectuais como principais fornecedoras das narrativas e mitos que estão na sua base, muitos dos quais são depois “traduzidos”, de uma forma mais acessível e visível pelos jornais desportivos. Arrisquei também, neste trabalho, a tese de que uma parte importante dessas versões e auto-visões dos portugueses (reproduzidas na imprensa desportiva) se podem denominar como “semiperiféricas”, plenas de “imaginações de centro” e “medos de periferia”, típicas da posição e condição intermédias de Portugal no sistema-mundo e de uma cultura de fronteira ou de contacto, como é a cultura dos portugueses (Santos, 1996). Defendi, finalmente, que essa condição e posição semiperiférica e de fronteira possui múltiplas virtudes e potencialidades, nomeadamente para o diálogo inter-cultural, desde que não seja essencializada e mitificada pelos discursos e práticas integradoras e normalizadoras do nacionalismo banal.

O EURO-2004 E A “AUTO-ESTIMA COLECTIVA”

No entanto, não se pense que a construção da identidade nacional é um fenómeno social linear ou unidimensional. É, antes, um processo sempre em mutação, contextualmente produzido, resultado de articulações que criam novos sentidos e subjectividades. Neste início de milénio, outros motivos despertam o interesse por este fenómeno, como é o caso da muito difundida ideia de que vivemos hoje num novo mundo caracterizado por movimentos de globalização, transnacionalização e de integração política que supostamente anunciam o colapso do estado-nação

como modelo sócio-político dominante. Por muito interessantes que sejam estas teorias pós-nacionais, a realidade dos factos parece ser bem diferente e muitas são as provas diárias de que a nação e a identidade nacional continuam a ser reproduzidas ideologicamente como as causas mais válidas e importantes, superiorizando-se mesmo à vida individual e a outras dimensões/lealdades sociais.

Em *Portugal, a equipa de todos nós...* (Coelho, op.cit.) tive igualmente a oportunidade de compreender que os jornais desportivos, como a maioria dos media, “constroem”, de diversas formas e em diversos locais, homens e cidadãos nacionais, através do tipo de práticas e elementos discursivos que atrás referi. Fazem parte, por isso, de um enorme conjunto de produtores da identidade nacional, juntamente com o estado, a escola, as elites culturais e políticas, etc.

O caso português é desde logo interessante porque faz parte do conjunto daqueles em que a produção da identidade nacional está eminentemente ligada ao futebol. O que pode e deve ser motivo de preocupação, até porque reflecte claramente um fracasso – que vem de longe – do estado português no cumprimento de uma das suas funções principais: o da criação de uma cultura nacional, e correlativa identidade, através da escola, da produção e difusão cultural, etc. No nosso país, nenhum outro fenómeno contribui tanto como o futebol para este processo social de (re)imaginação da nação.

Em referência ao estilo de jogo, aos resultados e classificações obtidos, às peripécias que envolvem a selecção nacional de futebol, deduzem-se traços do carácter ou per-

→ sonalidade colectiva, associam-se acontecimentos desportivos a factos de uma dada versão da história de Portugal, representa-se o valor e a capacidade do país, estabelecendo-se a sua posição no quadro das nações. Como diria Boaventura Sousa Santos, produzem-se muitas mitificações (e mistificações) e conseqüentemente, desconhecimento sobre o país e a sociedade portuguesa.

A propósito do Euro-2004, e da sua transformação num projecto e designio nacionais – por parte de quem não hesita em considerar que a tão proclamada “auto-estima nacional” pode depender dos resultados desportivos da Selecção Nacional –, todos estes processos simbólicos e ideológicos ganham nova dimensão e actualidade. Importante será que tenhamos a consciência de que a produção de unidade nacional a propósito do futebol, sempre eficaz porque realizada na escala dos emoções e sentimentos, não pode fazer esquecer as diferenças e desigualdades sociais de diversos tipos que continuam a existir (e em muitos casos a aumentar) na sociedade portuguesa. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, B., *Imagined Communities*, Londres: Verso, 1983
- Archetti, E. “Argentina and the World Cup: in search of national identity” in Sugden, Tomlinson (ed.), *Hosts and Champions*, Aldershot, Arena, 1994
- Balibar, E.; Wallerstein, I., *Race, Nation, Class*; Londres, Verso, 1991.
- Billig, M., *Banal Nationalism*, Londres: Sage, 1995
- Bromberger, C. “Allez O. M. , Forza Juve : the passion for football in Marseille and Turim”, in Redhead, S. (ed.), *The*

Passion and the Fashion, Aldershot, Arena, 1994.

Coelho, J.N., *Portugal, a equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e media*, Porto, Afrontamento, 2001

Foucault, M., *The Archaeology of Knowledge*; Londres, Tavistock, 1972

Gellner, E., *Nations and Nationalism*; Oxford, Basil Blackwell, 1983

Hall, S., Du Gay, P.(ed.), *Questions of Cultural Identity*, Londres, Sage, 1996

Hobsbawm, E., *Nations and Nationalism since 1870*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992

Reuzeau, J-Y., Vidal, G. (ed.), *Le Memento du Football*, Paris, Aumage, 2002

Santos, B. Sousa, “Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 38., Coimbra, 1996

The Black Beneath the Union Jack: pageants of identity and football's carnival or why it is important to take football seriously?

LES BACK

SOCIOLOGO

PREPARATION FOR ENGLAND'S 1998 WORLD CUP campaign reached a crucial stage as the team walked out for its 'warm up' match against Morocco in Casablanca. The fixture proved to be historic in ways that were not immediately apparent. The starting line-up included four black English players, which itself symbolised the profoundly multi-racial nature of the English professional game. It was also to mark the passing, although no one knew at the time, of a symbol of boozy English masculinity: It was to be Paul Gascoigne's last outing in an England shirt. With the teams lined up on the pitch the stadium manager lost the tape with the recording of the English national anthem. A moment of silent chaos ensued. Quickly, the players led by Ian Wright and captain Paul Ince sang *God Save the Queen* at the top of their voices and the travelling England fans – almost all of whom were white – joined in. The following day *The Sun* newspaper showed a picture of three black players including Ince, Wright and Campbell with Paul Gascoigne as national heroes singing their hearts out (*The Sun*, 28th May 1998). The presence of black players in the England side has been an enduring feature of the national game since 1978 when Viv Anderson made his debut against Czechoslovakia. However, what has been striking recently is the number of black internationals playing the game at the highest level. But despite this there are few black fans who seem to actively support the national side.

There are different things at stake when black and white people lay claim to icons of Englishness (see Cohen 1998: 301), or add their voice to the song of national stirring in sport. Paul Gilroy, perhaps more than anyone else, has poin-

ted to the difference made when black people identify with Englishness and/or Britishness and in so doing establish new possible vectors of contingent racial inclusion (Gilroy 1993). This is a phenomenon of European states that have colonial histories signalled at the very beginning of this book. Citizens from the colonial margin migrated to the English metropolis along pre-established imperial networks and routeways and in doing so laid claim to the identities of imperial nationalism. There is a tension between, on the one hand, the way football provides a means to define Englishness within a pageant of white nationalism; while on the other hand, the involvement of a minority of black England fans points to the possibility of de-coupling Englishness from a seemingly compulsory whiteness.

This is the context in which struggles over the possibility of 'black' and 'English/British' being repositioned in a relationship of inclusive mutuality takes on a political resonance. The situation in the United States is very different because these struggles over national belonging took on a very different form, where white supremacy has endured in a situation where people of colour are awarded the status of being 'American' without ambiguity (Hoberman 1997). The issue I want to raise is the way sport provides a context in which images of national identity can be expressed and debated. Equally, I want to raise the issue of whether for minority communities in Europe such forms of contingent admission within the boundaries of the nation are necessarily an advance.

As has been pointed out in the context of recent debates black and minority identifications with Englishness are →

→ not necessarily viewed as transformative. This is where the elisions between notions of Englishness and Britishness become most acutely significant (Parekh 2000). During the game between England and Argentina that resulted in England's exit from the tournament (by the inevitable penalty shoot out), Ian Wright, who missed the finals because of injury, was pictured on television wrapped in a Cross of St George flag. Lez Henry – a black fan, musician and sociologist – commented in the aftermath of the game: "I looked at him [Wright] on the screen and I thought 'What the fuck is he doing – has he lost his mind completely?!' I mean the St. George Cross! That's the worst thing for a black person because according to them people you can't be black and English. Maybe Britishness would be something else because you can be 'black British' but English? Never!" (personal communication, 10th July 1998). The notion 'British' is widely held to be less racially or culturally exclusive and it is sometimes argued such identification can be sustained within the diaspora communities who reside in the United Kingdom alongside associations with the Caribbean, Africa, south Asia, Cyprus and a whole range of other migrant heritages.

The relationship between these identity registers was brought into sharp focus through the Jamaican national team debut at the World Cup finals in France in 1998. Indeed, there was a significant debate in the black and minority press over whether black Britons should support England or Jamaica. Writer and ardent football fan, Paul McKenzie was the most articulate voice that proposed that black communities should throw their support behind England. He points out in what follows the moment when he was confronted by this question prior to the beginning of the tournament.

"It all started down at my local barber's shop [Hackney, London]. The shop was humming as usual when we started talking about the World Cup and, in particular, how well Jamaica will do. Well, I just had to laugh when they started saying things like, 'they might reach the semifinals'. Some dreadlocked guy even thought they might win the damn thing. Then, I unveiled my newly painted St George's flag with the words

Hackney emblazoned across it. The place went very silent. You could have heard a pin drop in Kingston. 'Why England?' they quizzed. 'Why?' 'Because I'm English', I replied. 'But you're black', they informed me.

At this point I should say that I am a black man born and bred in the East End of London. Some people who saw this article in its early stages suggested I should mention this at the top of the piece. But I say to them, as I say to the guys in the barber's shop, it's not important. The 'Do you support Jamaica or England?' argument has rapidly spread and divided the English black community. I find it silly and annoying and, now that some white folks have jumped on board, I can't get away from it" (McKenzie, 1998: 8-9).

Paul concluded: "It's dangerous and churlish to assume black fans are bound to support Jamaica" (ibid: 9).

What is fascinating about this controversy is that it brought into focus two very clear cultural and political impulses within sections of the black communities in Britain. On one side, there were those – like Paul – who committed themselves to opening up Englishness for those born and bred here to include black people. On the other, there were those – like Lez Henry – who vacated (Back, 1996) and distanced themselves from Englishness in favour of making connections between Jamaica and those in the African diaspora more broadly. What is so striking here is that these identifications reveal very different emphasises and commitments. It is also true to say that for some it was possible for both views to be held in combination albeit with different degrees of emphasis.

UNFINISHED LEGACY OF RACISM IN SPORT

In recent years the emergence and prominence of black sporting figures has precipitated comment from a range of commentators and critics. For example St. Lucian poet and Nobel prize winner Derek Walcott told *The Observer* newspaper in the summer of 2000: "I'm still amazed and thrilled that the captain of the English cricket team is of Indian descent and when I see black footballers playing for England" (*The Observer*, September 2nd 2000). For intellectuals like Walcott, who spent

their youth under colonial rule, the fact that the icons of English national pride include amongst their ranks children from the former colonies is a profound twist of history. Here black sportsmen and women display both a promise of multicultural change and the paradox of neo-colonial racism. Similarly Stuart Hall has been moved to write:

Nothing is closer to the heart of the average Englishman – as opposed to the fields where classically blacks have been outstanding, such as cricket and boxing – than the heartland of soccer [...] There isn't an occasion when you can pick up a decent Sunday paper, with its photos of Saturday's matches, and not see black faces. Are blacks in the boardrooms of the clubs? Of course not. Are they relatively powerless in the institutions which organise the game? Of course. The question is whether they have any currency, any visibility in the culture of sport where the nation's myths and meanings are fabricated. The answer must be 'yes', and to say this is to note the significant degree to which the culture has turned in the past fifteen or so years (Hall 1998: 43).

It shouldn't be a surprise that post-colonial intellectuals like Walcott and Hall should see the significance of sport, particularly as it relates to debates about race, nation and belonging. In many respects they have inherited the legacy of C.L.R. James, who tried to tell the story of empire from the vantage-point of the imperial game's crease. James' classic book *Beyond a Boundary*, first published in 1963, showed how an analysis of the game of cricket can reveal social and political forces that lay beyond the boundary rope. "*West Indians crowding to Tests bring with them the whole past history and future*

hopes of the islands", writes James. He continues:

English people, for example, have a conception of themselves breathed from birth. Drake and mighty Nelson, Shakespeare, Waterloo, the Charge of the Light Brigade, the few who did so much for so many, the success of parliamentary democracy, those and such as those constitute a national tradition. We of the West Indies have none at all, none that we know of. To such people the three W's, Ram and Val wrecking English batting, help to fill a huge gap in their consciousness and in their need (James 1994: 233).

For James sport was a place in which blows could be struck in the nascent struggles for independence and post-colonial autonomy. A place in which a sense of identity and pride could be garnered for those colonial subjects for whom history was a luxury denied to them by the colonizers. Reading this alongside Stuart Hall's analysis shows quite how far the debate about sport, culture and identity has come since the early days of independence. In the context of Britain today it is not just that sport provides a means for people of West Indian and other colonial backgrounds to establish a proud alternative identity to the nationalism of the imperial power. Rather, sport becomes a place in which national myths are reconfigured and the relationship between race and nation, at the heart of how Englishness has been traditionally constructed, re-defined.

This is not to say that there has been a complete transformation of the mores of racial stereotyping and exclusion. Hall perceptively warns the assimilation of black people within the national imagination as sporting heroes need not in anyway be congruent with access to the centres of deci- →

→ sion-making and institutional power. This is a point that has been picked up recently by Paul Gilroy who has argued that sport has played a central role in both fetishising racialised bodies and perpetuating ideas that 'reify race through icons of black physicality' (Gilroy 2000b: 258). More than this, Gilroy identifies the ways in which the economic success of black sportsmen also masks the enduring legacy of white supremacy. In particular, he cites the Brazilian football star Ronaldo. Gilroy writes about the circumscribed nature of black superstardom and the commercial forces that resulted in Ronaldo appearing in the World Cup Final against France in 1998, despite the fact that he had experienced what seemed like an epileptic seizure prior to the game. Gilroy argues: "*The Brazilian team's commercial sponsorship by the Nike Corporation, to which his iconic presence was deemed central, required him in sickness and health to assume his place in front of the cameras. For that descendant of slaves, the future suddenly began to look a lot like the past.*" (Gilroy 2000b: 348)

The point here is not that black sports stars are somehow equivalent to highly paid athletic chattel. No, there is something subtler at play. Whilst the sports arena may provide access to hero status, material wealth and personal liberation the stars that reap these rewards, both black and white, are performers reliant upon the patronage of, predominantly western, white dominated institutions and consumers. Within this medium of contemporary commercial sport, ideas about racial difference get exemplified and projected onto the bodies of black athletes. In this sense, sport can become the modality through which racial difference is made 'self evident' and is reproduced by stealth. This is not somehow the

same as past moments of racial domination and white supremacy. But, rather the past history of racial thinking is being piled up in the present. They are like continual aftershocks. The experience of Ronaldo, and other sportsmen who have found themselves in a similar position, cannot be understood simply as a remnant from the past. Equally the racism they experience is not solely created in the turbulence of the present. To borrow Walter Benjamin's famous phrase the past 'flashes up at a moment of danger' (Benjamin 1992: 247). As Ronaldo's corporate masters order his appearance the legacy of racial domination erupts in the present. While at the same time, Ronaldo's prominence as one of the highest paid global sporting superstars vectors towards new twists and mutations in the condition of a select few within the African diaspora. In such circumstances there can be no innocent notion of linear progress, improvement or change.

One of our key interests in this study is to develop a sensitivity to precisely the ways in which new conditions are producing ruptures and changes, while at the same time recognising how racism can endure be it in nascent or antecedent guises. So when reports are made that things are 'getting better' and that racism on the terraces is 'in decline' we should be sceptical and mindful that the future of the past, in this case the legacy of imperialism and slavery, is incomplete.

Equally, I want to suggest that the history of racism in sport is not already predetermined. In the rituals of sporting life the relationship between race, nation and inclusion is repeatedly stated and defined, through the 'us' that is manifest between teams and their devoted supporters. Here, 'race' and 'nation' function not as given entities but social forms that are

staged through 'big games' and repeated sporting dramas. Their form and quality are defined through the performance itself and continuities are established through repetition. So, here 'race' is not a given but the process in which 'racial difference' is invoked and connected with issues of identity, entitlement and belonging (Miles 1989). Through focusing on the repeated or cyclical nature of these processes in sport, it is possible to identify moments in which ruptures occur that may challenge the tenets of racial exclusion.

It is within the everydayness of sport that we can find the micro enactment of inclusion/exclusion, group definition and identity. Interestingly, in their recent and much debated report, the Commission for the Future of Multi Ethnic Britain commented:

Sport is part of a place's cultural fabric. Among other things, it provides (at least for men, and particularly young men) a huge reservoir of talking points, and of shared memories, jokes and allusions, which transcend the rivalries that are an inherent part of sport. For there are shared values – the rules of the game, admiration for skill and teamwork, the concept of 'foe-honoring.' Sport is an essential element in the daily business of 'putting the world in order' through continuous chat and social interaction. (Parekh 2000 : 173).

Even in the definition of rivalries within sport there is recognition. The issue that I want to focus on is the degree to which the ways in which sporting cultures 'put the world together' implicitly constructs limits on the levels of participation from Britain's diverse minority communities.

Within these seemingly trivial past-times there is real significance. Salman Rushdie has written that politics and sport – like art – is "*inextricably mixed, and that that mixture has consequences*" (Rushdie 1991: 100). It is the consequences of the admixture of sport and politics, of sport, identity and belonging that I want to unravel. This involves also facing the vexed question about how to define and conceptualise racism. The forms of racism highlighted here are cast through either the racialised body (i.e. that racial difference can be

connected with athletic prowess, and by implication also cerebral function) and ossified notions of culture that are defined in the relationship between particular 'cultural groupings' and their relationship to sport and sporting cultures.

Sporting racism operates through the logic of absolute biological or cultural difference. By exploring the articulation of this theme in various contexts I want to understand racism as a multiply inflected and changing discourse that organises and defines human attributes along racial lines that code in an exclusive way the definition of identity, entitlement and belonging. In this sense, I want to suggest that the explicit presence of overt racist language is only one among an array of elements within what might be called the culture of racism. This involves understanding how forms of inclusion and exclusion operate through the interplay of overt racist practice and implicit racialised codings. So, our notion of a culture of racism also includes the normalising whiteness that is at the centre of English football culture and the implicit connotations of what it means to belong and identify as a fan or what is defined inside the game as a 'football person.' Equally, I want to suggest that the culture of racism is unevenly developed and that it is important to resist 'blanket definitions' of racism, be it in relation to popular or institutional forms. One of the things that I want to guard against is the easy, some might say slothful, ways in which particular groups of fans have been demonised as permanent bastions of racial hatred.

The image of English football as moving down the road to global corporate transformation is perhaps enticing to some, but the picture on the ground is more messy and complex. While, the growth in 'foreign players' playing in Britain has accelerated in an unprecedented way the degree to which their presence has transformed the culture of the clubs that have offered them a home is still a moot point. Piara Powar is one commentator who remains skeptical about the enduring effect of international players on domestic football: "*I think one needs to scratch beneath the surface to see how international is the game in Britain. How multi-ethnic is the* →

game? And I think once, if one does that then you find that all sorts of problems are emerging.” He argues that while the assimilation of high profile black overseas players challenges our assumptions about white working class fans they do not necessarily signal a complete shift:

When Arsenal fans are singing ‘we love Patrick Viera, he’s from Senegal’ there’s something going on there clearly which, you know, one can’t ignore in terms of race in football, and hearing a kind of a white working class football fan singing the name of somebody from Senegal and being aware he’s from Senegal. For me this kind of flies in the face of world economics and, you know, the things that are usually ascribed to white working-class people. And there’s something happening there, unquestionably. But I don’t, personally think they’re solid enough for them to be enduring. So in two generations’ time, a generation’s time, we don’t know what’s going to happen to football. It could be that the likes of Patrick Viera will be forgotten and we’re into a kind of a new period of darkness. One looks at the attitudes outside of our kind of major cities and I certainly don’t think that that’s, you know, improbable (Interview, 26th September 2000).

In short, the assimilation of international players need not produce an ethos of internationalism. Rather, international players are assimilated within the local identities or regional affiliations. While this may operate through a language of ‘the local’ it is not necessarily about neighbourhoods and residence. As I have shown, white fans travel great distances to support their team and ‘play at home’. Rather, it is a kind of ‘nationalism of the stadium’ that is celebrated and defined when the team plays. What matters above all – regardless of the national origin of the players in the line up – is that the players ‘wear the shirt’ with all its charged symbolism, history and rootedness in a particular place.

I want to end by posing a question that I often reflected on in the course of researching football culture in England. If

black players can pull on the England shirt, is it possible that one day there could be a black manager of England? In the last ten years there have been four England managers. Most recently and controversially, the job was given for the first time to an overseas coach, namely the Swede Sven Goran Erikson. Interestingly enough objections to this appointment have been expressed widely, including from some well known black professionals inside the game. For example Ian Wright – a black English player – complained on national television that the new manager wasn’t an Englishman, not ‘one of our own’. Such vociferous statements highlight the ways in which the position of England manager is still talked about as a symbolic role that represents the hopes and aspirations of ‘the nation’. Erikson’s successes have in large part silenced his critics. It seems within the beautiful game winning can override all other considerations. We will see what the coming tournament in Portugal will bring. If things go badly – which is always England’s ultimate destiny on the pitch – questions about Erikson’s capabilities may be raised again.

Whatever the merits of appointing a foreign manager to manage England, it is an intriguing thought to imagine the possibility of a black Englishman taking up this challenge? I put this question to a range of people during our research, including Glenn Hoddle while he was England manager. Asked if he could imagine a black successor, he replied:

See in my eyes, that day is round the corner, that can happen – and you will see it happen. Again, it is whatever the talents are – if they are talented and they do enough in football that they feel that they could become good managers then that warrants it – it is nothing to do with what colour of skin they have, or where their backgrounds have come from – it is about the ability to do a job (Interview, 21st October 1996).

Here Hoddle reproduces the commonly held assumption that football is a meritocracy, that talent wins out in the end, and that in sport it is ultimately about ability. Increasingly, managerial jobs are viewed as a matter of ‘personality ap-

pointments.' But being a football manager is also about being viewed as a safe bet, someone who can cope with the dressing room and command respect. Inside, the game there linger stereotypes and images about the capacities of black players to make the transition into management. These ambivalences are often expressed through rumours that are laced with racial stereotypes that range from some black players being viewed as having 'difficult personalities' to concerns about alleged 'sexual indiscretion' and scandal. One white manager put this crudely. He claimed that the managerial aspirations of a former black professional would be scotched because 'he can't keep his dick in his trousers.' In this context 'personality appointments' refer to particular types of racialised personality.

On the same day that this question was put to Glenn Hoddle I also asked Ian Wright if he ever saw a day when there could be a black England manager? His response was immediate and unequivocal:

No, simple as that, I can't see it. I don't think there will be, for whatever reason. It is a very tricky little area there you are going into, so I would like there to be one [a black England manager], but honestly in your heart of hearts can you see it? (Interview, 21st October 1996).

This echoes Stuart Hall's observation that while black sports personalities like Ian Wright have come to represent the very essence of the English game on the pitch there remains little prospect of this being carried through into the boardrooms, executive boxes and dug outs (Hall 1998).

Some may say well this is all very well but what do you? Do you support the nation team when the players are out there wearing the three Lions on their chest and singing 'God Save the Queen'? My answer is 'yes of course I do'. I would sum up my own feelings about national football loyalty as 'England but' or 'English and.' I am as proud as anyone else of those black players who fill the England shirt but I am steadfastly against anyone who would impose this as some kind of test of belonging i.e. to say to those generations of black Briton that they must make a choice between their family connections with Jamaica or Nigeria and England. It is perfectly possible and understandable to belong to England but reject the version of Englishness that is racially exclusive. I would also say that this affinity is only one of many other things that I identify with I am English and a Londoner, a father, a teacher and so on. Some of the faces have changed in English football. Yet, this has not produced much of a shift towards a more multicultural game. Piara Powar identified the key issue when he concludes: "There are very few places where [...] this game of football is not an affirmation of whiteness, it's not an affirmation of the sort of white working class identity" (Interview, 26th September 2000). Here he identifies an all pervasive, yet unspoken, whiteness which lies at the centre of English football both inside the institutions and in its stadia. Stan Collymore told journalist Simon Hattenstone that his early retirement from the game was because he fell foul of a 'white, middle-aged, hard core football mentality.' He simply didn't fit within the unspoken norms of English football. Collymore liked to read the broadsheet newspapers and keep up with current affairs but was also prone to depression and infamously struck →

→ his then girlfriend Ulrika Jonsson in a nightclub. Collymore concluded that the palpable consequences of his depression are simply incomprehensible to those inside the game:

Ninety nine percent of football managers are white, working-class blokes. They grew up with football and alcohol. You can be an alcoholic and get sent to prison and be welcomed back for your strength of character in English football. But if you suffer from an illness that millions suffer from, one of the only illnesses in which people take their own lives, you get called spineless and weak (cited in Hattenstone 2001: 4).

In Collymore's case his depression was taken as evidence of an effete and flawed character. Through such forms of dismissiveness white managers can situate players like Collymore outside of the values and preferences that define English football culture. The emergence of black and overseas players may have changed the face of the game, yet amongst its white fans and those inside the sport these changes have been met by an ambivalent mixture of acknowledgment and ridicule that can flip in turn between love and loathing, adulation and hatefulness. It is a game where partial acceptance and racism are two faces of the same coin.

Despite the groundswell of interest in football in the last ten years that has moved its fan base well beyond its conventional class constituency, sport is still viewed largely as trivial by writers, academics and cultural critics. It has yet to make it to the intellectual 'top table' for serious cultural attention. This is a mistake because the true significance of sport is in its ability to bring into focus the lines

drawn around belonging, collective identity and exclusion. Part of the drama unfolding in football stadia is the ambiguous contours of racial exclusion and cultural integration in England. Here we can find not only the bearing of cultural shifts but also the enduring racisms that dress racial biology or absolute ideas about 'foreign cultures' in a new uniform. This is not to say that we can read society through the cipher of sport. As Mike Marqusee has written, while sport reflects important cultural shifts, it is in fact a 'distorting mirror' (Marqusee 1999: 295). The emergence and success of black and minority athletes may belie, or mask, the deepening of marginalisation and exclusion in the communities from which they emerged. The rising prominence of black footballers points to a real shift within English culture but at the same time there are limits in the degree to which the English game is becoming more culturally inclusive. In the end the result is a partial, and incomplete assimilation, in which they are playing a game on terms defined by white power brokers and the core values of English football culture. This not only tells us something about the diagnosis of our present predicament but it also provides insight into the kind of multicultural future, with all its paradoxes, that lies ahead. ●

BIBLIOGRAPHY:

- Back, L. (1996) *New Ethnicities and Urban Culture: Racisms and Multiculture in Young Lives*, London: UCL Press
- Benjamin, W. (1992) "Theses on the Philosophy of History" in Benjamin, W., *Illuminations*, London: Fontana Press
- Cohen, P. (1998) "Review Symposium – Routes of Racism:

the social basis of racist action” in *Race, Ethnicity and Education*, 1, 2: 296-303

Gilroy, P. (1993) *Small Acts: Thoughts on the Politics of Black Cultures*, London: Serpent's Tail

(2000) *Between Camps: Race, Identity and Nationalism at the End of the Color Line*, London: Allen Lane

Hall, S. (1998) “Aspiration and attitude... reflections on Black Britain in the nineties”, *New Formations* 33, Spring: 38-46

Hattenstone, S. (2001) “The Monday Interview All Played Out: Stan Collymore”, in *The Guardian* G2, 16th April: 2-4

Hoberman, J. (1997) *Darwin's Athletes: how sport damaged black America and preserved the myth of race*, Boston: Houghton Mifflin Company

James, C. L. R. [1963] (1994) *Beyond a Boundary*, London: Serpent's Tail

Marqusee, M. (1999) *Redemption Song: Muhammad Ali and the Spirit of the Sixties*, London: Verso

McKenzie, P. (1998) “Whose side are you on?”, in *The Big Issue*, May 25th-31st: 8-9

Futebol e “Identidades”?: a bola é redonda para poder pensar em todas as direcções¹

NINA CLARA TIESLER
SOCIÓLOGA

◻ EM PRIMEIRO LUGAR gostaria de agradecer aos organizadores pelo simpático convite. A ideia é apresentar uma palestra sobre futebol, eventualmente com uma ligação à Alemanha, e tentar não perder a cabeça ou o contacto com a bola, no meio da *área de grande penalidade* do debate actual sobre identidade. Gostava que o meu contributo para o tema “Futebol e Identidades” fosse um pontapé livre. Esta ligação temática parece-me um *passee arriscado, atrevido*, porque penso que a grande onda de debates sobre identidade dentro e fora das universidades, ou mesmo fora dos relvados, é uma *armadilha de fora-de-jogo*.

Poderão contrapor que debates sobre identidade passaram a ser um *desporto de massas* – depois dos Estados Unidos, agora também na Europa. É verdade. Nos discursos académicos existem poucas questões, onde “a identidade” – seja qual for a definição que lhe é atribuída – não tenha um papel central. As políticas de identidade nacionais, culturais ou étnicas de maiorias e minorias têm lugar de destaque nas agendas políticas e científicas. A nível quotidiano encontramos-a como palavra de ordem na boca de todos. São efectuados colóquios, por exemplo, sobre a “identidade do jazz europeu”, uma questão, que até agora era discutida usando a palavra “estilo”. Um redactor faz publicidade para o seu jornal diário usando o termo “identidade” para definir a característica à qual até agora chamava “perfil”. Resumindo: na linguagem quotidiana os termos “mentalidade”, “estilo”, “perfil”, “expressão”, etc., desaparecem dentro do *container* verbal intitulado “identidade”. Na política, expressões como por exemplo “interesses de grupo” ou “consenso” deixam de existir, e nas universidades misturam-se no mesmo saco, até ficarem irreconhecíveis,

termos como “We-groups”, “identificação”, “auto-percepção”, “evidência”, “ideal tipo” (Weber), “auto-estima”, “consciência pessoal ou de grupo” e “pertença”. E, apesar de parecer hoje em dia: nem sempre isto foi assim.

No ano de 1978, se fosse entregue ao redactor de um jornal diário um texto que contivesse a palavra identidade, o redactor teria riscado a palavra com a explicação de que não seria compreendida. (...) A aptidão duma palavra para definir adequadamente certos factos não é o motivo para a sua proliferação. (Claussen 2000, 19)

As incessantes orações e discussões sobre “identidades colectivas” nas sociedades fragmentadas, modernas, em constante processo de modernização, nas quais se dissolveram as tradicionais ligações – ou seja, *a procura de uma pertença e referência, onde esta já não existe* – este novo “desporto discursivo de massas” também não pára perante o futebol. Não obstante desta discussão ser muito posterior às primeiras imagens televisivas da final de um campeonato do mundo.

Alguns lembrar-se-ão do Campeonato do Mundo de 1958 e das imagens castanhas acizentadas de Estocolmo: o Brasil ganhou à Suécia por 5:2. Mas no relvado podia ver-se bem a diferença entre claro e escuro, entre branco e preto, refere-me um treinador, que faz parte de uma geração na Alemanha que, para além de uns poucos militares americanos, ainda não tinha visto muito negros:

Os suecos eram os parentes próximos, que “nos” (os alemães) tinham vencido; mas a equipa transatlântica com as suas

estrelas negras jogava futebol como de outro planeta.
(Claussen: Endspiel, 2)

Em 1958, ainda ninguém falava de “identidades” nacionais, culturais ou étnicas. Discursava-se sobre a Final do Campeonato Mundial, procurava-se entender o futebol brasileiro, mas não se usava o tópico “identidade”. Pelo contrário: após algumas transmissões televisivas, os novos adeptos deste futebol tinham descoberto que aquilo que é visível como sendo uma coisa puramente “*estranha/outra*” ou *própria*, é um produto de misturas históricas. “*O ideal tipo do futebol brasileiro, que apareceu nessa altura em Estocolmo*” – assim refere o meu treinador e narrador – “*é um sincretismo de sucesso entre técnica de bola e espírito de equipa, que necessitou de contacto com mundos diferentes para se formar no meio de adversidades no próprio país*” (Claussen: Endspiel, 2).

Estamos tão habituados a palavras como “identidade colectiva”, “grupos de identidade”, “política de identidade” ou “etnicidade”, que se torna difícil lembrar-nos há quanto pouco tempo estes termos entraram para o vocabulário ou gíria do discurso político. O historiador Eric Hobsbawm lembrou-nos, em 1998, que estamos confrontados com uma espantosa nova expressão – assim, não encontramos na *Encyclopedia of the Social Sciences*, editada em 1968, nenhuma entrada para “identidade”, e o termo “etnicidade” aparece no *Oxford English Dictionary* do início dos anos setenta somente com uma referência de palavra rara, cujo significado era “paganismo” e “superstição pagã” e documentada com excertos de textos do século dezoito.²

(...) *Estamos a lidar com expressões e conceitos que só conseguem impôr-se nos anos sessenta. O seu surgimento pode mais facilmente ser acompanhado nos EUA. (...) Determinante é o facto de a mais evidente, mas não única forma de identidade política, a “ethnicity”, ter tido sempre um papel fundamental na política americana, desde os tempos em que começou a imigração de massas vinda da Europa. (...) (Hobsbawm 1998, 25)*

Até à colheita final dos Social Movements americanos dos anos 60, (a expressão) “identidade” não designava um instrumento normativo ou político, mas sim uma categoria analítica e filosófica. Fazendo um “back to the roots” do termo, deparamo-nos com os grandes nomes do Idealismo: à filosofia de Schelling é dada o nome de Filosofia de Identidade e aí fala-se da identidade da natureza e espírito. Dentro de um sistema filosófico, foi Leibniz o primeiro a definir a identidade (lógica). A sua tese sobre a igualdade lógica, ou seja, sobre a identidade como não-diferenciação (A igual a A traço)³, traduzido com o sentido de *principium identitatis indiscernilium*, continua ser utilizado, nas suas consequências, na filosofia (analítica) até hoje.

Não se pode propriamente dizer que Leibniz, Schelling, Hegel e este slogan latim pairam sobre os estádios europeus de futebol, como o espírito de Pelé, o Avô do Futebol, paira sobre o “jogo bonito” brasileiro – e isso também não é necessário para que possamos ter no estádio uma experiência maravilhosa.

AFINAL O QUE TÊM “IDENTIDADES” QUE VER COM FUTEBOL?

Em primeiro lugar, o título do nosso colóquio é mais um exemplo do percurso da palavra “identidade” na sua utilização quotidiana, liberta de complexas conotações filosóficas e psicológicas. Esta proliferação pode ser explicada, por exemplo, dizendo que a consciência quotidiana não gosta de confrontar-se durante muito tempo com problemas de difícil resolução. Vive das certezas partilhadas pelos assim denominados “We-groups” em relação à sua indubitável propriedade intelectual:

Podemos irritar-nos à vontade com a maneira irreflectida como se fala sobre “identidades”, mas a utilização de “identidade” como se de uma fórmula mágica se tratasse deve ser para o observador o sinal de uma necessidade de explicação da sociedade. “Identidade” na utilização quotidiana tem uma função de enchimento de sentido. O sentido vago da palavra corresponde à necessária falta de clareza como o qual as pessoas normais

→ *tentam chegar a um compromisso pragmático entre a experiência da insegurança na vida societal e a necessidade de inequívoca pertença um grupo social.* (Claussen, 1994, 60 f)

Um sentimento que facilmente se entende, já que para a maior parte das pessoas a vida moderna (com a sua falta de transparência) lhes parece suspeita. Tratando-se então da *procura de uma pertença*, podemos dizer isto assim e diferenciá-la. Também ou exactamente por estas razões, deve proceder-se assim na análise dos grupos de *fans* (adeptos) – como é sabido, cada clube ou selecção nacional tem vários.

Se mascararmos a constante antropológica da necessidade de pertença com a palavra da moda “identidade”, defraudamos imediatamente, numa jogada de xadrez de retórica totalitarista, as diferenças interiores de grupos sociais e a relação tensa do indivíduo perante a sua “pertença”, que significa igualmente obrigações. O estudo de processos de formação de grupos e comunidades sempre foi tarefa da Sociologia. Faça a experiência e tente ir ao fundo da questão desse fenómeno: um estudo que resista à retórica da identidade é muito mais expressivo e atinge mais rapidamente o cerne da questão.

Talvez seja o nosso entusiasmo pelo futebol ou a falta de ar perante a sua importância ou efeito social que nos seduz neste campo, e que nos faz cair na armadilha do fora-de-jogo da “identidade”: quando há uns poucos anos atrás ainda se tratava de *identificação no futebol* ou dos seus méritos de *integração social*, parece que hoje em dia tudo fica resolvido com a palavra da moda. Mas, por sinal, é exactamente com a *identificação no futebol*, produzida nos grandes campeonatos ou fora deles, que se torna difícil a análise quando tentamos usar “identidade” como ferramenta. Podemos identificar-nos com uma equipa durante mais de noventa minutos, saltar com muitas outras pessoas ao mesmo tempo, dizer palavrões ou gritar de alegria, abraçar estranhos ou viver momentos profundamente importantes. Partilhamos um interesse e uma paixão, mas apesar de tudo ficamos não-identificados em relação aos nossos companheiros de sofrimento ou às estrelas no relvado – e o colectivo de

adeptos, que sob o termo “identidade” fica aparentemente homogéneo, mantém-se afinal bastante diferenciado.

Infelizmente, esta situação é visível logo quando se entra em alguns estádios, por exemplo em Itália, nos países do leste da Europa ou na Alemanha: e tem de se ter a coragem de ir aos estádios em si, porque os canais desportivos não mostram as imagens feias: emblemas e frases racistas soltam-se em alta voz das bancadas, já até das bancadas centrais pagantes (da classe média). É comum ouvirem-se repetidamente apupos e gritaria selvagem quando um jogador negro (da própria equipa!) marca um golo. Nesta mesma situação, nalguns estádios do leste da Europa, é normal serem lançadas bananas para o relvado, ou os clubes já não comprarem jogadores negros. Na Alemanha, os portadores de camisolas com o nº 88 do clube teutónico Hertha-BSC ocupam os acontecimentos – e já não é nenhum segredo que o nº 88 é uma abreviação para “Heil Hitler”. O número 88 é também usado entre os adeptos ingleses, com o mesmo significado. A *Fanzine* (uma revista “self-made”) desta extrema-direita entre as claques inglesas era chamada *Stormfront*. Recentemente, o título mudou para *Identity*...

Se pretendemos tornar equivalentes as expressões *identificação no futebol e identidade*, perde-se de vez o futebol já tão ameaçado pelo racismo. Efectivamente, o futebol na sua qualidade de desporto de massas mundial, oferece imagens de *integração social* – e esta também não deve ser igualada a “identidade nacional”, que podem ser irreversivelmente destruídas por motivos racistas. Observando esta triste realidade futebolística, que não é exclusivamente alemã, a discussão de “identidade nacional” também não ajuda. O tiro rápido de querer juntar *identificação com a selecção nacional e identidade nacional*, transforma-se depressa num golo na própria baliza. Apesar de se identificarem com o seu clube, muitos adeptos alemães não estão com muita vontade de se deslocarem ao Porto no dia 15 de Junho para ver o jogo Alemanha-Holanda ao vivo. Têm medo da violência vinda das próprias bancadas, e não partilham nem um pouco das alucinações da passada ou presente história alemã dos adeptos vestidos com as camisolas nº 88.

A conversa da identidade nacional só enfeita a velha ideologia: e confirma a identificação de todos os participantes com colectivos nacionais. Para além da felicidade de “pertencer a algo” esquece-se que a pertença colectiva é antes de mais uma obrigação social. [...] Na prática, o acto de reunir indivíduos a um colectivo – sem respeitar o que fazem ou dizem – imita a obrigação social, em vez de a criticar. (Claussen 1988, 8f)

Na Alemanha, desmente-se o racismo tanto no relvado como nas bancadas. A ridícula desculpa de que o futebol também não pode ser melhor do que as sociedades onde está inserido, parece o discurso dum homicida que pergunta o que podia ter feito, se o pai dele morreu cedo, a mãe bebia, na sua juventude choveu muito e no caminho para a escola tinha de subir montes. Não é só na televisão, também os organizadores como a Federação Alemã de Futebol (DFB – Deutscher Fußballbund) procuram ignorar o racismo, mas ao mesmo tempo aproveitam-se das suas representações. No Campeonato do Mundo de 1998, o Presidente do DFB, Mayer-Vorfelder, não teve o mínimo de vergonha em declarar, com um olhar invejoso, a França o campeão do mundo multicultural:

*Se em 1918 não tivessemos perdido as colónias alemãs, teríamos agora na selecção alemã provavelmente só jogadores da África Sudoeste Alemã. (Gravação original de Mayer-Vorfelder; abreviado MV) **

A preguiça de pensar, que acompanhou durante anos a miséria futebolística da selecção alemã é assustadora. Na verdade, atrás da referência às colónias perdidas, encontra-

mos a suposição que as vitórias francesas se devem a “presupostos genéticos” (Grav.orig. MV). A olhos vistos pensa comprovar-se que os jogadores negros têm mais queda para a bola. Será Zinedine Zidane realmente negro? E já se está outra vez envolto em racismos.

A conversa da “identidade nacional” não tem de se mostrar racista para merecer o cartão vermelho no relvado futebolístico. Uma das faltas mais populares nos jogos – infelizmente nunca sancionadas – é a tentativa de explicar o jogo de uma equipa, a sua estratégia ou estilo através de “características nacionais” – misturadas seja lá como for. “The Germans must march”, justificou-se o chefe de equipa Franz Beckenbauer, a propósito do sucesso ensombrado pelos horri-veis jogos da equipa alemã nos anos 80 no México.

Apesar do já mítico jogo Alemanha-Itália em 1970 na meia-final do México ter contradito os preconceitos de “ordem alemã” e “esperteza mediterrânica”, estas *teorias das características dos povos* disfarçadas de “identidades” estão hoje em dia na boca de todos. Apesar de serem completamente impróprias para explicar seja o que for no futebol, o meu treinador acima mencionado ensinou-me:

Basta pensar na implantação salvadora de Roberto Baggio no sistema da equipa do Milão com o treinador Arrigo Sacchi. Qual mediterrânico! Pelo contrário: muito racional, servido frio como um campari com gelo. E o Brasil? O Jogo Bonito paira sobre eles como o olhar ameaçador de Pelé, o Avô do Futebol. Mas as vitórias foram conseguidas graças aos sacrifícios de Mazinho e Dunga, imparáveis corredores de resistência do meio campo. Enquanto isso, Rai, com o número 10 de Pelé e possível Rei do jogo, sofria no →

→ banco. Aqui não reconhecemos nada da caracterologia típica de um povo. (Claussen: “Der Traum vom Schönen Spiel”)

No futebol não se ganha nada com a expressão “identidade”. São as políticas de identidade que ensombram os jogos. E estas são sedutoras, pelos vistos, já que realizam o milagre sociológico de transformar as pessoas, ao mesmo tempo, em vítimas e vencedores, membros de uma elite e de um colectivo – transformação essa que utiliza matrizes de uniformização nos seus princípios organizativos.

Como pode ser feita a mistura de política e desporto, mostra-nos mais uma vez Franz Beckenbauer, que abandonou o cargo de seleccionador nacional, deixando ao pobre Berti Vogts uma pesada herança: “Depois da reunificação a Alemanha será invencível durante uma década...”

A meu ver fazia-se um favor ao futebol se o poupássemos de políticas de identidade – e também seria bom para os debates se a massacrada palavra “identidade” voltasse a ser libertada para o campo da teoria filosófica das pesquisas da adolescência. E com isto não pretendo afirmar que os estádios sejam uma *No-Go-Area filosófica*. Pelo contrário, aqui podemos, por exemplo, encontrar regularmente em experiências pessoais a definição clássica do conceito “estética” de Immanuel Kant, nomeadamente na infalível capacidade dos verdadeiros adeptos fazerem a diferenciação entre um jogo bonito e um jogo mau – independente do resultado. Todos aqueles que têm prazer no jogo irão concordar neste juízo, apesar de normalmente não saberem dizer em relação a que conceitos ou critérios eles o acham bonito. Esta descrição pode parecer simplista, mas corresponde exactamente à resposta de Kant à questão da

especificação do juízo estético. Segundo Kant, esta reside na capacidade de estabelecer um consenso, uma concordância; concordância esta que se baseia num juízo que não tem consciência dos próprios critérios e conceitos (Gumbrecht 2001, 12).

Para mantermos o rigor acima descrito, também não devemos cair na armadilha de fora-de-jogo e simplesmente substituir a real beleza desta *concordância* pelo discurso duma “identidade colectiva”. •

BIBLIOGRAFIA

Claussen, Detlev:

1988: *Vom Judenhaß zum Antisemitismus. Materialien einer verleugneten Geschichte*, Darmstadt: Sammlung Luchterhand (erste Aufl. 1987)

1994: “Missglückte Befreiung”, in: Nenad Stefanov/ Michael Werz (Hg.), *Bosnien und Europa. Die Ethnisierung der Gesellschaft*, Frankfurt a.M.: Fischer Taschenbuch Verlag, S. 60-75

2000: “Stichwort: Identität. Neue Sprachen in Wissenschaft und Medienbetrieb”, in: *Perspektiven*, Nr. 36, Juni 2000, S. 19f

Gumbrecht, Hans Ulrich:

2001: “Die Form der Gewalt. Lob der Schoenheit des Sports”, in Dietrich zur Nedden (Hg): *Kopf ohne Ball*, Hannover

Hobsbawm, Eric:

1998: “Identitätspolitik und die Linke”, *Perspektiven*, Nr. 33, Mai 1998

NOTAS

¹ Dedicado ao meu treinador Detlev Claussen, cuja doutrina teórica da

sociedade me ensinou a ter cuidado com as armadilhas dum trabalho discursivo e ao qual tive de pedir emprestado algumas ideias sobre futebol.

• Hobsbawm refere-se ao único registo neste âmbito, o "de Erik Erikson sobre a identidade psicosocial, que se ocupa principalmente das assim denominadas crises de identidade de adolescentes que tentam descobrir quem são, e também a um registo mais abrangente sobre a identificação de eleitores." (Hobsbawm 1998, 25)

• Isto significa que todos os elementos do A também se encontram no A', que não existe nenhum elemento no A' que é não-identico com algum dos elementos no A.

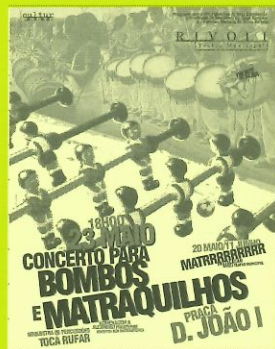
• Só para recordar a situação: os alemães tinham sido eliminados pela Croácia, que em 1998 já não era muito multicultural.

Concerto para bombos e matraquilhos

Homenagem a Alejandro Finisterre (inventor dos matraquilhos)

Orquestra Tocá Rufar

MÚSICA ORIGINAL E DIRECÇÃO Rui Júnior



O poeta dos matraquilhos

V A L D E M A R C R U Z

▷ UM GALEGO FERIDO PELA AVIAÇÃO DE FRANCO

INVENTOU OS MATRAQUILHOS PARA DIVERTIR AS CRIANÇAS MUTILADAS DA GUERRA CIVIL DE ESPANHA. AGORA COM 85 ANOS, ALEJANDRO FINISTERRE FOI HOMENAGEADO NO PORTO.

O argentino Che Guevara nunca terá conhecido o galego Alejandro Finisterre, inventor dos matraquilhos. Todavia, partilharam um mesmo lugar num mesmo tempo. Os caminhos de ambos aproximaram-se na Guatemala e podiam ter-se cruzado em Junho de 1954, quando o coronel Castillo Armas, depois de ter pedido a bênção ao Cristo negro de Esquipulas, na Nicarágua, invade o país à frente de um pequeno grupo apoiado pela CIA. O objectivo, conseguido, era o de derrubar o governo revolucionário guatemalteco de Jacobo Arbenz e acabar com a aventura da reforma agrária, contra a qual manobrava a United Fruit Company. Guevara tenta organizar a resistência militar, mas acaba refugiado no México, onde encontra Fidel Castro.

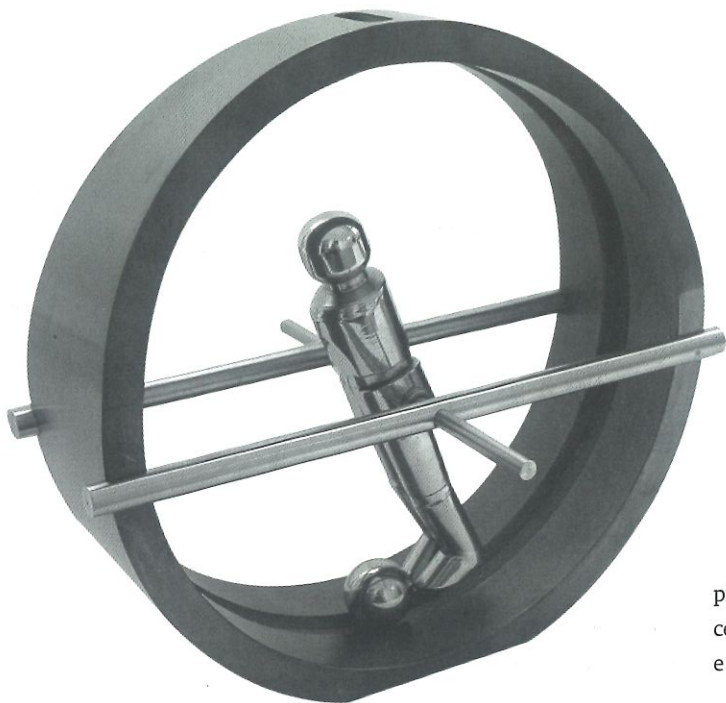
Finisterre, de seu verdadeiro nome Alejandro Campos Ramirez, é raptado durante o golpe de Castillo, numa acção em que intervém a polícia política do ditador espanhol Francisco Franco. Expulso do país, também vai parar ao México. O motivo para o desterro de Finisterre da Guatemala não podia ser mais grotesco: entre os apoiantes do novo ditador corra o boato de que as moedas recolhidas nos bilhares de “matrecos”, colocados pelo galego em diferentes países da América Latina, não passavam de um subterfúgio destinado à recolha de fundos para o Socorro Vermelho Internacional, uma estrutura onde confluíam

sindicatos, organizações operárias e partidos políticos de esquerda para ajudar presos políticos, e que desenvolveu um importante papel de apoio aos republicanos espanhóis.

Alejandro tinha então 35 anos. Meio século depois, e com um imenso mar de vida já vivida, deslocou-se há um mês ao Porto para ser homenageado pela Culturporto, no âmbito do ciclo “Pontapé de Saída”, uma iniciativa destinada a antecipar o Euro 2004. Acompanhado pela mulher, uma cantora lírica quarenta anos mais nova e com quem vive há mais de 20 anos, assistiu, emocionado, a um concerto para bombos e matraquilhos pela orquestra de percussões Tocá Rufar, frente ao Rivoli.

Cansado, com uma voz pousada e uma memória ainda muito viva, Finisterre – um pseudónimo escolhido em homenagem à sua Galiza natal – vive agora na pacatez de Aranda de Duero, próximo de Valladolid. Em casa conserva um rico espólio, feito dos restos das muitas veredas que lhe povoam a existência. São fotografias, livros raros, documentos pouco conhecidos. Testemunhos do seu convívio com muitos dos intelectuais espanhóis e latino-americanos que com ele partilharam o exílio, em diferentes momentos e em distintos locais. O tempo é agora todo seu e, por isso, prepara um livro para testemunhar a intensidade da vida que calcorreou e na qual a invenção dos matraquilhos surge apenas como uma forma outra de fazer poesia.

Há em Alejandro uma irreverência que parece escorrer-lhe dos poros. Apesar do ar tranquilo. Apesar da serenidade com que narra os acontecimentos mais extraordinários. Apresenta-se mais como uma vítima das circunstâncias, apanhado no turbilhão da história, do que propriamente como alguém →



Escultura de Carlos Barreira

→ que procurou o destino e o enfrentou. Tudo parece ter-lhe acontecido por acaso, como quando é apanhado nos bombardeamentos de Madrid pelas tropas franquistas, em Novembro de 1936. Estava com 18 anos e chegara à capital pouco tempo antes, para estudar, oriundo da Corunha. A explosão de uma bomba deixa-o às portas da morte. “Sofri graves feridas por ter ficado debaixo dos escombros muito tempo”, diz. Naquela altura, na companhia do poeta León Felipe, começara a editar a revista “Paso a la Juventud”, que surgia, recorda, “como o órgão de uma Associação Internacional de Idealistas Práticos”

Com periodicidade quinzenal, a revista estreara-se em Junho de 1936, um mês antes do início da guerra civil de Espanha. “Pensávamos que o conflito ia ser breve e, por isso, publicámos o 2º número ainda em Junho, o 3º a 5 de Julho, mas o 4º já não saiu”. A guerra dava cabo de “uma revista

pitoresca, com muitos manifestos e que constituiu a primeira célula de algo em que, ideologicamente, continuo a acreditar e que é um futuro optimista da sociedade”, recorda Finisterre.

Ferido, desorientado, o jovem Alejandro é transferido para Valência, onde os republicanos concentravam importantes meios de assistência médica. Saradas as feridas, subsistiam os problemas respiratórios. Levam-no para Montserrat, nos arredores de Barcelona, e fica instalado num hotel reconvertido em hospital, especializado em longas convalescenças. Sem o saber, o galego, empurrado para a Catalunha pelas vicissitudes de uma guerra fratricida, estava prestes a fazer germinar uma ideia que iria povoar o imaginário de sucessivas gerações um pouco por todo o Mundo.

Quando podia sentar-se à janela, o dorido Alejandro tinha como principal cenário um outro hotel, utilizado pelas autoridades locais para recolher os refugiados. “Os franquistas avançavam na frente Norte e, por isso, chegavam à Catalunha, via França, muitos homens, mulheres, crianças, velhos, quase todos bascos e muitos deles mutilados”, diz Alejandro. Ele próprio coxo, de movimentos limitados, seguia com particular curiosidade as correrias das crianças no terreno entre os dois hotéis. Os que podiam jogavam futebol, uma paixão de Finisterre. Os outros, presos a muletas, apenas olhavam. Tristes e desejosos de participar.

Habitado a contornar os impossíveis, Alejandro concentra-se numa ideia tornada ponto de partida para o projecto que lhe alimentava os sonhos: “Se existe ténis de mesa, por que não há-de existir futebol de mesa?” A pergunta, vista a esta distância, é quase retórica na sua extrema simplicidade. A resposta parece evidente.

Finisterre contacta um carpinteiro basco, também refugiado, e transmite-lhe o seu projecto. Em pouco tempo dão corpo e forma a uma nova diversão: a mesa de matraquilhos. Foi uma felicidade: “No Natal de 1936, os miúdos – mesmo os que estavam de muletas – já puderam jogar”.

O fascínio exercido pelos matraquilhos – “futebolin”, em castelhano – é imediato. Nasce, entre os mutilados e refugiados republicanos, uma autêntica paixão por aquele sucedâneo do futebol, que há-de estender-se pelo mundo. Os “matrecos” penetraram em todos os sectores da sociedade, sobretudo nos meios mais desfavorecidos, como bem o ilustra *O Carteiro de Pablo Neruda*, de Michael Radford.

Pela sedução nela contida, uma das cenas mais simbólicas do filme, situado no início dos anos cinquenta, é precisamente a da entrada do carteiro Mario Ruoppolo no pequeno e escuro bar onde a bela e sensual Beatrice Russo, sozinha, com a volúpia derramada no olhar, joga matraquilhos e faz de cada toque nas bolas uma irresistível provocação. Se aquele encontro alterou a vida de Mario, o invento não transformou as finanças de Alejandro. Com a guerra a evoluir a todo o vapor, as fábricas, muito concentradas na zona de Valência, trabalhavam dia e noite, mas para fazer armas, “porque a República precisava de defender-se e os tempos não eram exactamente para estar a perder tempo a fabricar brinquedos”.

Apesar de ter patenteado o jogo, Alejandro até nisso surge como uma vítima do conflito. A lógica implacável do Estado impede-o de usufruir dos benefícios de algo a que tanto se dedicara. Dado como ausente, Finisterre vê a sua patente cair no domínio público. Isto porque, depois de muito penar, consegue escapar de Espanha, desemboca em Paris e logo é apanhado no turbilhão de um novo conflito, agora à escala mundial.

O início da II Grande Guerra corta-lhe em definitivo os já ténues laços com o seu país e isso destrói a possibilidade de manter os direitos de autor sobre os “matrecos”. Em França sucederá algo de parecido com outro invento – o “passa-folhas” – nascido das necessidades surgidas no hospital de Montserrat, onde, enamorado de uma das

enfermeiras, com ela e um seu companheiro de quarto, dirigente do POUM, Partido Operário de Unificação Marxista (de tendência trotsquista), organizavam uns saraus de poesia e música. A enfermeira tocava piano e Finisterre virava as folhas, até ao dia em que resolve dar à luz um processo mecânico para a execução da tarefa.

É em Paris, já em 1948, que se confronta de novo com o “passa-folhas”. Um dia, vê numa montra um aparelho igual ao que inventara. Apesar de registado como seu desde 1937, em Espanha, caíra no domínio público em França, porque, diz Alejandro, “o que se patenteia no estrangeiro tem de ser registado no prazo de um ano em França, sob pena de se perderem os direitos”. Complexas e demoradas negociações, com o apoio de uma organização internacional de refugiados, resultam numa interessante indemnização a Alejandro Finisterre. Aquele novo fundo de maneio permite-lhe partir para uma etapa nova da sua vida, após uma fase parisiense também muito intensa, na rádio, na revista “LEspagne Republicaine” e na publicação de alguns livros, um de poesia e outro com um estudo sobre dança espanhola.

Parte para a América Latina e faz uma primeira escala em Quito, no Equador. Em 1952 funda a revista de poesia “Equador 0° 0' 0””, um título inspirado em Vicente Huidobro (1893-1948), poeta chileno considerado um dos pais da primeira vanguarda latino-americana e que Alejandro conhecera em Montserrat. Mais ou menos temático, cada um dos números da revista era dedicado à poesia feita num país por autores autóctones ou exilados espanhóis.

Dois anos depois está na Guatemala, onde, a 17 de Junho, o coronel Castillo Armas desencadeia o golpe de direita que o obriga a refugiar-se no México. Chega de mãos vazias. Na Guatemala fundara uma fábrica de matraquilhos e de caixas de música. Com o fim do governo democrático de Jacobo Arbenz, tudo lhe é confiscado. Raptado uma vez, à segunda tentativa de sequestro conta com a ajuda de um vasto conjunto de intelectuais guatemaltecos, que impedem a sua trasladação para Madrid. “Na altura, o Franco, depois de ter recebido o apoio de Eisenhower, parecia que tinha ficado de mãos →



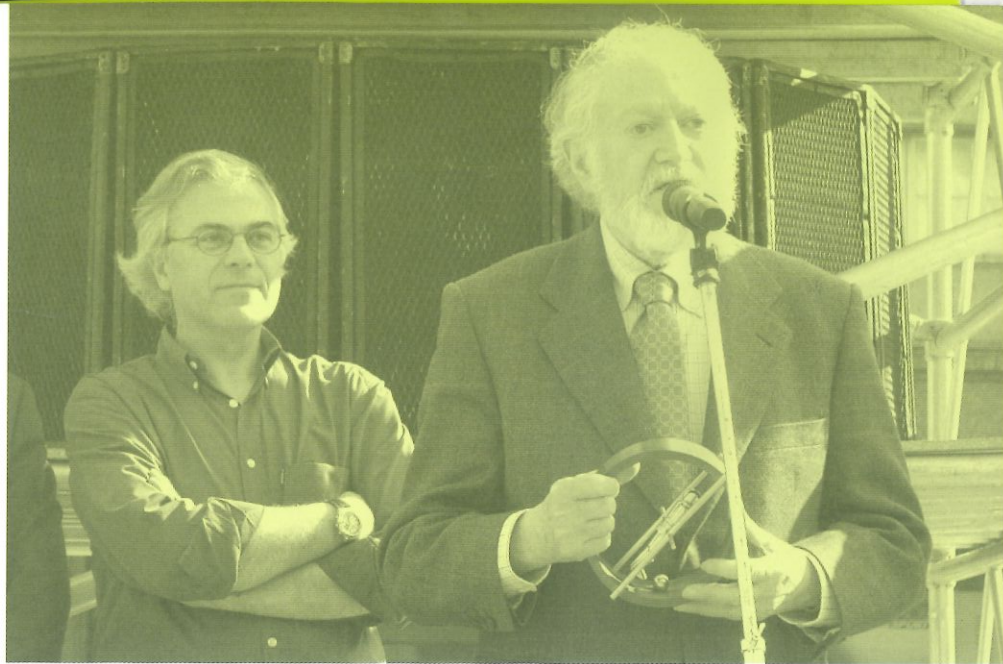
→ livres para actuar na América Latina e colaborar com os ditadores Rafael Trujillo, na República Dominicana, Fulgêncio Baptista, em Cuba, Marcos Pérez Jiménez, na Venezuela, e Anastasio Somoza, na Nicarágua”, recorda.

Ao longo da conversa, o inventor dos matraquilhos repetidas vezes faz questão de sublinhar que, apesar de tudo por quanto passou, e ao contrário do que possa pensar-se, nunca pertenceu a qualquer partido político. Isto apesar de ter sido “muito amigo dos republicanos e dos revolucionários”. Chegou mesmo a exercer tarefas ao serviço do Governo da República Espanhola no exílio, mas recusa classificar estas missões como actividade política, por se tratar apenas do trabalho “de alguém que estava consciente de que o Governo legal da sua pátria era o Governo da República”.

Por fim, o percurso errante resultante das múltiplas coincidências da vida leva-o para o México, onde chega a ter o escritor e futuro Nobel Octávio Paz como adversário de memoráveis partidas de “matrecos”. Instala-se na cidade do México em 1959, numa altura em que a vasta comunidade de exilados espanhóis, desde início acolhidos pelo Presidente Lázaro Cardenas, esbatera já muitas das divisões que caracterizaram o seu percurso e o seu combate em Espanha.

Na capital mexicana desenvolve como nunca a actividade editorial. Relaciona-se com todos os grandes intelectuais da época e estabelece profundas relações de amizade com importantes nomes das artes e das letras. Edita cinco obras de Max Aub, dramaturgo e escritor e um dos nomes maiores do exílio espanhol. Em 1963 é responsável por uma das primeiras traduções para castelhano da Ode Marítima, de Álvaro de Campos, publicada no México com o carimbo da “Equador 0° 0’ 0””. A tradução é do mexicano Francisco Cervantes, ensaísta e tradutor já condecorado em Portugal pelo seu labor na divulgação da cultura portuguesa, e de quem Gabriel García Márquez dizia ser autor dos melhores títulos de livros que alguma vez leu. O prólogo tem a assinatura do brasileiro Newton Freitas e o epílogo é da autoria do escritor colombiano Álvaro Mutis. Nas suas diferentes fases, a revista “Equador” publicou mais de 200 títulos, sobretudo de escritores latino-americanos e exilados espanhóis.

Membro da Real Academia da Língua Espanhola, Alejandro Finsterre tem dedicado muito do seu tempo a glorificar a vida e obra do poeta espanhol León Felipe, de quem editou, no início da década de 70, o poema intitulado “Al glorioso general Francisco Franco después que firmo el fusilamento



de Grimau”. No passado dia 6 de Maio, Alejandro completou 85 anos. Mantém a paixão pelos matraquilhos. Sabe da universalidade do seu invento. Não desconhece que, em Espanha, as partidas são seguidas com intensidade e fervor, ao ponto de, como aconteceu em Abril, as discussões geradas pela evolução do jogo terminarem em morte.

De nada disso Alejandro tem culpa. Pensou os matraquilhos apenas porque um dos ensinamentos da chamada escola moderna postulava o exercício físico e as actividades desportivas. Jogar “matrecos” era uma das soluções para este homem, que não esconde a emoção desencadeada pela memorável actuação dos Tocá Rufar. Alejandro sabe que aqueles bonecos, de madeira ou em metal, povoaram e povoam o imaginário de milhares de crianças. Até de adultos, que ali fazem transbordar o prazer do jogo, a paixão da bola. Emociona-se, mas considera que tudo o que fez não é muito, pela razão simples de não ter podido fazer nada do que desejava. “Gostava de ter sido arquitecto, e não sou. Gostava de ter feito uma obra editorial mais importante, e não consegui”.

Não é verdade. Com os seus jogos de matraquilhos, Alejandro arquitectou os sonhos de incontáveis crianças de bairros pobres, para quem os “matrecos” eram, e são ainda,

um verdadeiro segredo guardado no peito, que a cada instante gostam de partilhar em partidas intermináveis.

Uns imaginam-se Eusébio, outros Garrincha, outros Pelé, outros Puskas, outros Yashin, outros o Maradona, outros Figo ou Zidane, Ronaldo ou Deco e quantos a imaginação consegue materializar. E todos fantasiam. E todos transpiram de alegria. Mesmo sem saberem que se divertem graças ao engenho de um homem que deu luz à obra de tantos e tantos escritores, poetas, ensaístas, quase sempre ostracizados pelas editoras convencionais, quase sempre esquecidos na sua condição de exilados ou de militantes de inegociáveis conceitos éticos. Em todos, Alejandro derramou as sementes de um mundo novo. Porque lhes deu corpo aos sonhos. ● [IN “EXPRESSO”, SUPLEMENTO ACTUAL, 26-06-2004]



APOIO INSTITUCIONAL



ICAM



CASA DA ANIMAÇÃO



GPF



Boavista F.C.



escp



PANIXIA



ARTISTAS UNIDOS



a&m



ENBAID EDUAR

EDIÇÃO APOIADA POR



Museu da Cultura



INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS